

André Luís de Campos

A Travessia Crítica de Sagarana

Dissertação apresentada ao
Departamento de Teoria
Literária do Instituto de
Estudos da Linguagem, para
obtenção do título de Mestre
em Teoria Literária.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Suzi Frankl Sperber

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2001

UNIDADE 3e
Nº CHAMADA T/UNICAMP
C157t
V _____ EX _____
TOMBO BC/ 49563
PROC 16.837/02
C _____ DX _____
PREÇO R\$ 11,00
DATA 13/06/02
Nº CPD _____

CM00168760-1

BIB ID 243577

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C157t

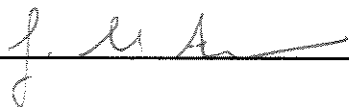
Campos, André Luís de

A travessia crítica de Sagarana / André Luís de Campos - -
Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador: Suzi Frankl Sperber

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Rosa, João Guimarães, 1908-1967 - Sagarana. 2. Crítica literária
- Brasil. 3. Historiografia. 4. Regionalismo na literatura. I. Sperber,
Suzi Frankl. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Estudos da Linguagem. III. Título.



Profª Drª Suzi Frankl Sperber

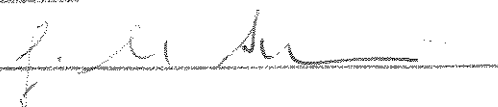
Profª. Drª Vera Chalmers

Prof. Dr. Ítalo Arnaldo Tronca

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por André Luís de

Campes

e aprovada pela banca examinadora em
15/05/2002.



Esta dissertação é dedicada:

À Maria Helena, com ternura muita.

Agradecimentos

A Maria e José, sempre.

Resumo

Este trabalho compõe-se de uma Bibliografia Geral da Obra de Guimarães Rosa, contendo aproximadamente 2.000 títulos e da Bibliografia Comentada de *Sagarana*, composta de resumos de 187 trabalhos entre dissertações e teses, produzidos a partir da década de 70 e textos críticos, estes elaborados desde o momento de publicação do livro de Rosa. Tais resumos objetivam orientar o leitor interessado na produção crítica que a comunidade interpretativa mais especializada, a crítica literária, vem elaborando a respeito do livro, fornecendo aos pesquisadores e leitores em geral parâmetros que podem auxiliar a compreensão das relações entre cultura e sociedade, na medida em que compõe o caminho crítico por ele percorrido desde 1946. É abrangendo, pois, parte deste material aqui descrito, inserido no período específico de 1946 a 1956, que se apresenta um pequeno estudo que analisa os parâmetros da recepção crítica do primeiro livro de Rosa, *Sagarana*, no sentido de promover a emancipação desta obra dos códigos cristalizadores da tradição.

Emancipar o livro do conjunto de valores cristalizados pela historiografia literária no momento em que foi publicado pressupõe discutir as relações entre crítica literária e sociedade pela análise do horizonte de expectativas que efetivou a recepção do livro em 1946. Nele, o embate entre as duas tendências discursivas, o regionalismo e o universalismo, que compuseram os discursos de hegemonia da crítica, ficou marcado por relações que extrapolaram o âmbito de uma discussão literária e adentraram a complexa rede de discursos subjacentes àqueles hegemônicos. Tais discursos estabelecem, assim, como pano de fundo, as relações com o momento tenso de modernização industrial na sociedade brasileira da década de 40.

Nesta trilha, o movimento de ruptura com a tradição e o surgimento de uma nova, paralelos à validade cultural da obra, fazem a travessia crítica do livro, neste período, tornando possível reconhecer críticos que ocuparam um lugar alternativo, que, por força desta mesma tradição, não puderam ter reconhecidas, de imediato, suas vozes sensíveis e, de certa forma, mais próximas do livro de Rosa e da cultura sertaneja brasileira, nele, representada.

Sumário

1. Procedimentos	13
2. A Travessia Crítica de Sagarana	21
3. Modernização na década de 40	25
4. Publicação	33
5. Referências Bibliográficas	69
6. Bibliografia Comentada de Sagarana	73
7. Bibliografia Geral da Obra de Guimarães Rosa	145
8. Apêndice	259

Procedimentos

Ir numa viagem que só traz
barro, pedra, pó e nunca mais...
Maurício Tapajós e Cacaso

O objetivo deste trabalho é, primeiramente, organizar uma Bibliografia Comentada de *Sagarana*, primeiro livro do escritor João Guimarães Rosa. Produzida de 1937 a 1967, a obra de Rosa vem sendo objeto de estudo freqüente, não apenas da crítica especializada nacional como da internacional. Suscitando, assim, a publicação de artigos, dissertações, teses, periódicos e constituindo tema de realização de congressos, engendra vasta produção crítica, a qual carece de sistematização bibliográfica que possa dar, pelo menos num espaço possível de tempo, o panorama geral do conjunto de trabalhos realizados pela comunidade acadêmica.

A construção do conjunto organizado de textos críticos que seja representativo desta obra é tarefa de realização e atualização árdua, na medida em que a produção de trabalhos seja em jornais e em revistas pode ser de acesso difícil e os encontráveis em bibliotecas das universidades, férteis e contínuos, nem sempre são, como se sabe, publicados. Embora haja fontes bibliográficas de acesso facilitado por banco de dados na internet, reunir referências sobre a literatura rosiana não se desvia do obstáculo de vencer distâncias, obstáculo dificultado, muitas vezes, também, pela imprecisão de dados bibliográficos encontrados. A atualização da bibliografia torna-se, por isso, pretensiosa, uma vez que é vencida pelo ritmo acelerado da produção crítica, assim como das próprias condições de acesso a elas. O que foi possível

recolher, entretanto, enfrentando tais limitações, dos mais importantes e significativos trabalhos sobre a obra de Guimarães Rosa, incluindo algumas referências estrangeiras, está aqui catologado e registrado.

Para a realização da Bibliografia Comentada de *Sagarana* foram necessárias três etapas distintas de trabalho: a primeira, mais artesanal, foi a de recolher todas as publicações possíveis das mais variadas fontes de consultas, resultando em aproximadamente 2.000 títulos. A segunda foi de catalogar o material coletado e a terceira a de selecionar todos os textos encontrados a respeito do livro, analisá-los em suas tendências críticas predominantes, elaborar um resumo de cada um deles para constituir a Bibliografia Comentada. Através do estudo de parte destes textos propõe-se, posteriormente, o pequeno estudo sobre a recepção de *Sagarana* entre as décadas de 40 e 50, como objetivo final desta pesquisa.

Na primeira etapa de fatura, encontraram-se cinco trabalhos produzidos em períodos diferentes da crítica da obra, que tiveram, também, o propósito de reunir referências bibliográficas sobre a produção rosiana. O primeiro foi a *Revista Diálogo*, número oito (8), que, publicada em 1956, reuniu aproximadamente 56 títulos dos estudos realizados até aquele momento. O segundo, *A Bibliografia de e sobre Guimarães Rosa*, de Plínio Doyle, publicada e organizada a pedido da José Olympio Editora no momento em que a obra já era objeto de intensa produção crítica, coletou aproximadamente 900 títulos.

O terceiro, da Coleção Fortuna Crítica, a *Fortuna Crítica de Guimarães Rosa*, organizada por Eduardo Coutinho em 1983, dividida em quatro partes: bibliografia ativa, passiva, sobre Rosa com a reprodução integral de trabalhos importantes da obra, soma aproximadamente 257 títulos. O quarto foi o catálogo organizado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, exclusivamente composto de periódicos de jornais de todo o país, mas, sobretudo, os mineiros e, por último, a catalogação de textos – jóia rara e preciosa – organizada pelo próprio Guimarães Rosa durante as décadas de 40, 50 e 60 encontrada em seu acervo, doado

ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na Universidade de São Paulo, contendo aproximadamente 206 artigos.

Destas fontes, o material catalogado por Rosa registra todo o conjunto variado de textos críticos que recebeu *Sagarana* no momento de sua publicação. Compõe-se de cópias em ordem cronológica de textos por ele recolhidos no período de 40 anos, majoritariamente sobre *Sagarana*. Contém os primeiros textos da crítica especializada dos jornais mais importantes de todo o país, algumas das raras entrevistas exclusivas, (*Histórias de Itaguará*, *Cordisburgo*, *Arte e Céu: Países de Primeira Necessidade*, *Diálogo com Guimarães Rosa*, *Eu declinava para Nãoezas*,¹), textos comparativos entre *Sagarana* e *Grande Sertão: Veredas*, entre outros, até os textos críticos relativos às primeiras adaptações das narrativas do livro para o cinema como *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* de Roberto Santos e de Nélson Pereria dos Santos, feitas na década de 60. Para Rosa, entretanto, interessou outro tipo de recepção que não apenas aquela sacramentada pela crítica literária na organização do material. Há também impressões de amigos (escritas a punho), cartas, bilhetes, pequenas notas informativas e recortes telegráficos. De todos os trabalhos pesquisados, é desta série coletada por Rosa que veio a maioria dos textos que serviu ao estudo da *Travessia Crítica de Sagarana*, proposto no processo final de realização deste trabalho. A menor parte dos textos foi coletada das outras fontes aqui descritas e de consultas que se realizaram posteriormente.

Assim que reunidos e organizados, os títulos coletados foram, então, somados à grande quantidade de referências sobre a obra de Rosa, obtidas através de visitas às seguintes universidades, jornais e fundações, ainda na primeira etapa da pesquisa: Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Estadual do Paraná e do Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Puc de São Paulo, Puc de Minas Gerais e Puc do Rio de Janeiro. Foram consultados os seguintes jornais: *Folha de S. Paulo*, *O*

¹ Estas referências constam da Bibliografia Geral sobre a obra e podem ser somadas a outras entrevistas (e/ou tentativa de entrevista) dadas por Guimarães Rosa.

Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil, O Dia, além dos acervos da Biblioteca Nacional e da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa e de alguns bancos de dados computadorizados como Calco, Dissertations Abstract, Bitinete e Unibibli, disponíveis na Biblioteca Central da Universidade Estadual de Campinas.

A segunda etapa de trabalho, uma vez reunido todo o material, foi catalogar e elaborar a organização bibliográfica das referências obtidas na pesquisa de campo. Como foi reunido grande número de referências, naturalmente houve aquelas em que há ausência quase total de itens bibliográficos - seja de autor e/ou título seja de lugar e/ou data - dados sem os quais a precisão bibliográfica torna-se prejudicada, inviabilizando a consulta, pelo menos temporariamente, desta parte do material pelos interessados, até que se estabeleçam critérios definitivos para a identificação destas referências².

Com a organização bibliográfica cumprida, iniciou-se a terceira etapa, primeiro recorte desta dissertação: recolher todo o material reunido a respeito do livro, selecionar os trabalhos - artigos, dissertações e teses - resumi-los na formação da Bibliografia Comentada de *Sagarana*, para propor, então, a historicização da recepção feita pela crítica literária na década de 40 e 50, período histórico fértil da produção crítica sobre a obra de Rosa. Como se tratava de material amplo, o número de linhas estabelecido à fatura dos resumos dos textos críticos foi padronizado, no sentido de atingir a duas preocupações inerentes à natureza da dissertação: de um lado, conter a extensão da bibliografia, procurando, sempre que possível, não reduzir a complexidade de idéias presentes na recepção do livro e, de outro, recolher, de maneira sucinta, o viés crítico de cada um deles.

Como a natureza dos trabalhos acadêmicos, com dissertações e teses, se circunscreve no âmbito de reflexão mais apurada, entendeu-se que maior número de linhas destinado ao registro de seu conteúdo poderia auxiliar melhor o leitor quanto às contribuições que cada trabalho lhe fornece. Para isso, foram lidos e resumidos um a um todos os textos referentes a *Sagarana*, recolhendo deles as idéias da recepção

² Tais referências encontram-se separadas das referências bibliográficas completas. Classificamo-las de referências incompletas. Ver apêndice.

crítica que consideramos fundamentais, num espaço de 10 linhas para artigos e periódicos e de 20 linhas para dissertações e teses; objetivando orientar o leitor quanto ao parâmetro de recepção proposto por cada texto. A Bibliografia Comentada de *Sagarana* é, então, resultado destas três etapas da pesquisa de campo. Reúne 181 trabalhos, que, classificados, organizam-se da seguinte maneira: 141 artigos de crítica especializada, 31 textos informativos, 7 dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado, em cuja leitura e análise é concretizada a travessia crítica de *Sagarana*, título do texto final deste trabalho.

A travessia crítica do livro compõe-se de um pequeno estudo que analisa os parâmetros pelos quais a crítica literária, enquanto comunidade interpretativa, fez a recepção do livro. No interior desta recepção, que abrange especificamente os textos críticos de 1946 a 1956, observou-se que o livro é recebido por duas linhas de força, o regionalismo e o universalismo, colocadas em oposição naquele momento. Uma vez analisado o lugar destas duas categorias de análise, pôde-se verificar que outros discursos, subjacentes, faziam parte da recepção do livro e não postulavam para si a verdade interpretativa da primeira obra de Rosa, antes, apontaram caminhos alternativos de avaliação, por relacioná-lo ao período de modernização industrial marcado pelos empreendimento de Getúlio Vargas de maneira não maniqueísta, contrariando, de certa forma, as próprias diretrizes hegemônicas sócio culturais da época. Tais caminhos, no entanto, sofrem processo de neutralização pelo amálgama das duas tendências hegemônicas do interior da crítica do livro, vazada na categoria regionalismo-universalista, que resulta na cristalização do valor da obra. Neste sentido é que este estudo propõe, como hipótese, as relações entre crítica e sociedade aqui descritas.

De todo o material recolhido, entendeu-se que era preciso dar atenção à produção de dissertações e teses sobre o primeiro livro de Rosa, que se estende dos meados dos anos 50 ao ano 2000, parte da crítica de que o estudo não se ocupa, mas delinea com os dados de que dispõe. Esta crítica do livro se efetiva precisamente após a publicação de *Grande Sertão: Veredas* em 1956, momento em que a luta dos parâmetros das categorias estéticas daquele momento na avaliação de *Sagarana* toma

outros rumos, uma vez que a cristalização regionalista-universalista já havia sido efetuada e somada a outros ingredientes seja do próprio contexto dos anos 50 seja da mudança dos parâmetros de produção da obra, seja das categorias pelas quais a crítica faz, assim, a recepção do livro naquele momento.

Neste contexto, há artigos que valorizam o livro como elemento nacional no contexto militar atroz do final da década de 60 e no começo da de 70. Há ainda textos relativos às adaptações do livro em outros códigos estéticos como cinema e televisão, fotografia e teatro. Em 50 e 60, tenta-se a compreensão de *Sagarana* por analisar os procedimentos estéticos intrínsecos, numa abordagem lingüística estruturalista da obra literária, que culminará na produção das primeiras dissertações e teses realizadas nas décadas de 70 e 80.

Tal produção crítica é motivada ora pela análise dos procedimentos de composição ora pela preocupação social e filosófica com a literatura rosiana. Neste sentido, existe um conjunto de trabalhos, que assim se compõe: *Fórmula e Fábula* de Willi Bolle, publicado em 1971, *O Discurso Lúdico de Guimarães Rosa em Sagarana*, de Edson Santos de Oliveira, publicado em 1981, *Língua (Saga) e Imagem (Rana): Uma leitura retórica* de José Darcy de Carvalho em 1988, *O narrador toma a vez: sobre o narrador de A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Neuza Maria de Souza Machado, dissertação defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em junho de 1990, *The Riddle of Matraga: Metaphor as a Decodification Process*, de Maria Lúcia Dressen de Barros, defendida na Universidade Federal de Minas em janeiro 1991, *Bicho Mau: a gênese de um conto* de Maria Neuma Barreto Cavalcante, tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo em 1991 e *A aragem dos acasos: sobre alguns temas trágicos em Guimarães Rosa*, de Sílvio Augusto de Oliveira Holanda, tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 2000.

Outros trabalhos contribuem à compreensão da importância de *Sagarana* na cultura brasileira e partem de abordagem absolutamente diferente da anterior, propondo, pois, ao livro, significado religioso através da análise que o aproxima ora da Bíblia ora do Esoterismo. São eles: *Caos e Cosmos* de Suzi Frankl Sperber, publicado em 1976, pela Editora Duas Cidades; *A Estratégia dos Signos*, de Lucrécia

D'Aléssio Ferrara, publicado pela Perspectiva em 1981, *Signo e Sentimento*, de Suzi Frankl Sperber, publicado pela Editora Ática em 1982, *As Sagas de Sagarana: o motivo da Viagem em Sagarana* de Aristides Teixeira de Almeida, dissertação defendida em 1989 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Utopia cristã no sertão mineiro – uma leitura de “A hora e a vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa* de Paulo César Carneiro Lopes, dissertação defendida na Universidade de São Paulo em 1995 e *Passagens Bíblicas em Sagarana*, de João Guimarães Rosa de Aguinaldo Aparecido Campos, dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo em 2000. Na consulta desta bibliografia, os leitores poderão ter acesso às linhas gerais das idéias norteadoras das referências dessas dissertações e teses nos resumos presentes na parte de que consta a Bibliografia Comentada de *Sagarana*, à disposição neste trabalho.

Deste modo, a construção do panorama bibliográfico geral da obra de Rosa e o estudo da recepção de *Sagarana*, ainda que provisórios, dada a natureza da pesquisa que a obra suscita, talvez possam contribuir aos pesquisadores, em geral, na consulta de referências sobre a produção rosiana aqui descrita, e, em particular, aos interessados no primeiro livro de Rosa, no sentido de auxiliar no andamento seja da crítica literária, seja ainda na compreensão de um escritor cuja obra marca de maneira singular a cultura brasileira e cujo mergulho na natureza humana é delicioso e intrigante desafio aos estudiosos e aos leitores em geral.

A Travessia Crítica de Sagarana

Os movimentos culturais presentes no decurso da constituição da modernidade industrial brasileira mostram-se não raro determinados pelo processo de modernização, que assegura e marca neles, com efeito, a ideologia que veicula, enquanto forma de prescrever a importância da produção cultural no interior da sociedade. Como o processo de modernidade atomiza a validade das etnias, das religiões, da geografia, da nacionalidade³ e de modo específico – das representações culturais frente à urbanidade industrial, num processo em que “ tudo que é sólido desmancha no ar”⁴, discutir a crítica literária, que se impôs como a instituição responsável pela recepção e valoração de uma produção cultural, neste contexto, significa tentar verificar a travessia dos códigos na recepção de um produto e as relações de tensão, sempre ambíguas, que estabelecem com a modernização engendrada na sociedade.

Essas relações são, na maioria das vezes, criadas por tal processo, que, neutralizando diferenças de classe, de etnias, e, em geral, de oportunidades, constrói um discurso em que tais diferenças ficam planas e naturalizadas, e, por isso, circunscritas num universo maniqueísta do velho e do novo, do primitivo e do civilizado, do atraso e do progresso, do inferior e do superior, enquanto valores discursivos desse processo que evita a análise contextual mais apurada, que pode, e deve, desmascarar a origem e a produção deste discurso dicotômico, como parâmetro veiculador de totalidade comprometida com a modernização, parâmetro, cabe lembrar, frágil como instrumento de avaliação da cultura, enquanto representação de grupos desfavorecidos, mas fortemente poderoso como discurso cristizador da tradição.

³Anderson, Perry. Modernidade e Revolução. São Paulo: Cebrap, 1984.

⁴Berman, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. A Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

O lugar social de tais tensões geradas no interior deste processo repousa justamente nos códigos presentes no horizonte de expectativa⁵ da recepção crítica da produção cultural, enquanto um conjunto de discursos que revela a multiplicidade de vozes⁶, própria do deslocamento geográfico, político, cultural e religioso provocado pela modernização industrial e que organiza, contudo, no forte embate interno dos códigos culturais na valorização do produto, toda uma rede de julgamentos, por vezes estéticos, de carga ideológica precisa. Esta rede, assim, traça o desenho da polifonia discursiva no interior da recepção cultural aqui em questão, que segue, neste caso, um pontilhado específico: ora apresenta um código que rompe com discursos de comprometimento histórico mais progressistas e corrobora a tradição consagrada do momento, ora rompe com a tradição passadista e se engaja, tornando possível criar uma nova tradição e ora rompe com as armadilhas maniqueístas e niveladoras da categoria modernização, abrindo, desta forma, o espaço possível para consagrar a nova manifestação literária como representação autêntica das multiculturas marginalizadas no interior do processo industrial da modernidade brasileira.

Traçados os pontilhados todos, a figura que surge desta recepção crítica forma um leque, pelo qual o discurso hegemônico se ramifica e, com efeito, apara e silencia outros discursos importantes na recepção do livro, que ficam à margem, no interior da crítica e geram, assim, aparentemente, um todo na superfície deste processo de duas diferentes cores, divididos nas tendências universalizantes e particularizantes, que ora refletem esta divisão no espaço interno e divorciado do país nas regiões urbanizadas e rurais e ora refletem, em extensão, o próprio país como região do mundo. Tais tendências discursivas, de certa forma aparentemente opostas, no entanto, podem neutralizar as contradições econômicas e sociais do processo de modernização no Brasil na avaliação da cultura e diluir a importância histórica de uma produção cultural. Deste modo, os discursos presentes no material que foi recolhido nesta pesquisa inserem-se e dinamizam-se no interior deste processo e

⁵Jauss, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Editora Atica, 1994.

⁶Bakhtin. M.M. *Problemas da Poética de Dostoiésky*. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

compõem-se dos seguintes atores: a produção cultural é *Sagarana* de João Guimarães Rosa, a recepção: a crítica literária em vozes hegemônicas e não hegemônicas da época de publicação do livro, 1946; o contexto histórico: relações de modernização na década de 40, na passagem do campo à cidade, e, a cultura em representação: a cultura sertaneja brasileira presente nesta crítica.

A Modernização de 40

Na oitava Conferência Pan-Americana realizada em Lima em 1939, os Estados Unidos mostraram sua preocupação de eliminar os interesses europeus no continente americano, face à ameaça de Hitler dominar o mundo, no momento em que expandia suas conquistas pela Europa. O Brasil foi uma promissora praça, digna de atenção especial dos americanos, que ofertam ao governo Getúlio Vargas o empréstimo de 50 milhões de dólares para saldar dívidas com ingleses e franceses. As bases de troca desta oferta eram promover a participação dos empresários americanos no desenvolvimento do país e ter o apoio ideológico do Brasil na guerra.

De um lado os americanos teriam não somente a garantia de seus investimentos na modernização brasileira como também teriam assegurada a instalação de uma de suas bases na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, como espécie de extensão da *proteção* do território americano contra o *III Reich* que trucidava Varsóvia naquele momento. De outro lado, Getúlio Vargas direcionava seu governo a passos largos no processo de industrialização do país e confirmava, não sem suspeitas, seu apoio aos países aliados na guerra. Tal confirmação se fez também por Getúlio ter recusado, naquele momento de fogo cruzado de potências na expansão imperialista de seus mercados, a oferta de recursos e de tecnologia da Alemanha.

O compromisso político e econômico com os Estados Unidos fez com que o Brasil participasse da II Guerra, no sentido de não permitir que Alemanha e Itália pudessem ameaçar o império cultural e mercadológico americano, enquanto força poderosa da internacionalização do capitalismo industrial nos países periféricos. É claro que tal interesse foi camuflado num forte discurso humanista, tardio, posto na defesa da dignidade dos povos e raças que sofriam a carnificina de Hitler; discurso cuja característica, evidentemente, esteve distante de convalidar a prática nazista como forma de instaurar domínio.

A participação do Brasil na Segunda Guerra contra o Estado Totalitário, portanto, é uma ambigüidade antes em relação aos fins que aos meios utilizados por Vargas. O totalitarismo brasileiro anula as diferenças sociais e de representação da

sociedade, construindo novos parâmetros que intermediariam a relação governo e povo, com o propósito de eliminar essencialmente qualquer influência ou conquista realizada pela esquerda brasileira fosse ela comunista, anarquista, socialista ou católica na década de 20 e na década de 30.

Eliminá-la, tendo o processo de industrialização como pano de fundo, talvez pudesse garantir, de um lado, um contexto em que não seria necessária a interferência americana no Estado Totalitário getulista; de outro, asseguraria, pelo acordo de Vargas, que o Estado brasileiro tivesse fins externos opostos aos do alemão quanto à política econômica externa, embora as práticas internas deste estado se mostrassem absolutamente comprometidas na reprodução das práticas nazistas.

O fato de o Brasil colaborar com os Estados Unidos, que tiveram seu *status* ameaçado pela forças nazistas e fascistas européias, significava cumprir com o compromisso econômico e ideológico com os americanos, traduzido no envio de tropas brasileiras à Itália em 1944, no contingente aproximado de vinte mil homens. A realidade interna brasileira era fruto de uma nova concepção de Estado, segundo a qual ele deveria ser antes a *união* dos três poderes do que a separação deles. O Estado, enquanto expressão autônoma, neste momento, expressão dos interesses de industrialização da burguesia brasileira, promoveria o falso encontro entre a lei e a justiça⁷. Seu processo de revitalização “democrática” estaria centrado exclusivamente na figura pessoal do presidente, que governava sob a seguinte forma ideológica: a de que entre o povo e o governo não haveria intermediários.

É em nome, portanto, dessa harmonia que a Assembléia Constituinte, O Congresso Nacional e os partidos políticos foram fechados, caracterizando a forma de governo absolutamente avessa à idéia de uma sociedade baseada nas divergências de opiniões e de interesses. Postulava-se, mascaradamente, a unidade, quer nos aspectos econômico e social quer no moral e no político. Os investimentos estrangeiros no Brasil somados ao ambiente que naturalizava tal unicidade criada por

⁷ Gomes, Angela de Castro. *A Política Brasileira em Busca da Modernidade: Na Fronteira entre o Público e o Privado*. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 4, 1998.

Getúlio Vargas anularam a voz da esquerda enquanto ativa interlocutora do processo de mudanças da sociedade brasileira desde o final do século XIX. A Coluna Prestes e seus desdobramentos compõem a melancólica melodia, drasticamente calada pelo maestro Getúlio, calando, sobretudo, as forças que vinham organizando a luta dos operários, ainda que fosse luta sindicalista totalitária e, muitas vezes, antidemocrática, dirigida pelo Partido Comunista, que silenciou outras vozes ativas do processo de organização sindical do operariado brasileiro⁸. A unicidade enquanto marca do governo ditatorial parecia estar a serviço da neutralização das contradições emergentes do processo de modernização, que construiu tanto um discurso naturalizador de binômio maniqueísta do velho e do novo, do progresso e do atraso e do primitivo e do civilizado no interior da sociedade, como um discurso que ocultava as relações entre capital e trabalho, as conquistas sociais dos vencidos e a luta de classes que se vinha travando desde o início do século XX.

Desta maneira, foi preciso organizar a nova ordem, apagando, ideologicamente, a luta de todos os direitos conquistados pelos trabalhadores brasileiros na década de 20, por absorvê-los em categoria que confere a Getúlio o caráter de mentor da modernização. É nesse sentido que nascem os sindicatos do Estado Novo, mecanismos que fariam a representação direta entre o povo e o governo; e que reuniriam no interior de si os interesses opostos de empregados e empregadores, que passariam a representar os trabalhadores, divididos e fragilizados em categorias profissionais. Seus conselhos técnicos deveriam expressar os desejos dos grupos econômicos, tendo em vista interesses profissionais. Como controle ideológico, os sindicatos tinham que ter reconhecimento legal do Estado, para que atuassem como porta-vozes *idôneos* desses grupos sociais. Esta forma de organização os tornou uma espécie de órgão estatal, que, sob a tutela do Estado, anulou as experiências prévias de organização sindical feitas pelo PC, pelos anarquistas, socialistas e a católicos.

⁸ Tronca, Italo. A Revolução de 30: A dominação oculta. São Paulo, Editora Brasiliense, coleção Tudo é História, 1982.

O governo de Getúlio promoveu incentivos à indústria, atendendo ao pedido dos empresários. Facilitou empréstimos. Construiu a Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda, a Companhia do Vale do Rio Doce, a Hidrelétrica de Paulo Afonso. Investiu no setor portuário e ferroviário. Recriou os Ministérios da Educação e Saúde, do Trabalho, Indústria e Comércio. Criou hospitais, escolas secundárias e profissionalizantes, aposentadoria e pensões, carteira de trabalho, estabilidade de emprego e a Consolidação das Leis do Trabalho. O Governo de Getúlio viabiliza, sob a força maior de Estado, parte do processo de modernização do capitalismo brasileiro.

A organização do modelo industrial no Brasil também exigiu que os empresários cumprissem, talvez à revelia de sua vontade, com deveres de seu novo *status* de patrão. Como poção mágica que apagasse um passado de luta política, consolidaram-se os direitos do empregado com férias remuneradas, décimo terceiro salário, pagamento de horas-extras e estabelecimento das horas de trabalho. Tais doações, entretanto, já haviam sido reivindicações legítimas na luta sindical dos trabalhadores, realizadas pelo BOC, - Bloco Operário Comunista - que fora formado pelo Partido Comunista Brasileiro, lançado na ilegalidade por Washinton Luís em 1927, e que agora transformavam-se, sobretudo, em propaganda de realizações benéficas ao povo. A legitimidade de tais direitos diluiria, teórica e legalmente, a influência escravocrata e latifundiária da relação entre patrões e empregados na modernidade industrial no Brasil, o que caracteriza, de um lado, o caráter do novo como prosposta reformista, e, nega, de outro, o real compromisso de mudança com o sistema social vigente.

Enquanto líder capaz de estabelecer, não o diálogo, mas o monólogo entre o povo e o governo, a figura pessoal de Getúlio torna-se um mito diante das mudanças sociais que engendra. O povo personifica o Estado na figura do Presidente da República. Getúlio tornou-se, por força de uma imagem ideologicamente construída, o pai dos pobres, cujo discurso fazia do trabalho a virtude responsável pela construção da grande nação que possivelmente viria a ser o Brasil; e do brasileiro, homem orgulhoso por transformar-se agora em trabalhador urbano-industrial, *agente* desta construção...

Nesse processo, a modernização acelera a dependência da agricultura em relação à indústria e ao comércio. Instaura a crise do padrão latifundiário tradicional em relação ao padrão moderno, à medida em que põe as forças agrárias do nordeste e do sudeste em contato com os mercados fortemente oligopolizados. É verdade que a relação entre indústria e oligarquia é, de um lado, de falsa oposição, pois combater as oligarquias agrárias justificava-se apenas enquanto combate de poder político, distanciado de discutir as relações de trabalho e capital muito bem controladas, que este binômio mantinha paralelamente fosse com o campesinato fosse com o operariado. Nesse sentido as palavras de Ítalo Tronca deixa-nos claro o sentido de oligarquia, enquanto categoria historiográfica:

“... oligarquia é uma construção ideológica de diversos setores da classe dominante em luta com os grupos hegemônicos que monopolizavam as áreas básicas da economia e controlavam o poder político”⁹

Desse modo, a mudança do modo de produção das relações entre indústria e oligarquia confere ao Estado uma função econômica e ideológica precisa, pois, tendo assumido o papel de mecanismo personalizado de controle social, torna-se o grande empresário do período, que faz arranjos comerciais com as oligarquias. Embora as relações entre capital e trabalho, nesta transição, fossem mascaradas num discurso reformista, houve profunda mudança no interior da sociedade que estimula o crescimento das cidades e força a migração do homem do campo, por deixá-lo em péssimas condições materiais. O Estado parece ser, assim, a grande empresa do momento.

Somente a ele cabia a compra da produção e o controle da política de financiamentos agrícolas. Quando permitia as exportações pelos produtores, abria a

⁹ Idem p. 17.

possibilidade de obtenção de lucros. Era rara, entretanto, esta abertura, gerando progressiva falta de estímulo à melhoria da produção. É somente no final das décadas de 50 e 60 que os setores industriais, que tiveram na agricultura seus mercados, forçaram a agricultura brasileira a se integrar inteiramente no mercado nacional, quando fizeram intensos investimentos; muitos deles patrocinados pelo programa de crédito do governo à agricultura.

A industrialização vai destruindo os espaços de reprodução dos capitais regionais e a agricultura fica necessariamente à margem da indústria, produzindo para exportação e tendo seus preços taxados pelos mercados consumidores. Há importações de tratores e de veículos ainda não motorizados, fertilizantes, fertilizantes químicos e máquinas de semear. Nada, entretanto, que pudesse caracterizar mudança no modo tradicional de produzir na agricultura. Cria-se, desta forma, uma espécie de divórcio entre o campo e a cidade. Os produtos como café, algodão e carne serviam à exportação. A falta de investimentos que minava o modo tradicional de produzir na agricultura gera desemprego e condições de vida e de trabalho absolutamente precárias ao homem do campo. O êxodo rural torna-se, então, inevitável. O deslocamento da população rural em direção às grandes cidades atinge a 84% entre a década de 40 e de 50, segundo Eunice Durham em *A Caminho da Cidade*¹⁰.

O processo de modernização da sociedade brasileira parece acontecer num ritual gradativo, por vezes macabro, de transição do modo de produção e de organização social do tradicional ao moderno, e assim, tal como é, faz uma rede de relações entre interesses de classes que engendram arranjos políticos, ideológicos e sociais de naturezas diferentes, modificando, ainda que não na raiz, os anteriores. A questão que aqui se coloca, entretanto, é que ele se entrelaça não apenas na esfera econômico-política como também na esfera cultural, agora multifacetada com a migração do homem do campo e com o crescimento das cidades brasileiras, que faz do espaço citadino não apenas o lugar marcado como destino incerto da gente do campo, mas também o lugar rico de contradições, o palco de tensão entre as diferentes

¹⁰ Durham, Eunice. *A caminho da cidade- a vida rural e a imigração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

manifestações culturais brasileiras. É neste contexto fértil de relações políticas, sociais e econômicas ambíguas, externas e internas, no processo ambivalente da modernização industrial brasileira que este trabalho problematiza as relações entre crítica e sociedade, trazendo à análise os parâmetros dos discursos da recepção crítica de *Sagarana* de Guimarães Rosa e a sociedade brasileira modernizada na década de 40, viabilizadas pela recepção especializada - a crítica literária - enquanto a instituição avaliadora da produção cultural, e as possíveis relações que ela, em seus discursos, estabeleceu com as tendências históricas do momento.

A Publicação

O livro de Rosa participou do concurso Humberto de Campos em 1937, sob o título de *Sezão*. Com o objetivo de revelar novos escritores na literatura brasileira, o Humberto de Campos era patrocinado pela Editora José Olympio, que cumpre papel fundamental de maior divulgadora da cultura na década de 40 no recém-formado mercado editorial brasileiro. Rosa, sob o pseudônimo Viator, pseudônimo escolhido em função das longas viagens que faria, então, como diplomata, resolve subscrever no romper da hora da inscrição do Humberto de Campos o título de *Contos*, argumentando que o título improvisado poderia resguardar seu anonimato. O título anterior era *Sezão: livro escrito quase todo na cama, a lápis, e cadernos de cem folhas – em sete meses; sete meses de exaltação e deslumbramento*¹¹.

Sezão perde para *Maria Perigosa*¹² de Luís Jardim, classificando-se em segundo lugar no Humberto de Campos. O fato de o livro alcançar esta posição revela que os julgamentos do júri do concurso, composto por Graciliano Ramos, Prudente de Moraes, Marques Rebelo, Peregrino Júnior e Dias da Costa, aproxima dois livros de propostas diferentes. Deles, entretanto, a escolha de *Maria Perigosa* concretiza a eleição do modelo de produção literária desejado pela crítica do momento. Tal fato também revela, entretanto, que tal modelo estava em processo de modificação no interior da crítica literária, que sofria, ainda que de forma moderada, a influência do processo de modernização empreendido no país, seja em relação à produção literária seja em relação à avaliação da cultura.

Sezão foi revisto posteriormente por Rosa, que dele retirou *Questões de Família*, *Um História de Amor* e *Bicho Mau*¹³, narrativas que constavam do livro na ocasião do concurso, para publicá-lo pela primeira vez pela editora alternativa

¹¹ Condé, José. Arquivos Implacáveis. O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1946.

¹² Luís Jardim, Maria Perigosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939.

chamada Editora Universal, dez anos mais tarde, em 1946, com o título de *Sagarana*. Apaixonado pelo livro na leitura da primeira página, o dono da editora, Caio Pinheiro, tornou-se amigo de Guimarães Rosa. Embora fosse editora de pouco prestígio, a Editora Universal publicou, na mesma época, além de Rosa, autores já consagrados, como José Lins do Rego e Murilo Rubião.

Os textos da crítica informam que Caio Pinheiro, editor da Tribuna de Imprensa e dono da Editora Universal, foi, inclusive, severamente criticado pelos amigos por investir na publicação um livro de um desconhecido, arriscando perder sua editora. *Sagarana* teve, no entanto, duas edições no mesmo ano pela Editora Universal com tiragem significativa, tiragem de best seller para o momento: três mil (3.000) volumes. As edições, a partir da terceira, que se seguiram, foram feitas pela Editora José Olympio em 1947 e tiveram, enquanto editora de grande circulação mercadológica, a mesma tiragem à da primeira edição feita pela Universal. Ora, por que, então, o livro que ganha segundo lugar de um concurso absolutamente representativo do cenário cultural brasileiro, que objetivava o lançamento de novos autores no mercado editorial, teve que ser publicado, anos mais tarde, não pela editora que efetivamente patrocinou o concurso, mas por uma editora alternativa?

Tal espaço de tempo - de 37 a 46 - revela, pois, diferenças profundas entre *Sagarana* e o sistema crítico que o recebe, ainda que haja textos que, registrando a circunstancialidade dos fatos da publicação do livro, mascarem tal diferença, antes, na falta de comunicação entre editor e escritor. A crítica registra, por exemplo, que Graciliano Ramos relata, em "*Conversa de Bastidores*", artigo publicado na revista "*A Casa*" em junho de 46 que a José Olympio Editora teria procurado o autor do livro, mas não o achara. José Augusto Lopes, no artigo de 23 de dezembro de 51, publicado no jornal de Santos "*A Tribuna*" inocenta a José Olympio Editora, informando que fora extraviada, em 37, justamente a cópia dos originais em que havia o nome do

¹³ Tais narrativas, que Rosa aparentemente desprezou, foram guardadas e retomadas por ele posteriormente e podem ser encontradas no Arquivo Guimarães Rosa no Instituto de Estudos Brasileiros -IEB- na Universidade de São Paulo. Na tese de doutorado de Maria Neuma B. Cavalcante, *Bicho Mau: a gênese de um conto*, a autora argumenta que Rosa retira de *Sagarana* justamente as narrativas que Graciliano criticara em *Contos* na ocasião do Humberto de Campos.

autor de "*Contos*", que participou do concurso com pseudônimo de Viator. Marques Rebelo, no discurso proferido pela ocasião da morte de Rosa, publicado depois em "*Memórias de Guimarães Rosa*", afirma que a primeira esposa de Rosa quis uma cópia de *Sezão*, posteriormente à realização do concurso "Humberto de Campos" e que José Olympio, contrariando as próprias regras do concurso, cede-lhe a cópia, por intermédio dele, Marques Rabelo, fato que faria possível um contato, ainda que indireto, com Rosa. Soma-se a isto o artigo publicado no jornal *Tribuna de Imprensa*, em 10 de abril de 1956, no qual consta que *Sagarana*, antes de ter sido publicado pela Editora Universal em 46, fora oferecido a outras editoras, inclusive à José Olympio, que recusou publicá-lo sob o argumento de que o livro somava características não mercadológicas: "*era livro-de-contos, demasiadamente grande e anti-comercial*"¹⁴ registra o artigo.

A análise dos textos encontrados na Bibliografia Comentada de *Sagarana* a respeito da publicação do livro permite dizer que a diferença entre as duas editoras, José Olympio e Universal, parece ter se constituído no fato de que enquanto a primeira distanciou-se de *Sagarana*, porque o resultado do concurso teria marcado diferenças estéticas que inviabilizassem a veiculação do livro no mercado, seja pela falta de contato com Rosa, seja pela inadaptabilidade mercadológica do livro, o mérito da Editora Universal, a segunda, ao contrário, consistiu em arriscar-se, publicando a obra de um escritor desconhecido. Com a tiragem significativa da primeira edição, não se pode dizer que o fato de o livro, considerado inadequado aos parâmetros de publicação do horizonte de expectativa da crítica, posto no concurso em 1937, estivesse, também, fora do horizonte de expectativa do mercado ou de outro tipo de leitor que não o crítico abalizado. Em 1946, a quantidade da tiragem marcou interesse do público, fosse o livro regionalista ou universalista, evidenciando horizontes culturais e sociais para além daqueles estabelecidos pela crítica, enquanto a instituição avaliadora do que devia ou não ser considerado literatura. O sucesso de Caio Pinheiro em lançar o livro de Rosa parece advir de uma visão ampla de mercado,

¹⁴ Grifo meu.

no qual não apenas os produtos avalizados pela crítica institucionalizada fariam recorde de vendas. É nesse sentido que a curta vida da Editora Universal, que durou de 1946 a 1948, foi marcada com heroísmo cultural, pois, ao lançar o livro, rompe com a interdependência entre crítica/mercado editorial, pelo menos a noção de mercado predominante e prevista na ocasião do concurso, possibilitando ao público o acesso à produção cultural alternativa ao gosto convencionalizado naquele momento. Acesso, aliás, realizado com inesperado sucesso.

Registrando as tensões geradas no julgamento dos livros no concurso em 1937, surge o artigo de Graciliano Ramos, em 1946, atestando o motivo pelo qual não havia dado seu voto a *Contos*. Em *Conversa de Bastidores*, diz Graciliano:

“(...) enjoei um doutor impossível, feito cavador de enxada, o namoro de um engenheiro com uma professorinha e passagens que me sugeriam propaganda de soro antiofídico”.¹⁵

Em *Bicho Mau: a gênese de um conto*, Maria Neuma Barreto Cavalcante, afirma que Rosa relaciona, no conto de 48 páginas intitulado Bicho Mau, que faz parte de *Sezão não de Sagarana*, 50 nomes de cobras em latim, grego e português, que, somados a todos os outros recursos estilísticos, compõem um trabalho que mostra que Rosa tem rara afinidade com a palavra. Segundo Maria Neuma, *os termos técnicos e eruditos, abundantes, usados como notas de humor, mostram que:*

(...) ao contrapor as duas formas de conhecimento – um adquirido na “escola da vida”, transmitido através de gerações; o outro, nos bancos da escola e ainda mal digeridos – o autor ironiza a postura professoral e paternalista do médico e, por extensão, do escritor em relação ao sertanejo”¹⁶

¹⁵ Graciliano Ramos, *Conversa de Bastidores*, Revista A Casa, junho de 1946.

¹⁶ Maria Neuma Cavalcante, *Bicho Mau: a gênese de um conto*, Universidade de São Paulo, 1999.

Assim, depois de analisar precisamente o material que seleciona, a autora conclui, afirmando que “*Graciliano Ramos não viu a crítica autofágica nessa tirada herpetológica e repolhuda (...)*”.

Embora Graciliano não tivesse condições de perceber o trabalho de Rosa em *Bicho Mau*, segundo análise da autora, a questão que se coloca aqui é que o julgamento de Graciliano não pode ser lido apenas como uma recepção que desconsidera os procedimentos magistralmente elaborados em *Sagarana*. O julgamento de Graciliano pode denunciar, antes, o choque de horizontes na tensão do velho e do novo, colocada na fronteira do literário e do não literário, na recepção de uma nova produção que somente pode ser resolvida senão pela análise dos parâmetros históricos da recepção do livro, à medida em que tal choque metaforiza toda a ambigüidade de parâmetros literários na avaliação da cultura, provocada pelas mudanças contextuais empreendidas na modernização de Getúlio.

A publicação de *Sagarana* pela Universal em 1946 gera ampla produção de textos na crítica literária da década de 40, crítica que elegia o rodapé - texto em forma de faixa no final da página dos jornais da época - como espaço de avaliação da literatura. Percebe-se, pela abundância de textos críticos de *Sagarana*, que o livro de Rosa não apenas foi devidamente divulgado na década de 40 como também amplamente debatido por diferentes tendências, que formaram o rico horizonte de expectativa da crítica, que recebeu a obra.

O livro, publicado naquele mercado ainda tímido de mídia, teve crítica fértil, o que conferia à literatura prestígio, hoje, enfraquecido. O lançamento poderia ter sido um *happening* ou um acontecimento social. Não o foi. Foi, antes, um momento de avaliação da cultura em que a inteligência do leitor não era subestimada pelos editores dos jornais. Foi, na verdade, um momento de avaliação através do qual se pôde pensar, registrar e mostrar o conjunto de relações históricas que perpassavam, em larga escala, os textos de recepção na avaliação do livro. O lançamento de *Sagarana* foi em 4 de abril de 1946 sem comemorações. O artigo

bombástico de Álvaro Lins é o causador da polêmica e do agito que se formou em torno do livro de Rosa. Dele surge a opinião da crítica de tendência variada e, de certo modo, oposta - regionalismo e universalismo - que pôde ser recebida pelo leitor. O rodapé foi, nesse sentido, o espaço singular e democrático de exercício da crítica literária na imprensa escrita brasileira na recepção do livro.

Na análise dos textos, a pluralidade de recepção de *Sagarana* também não foi apenas fruto da quantidade dos jornais, mas do fomento do crítico da época na avaliação da cultura, que começava a ser submergida pela cultura globalizada. A natureza da formação do crítico era variada. Havia o autodidata, formado pela Faculdade de Direito, crítico acadêmico, o de formação jornalística, de crítica impressionista, e os *book reviewers*, cujo trabalho era tornar as obras conhecidas do público, através de resumos e comentários, que realizavam a publicidade do livro. Trabalho, aliás, que contribuiu para a abundância de textos críticos sobre o livro. Os jornais possuíam um crítico responsável pela avaliação da nova produção que surgisse no mercado brasileiro. Adélia Bezerra de Menezes fornece-nos a seguinte lista dos principais jornais e críticos da época:

Correio da Manhã, Rio (Álvaro Lins), O Jornal, Rio (Otto Maria Carpeaux e Tristão de Ataíde), A Manhã, Rio (Roberto Alvim Correa) Jornal do Brasil, Rio (Múcio Leão); Folha da Manhã, São Paulo (Antônio Candido); O Estado de S. Paulo (Sérgio Milliet), Diário de São Paulo (Antônio Cândido, Carpeaux, Plínio Barreto); Diário de Notícias, Rio Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Hollanda, Barreto Filho, Afonso Arinos de Mello e Franco; O Dia, Curitiba (Wilson Martins), Correio Paulistano (Nelson Werneck Sodré); Jornal do Comércio, Pernambuco; Diário do Comércio (Olivio Montenegro); Diário de Notícias, Bahia -- esses três últimos abrigando em suas colunas colaborações de Álvaro Lins.¹⁷

O livro esteve nas mãos de Caio Pinheiro durante o período de vida da Editora Universal. Depois de publicado pela José Olympio Editora, da terceira

edição em diante, *Sagarana* sofre modificações, que geram vários textos de crítica peculiar, textos informativos, que objetivavam garantir ao público leitor a manutenção do teor da obra agora por Rosa revisitada. Da gama de textos selecionados na Bibliografia Comentada, os textos informativos exercem papel especial na recepção do livro, pois tratam especificamente das modificações propostas por Rosa a cada publicação das primeiras seis edições subseqüentes à primeira por ele revista. A crítica veicula que Rosa revê especialmente os contos "*A Volta do Marido Pródigo*" e "*Minha Gente*", para consertar as *discrepâncias*¹⁸ que descuidadamente teriam escapado em outras *revisões*¹⁹. Vejamos fragmentos do discurso da crítica sobre tais alterações.

"O trabalho de Rosa não desfigura o livro(...) conserva sua fisionomia autêntica e profunda" ²⁰

"(...)Mas lança agora a quarta edição de *Sagarana*, a Livraria José Olympio Editora não deixou de apresentar uma obra nova, pois o autor fez questão de retornar ao texto, aperfeiçoando-o em diversas passagens, onde, em sua opinião, havia erros e discrepâncias que passaram despercebidos nas revisões anteriores"²¹

O artigo de 25 de novembro de 1956, publicado em "O Jornal", sugere que as edições poderiam interessar aos estudiosos de estilística, porque "*revelam os aspectos de criação de Rosa*"²². Nenhum crítico, entretanto, ocupou-se deste trabalho antes de Ivana Versina", em 1986, com "*A Elaboração Estilística de Sagarana*, tese de

¹⁷Bolle, Adélia Bezerra de Meneses. A Obra de Álvaro Lins e sua Função Histórica. Rio de Janeiro: Petrópolis: 1979.

¹⁸ Grifo meu.

¹⁹ Grifo meu.

²⁰ Campos, Geir. Diário de Notícias, 11 de fevereiro de 1956.

²¹ MRL, Jornal Literário, abril de 1956.

quatro volumes, ainda não publicada, em que as seis primeiras edições do livro são comparadas e analisadas, no sentido de verificar o experimentalismo como processo de depuração do estilo do escritor. Na análise, a autora argumenta que Rosa faz uso assistemático dos aspectos da linguagem. A quarta edição de *Sagarana*, por exemplo, publicada em 1956, seria aquela na qual Rosa exerceria as mais profundas e inusitadas modificações no texto. Nela, faria deformação intensa de clichês, combinações inteiramente anormais e omissão de conectivos, principalmente do "que". Na última edição das seis, entretanto, ele desfaria as alterações feitas anteriormente, suavizando o experimentalismo estético no texto.

Na aproximação entre o trabalho de Ivana Versiana e os textos informativos da época em que Rosa revisitou o livro, o que era apenas revisão circunstancial no dizer da crítica dá lugar à profunda alteração realizada por ele. Observou-se que os textos informativos cuidaram da divulgação das novas edições revistas, mas ocultaram uma preocupação crítica com o estilo resultante que tais modificações de Rosa encerrariam. Na investigação da recepção, o discurso presente nos textos informativos sobre as novas edições tem tom propagandístico. Encobriram a radicalidade do trabalho de Rosa não apenas pela falta de um estudo crítico que pudesse dar conta da análise das alterações no momento em que aconteceram, trabalho inclusive sugerido pela crítica preocupada com a obra, mas, sobretudo, por explorarem as alterações do livro na categoria do novo, amplamente utilizadas como estratégia de publicidade.

O novo, nestes textos, adquire valor especial. Não do novo no sentido que as alterações propostas por Rosa inaugurariam. Do novo apenas enquanto correção de erros. Do ajuste. Novo que existe enquanto motivo de preservação da imagem aceita no mercado que o livro já conquistara, pois a crítica lança as novas edições de *Sagarana* com o cuidado de assegurar que a originalidade da obra não tivesse sido alterada. Ora, os parâmetros estéticos de Rosa são iconoclastas para a época e foram fixados não sem dificuldade ao longo da publicação. Estes textos asseguram, pois, a aceitação do público, propondo a comercialização perfeita do estilo, para que as

²² Grifo meu

modificações realizadas por Rosa não causassem estranhamento no leitor, que resultasse na redução e/ou na alteração das possíveis tiragens no mercado da recepção consagrada do livro.

Com isto, tais textos tratam do corredor comercial seguido pela obra, tornando-a exclusivamente mercadoria. Aliás, mercadoria veiculada e recebida sem ingenuidade por alguns críticos da época, cientes de que tal revisão de Rosa não abrandaria a dificuldade de leitura dos procedimentos estéticos ao leitor, dificuldade já atestada pela crítica. João Vasconcelos é um dos críticos que, percebendo interesse mercadológico pelo livro, publica o artigo no "Jornal do Commercio" em 1956, afirmando que o trabalho de revisão com a palavra em *Sagarana* foi "*pesado*"²³ e que o fato de se citar o livro sem que se tivesse feito a leitura tinha "*virado moda*"²⁴.

O motivo pelo qual Rosa teria desfeito a radicalidade do experimentalismo da edição de 1956 à de 1958 abre várias hipóteses a serem estudadas. Poderia, talvez, estar ligado às questões de busca de um caminho estético (de que *Sagarana* foi um grande laboratório), concretizado posteriormente em *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. A questão que surge aqui é que tal busca, posta ora na intensificação do trabalho estético ora no abrandamento deste trabalho, não deixa de estar atrelada ao desvio de procedimentos difíceis, frente à aceitação e à tiragem do livro no mercado, via, é claro, interesses do editor e do próprio autor. Entretanto, a José Olympio Editora ainda não disponibiliza à consulta de pesquisadores o material técnico de publicações posteriores de *Sagarana* por ela mantido em arquivo, para se verificarem as relações entre as tiragens e o trabalho estético de Rosa no livro. Esta é questão que ficará a ser respondida, então, com o avanço das possibilidades de investigação.

Os textos de informação presentes na recepção crítica do primeiro livro de Rosa contrapõem-se à análise das edições feitas por Ivana Versiana e, por isso, abrem caminho no sentido de pensarmos não somente as questões relativas à trilha mais

²³ Grifo meu.

²⁴ Grifo meu.

próxima de um projeto estético rosiano, mas também no sentido de pensarmos até que ponto tais modificações que, ora facilitaram, ora dificultaram o caminho do leitor, conforme o andamento das edições, fizeram a crítica driblar ou não tais dificuldades no discurso de propaganda do livro pelos textos de informação e que relações estabeleceram com o processo de vendas do livro no mercado.

Da José Olympio Editora, o primeiro livro de Rosa passa a ser publicado pela Editora Nova Fronteira em 1983, que lhe dá outra composição. Retira todos os índices cabalísticos indicados por Rosa, e toda a crítica, em fragmentos, que o acompanhou na publicação desde a primeira hora. Retira também as ilustrações de Poty presentes em outras edições. A nova editora acrescenta ao livro a carta de Rosa a João Condé, em que Rosa "revelaria"²⁵ seus procedimentos na composição de *Sagarana*, oficializando tal carta com uma espécie de "prefácio"²⁶ do livro. Na trigésima quarta edição, a editora resolve publicar os contos *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* e *Burrinho Pedrês* em pequenas edições isoladas do conjunto de *Sagarana*, facilitando o acesso de tais textos aos leitores. Tal publicação, provavelmente, cede à demanda do mercado, uma vez que os textos de *Sagarana* têm sido mais solicitados nos exames de entrada ao curso superior. Deste modo, tendo em mãos estes dados, foi possível reelaborar a cronologia de publicação de *Sagarana*²⁷.

Lançado no mercado, a crítica especializada da época recebe o livro em duas linhas de força de categorias estéticas postas em oposição: o regionalismo e o universalismo. A compreensão do livro vem, à primeira vista, de vozes isoladas, absolutamente independentes umas das outras, funcionando, pois, como discursos de vida própria, calcados em itens diversificados de análise, fossem eles estéticos, lingüísticos ou históricos.

A crítica atual tem se ocupado do regionalismo enquanto movimento literário e cultural paralelo aos movimentos históricos, que atravessam a constituição da

²⁵ Grifo meu

²⁶ Grifo meu

modernidade brasileira e vem estabelecendo diferenças entre épocas de produção literária, no sentido de libertar produções e escritores do estigma em torno dos quais a tradição da historiografia literária os envolveu. Na crítica de *Sagarana* todas as vozes do regionalismo presentes na literatura emergem em profusão. É fundamental precisar as relações históricas subjacentes a cada momento em que crítica ativou o regionalismo como parâmetro da crítica literária que recebeu *Sagarana*.

No contexto da modernização da década de 40²⁸, a crítica literária recebe *Sagarana*, elegendo a dicotomia regional x universal como parâmetro crítico-literário, organizado, respectivamente, por binômios: rural e urbano, primitivo e civilizado, inferior e superior, avançado e atrasado. A concepção regionalista registrou a fauna, flora e os costumes, falares de personagens, típicos das regiões brasileiras.

"as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se fossem em ambientes onde os hábitos e o estilo de vida se diferenciem dos que imprimem a civilização niveladora. Assim sendo o regionalismo se limita e se vincula ao ruralismo e ao provincialismo, tendo por principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chama de cor local." ²⁹

Pela leitura do fragmento de Lúcia Miguel Pereira, que propõe um conceito de regionalismo, pode-se observar que a crítica de *Sagarana* das décadas de 1940 e 1950 apresenta uma concepção diferente daquela proposta em 1910, explicitada pelo texto acima. A confusão gerada entre dois momentos centraliza-se no ponto de semelhança entre os dois regionalismos, que reside no fato de utilizarem a fixação de mesmas regras estéticas para receber produções culturais de fins históricos diferentes. O regionalismo do final do século XIX e princípio do XX teve caráter conservador

²⁷ Ver apêndice

²⁸ Gomes, Angela de Castro. *A Política Brasileira em Busca da Modernidade: Na Fronteira entre o Público e o Privado*. In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo, Campanha das Letras, vol. 4, 1998.

²⁹ Pereira, Lúcia Miguel. *Prosa e Ficção. 1870/1920*. In: Lins, Álvaro. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1950, v XII, p. 175.

aos primeiros passos das modificações sociais empreendidas pelas forças da indústria, funcionando como resposta à perda da hegemonia político-econômica da sociedade tradicional brasileira, ligada às oligarquias e ao latifúndio. É na transição do século XIX ao XX que se focaliza intensamente a região do ponto de vista geográfico, a fixação de tipos e a riqueza lingüística locais, exploradas na produção literária já registrada do primeiro movimento regionalista iniciado no romantismo brasileiro. Todavia, ainda que tal propósito fosse executado com a fixação de regras estéticas determinadas, deve-se considerar que a categoria regionalismo que orientou a recepção da literatura do século XIX assumiu a perspectiva de valorização ideológica da classe hegemônica da sociedade tradicional. Esta, uma vez ameaçada pelas forças modernas, produz um discurso nacionalista de perspectiva de classe dominante, fixando o preconceito relativo às classes subordinadas.

O ponto de vista assumido pela crítica do livro em 1946 foi diferente deste que orientou a produção e a recepção críticas das obras. Aqui tal conceito centra-se no fato de que, fosse para considerar o sertanejo primitivo, fosse para considerá-lo atrasado, foi estritamente delineado pela cultura citadina e citadina pré-industrial, dada a modernização getulista e, por isso, não menos preconceituoso em relação ao sertanejo que outro conceito. Nesta trilha de obstáculos, Rosa é acusado de ser mau escritor regionalista, por não representar o sertanejo brasileiro como violento, tal como se pretendia.

É preciso deixar claro que este preconceito, enquanto regra de composição bifronte nos momentos de regionalismo aqui em questão, não se liga aos interesses de uma aristocracia passadista. Ao contrário do início do século, liga-se ambigüamente ao movimento histórico constituinte da modernização industrial e, por conseguinte, às contradições inerentes a este processo, neutralizadas pela categoria estética regionalismo.

"Rosa não trata o sertão com a crueza própria de sua gente"³⁰

A crítica, para compreender Rosa, realiza a fusão de horizontes³¹, isto é, compara-o a Gustavo Corção, Lúcio Cardoso, Afonso Arinos, Fialho de Almeida, Monteiro Lobato, Coelho Neto, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, José Lins do Rego, José Mauro de Vasconcelos, Jorge Amado, Mário de Andrade, Valdomiro Silveira, Rudyard Kipling e Miguel Torga. Para ela é como se representassem os mesmos valores, tivessem os mesmos discursos, vivessem os mesmos contextos que Rosa. Pior: como se houvesse, neles todos, o preconceito e, em havendo, fosse "regra"³² de mesmo valor na representação do homem do campo.

Uma vez que ela reúne tais escritores como parâmetro comparativo para a avaliação de *Sagarana*, pode-se dizer que propõe tal comparação, norteadas pela visão estritamente cronológica, funda-se numa concepção evolucionista de regionalismo, que corrobora, sem dúvida, naquele momento, os interesses ideológicos provocados pela modernização, pois, ao adotar tal parâmetro, desviou-se da tentativa de compreender as relações entre a produção cultural e as transformações radicais empreendidas pelo projeto de modernização em franco desenvolvimento. O procedimento fixo, ahistórico, e, portanto, mitológico³³ e as características internas da obra provocam inconveniência entre livro e sistema de referência da crítica, pois o livro fere as regras de composição exigidas pelo regionalismo. O intercâmbio com outros escritores, ativados no conjunto de textos aqui analisados, fica, assim, inviabilizado, enquanto parâmetro aproximado do valor do livro, pela lacuna que se abre entre *Sagarana* e os livros daqueles escritores, porque ela evidencia, na raiz, situações diferentes entre as relações da cultura com contexto.

É da observação destas diferenças relativas ao livro de Rosa que surge a ruptura com a tradição. A crítica desconfia da fidelidade do cumprimento dos procedimentos,

³⁰ Milliet, Sérgio. Diário Crítico, 19 de maio de 1946.

³¹ Regina Zilberman. Estética da Recepção e História da Literatura. São Paulo: Editora Ática, 1989.

³² Na análise da recepção do livro em 40, o preconceito tem o estatuto de procedimento estético.

³³ Roland Barthes, Mitologia, São Paulo, Difel, 1979.

alternando um julgamento em que *Sagarana* é, ora não é, regional. Nesta fronteira, a extensão dos contos, a falta de definição dos gêneros, as rupturas de sintaxe e o vocabulário não regional somados aos personagens-tipos são considerados má elaboração literária. Falhas de Rosa. O aspecto mais agravante do divórcio entre o livro e o regionalismo reside na representação do sertanejo contrária àquela exigida pela crítica na tradição da historiografia regionalista.

Quando recebido pela tradição, considerado má obra regional, a crítica define a importância do regionalismo de *Sagarana*, empreendendo caminho de recepção paralelo ao movimento da modernização brasileira: o livro seria aquele que tem a função de registrar o interior, o campo brasileiro, antes do desaparecimento definitivo da paisagem rural sertaneja. O livro de Rosa cumpriria a função de "*documentar*"³⁴ o homem sertanejo violento em meio ao ambiente bucólico perfeito, ao mesmo tempo em que este ambiente se destacaria como o modelo de vida ultrapassado da sociedade rural. O regionalismo concretizaria o padrão de produção literária que se voltou à geografia interiorana brasileira, para mostrá-la com exotismo ao habitante citadino, agora um turista no campo.

"O ambiente em que vivem as personagens vai sumir. O trem de ferro e o ford estragam esta paisagem. Foi preciso fixar esta paisagem, em *Sagarana*, antes que só restassem ruínas dela"³⁵

Como é possível notar, o texto acima reflete a nostalgia do passado, nostalgia de uma espécie de paraíso perdido, que o crítico vê no espaço externo registrado por sua memória e não no espaço do texto literário. Os textos críticos distinguem a leitura da representação do homem sertanejo da leitura da representação do espaço em que ele habita. A região de *Sagarana* fixa uma paisagem em extinção, que a crítica marca pelo saudosismo, pois o espaço rural sertanejo com bois e burrinhos significa

³⁴ Na recepção da crítica, o fato de a importância do livro ser, de certa forma, reduzida ao caráter de documentação, deixa ambíguo os interesses históricos desta recepção.

³⁵ Bessa, Luis. s/tit. Folha de Minas, 5 de maio de 1946.

a natureza exuberante e regular da Idade de Ouro, perdida para o homem citadino. Tal espaço mítico manteria a igualdade e a justiça entre os homens, dissolutas do *status* do *Ubi Sunt*³⁶, agora industrial, com orgulho, sustentado pela crítica nesta recepção.

A região de *Sagarana* deveria motivar a leitura do livro, para que o leitor conhecesse a natureza pura, imaculada, perdida com a destruição do *habitat* regional no processo irreversível empreendido pela modernização brasileira. As palavras de Raymond Willians, ao analisar a passagem da sociedade inglesa rural à citadina, argumentam criticamente o processo desta proposição:

"a vida rural, tal como é tradicionalmente considerada, é (...) uma alternativa inocente à ambição (...)"³⁷

A saudade que a crítica empreende do mundo rural sertanejo é elemento de ruptura com a expectativa da crítica. Mostra que nem tudo, mais uma vez, se desenvolve bem na sociedade civilizada e pré-industrial proposta pela modernização, dado o projeto de Getúlio. Evidencia a diluição de um modo de vida, que, depois de perdido, tentará resgatar valores desprezados pelas relações sociais num contexto de industrialização. Contraditório é, nesse sentido, sentir saudades de um homem cuja natureza ficou amplamente cristalizada como violenta. A recepção crítica, acompanhando o processo ambivalente da modernização, mostra-se contraditória, pois a igualdade e a solidariedade, para ela, aconteceriam na paisagem rural. Não na prática das relações sertanejas, que ela nega, e que Rosa transforma, com efeito, em objeto metafísico.

A saudade, assim, corta o espaço da tradição regionalista denegando as regras fixas por ela exigidas. Essa denegação evidencia o desejo incontido de que o presente tivesse sido diferente daquele engenhado pela urbanidade industrial. É, em

³⁶ Villon, François. *Poésies de François Villon*. Paris, Corrier Grafhique, 1947.

³⁷ Willians, Raymond. *O Campo e a Cidade*. São Paulo: Campanha das Letras, p.41, 1992.

³⁸ idem. p.22, 23.

verdade, não um canto, mas um lamento citadino, que revela um desejo não fortemente capaz de alterar o destino da cultura sertaneja que hoje presenciamos: o de ter-se tornado seja objeto pasteurizado, seja kitsch pela indústria cultural, para ser consumido em larga escala nas grandes cidades.

Se é verdade que o registro da fauna e da flora, dos costumes e dos falares são imprescindíveis à representação regionalista do homem do interior brasileiro, o registro da violência é regra de composição de maior responsabilidade exigida à construção naturalizada do caráter do homem do interior - como quer a crítica, que pactua o retrato do colonizado feito pelo colonizador. A crítica apresenta neste preconceito um motivo utilitário das forças históricas do momento. Ora, o lugar de marginalidade do sertanejo³⁸ data da colonização brasileira do século XVII. A raiz histórica do preconceito com o homem rural centra-se no fato de que ele não pertencia à classe dos proprietários e nem à dos escravos, enquanto classes que compunham a estrutura da sociedade tradicional brasileira do momento. Era excluído da estrutura econômica e social, pois, flutuante, não se organizou com os escravos nem com o patrão, fosse da fazenda, fosse do engenho. Constituía 80% da população livre. A única maneira de defender-se era buscar a proteção do patronato. A terra que dele obtinha para a monocultura era mediada à base do contrato oral, sem qualquer legalidade que a legitimasse. Não lhe pertencia. Morava, portanto, de favor. A terra, uma vez solicitada pelo fazendeiro, tinha que ser entregue, obrigando-o a mudar-se.

Diante de uma estrutura latifundiária absolutamente opressora, a única forma de defender-se era manter, a todo custo, a sua condição de homem livre. Condição que o livra da escravidão, mas que lhe confere a marca de rebeldia e de violência, de crueldade e de coragem, de atraso e de inferioridade na cultura brasileira, justamente porque não admite *pôr em negociação a sua liberdade*³⁹. Não se pode esquecer que,

³⁹idem. *ibidem*

na aproximação da raiz histórica sertaneja à recepção do livro de Rosa, esta massa de homens livres, brancos, em sua maioria, sem propriedade, habitantes do campo, é que emigra para a cidade com o começo da mudança das forças tradicionais da agricultura pela indústria na década de 40.

O sertanejo na década de 40 vive o momento em que as forças modernas de produção interferem, modificando, a sociedade tradicional agrária brasileira. O campo se divorcia da cidade, sofrendo as mudanças impostas pela indústria. As máquinas de semear, os fertilizantes industriais, os arados reversíveis e a importação de tratores são introduzidos no fazer agrário brasileiro, embora não capazes ainda de modificar por completo o modelo tradicional de produção. Parece lógico, assim, que este processo engendra, neste período de modernização, um grande número de trabalhadores rurais desempregados, legados à condição absoluta de miséria, que vão rumo à cidade. Com este contexto, a crítica regionalista, que fixa seu modelo de literatura na manutenção do preconceito citadino contra o homem rural, deve ser considerada a instituição que avaliza a cultura com valores absolutamente comprometidos com o processo de modernização. Os procedimentos estéticos regionalistas exigidos pela crítica de 40 trazem a maneira de compreensão da realidade que a literatura como documento deveria sacramentar.⁴⁰

Como os textos da recepção crítica, a princípio, tentaram estabelecer parâmetros estéticos segundo os quais o regionalismo estava atado aos interesses hegemônicos da classe tradicional brasileira do final do século, no momento em que foi preciso cantar o regional como nacional, a novidade dos procedimentos de Rosa provocou a ruptura com regras estéticas e, por conseguinte, com o momento

⁴⁰ Segundo Eunice R. Durham, em *A Caminho da Cidade*, a urbanização brasileira da década de 40 e 50 não se refere apenas ao aumento das aglomerações das cidades. Refere-se à criação de um novo modelo de cidade ligado à industrialização. É assustador verificar que o índice responsável pelo aumento da população atinge ao percentual de 84% da migração, neste período, nas capitais industriais brasileiras (Rio, São Paulo, Recife, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte e Belém).

histórico que as sacramentava, uma vez que a sociedade tradicional, tal como era composta, estava em franco processo de modificação na década de 40. Os textos da recepção crítica do livro de Rosa tentaram estabelecer a igualdade de parâmetros estéticos desta modalidade tradicional do regionalismo, acabaram, entretanto, destinando-os à finalidade histórica proposta pela modernização, a indústria. A tarefa da crítica, a que tudo nos indica, foi a de conciliar os procedimentos do livro àqueles procedimentos regionalistas comprometidos ao ideário de vida aristocrático, tradicional, num contexto em que tal modelo, embora decadente, ainda se viabilizava, com efeito, como padrão ativo de categoria estética no interior da crítica, enquanto forma de valorização da cultura. Daí, da fusão do velho e do novo, da passagem do campo à cidade, do regionalismo ligado à sociedade tradicional e deste, ligado à sociedade moderna industrial, que resulta a confusão, e, por conseguinte, a polêmica do livro na crítica literária de 1940. Tal questão resulta, na verdade, da criação de um espaço de neutralidade, que é também espaço de manutenção da ideologia do poder, assegurado pelo regionalismo, posto como categoria da crítica daquele momento. Neste caso, vale dizer que o livro é marcado pela polêmica dos parâmetros de recepção que, cristalizados, nortearam a recepção da produção cultural na transição dos modos de produção, que mantiveram, na raiz histórica, não apenas as relações entre capital e trabalho, mas, sobretudo, como consequência da manutenção do poder, a forte representação estigmatizada do sertanejo.

Os novos parâmetros através dos quais o livro de Rosa foi recebido, ainda que em menor parte, identificaram-no ao universalismo, com a nova categoria da história literária, fortemente presente na recepção do livro, posta num discurso que se concretiza em procedimentos estéticos precisos nos textos desta recepção. O universalismo é, em 1946, discurso emergente, que aparece em processo de fixação na crítica literária de *Sagarana*. Demanda, assim, parâmetros na produção literária de temas estritamente ligados à contemporaneidade do mundo pós-guerra, posto na produção de narrativas breves, de ação rápida e de temas ligados à urbanidade. Na recepção de *Sagarana*, rejeita qualquer tema ligado à cultura do homem rural brasileiro. Ao contrário do regionalismo tal como ele aqui se apresenta na década de

40, este será objeto de destruição da crítica. Neste sentido é interessante observar a ambivalência do primeiro texto crítico a classificar *Sagarana* como livro universal, escrito por Álvaro Lins, pois, no calor da primeira hora, foi o artigo que trouxe a validade do livro de Rosa para dentro deste parâmetro. Vejamos o fragmento:

(...) apresenta o mundo regional com o espírito universal de autor que tem a experiência da cultura altamente requintada e intelectualizada, transfigurando o material da memória com as potências criadoras e artísticas da imaginação trabalhando com um ágil, seguro, elegante e nobre instrumento de estilo (...) Em *Sagarana* temos assim um regionalismo com o processo da estilização, e que se coloca portanto na linha do que, a meu ver, deveria ser o ideal da literatura brasileira na feição regionalista: a temática nacional numa expressão universal, *o mundo ainda bárbaro e informe do interior*⁴¹ valorizado por uma arte civilizada e por uma técnica aristocrática de representação estética.⁴²

É preciso reconhecer e aplaudir a atitude crítica revolucionária de Álvaro Lins, como o primeiro crítico a constatar e divulgar o valor de Guimarães Rosa como escritor que recebe o livro na estética universal em meio à forte influência regionalista que se tinha no horizonte de expectativa em 46. Álvaro Lins foi crítico de forte representatividade e conseguiu, por isso, divulgar o valor de *Sagarana*. Temia, como consta do artigo de 28 de julho de 1956, publicado pelo Diário de Notícias, que a obra fosse valorizada muito mais pelo seu julgamento enquanto crítico formador de opinião do que pelo valor que o livro realmente representaria na cultura brasileira.

É claro que a fértil recepção da cultura na década de 40, não apenas por influência de seus julgamentos, antecipa a consagração de autores como Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Murilo Rubião entre outros, como se pôde constatar posteriormente. O que interessa no julgamento de Álvaro Lins não é o poder visionário, mas a mudança significativa de parâmetros de análise da produção literária

⁴² Lins, Álvaro. Uma Grande Estréia. Correio da Manhã, 12 de abril de 1946.

comparada à recepção crítica anterior e a conseqüente ruptura com o conceito fixo de regionalismo na literatura, presentes nesta parte da crítica do livro de Rosa.

A questão que emerge destes parâmetros é que a categoria universalismo modifica o que se tinha na crítica até aquele momento. O fato de Álvaro Lins julgar *Sagarana* como livro universalista provoca a abertura de um espaço no interior do horizonte de expectativa da crítica, que antes, no extremo, relegava o livro de Rosa ao regionalismo ou à perda do estatuto de literatura. Dado o preconceito a que as novidades dos procedimentos estéticos de Rosa poderiam estar submetidas, o julgamento de Álvaro Lins salvaguardou o livro. Tal julgamento, rompendo com a tradição regionalista, faz surgir a polêmica quanto à classificação da obra, criando, então, a polêmica, que se dá pela ruptura entre procedimentos e ideologia, entre procedimentos estéticos e a representação humana presente no livro, até então fortemente unidos e cristalizados na recepção do regionalismo da crítica.

O universalismo rejeita o livro do ponto de vista temático, para absorvê-lo em seus parâmetros por qualificar os procedimentos de Rosa de modernistas e cosmopolitas. Assim, se a cultura do homem rural brasileiro representada no livro de Rosa é rejeitada pela ideologia da modernização, os procedimentos do livro não puderam ser. É justamente por meio deles que a crítica universalista absorve *Sagarana*. Não sendo rejeitados, foram, antes, aplaudidos e considerados modernos, de “autor que tem a experiência da cultura altamente requintada e intelectualizada”. Neste contexto, a crítica universalista julga o livro por parâmetros estéticos; admira os procedimentos utilizados por Rosa, enquanto procedimentos sinalizadores da capacidade artística de um escritor moderno, recém-chegado. Concentra-se, pois, no fôlego artístico do escritor. Com isto, os procedimentos de Rosa considerados cosmopolitas abrem, rompendo, o horizonte de expectativa da crítica de 40. A crítica universalista, entretanto, julga intolerável o leitor que renuncie às conquistas do mundo moderno, que deixe, pois, o rádio, o começo da sociedade de massa dos anos 40, para ler um livro que trate de carro de bois e burrinhos.

"A tendência da arte é tornar-se cada vez mais universal, longe do tratamento individual das questões humanas. Não se deve renunciar às conquistas da modernidade para ouvir a anedota de o "Burrinho Pedrês"⁴³

Ou

"O livro do sr. Guimarães Rosa, no gênero, contém originalidade, aspectos ainda não explorados por outros escritores e , particularmente, na maneira de escrever, que é, por assim dizer, uma espécie de simplicidade complexa, devido exclusivamente à terminologia, às vezes cansativa e sem nenhum interesse ao leitor da cidade"⁴⁴

ou

"Regionalismo é estilo de época já passado. As preocupações provocadas com a segunda guerra mundial levam a arte ao seu sentido de universalidade por que passa o mundo"⁴⁵

A intolerância com o campo e com a cultura sertaneja nesta parte da recepção do livro parece advir do deslumbramento da crítica com o processo de modernização e do caráter do novo que se engendra na sociedade moderna brasileira e nas relações culturais. A crítica literária é aqui vencida pelo discurso reformista, modernizador. A categoria do novo proposta por este discurso detinha uma fórmula mágica de apagar um passado ainda muito aproximado aos horrores da guerra recém-acabada, e, que, de certa forma, obrigava o mundo a reconstruir seus parâmetros de sociedade. Apagar um livro cuja representação social é este passado vivo e ativo, rural e interiorano, numa produção cultural viabilizada pela arte literária num momento em que a mídia, sobretudo a tv, não existia, não poderia deixar de marcar uma crítica de perspectiva

⁴³ Fernandes, Hélio. *Sagarana* e a Crítica. O Cruzeiro, 8 de julho de 1946.

⁴⁴ P. A. Livros Novos, Diário Carioca, 16 de maio de 1946.

⁴⁵ Fernandez, Hélio. *Sagarana* e a Crítica. O Cruzeiro, 8 de julho de 1946.

inovadora, que se coloca em busca do novo, descomprometendo-se da valorização do passado e da memória, da origem e da identidade.

Deste modo, o fato de Álvaro Lins receber a obra como universal não significa que ele apresente uma visão não preconceituosa do interiorano. Na separação entre ideologia e estética, o que importa à crítica é o alcance de criação que *Sagarana* apresentou quanto ao domínio da estética civilizada e renovadora, e não o valor de representação social do elemento humano e brasileiro na literatura daquele momento, pois o homem sertanejo ainda continua sendo de *“um mundo ainda bárbaro e uniforme do interior a ser valorizado por uma arte civilizada”*. A invenção de palavras, as alterações de sintaxe, a sonoridade, as narrativas em fábulas constituem a novidade dos procedimentos, consoantes com a inventividade e a criação do escritor. Entretanto, é preciso dizer, em nada obedeceu aos procedimentos estéticos exigidos pela categoria universalista na produção literária, viabilizada pela crítica do livro.

A ruptura divide não apenas o conjunto de procedimentos estéticos exigidos por cada categoria, mas o valor por elas empreendido em relação à cultura do homem do interior em representação no âmago da sociedade que estava em mudança. O que se nota é que, enquanto a crítica do regionalismo uniu os procedimentos estéticos na representação do sertanejo, a outra, a universalista, os separou; descolando, aparentemente, estética de ideologia e, por consequência, propondo o divórcio entre meios de composição e a representação a ser feita do sertanejo. Tal abertura é provocada pela crítica que marcaria a mudança do sistema de representação e abriria espaço à realização de uma literatura na qual pudesse ser possível a representação digna do homem do interior. Esta possibilidade, entretanto, não se concretiza de imediato no discurso da crítica, senão por alguns críticos.

A fixação de procedimentos estéticos constrói a necessidade de uma nova narrativa para atender à urgência na produção cultural que efetivasse a nova sociedade. Ao contrário da categoria regionalismo, o universalismo elege o preconceito como interesse utilitário das forças industriais. Este discurso reforça, pois, o êxodo rural do homem do interior brasileiro, que, de situação absolutamente

miserável no campo e de negação de sua cultura, passaria a crer na sociedade urbana, industrial, como espaço de melhores condições de trabalho e de respeito social à sua maneira de vida. Esta crítica julga, assim, absurda a produção de literatura que ainda se interessasse por temas rurais, considerados passadiços e atrasados.

A questão que surge destes parâmetros é que o modernismo e o cosmopolitismo da crítica residem nisto: a técnica de Rosa é civilizada e cosmopolita, enquanto sua matéria de composição, primitiva e regional. O resultado é metonímico: a técnica valoriza o homem; não o contrário. A crítica universalista assume, nesse sentido, quase o mesmo parâmetro de julgamento do regionalismo, à medida em que mantém o preconceito da representação do interiorano para valorizar as técnicas, não mais a paisagem bucólica do sertão. O modelo do escritor exigido pela crítica é o do escritor tecnicista. O resultado disso, na comparação dos julgamentos da crítica, é que, de um lado, o regionalismo une procedimento e representação para desqualificar o interiorano. De outro, o universalismo separa procedimentos de representação para tentar civilizar o interiorano pelas técnicas cosmopolitas da arte literária, mascarando um mesmo propósito. Teríamos, deste modo, o homem sertanejo que não serve ao regionalismo, porque deve migrar à cidade e não serve ao universalismo, porque é assunto fora de moda, como base de produção literária.

Considerar modernos os procedimentos de Rosa efetiva, de certa forma, a necessidade de construir um país que deveria participar do mundo cosmopolita, industrializado, da Europa e dos Estados Unidos em detrimento do mundo rural do Brasil. É, nesse sentido, que se pode inferir que o universalismo e regionalismo tornam-se única categoria em relação à matéria sertaneja, pois são ativados na recepção de *Sagarana*, majoritariamente, assumindo o ponto de vista elitista. Ora, é preciso dizer que separar procedimento de representação não garante que a crítica de tendência universalista apresente julgamento, em essência, diferente daquele já apresentado pelo regionalismo, quando trata do sertanejo.

No entremeio dos parâmetros apresentados aqui, a recepção crítica do livro de Rosa constrói voz nova e refinada, que constituiu, ao nosso ver, o discurso mais

poderoso da crítica na recepção de *Sagarana* no período analisado neste estudo provisório. Tal discurso realiza a justaposição dos dois discursos aqui discutidos, elevada, pois, pela crítica, ao estatuto de categoria estética, que foi a responsável pela cristalização do valor do livro na historiografia literária brasileira: o regionalismo-universalismo. A justaposição destas categorias implica o paralelismo de valores não apenas diferentes, mas antagônicos em relação aos procedimentos e valores que a crítica estava exigindo de Rosa naquele momento.

O regionalismo-universalista, fruto da ruptura entre procedimento e ideologia do regionalismo, marca um momento do processo da modernização brasileira, pois, nele, o homem do interior deve ficar registrado preconceituosamente, mas sem a restrição das regras de composição literária, agora livres. Tal categoria mostra-se segregadora como a outra, em relação à classe recém-formada dos trabalhadores industriais. A fidelidade que caracterizaria o regionalismo - do registro da fala, dos hábitos e da paisagem - daria lugar ao trabalho estético do escritor, à sua liberdade de composição; abrindo espaço à criação da nova narrativa, vista agora pela crítica⁴⁶ como séria candidata à formação de uma escola literária nova, postulando o regionalismo-universalista como modelo de produção literária. Nesta perspectiva, a crítica não se mostra preocupada com o registro da cultura sertaneja como procedimento fixo, senão como matéria que as técnicas teriam a função de atualizar, colocando-o em patamar de igualdade com todos os outros homens, concedendo-lhe o *status* de civilizado.

É na ampliação do regional para o nacional que o primeiro livro de Rosa, desarticulando o sistema de referências do regionalismo, elege a supremacia das técnicas no regionalismo-universalismo, para aproximar, confundindo-se, com a categoria nacionalismo, enquanto valor da tradição modernista. Tradição já apontada por Álvaro Lins, quando afirma que Rosa utilizaria de técnicas cosmopolitas em *Sagarana*. A forma regionalismo-universalista de avaliar o livro empreende maneiras também dicotômicas de conceber diálogo entre as classes sociais, as relações de

⁴⁶ Tristão de Athaíde é o primeiro dos críticos com essa posição na recepção de *Sagarana*.

trabalho e entre a cultura e a identidade nacionais, avaliadas e definidas de acordo com o comprometimento que cada categoria da crítica assumiu no processo da modernização brasileira. Pondo em jogo vários atores, a crítica literária torna-se o espaço, como já se sabe, em que as forças históricas de elite - tradicionais e modernas - se enfrentaram na avaliação do livro. Do embate, carimba-se nele o selo de modernidade, que dá o arranjo, mal feito, entre características paralelamente antagônicas na recepção crítica.

A questão que emerge deste arranjo é o fato de ele apagar as diferenças que tais categorias carregam na conciliação de procedimentos estéticos, para justamente evitar a valorização do homem do interior como elemento cultural posto à margem do processo de histórico político e cultural do momento. Fauna, personagens-tipos e falares estão, naquele contexto, contrapostos à narrativa eletrizante de ação rápida de temas urbanos. Este discurso realiza o amálgama do preconceito como valor de conciliação, equalização e apagamento. O regionalismo-universalista promove a acomodação do preconceito como parâmetro de avaliação cultural a partir da abertura da produção estética considerada cosmopolita e a manutenção da representação negativa do homem do interior brasileiro.

Os corredores discursivos hegemônicos na recepção do livro abrem outras questões no conjunto de textos analisados na crítica de *Sagarana* das décadas de 40 e 50, pois eles se entremeiam fortemente noutros discursos, adjacentes, da recepção do livro, de maneira a esvaziá-los de seus propósitos históricos iniciais. Um destes discursos está aproximado do Manifesto de Gilberto Freyre, publicado em 1926, período de efervescência dos modernistas na busca do carácter de identidade nacional e outro baseia-se no regionalista da literatura de 30. Perpassa nestas vozes adjacentes da crítica de *Sagarana* a valorização que confunde o nacional tal como é proposto pela Semana de Arte Moderna, por Gilberto Freyre e o regionalismo identificado ao de Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Tais aproximações verificadas no viés do discurso crítico foram um campo minado na avaliação da cultura brasileira naquele momento.

O nacionalismo como categoria insere-se no processo da modernização e apresenta níveis de significação consoantes ao processo de modernidade no discurso da crítica. É na ampliação do regional para o nacional que o primeiro livro de Rosa desarticula o sistema de referências do regionalismo e elege a supremacia das técnicas na representação do sertanejo, para aproximar, confundindo-se, com a categoria nacionalismo e/ou regionalismo inicialmente proposto pelo Manifesto de Gilberto Freyre na década de eclosão do modernismo.

Cabe estabelecer diferenças quanto ao significado destas aproximações críticas, uma vez que o nacionalismo no contexto da modernização da década de 40 é uma categoria bifronte em relação ao sertanejo. De um lado, o sertanejo deixa de ser regional, tomando, assim, em sentido amplo, o nacional. De outro, sendo nacional, de todo, é periférico, portanto, regional, em relação à modernidade enquanto processo histórico mundial. Neste momento da crítica, o nacionalismo - o regional - na verdade, é o Brasil, região do mundo a ser industrializada.

O que importa aqui é que a crítica valoriza o livro de Rosa de maneira pouco diferente de outros discursos nela presentes. *Sagarana* é produto cultural que fala das raízes brasileiras. Neste sentido o interiorano deixaria de ser o homem ignorante e passaria a ser recebido como elemento genuíno desta cultura. Esta recepção poderia cumprir o papel de resgatar o interiorano como cidadão, numa perspectiva contrária à dos modernistas de 1922. É importante lembrar que, ainda que a crítica apresente claramente suas regras de regionalismo nacionalista, o Manifesto Regionalista de 1926 não é citado pela crítica de *Sagarana* em 1946 como um elemento diretamente presente no horizonte de expectativas do livro de Rosa; é ele, enquanto categoria, que se retoma, de certa forma, na avaliação do livro, à medida em que ele postula o rural como nacional em oposição ao momento em que o rural foi absolutamente rejeitado pelo projeto modernista. O discurso regionalista nacionalista da crítica, portanto, não pode ser confundido com o da tradição do modernismo.

É importante ressaltar que a perspectiva de nacionalismo de Gilberto Freyre deixa empreender, como já foi dito, a valorização do nacional fortemente

comprometida aos interesses ideológicos da classe dominante latifundiária nordestina, vazada na idealização do mito das três raças brasileiras, que, unidas, formariam o ideal do *homo brasilienses*, posto no *Regionalismo como expressão mais autêntica de brasilidade*⁴⁷, neutralizando, pois, quaisquer diferenças de caráter social, político e histórico destas raças na formação étnica do Brasil. Evocar o caráter nacionalista da cultura, no caso de *Sagarana*, significa, antes, naturalizar o mundo industrial no paradigma da identidade nacional, do que constatar o vínculo direto da crítica ora às forças pré-industriais ora às forças tradicionais, estas já em condição de fogo morto, naquele momento de recepção do livro. A categoria nacionalismo parece constituir-se numa estratégia das elites brasileiras de promover a naturalização de seus interesses sob as demais classes sociais, no processo que se inicia com a ascensão da burguesia no século XIX.

O nacionalismo⁴⁸ enquanto categoria de análise da cultura surge no século XIX por uma necessidade da burguesia brasileira participar do mercado internacinal enquanto elite própria. O fato de haver a transição da situação de Colônia escravista à condição de Estado, cria uma elite nacional - regional em relação ao processo de internacionalização do mercado- que não presta contas à metrópole. Ora, a valorização do elemento nacional é ambígua, porque esta mesma elite convive com a mão de obra escrava e com latifúndio. O nacional nasce enquanto condição da burguesia brasileira eleger elementos através dos quais ela cria um mito de nacionalidade. Aliás nacionalidade mais branca que a européia; por isso, não menos segregadora das etnias e da pobreza, que a do *ancien régime*. O nascimento do privado e do público, da pátria e da liberdade se dá em meio à natureza perfeita, exótica e exuberante que o país deveria assumir como imagem. O discurso do nacionalismo elege, identificando, a vida burguesa, enquanto modelo da identidade brasileira.

⁴⁷D'Andrea, Moema Selma. A Tradição Re(des)coberta: o pensamento tradicionalista de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e/ou literárias nordestina. Campinas: Unicamp, Tese de Doutorado, 1987.

⁴⁸Schwarz, Roberto. Nacional por Subtração. In: Que horas São? São Paulo, Campanhia das Letras, 1987.

Ora, trata-se de um equívoco o momento em que a crítica de *Sagarana* identifica sua concepção de nacionalismo àquela proposta quer pelos modernistas quer pelo disfarce do *Manifesto Regionalista* no início do século, em 1926, à medida em que tais discursos acontecem com propósitos diferentes. A valorização do elemento nacional proposta por parte da elite brasileira, representada na e pela Semana de Arte Moderna de 1922, objetiva atualizar o brasileiro frente à modernização provocada pela internacionalização do mercado, buscando a valorização do negro e do índio, marginalizados no processo de nossa cultura desde a colonização. Negando a sociedade tradicional, os modernistas negaram possivelmente a elite aristocrática e, aí talvez a falha e o preconceito, pois, com ela, negaram também o homem sertanejo brasileiro e sua cultura. Seria poeticamente enriquecedor se Tarsila do Amaral registrasse homens de todas as etnias, integrando, também, no ambiente de máquinas e carros, a fumaça de cigarrinhos de palha, chapéus e enxadas à fumaça das longas chaminés e dos apitos das fábricas de tecido, se ela pudesse considerar o sertanejo no projeto modernista em seu quadro *Operários* de 1923.

Neste sentido, a valorização do homem rural acontece numa perspectiva contrária à da feérica⁴⁹ Semana de Arte Moderna de 22, que, acreditando valorizar a cultura brasileira, excluiu, desprezando, a literatura que considerasse válida a cultura do homem interiorano no processo da modernidade no Brasil. Os fins da valorização do homem do interior pela crítica de *Sagarana* em 1946 parecem apresentar estreita relação à industrialização como forma de identidade do país. Curioso é que justamente no momento em que a literatura insere o homem rural, marginalizado, como elemento digno no contexto cultural brasileiro e latino-americano, a crítica de *Sagarana* recebe este homem num discurso nacionalista de caráter utilitário. Ora o nacionalismo enquanto forma de reconhecimento e aceitação da identidade cultural do Manifesto dá lugar ao nacionalismo enquanto forma de propaganda ideológica do processo de modernização industrial.

⁴⁹ O termo é de Marisa Lajolo, quando analisa as relações entre Monteiro Lobato e o Modernismo em *O Regionalismo Lobatiano na Contramão do Modernismo*.

O que se constrói sobre a figura do homem sertanejo, neste momento histórico, entretanto, seja brasileiro de raízes culturais dignas de orgulho seja de escárnio, seja de constrangimento, seja de vergonha, é a necessidade desse sertanejo ser, antes de tudo, um operário de um país em processo de industrialização. Aqui o nacionalismo se traduz em fábricas e chaminés, máquinas e motores. O homem do interior torna-se operário de indústria no Brasil modernamente Getulista. O nacionalismo, enquanto categoria, aproxima-se, portanto, do universalismo. Para a crítica de *Sagarana*, é preciso que o homem brasileiro do interior seja operário. A crítica somente resgata o nacionalismo enquanto discurso que busca fazer do brasileiro um homem cidadão e civilizado, cosmopolita e universal, para torná-lo industrializado. Deste modo, a valorização do sertanejo na categoria nacionalismo tem, pois, efeito inverso na crítica de *Sagarana* daquele proposto pelo Manifesto e pela Semana de 22, à medida que o processo de modernização engendra na crítica literária parâmetros antes ideológicos, que culturais e humanitários.

A crítica de *Sagarana* aproxima Rosa de Graciliano Ramos e José Lins do Rego, promovendo a desnaturalização do objetivo histórico da produção literária de tais escritores, que era a de denunciar as relações econômicas, sociais desenvolvidas no latifúndio brasileiro, para conscientizar o sertanejo da exploração econômica empreendida pela estrutura agrária nordestina. Tal discurso tem como base as teses desenvolvidas pelo Partido Comunista Brasileiro, em torno do qual Graciliano Ramos orbitou, com simpatia, e tinham o fundamento ideológico na mimese da Internacional Comunista, da qual Lênin era mentor. Este fundamento consistia em modificar as forças produtivas das regiões do mundo, que, preconceituosamente, a Internacional considerou atrasadas. Tais forças compunham a oposição agrarismo versus industrialismo. Eis que esta modificação, longe de representar resistência, no sentido de clarificar as relações entre capital e trabalho, tal como a proposta de Rosa Luxemburgo, ao contrário, corroborou o estatuto das elites, à medida em que se adequou ao discurso dicotômico do novo e do velho, caindo, assim, na poderosa armadilha ideológica da modernização. Vejamos: são estas idéias e valores eleitos pelo escritor de 30.

"o escritor dos anos 30, ao menosprezar a interpretação dos modernistas como cultural e ao fazer intervir a análise econômica de inspiração marxista na compreensão da nossa história na História, retoma o caminho de uma política radical e esteticamente centrada pelo materialismo histórico" ⁵⁰

O texto acima deixa-nos frente a frente como uma questão pertinente neste trabalho. Eleger o marxismo como filosofia que propõe explicação da totalidade da realidade histórica brasileira vasado na avaliação da cultura daquele momento teria sido a maneira de constituir resistência ao processo árduo da modernização industrial no Brasil? A resistência à modernização foi, paradoxalmente aos seus propósitos, redutora, pois não escondeu o desprezo e o preconceito com que escritores possivelmente trataram o homem regional brasileiro, que, além de ser historicamente estigmatizado, teria sua dignidade legalizada, nesta perspectiva, se ele se filiasse à totalidade proposta pelo marxismo adotado pelos intelectuais brasileiros como ideologia de salvação do homem moderno. Na verdade, o engajamento à esta perspectiva política exige muito mais do intelectual que com ela se envolve do que propriamente do sertanejo.

A estética regionalista de 30 adotou uma forma de compreensão ideológica da realidade como resposta ao processo de modernização no Brasil. Tal forma, entretanto, foi postíça em relação ao sertanejo. Tratando-o como objeto de conscientização, esta literatura provoca, à revelia de seus pressupostos, a alienação da arte em relação à vida social, à medida em que se distanciou do sertanejo, como dono de uma cultura legítima, por adotar um projeto político externo, e preconceituoso, de resistência às empreitadas financeiras e ideológicas do capitalismo no Brasil.

A aproximação entre *Sagarana* e esta parte do horizonte de produção mostra-se equivocada. Ainda que houvesse o julgamento mais ideológico que cultural

⁵⁰ Santiago, Silviano. *Atração do Mundo*. p.11, inédito.

fortemente presente na produção literária do decênio de 30, o parâmetro marxista presente na produção literária não foi absorvido no horizonte de expectativa da crítica de *Sagarana* em 1946 dado o distanciamento da possibilidade de atualização entre a sociedade e crítica literária. Ele aparece como discurso na crítica do livro na recepção das edições da década de 60, quando o contexto político, econômico, social e cultural brasileiro está sendo marcado pela mão de ferro da ditadura militar.

As obras de Graciliano Ramos e José Lins do Rego serviram de parâmetros dos valores da tradição em relação ao livro de Rosa e, de certa forma, foram encobertas por esta tradição. Assim, não respondem nem à radicalidade de seu significado na cultura brasileira do período de 30 e nem tampouco à representação da cultura sertaneja presente em *Sagarana*. Podemos verificar neste caso que, de um lado, há um fazer literário objetivado em conscientizar o interiorano do estado de alienação de seus direitos de cidadão e, de outro, há um fazer que não legitima a validade da cultura sertaneja, senão como aquela que deve civilizar-se. Ambas com inferioridade, indiferença, atraso e de perspectiva citadina. A primeira acontecida no interior das classes da sociedade em processo de industrialização, fortemente influenciada pelo fechamento do partido comunista e pela Coluna Prestes. A segunda fortemente influenciada pela criação de usinas hidrelétricas e indústrias têxteis, atrativos ao homem do campo que deveria migrar.

Tal preconceito não se configura somente pelo fato de o interiorano não reagir contra a exploração e a violência de uma sociedade de classes, mas também pelo fato de a ideologia dos parâmetros da produção literária de 30 e da crítica de *Sagarana* de 40 ser antes oposta que diferente em relação à cultura do homem interiorano, pois, enquanto um lado tentou a conscientização do indivíduo das relações sociais numa proposta coletiva, outro teve o preconceito como forma de estabelecer diferenças para evitar justamente um projeto coletivo que inibisse o despertar do sertanejo - do estigma social - que a sociedade citadina gera a respeito do interior do país na passagem do campo à cidade.

Neste sentido, não é difícil verificar que, mais do que constatar a incompreensão estética em relação ao livro de Rosa, muito bem proposta por Maria Neuma em *Bicho Mau: a gênese de uma história*, Graciliano Ramos revela o preconceito visceral quando disse: “enjoei um doutor *impossível*, feito cavador de enxada, o namoro de um engenheiro com uma professorinha e passagens que me sugeriam propaganda de soro antiofídico”. Eis aí a palavra *impossível* que atesta a inadmissibilidade da representação do sertanejo que não fosse mediada pelo estigma da violência e do atraso, evidenciando não a ligação estreita de Graciliano com o intelectual que cumpre a cartilha ideológica da esquerda daquele momento, antes, um intelectual fruto de seu tempo. Tempo em que a validade da cultura sertaneja não podia ser legitimada pelas próprias forças ideológicas que engendravam e que reagiam as modificações sociais.

Com isto, o que podemos deixar explícito é que o discurso de Graciliano Ramos e de outros escritores possivelmente simpatizantes da orientação marxista não impediu que realizassem obras grandiosamente importantes na cultura brasileira, na medida em que vivificam a compaixão telúrica do drama do sertanejo nordestino em suas literaturas. Não nos esqueçamos, porém, de que há, aqui, Graciliano como crítico, distanciado do lugar de escritor. Este é o ponto a que se deve ater. Tais lugares se distinguem na finalidade de produção literária, mas assemelham-se como processo dela, pois apenas constroem a chegada à valorização do sertanejo brasileiro como matéria humana, quando norteados pela representação do preconceito utilitarista, dirigidos pela esquerda, quer como críticos, quer como escritores. Daí, resulte, talvez, o mal-estar de Graciliano, que o impediu de alcançar, por exemplo, não somente *Bicho Mau* como também, por exemplo, *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. Na verdade, o preconceito ao sertanejo brasileiro, neste momento, é o grande obstáculo da crítica para estimar, com merecimento, as narrativas de *Sagarana*.

O ponto de encruzilhada entre regionalismo de 30 e crítica de 40 parece ser o de que a tradição crítica regionalista retira o sentido do preconceito e de possível resistência veiculado pela ideologia marxista, para convalidar, noutra roupagem, a

ideologia burguesa, que este mesmo preconceito, viabilizado pela categoria estética exigida pela crítica de *Sagarana*, deveria instrumentalizar na modernização brasileira. O que talvez fique claro nesta relação é que a fusão de horizontes que a crítica ativa na recepção do livro vem ideologicamente filtrada por discursos que não convalidam a historicidade de parâmetros dos quais a crítica se utiliza na recepção de *Sagarana*, deixando artificial a aproximação de Rosa com os outros autores e discursos, que serviram de reconhecimento do livro em questão.

A ruptura entre representação e forma na crítica de *Sagarana* engendra novas possibilidades de leitura dos parâmetros da recepção, à revelia da fixação de discurso hegemônico e das alternativas que representavam o embate das forças ideológicas presentes no contexto brasileiro da década de 40. Uma parte da crítica sente a diferença estética pela qual o livro é composto e vai sendo obrigada a reformular, no interior de si, seu conceito de regionalismo e de universalismo, à medida em que percebe que é possível ler a produção literária que trate do homem do interior sem estigmatizá-lo. Esta reformulação modifica o parâmetro estético, porque vem acompanhada de mudança em relação ao movimento da sociedade na década de 40 e 50.

Fazendo a passagem do rural ao urbano e organizada a cidade industrial, que desloca pessoas de várias regiões e crenças, o regionalismo deixa de ser registro eminentemente geográfico para se tornar um registro social dos grupos e etnias que constituem a formação da cidade, na crítica da recepção do livro em 1946. Como a cultura sertaneja é antes plural que única, dada a diversidade das regiões brasileiras, a cidade industrial abarca, diluindo, por vezes, traços específicos desta multiplicidade cultural, proposta, então, de outra maneira nesta parte da crítica. Fala-se, no interior da crítica de *Sagarana*, da possibilidade de haver a literatura de negros, mulheres, homossexuais e etc. Surge a categoria regionalismo, definido, agora, como sinônimo de representação da minoria dentro do espaço social citadino, que reúne diferentes culturas e expectativas quanto ao novo modelo de vida estabelecido pela modernização. Não mais um regionalismo que valorizasse o Brasil frente às matrizes européias, fruto de ideologia das forças agrárias do começo do século e não mais o

regionalismo que convalidasse o homem do sertão, agora, operário fortemente identificado como matéria nacional.

A crítica reformula o conceito de regionalismo, à medida em que ele deixa de ser apenas uma marca geográfica, marca de um território e passa, entretanto, a ser marca de identidade, na qual a experiência social dá a forma material, econômica e cultural dos grupos sociais do espaço da periferia urbana da sociedade brasileira na representação literária.

(...) Regionalistas podem ser mesmo aqueles escritores que não se dão na descrição de meios exóticos. E neste caso um Conrad, um Somerset Maugham, um Stevenson, com suas histórias dos mares do sul, serão regionalistas. E em última análise, regionalistas são os próprios escritores que localizam suas histórias na cidade e nas províncias, nas suas regiões e meios em que vivem. E ainda mais, além dos regionalistas teremos a grei num Guimarães Rosa dos escritores "clássicos", isto é aqueles que se especializam na descrição de grupos fechados"⁵¹

Este conceito amplia a categoria regionalismo. Dá-lhe existência histórica, pois evidencia relações com os movimentos internos da sociedade brasileira. O livro de Rosa causa impacto nesta recepção, que legitima a cultura do homem do interior, estando ele ou não na cidade. Este discurso na crítica de *Sagarana* porta a ideologia contrária à predominante na recepção anterior do livro, que esteve distanciada desta perspectiva. É o negativo do retrato da modernização industrial na sociedade brasileira. Assim, é discurso que fala do lugar dos grupos marginalizados no interior e também do interior das cidades. Não apenas das cidades brasileiras, mas de todas as cidades, em perspectiva mundial. É discurso em gradação - do regionalismo ao nacionalismo e, dele, ao universalismo, por fim. Críticos como Oscar Mendes, Rosemar Pimentel, Gilberto Amado, Paulo Rónai, Franklin de Oliveira e Luís Maranhão realizam catarse com a

⁵¹Mendes, Oscar. Recomeçando. O Diário, 16/07/1946.

representação do interiorano de *Sagarana* em suas críticas⁵². A importância destes críticos é de constituir um discurso de ideologia oposta àquela predominante na crítica do livro de Rosa, ao mesmo tempo em que acompanham com sensibilidade o movimento histórico e cultural brasileiro da década de 40.

O movimento de recepção desta parte da crítica se direciona de maneira peculiar à experiência sertaneja vertente do narrador rosiano. A crítica realiza a catarse com a obra pelo prisma do contador de *estórias*, com o qual se mostra extraordinariamente deslumbrada. Identifica o narrador de Rosa como aquele que conta sem se distanciar da experiência do que conta. Constata que o narrador se aproxima de tal maneira da experiência vivida, que acaba por se sobrepor ao relato, vivificando no ato da escrita a seiva de um aprendizado. Tais críticos, alguns, jovens, e de nenhuma ou pouca representatividade na crítica da época, parecem entender que extrair o universalismo tanto estético como humano do regional, tal como ele está aqui concebido, é a única maneira de legitimar a cultura do homem do interior, sertanejo, em representação na crítica literária daquele momento.

Talvez seja essa a importância da voz destes críticos que tiveram a coragem de assumir uma postura oposta àquela que se esperava da crítica institucionalizada, constituindo, assim, um compromisso de valorização da cultura sertaneja no contexto de aculturação de costumes, falares e relações, próprios e singulares, através dos quais o homem sertanejo tece sua forma de ser no mundo. Compromisso, antes, com as próprias origens destes críticos fossem de classe, identidade ou amor à natureza humana. Talvez seja essa, também, a importância cultural de *Sagarana* como livro que, confundido com a tradição literária e com a complexidade do momento histórico proposto nos discursos da crítica, valoriza exatamente aquilo que ela, crítica, enquanto reprodutora da voz social na avaliação da cultura do decênio de 40 e 50, rejeita.

⁵² Alguns nomes compunham uma nova geração de críticos. Oscar Mendes tinha 44 anos; Gilberto Amado 58, Genolino Amado, 43; Paulo Rónai, 39 e Franklin de Oliveira, o mais jovens deles, com 30 anos.

Referências Bibliográficas

Andersen, Perry. **As Origens da Pós- Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **Modernidade e Revolução**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Novos Estudos Cebrap nº14.

Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovitch). **Problemas da Poética de Dostoiésky**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977, 2º ed. Tradução de Paulo Bezerra.

Benjamim, Walter. **A questão da obra de arte na era de sua reprodutibilidade**. In: *Magia, técnica e arte poética*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Bercito, Sonia de Deus Rodrigues. **Nos Tempos de Getúlio Da Revolução de 30 ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Atual Editora. História em Documentos, 1990.

Berman, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Bolle, Adélia Bezerra Menezes. **A Obra Crítica de Álvaro Lins e sua Função Histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

Bosi, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985.

Buarque, Cristovam et alii. **O Colapso da Modernidade Brasileira e uma proposta alternativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Bürger, Peter. **O Problema da Autonomia da Arte na Sociedade Burguesa**. In: *Teoria da Vanguarda*. Lisboa: Vega, Coleção Veja/Universidade, 1994.

Candido, Antonio. **A Revolução de 30 e a Cultura**. In: **A Educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

.....**A Nova Narrativa**. In: *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

.....**Literatura e Cultura de 1900 a 1945** In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. vol III.

.....**Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

Chauí, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1994.

Castello, José Aderaldo. **Antecedentes do "Manifesto Regionalista de 1926"**. capítulo 2 pg. 41. **Gilberto Freyre: o movimento regionalista e tradicionalista; a sua posição em relação ao modernismo**. capítulo 3 pg. 51. In: José Lins do Rego: *Modernismo e Regionalismo*. São Paulo: Edart Livraria Editora, 1961.

Cavalcante, Maria Neuma Barreto. **Bicho Mau: a gênese de um conto**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Depto. da FFLCH, 1991.

D'Andrea, Moema Selma. **A Tradição re(des)coberta: o pensamento tradicionalista de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e/ou literárias nordestinas**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, IEL, Tese de Doutorado, Unicamp, 1987.

Durham, Eunice. **A Caminho da Cidade - a vida rural e a imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Perspectiva, Col. Debates Ciências Sociais, terceira edição, 1984.

Eagleton, Terry. **A ascensão do Inglês**. In: *Teoria Literária: uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes Editor, 1992.

.....**As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Galery, Ivana Versiana. **A Elaboração Estilística de Sagarana**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: 1981. Vol I, II, III, IV.

Galvão, Walnice Nogueira. **As Formas do Falso. Um Estudo sobre a Ambigüidade no Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

Gomes, Angela de Castro. **A Política Brasileira em Busca da Modernidade: Na Fronteira entre o Público e o Privado.** In: **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Campanhia das Letras, vol. 4, 1998.

Goody, Jack. **The Domestication of the Savage Mind.** Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Jardim, Luís. **Maria Perigosa.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1939.

Jauss, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação À Teoria Literária.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

Lafetá, João Luiz. **1930: A Crítica e o Modernismo.** São Paulo: Duas Cidades, Coleção Espírito Crítico 2000.

Lajolo, Marisa. **O Regionalismo Lobatiano na Contramão do Modernismo.** In: Remate de Males. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, Revista do Departamento de Teoria Literária, 1987.

Leite, Lígia C. Moares. **Regionalismo e Modernidade.** São Paulo: Ed. Ática, Ensaio n 52, 1978.

.....**Velha Praga? Regionalismo Literário Brasileiro.** In: Ana Pizarro (org.) *América Latina, Literatura, Cultura.* Campinas: Unicamp, 1994, v.II

Memmi, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Miller, Geraldo. **Ambivalências da Modernização Agrária.** São Paulo: Cebrap.

Moura, Gerson. **A Campanha do Petróleo.** São Paulo: Ed. Brasiliense. Coleção tudo é História, 1986. Nosso Século 1930 a 1945. A Era Vargas. Abril Cultural 1973.

Pereira, Lúcia Miguel. **Prosa e Ficção.** 1870/1920. In: Lins, Álvaro. *História da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1950, v XII, p. 175.

Projeto Cultural Artistas do Mercosul. Tarsila do Amaral. Buenos Aires: Fundação Finambrás, 1999. p 53.

Tronca, Italo. **A Revolução de 30: A Dominação oculta.** São Paulo, Editora Brasiliense, Coleção Tudo é História, 1982.

Wellek, René e Warren, Austin. **Teoría Literaria.** Madrid: Editora Gredos, 1993, 4ªed.

Resende, Cyro. **Economia Brasileira Contemporânea.** São Paulo: Editora Contexto, Coleção Manuais, 1999.

Santiago, Silviano. **O Entre-lugar do Discurso Latino- americano.** In: *Uma Literatura nos Trópicos.* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

..... **Atração do Mundo- políticas de identidade e de globalização na moderna cultura brasileira.** Inédito, 1995.

Santos, José Luis dos. **O que é cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1994.

Schwarz, Roberto. **Nacional por Subtração.** In: *Que horas São?* São Paulo: Campanhia das Letras, 1987.

Sperber, Suzi Frankl. **Caos e Cosmos.** São Paulo: Duas Cidades, 1978.

.....**Sagarana.** In: Guimarães Rosa: *Signo e Sentimento.* São Paulo: Edit. Ática, Col. Ensaios n 90, 1982.

.....**Tradição e Modernidade.** Inédito, 1996.

Williams, Raymond. **O Campo e a Cidade na História e na Literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Paulo Henrique Britto.

Zilbermam, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura.** São Paulo: Edit. Ática, Série Fundamentos, 1989.

Yatsuda, Enid. **O Caipira e os Outros.** In: Bosi, Alfredo. *Cultura Brasileira. Temas e Situações.* São Paulo: Editora Ática, Série Fundamentos, 1987.

Villon, François. **Poésies de François Villon.** Paris: Corrier Graphique, 1947.

Bibliografia Comentada

de

Sagarana

Depoimento
O Prêmio Humberto de Campos
Marques Rebelo
4 de março de 1939

No final do julgamento das atividades do Concurso Humberto de Campos, Marques Rebelo diz que houve empate quanto ao vencedor do concurso. Ele e Prudente de Moraes Neto votam para *Contos* de Viator; os outros dois jurados, em Maria Perigosa de Luís Jardim. Pelegrino Júnior dá o voto minerva ao último. Marques Rebelo, indignado com o resultado, diz que Viator merecia entrar para a lista de melhores contistas da literatura brasileira.

Folha de Minas
Belo Horizonte
Traços da Personalidade do Atual Chefe de Gabinete do Ministro do Exterior
3 de março de 1946

A sociedade mineira recebe com simpatia a escolha de Guimarães Rosa para o cargo de Gabinete do Ministro do Exterior. Rosa distingui-se também em atividades literárias com *Magma*, livro de poemas que ganhou o concurso da Academia Brasileira de Letras em 1936. A escolha de Guimarães Rosa para o cargo é justa.

Correio da Manhã
Jornal de Crítica
Uma Grande Estréia
Álvaro Lins
12 de abril de 1946

Guimarães Rosa não compõe sua obra como fotografia do interior do Brasil. Apresenta-o com espírito universal, característica responsável pelo valor da obra. O tratamento estético dados aos elementos regionais não permite separar a realidade objetiva da realidade imaginada. O regionalismo sofre processo de estilização, que resulta na temática nacional em expressão universal: *o mundo ainda bárbaro e uniforme do interior valorizado por uma arte civilizada*. Sem preocupação política

ou ideológica, Guimarães Rosa observa o real com espécie de virgindade, o que dá visão ampla e profunda à sua obra.

A Manhã
Marques Rebelo
Sagarana
18 de abril de 1946

De um rol de livros, *Sagarana* torna-se o primeiro da lista, livro raro que compensava as horas dignas perdidas de leitura. O livro tinha a fala da gente mineira, o conhecimento de doenças, de feitiços e quebrantos e de remédios. Prudentinho compartilhava de mesma opinião. Chega o dia do julgamento. Graça desiste de fazer parte do júri por se desentender com os demais membros da comissão. Seis anos depois Viator é apresentado como Guimarães Rosa.

Correio Paulistano
Vida do Rio
Sagarana
José Lins do Rego
26 de abril de 1946

O fato de Álvaro Lins fazer absoluto elogio a *Sagarana* gera comentários de natureza oposta, como a de Augusto Frederico Schmidt, segundo o qual o elogio de Álvaro Lins não é relativo à realidade do livro de Rosa. Pela polêmica que está causando, *Sagarana* é um caso literário. O autor coloca-se a favor de Álvaro Lins, mesmo sem ter lido o livro. O romance e o conto no Brasil andam se repetindo. Não há nada de novo. Pelo que falam Pedro Dantas e Graciliano Ramos, *Sagarana* trata-se de coisa séria.

O Jornal
Sagarana
Agrippino Grieco
26 de abril de 1946

Sagarana é obra regionalista mau construída. O estilo rebuscado sobrepõe-se, humilhando, o assunto. Acusa de escribas de Coimbra os escritores regionalistas quando falam de matutos. Critica o acúmulo de descrições que dão tom professoral e monográfico à narrativa, porque inverte a função da arte, que é de divertir não de ensinar. Desculpa Guimarães Rosa pelo uso de palavras eruditas... Suas personagens não são suficientemente caracterizadas e furtam-se à investigação psicológica. São bons os elementos folclóricos e a ligação entre quadras populares e anedotas.

Correio da Manhã
Nasce um Escritor
Lauro Escorel
28 de abril de 1946

Sagarana compõe-se de nove contos através dos quais o panorama do sertão se estampa. Em *Sagarana* há dois conhecimentos essenciais à criação literária: o conhecimento do assunto e o domínio da língua. A qualidade de Guimarães Rosa é que imprime universalidade em seus contos. Em *Sagarana*, a consciência artística de Rosa se alia à força de humanidade. A Hora é a Vez de Augusto Matraga está destinado a tornar-se conto clássico da literatura brasileira. Está à altura de Afonso Arinos e Monteiro Lobato. As descrições do sertão são admiráveis. Rosa ultrapassa o pitoresco.

Diretrizes
Sagarana
Francisco de Assis Brasil
29 de abril de 1946

Guimarães Rosa escapa da influência do modernismo e de Monteiro Lobato. *Sagarana* revela um escritor que conhece a natureza como um naturalista, que é também poeta. Os leitores, entretanto, ficaram espantados com desleixo e incorreções gramaticais.

Correio da Manhã
Augusto Frederico Schmidt
04 de maio de 1946

Discorda da crítica que julga *Sagarana* livro de estética parnasiana, pelo apuro das descrições. Considera que há no livro a vitória do estilo sobre a matéria representada. O estilo é que confere aos temas a universalidade; amplia o particular: o homem do interior: *uma gente que vive obscuramente, mais que a despeito da ignorância, de abandonada a si mesma, de perseguida pelo ermo, pela solidão, pela desordenada força da natureza. O estilo vence o tema.* A nove histórias compõem um bloco de admirável unidade. Não se vê a natureza no livro, é possível senti-la. *Algo de inconfundível germina nas páginas do livro.* A perspectiva do olhar de Guimarães Rosa não é a de fora, que se limita a espiar, mas a de quem olha de dentro sua matéria, que é parte de si mesmo. Seu olhar descobre o fundo de todas as coisas. *Mostrando-nos sua região tão limitada, G. Rosa nos toca e emociona.* É *estrelante clássico* da nossa literatura.

Correio Paulistano
Cultura e Vida
Em Torno de um Livro Singular
Genolino Amado
05 de maio de 1946

O sucesso legítimo de *Sagarana* só é comparável a *Urupês* de Monteiro Lobato. Seus autor não é desconhecido dos círculos intelectuais. Tem preocupação de produzir literatura de caráter regional. A poesia e o lirismo de *Sagarana* faltam em *Urupês*. Em *Urupês* o elemento típico é visto como motivo de escárnio, com implacável e impiedoso sarcasmo, enquanto que em *Sagarana* é visto com profunda ternura e humanidade. Precisou de uma editora corajosa, que lança em grande tiragem e em bela apresentação.

Folha de Minas

Luis de Bessa
5 de maio de 1946

Sagarana é obra perfeita na forma e na substância. Sua paisagem, quadro realista-naturalista, é mais social, humana que geográfica. Os tipos, admiravelmente ambientados, não são estereótipos; referem de vida e não podem ser transferidos a outras regiões. Os ambientes em que vivem as personagens vão sumir. O trem de ferro e o ford estragam esta paisagem. Foi preciso fixá-la, com *Sagarana*, antes que só ruínas restassem dela.

Correio da Manhã
Altamir de Moura
05 de maio de 1946

Sagarana não é romance, mas denuncia um romancista; não é livro de contos, mas revela um conteur; não é ficção, mas evidencia imaginação de profunda sensibilidade.

O Globo
Sagarana
José Lins do Rego
10 de maio de 1946

A questão de *Sagarana* é saber se traz alguma novidade ao gênero, se a expressão corresponde a alguma realização e se há força na narrativa e vida nas personagens. A forma de Rosa não é nova. É prejudicial a intervenção do autor, que interrompe a narrativa para mostrar erudição botânica e conhecimentos de zoologia. Passa-se da boa literatura à exibição de detalhes que cansam. *Sagarana* é livro imaginativo de contos.

Resistência
J.G. de Araújo Jorge
***Sagarana*, uma estréia definitiva**
11 de maio de 1946

Sagarana é obra tipicamente regionalista. Guimarães Rosa realiza trabalho sonoro e poético com a linguagem. Funde paradoxalmente prosa e poesia. Daí a força e a beleza contagiante da obra. Guimarães Rosa não realiza obra fora do alcance da compreensão do leitor.

Diário Carioca
Sem Autor
Livros Novos
16 de maio de 1946

Sagarana é obra regionalista. O vocabulário constitui a dificuldade da obra. Os contos, quase novelas, possuem diálogos e descrições de romance, que diluem a idéia principal. A originalidade de Guimarães Rosa está na simplicidade complexa de escrever, às vezes, *cansativa e desinteressante* ao leitor da cidade.

Correio da Manhã
Histórias de Itaguará e Cordisburgo
José Cesar Borba
19 de maio de 1946
Entrevista

Em seu apartamento na praia do Russel, Rosa diz que estudou línguas para não se "afogar" na vida do interior. Encontra um russo branco que falava tão bem russo quanto o caipira do interior do Brasil falava português. Rosa julga oportunismo o católico que respeita o comunista, para convertê-lo. Tem repugnância muito mais por aquele que se deixa utilizar do que aqueles que utilizam. O partido comunista é o mais reacionário de todos os partidos, porque quer *suprimir todos os contrastes*. Do tempo em que fica no Rio de Janeiro, de 1934 a 1937, sente saudade de Cordisburgo e resolve escrever *Sagarana*. Como não tinha certeza da importância do livro que fizera resolveu fazer parte do concurso Humberto de Campos. Preso em Baden-Baden dá o livro a Cícero Dias, que o lê e anima-o a publicá-lo. Fez *pouquíssimas* alterações antes

de entregá-lo ao concurso. Angustia-lhe a frase feita. O regionalismo de *Sagarana*, talvez não se trate de gênero, mas de contingência.

Sérgio Milliet
Diário de Notícias
Sagarana
19 de maio de 1946

Em *Sagarana*, há primazia da originalidade sobre o retrato humano, o que resulta na falsa imagem quanto à verticalidade da obra. Seu narrador é sempre distante de seu objeto de representação. Os personagens têm gestos que se reproduzem com fidelidade, mas são caracterizadas pela psicologia convencional e lógica. A imaginação excessiva dilui a tragicidade dos temas. Guimarães Rosa, como Bilac, tira obra prima de suas limitações, mas não irá além do artesanato. É preciso que o sertão chegue até o leitor *com mais crueza, menos artístico, menos anedótico, menos literário*. Rosa deveria ter tirado do sertão *a tragédia humana não o espetáculo*. O melhor conto do livro é Sarapalha. Ao contrário disso, Graciliano se preocupa antes com o ser humano; possui originalidade intrínseca, não exterior e vazia como a de Rosa. *Sagarana* devia ser menos artístico e fotográfico e é grande estréia mais pela promessa do que pela realização. Há superioridade do romance nordestino sobre o paulista, *do romance de fundo, do romance de forma*. Há escritores grandes por vezes na forma.

O Estado de S. Paulo
Plínio Barreto
Bibliografia: *Sagarana*
22 de maio de 1946

Sagarana é livro regional que não registra palavrões; não explora o mal gosto e o mal instinto.

O Estado de S. Paulo

Plínio Barreto
22 de maio de 1946

Guimarães Rosa é síntese de todos os autores regionalistas. Seu realismo é documental. A imaginação é relegada a segundo plano. O trabalho estético compromete o regionalismo. Suas personagens não são compostas segundo realismo ortodoxo. A exuberância vocabular diminui o drama humano. Guimarães Rosa sacrifica tudo pelo efeito. *Sagarana* é aventura estilística. Guimarães Rosa continua a obra de Afonso Arinos.

O Jornal
Série Recortes
Arte e Céu: Países de Primeira Necessidade
Ascendino Leite
26 de maio de 1946
Entrevista

Segunda entrevista de Guimarães Rosa, que afirma, resistindo, que gostaria de ensinar às crianças o idioma falado no céu. Afirma que a arte e o céu são países de primeira necessidade.

Jornal de São Paulo
Luís Washington
Notas de Leitura - *Sagarana*
26 de maio de 1946

Sagarana exprime o homem regional em língua nacional. A intervenção artística compromete o regionalismo. Possui realismo documental. Rosa é síntese dos autores regionalistas como Waldomiro Silveira, Monteiro Lobato e Afonso Arinos, não faz, entretanto, regionalismo fiscalizado.

Revista A Casa
Conversa de Bastidores

Graciliano Ramos
Junho de 1946

Guimarães Rosa revela a Graciliano sua participação no concurso em 1937 sob o pseudônimo de Viator. Graciliano diz ter votado contra *Sagarana*. Graciliano não sente qualquer ressentimento de Rosa. Sugeriu José Olímpio que, se fizessem alguns corte, um bom livro seria publicado. Aponta falhas em *Sagarana*, com as quais Rosa parece concordar. Admira a patifaria e a figura de Lalino Salathiel. Gosta de Joãozinho Bembém e enjoa "*um doutor impossível*" e o namoro de um engenheiro e uma professorinha que considera "*propaganda de soro anti-ofídico*". O livro publicado pela *Universal* ganha paciente depuração. Rosa é escritor anti-modernista, porque repele o improviso. Sua arte é terrivelmente difícil. Seu diálogo aproxima-se da língua do interior. Os contos podem desdobra-se em romances. Declara as intenções de José Olympio em relação ao livro, mas julga que já havia outro editor interessado. Em 1938 havia observado o rigor de Rosa, agora, fixado pelos versos pentassílabos da descrição da marcha aliterada dos bois. Há dissipação naturalista em descrever pormenores. Rosa é *animalista notável* e publicará um romance em 1956, que o autor não lerá, pois seus ossos já estarão a esfacelar-se.

Diário Carioca
Jorge Aia
Sagarana
2 de junho de 1946

Sagarana é livro de caráter acentuadamente regional. Traz contribuição valiosa à literatura regional. Suas descrições agradam ao leitor. O código do narrador se funde ao da personagem. Não há qualquer distanciamento entre criador e criatura. Regionalismo é estilo de época já passado. As preocupações provocadas pelo término da segunda guerra mundial levam a arte ao compromisso com o sentido de universalidade por que o mundo passa. Se *Sagarana* fosse lançado dez anos antes, teria garantida sua imortalidade, como "Urupês" e "O Quinze".

O Globo
Luc
Livros e Autores
5 de junho de 1946

Sagarana fica ignorado por dez anos. Não é livro só de contos; é esboço de romances mineiros. Cada conto equivale a um embrião de romance, que pode ser desenvolvido pelo autor. Os tipos como Lalino Salathiel podem ser objeto de estudo profundo. Há outros contos, mas "O Burrinho Pedrês" já consagraria Guimarães Rosa.

O Globo
O Mundo das Letras
Sagarana
Eloy Pontes
10 de junho de 1946

Sagarana é prova de que existe prosa brasileira. Rosa tem estilo que castiga os humildes. A miséria da roça não tema tristeza da miséria da cidade; é o que demonstra *Sagarana*. *Sagarana* lembra Kipling e Afonso Arinos.

A Manhã
Sagarana
Marques Rebelo
18 de junho 1946

Por ocasião da escolha do vencedor do Concurso Humberto de Campos, o autor elogia Viator como homem conhecedor da terra e do povo. Tenta adivinhar quem está por detrás do pseudônimo e duvida do talento dos escritores que, em hipótese, poderiam tê-lo escrito. *Sagarana* não ficou esquecido. Confirma sua opinião e a de Prudente de Moraes sobre *Sagarana*, quando membros da comissão que consagrou o livro em 1938 no concurso Humberto de Campos.

Unitário
Fortaleza
Uma Tema que Renasce
Braga Monteiro

21 de junho de 1946

Sagarana é livro de contos que, na profundidade, formam uma história só. Seu estilo original, áspero, decorre do gosto pelo termo raro, e expressões regionais e populares. A relação entre *Sagarana* e leitor se dá pela leitura e releitura cautelosa. As personagens se firmam pelo carácter formal e pelo ambiente, não pela análise psicológica. Foi a escassez do tempo de leitura a dificuldade do júri, que acabou premiando um livro bom, mas inferior a *Sagarana*. Outra dificuldade foi a carência de identificação de juiz, obra e julgamento. *Sagarana* resistiu à injustiça. Os elogios da crítica de envergadura contribuíram para seu maior êxito.

Diário de Notícias
Um Neo Regionalista
Aires da Mata Machado Filho
30 de junho de 1946

A preocupação dos modernistas é retratar o homem rural com igualdade, sem dissociar do universalismo de outros homens e de valores literários. Rosa pinta suas personagens à maneira dos românticos. Sacrifica sua fabulação para compor natureza pictórica. Não repete chavões dos românticos. Enumeração exaustiva e excesso de estilização sobrecarregam a limpidez do conto. Não tem preocupação romântica nem sertaneja de eleger o tipo nacional. Não trata vida rural com lirismo. Trai ressentimentos pessoais.

Correio da Manhã
Sagarana
Renato Almeida
30 de junho de 1946

Guimarães Rosa cria literatura depoimento do drama nacional. Há um corte na alma transversal do homem do interior, que primitivo e incapaz de absorver o real como se apresenta, foge da realidade, elevando-a às categorias espirituais. É preciso, ao invés de melhorar o padrão de vida na cidade, marchar ao interior do Brasil de uma maneira

racional para tirar o homem do interior da ignorância, do círculo vicioso da alimentação, da maleita, do conformismo e transformá-lo em esteio, proveitoso para sociedade.

Revista "Alterosas" nº 75
Um Livro Para Você
Cristiano Linhares
julho de 46

Sagarana é obra de verdadeira prosa, não da prosa dos modernistas falsa e sem vida. Rosa é bom quanto Monteiro Lobato. Leitor se reconhece em *Sagarana*. Rosa sabe das existência de bichos e da vida sertaneja.

Revista Carioca
Luís Maranhão
1 de julho de 1946

Guimarães Rosa não usa mão de recursos extravagantes para buscar efeitos que raramente atingem compreensão do leitor. *Sagarana* é livro regional. Guimarães Rosa foge dos clássicos sem romper com a boa linguagem. Fixa panorama regional com conhecimentos curiosos da vida do povo, de hábitos pouco conhecidos. Seu regionalismo é feito sem ligação a grupos ou escolas, sem obrigação de imitar processos. *Representa a realidade mineira sem estereótipo de pobre e de coitada.*

Gazeta de Paraopeba
Sagarana
7 de julho de 1946

Sagarana é livro importante, porque tem condições de ser entendido pelos pequenos e pelos grandes.

O Diário
João Camilo de Oliveira Tôrres

Sagarana

7 de julho de 1946

Sagarana é livro de contos regionais com estrutura romanesca. Isto obrigaria Guimarães Rosa a iniciar série de romances regionais chamada "Ciclo de Couro". Deve aproveitar alguns contos de *Sagarana*. *Sagarana* é livro em que se conjugam regional, local e o geral civilizado da língua. O vocabulário regional de *Sagarana* deve ser incorporado ao sistema lingüístico. José Lins do Rego é patético; é triste sua concepção de existência. Rosa disfarça a tragédia e alcança o burlesco. Sua literatura é igual à de Lúcio Cardoso.

O Cruzeiro

Hélio Fernandes

Sagarana e a Crítica

8 de julho de 1946

A literatura de Guimarães Rosa não passa de anedotas e causos pitorescos. *Sagarana* não é obra de arte. Guimarães Rosa escreve livro de casos acontecidos em Minas, quando a tendência da arte é tornar-se cada vez mais universal, longe do tratamento individual das questões humanas. Não se deve renunciar as conquistas da modernidade para ouvir anedota de "O Burrinho Pedrês". Quem foi elogiado pela crítica: Guimarães Rosa, autor de *Sagarana*, ou o Secretário do Ministério das Relações Exteriores?

Diário de Notícias

A Arte de Contar em *Sagarana*

Paulo Rónai

14 de julho de 1946

Há o regionalismo decorrente de execução técnica e regras de composição e o regionalismo com preocupação de transmitir mensagem humana, o que o torna não um fim, mas um obstáculo à realização da produção universalista. Guimarães Rosa produz o segundo tipo. A arte de contar em *Sagarana* lembra narrativas épicas,

diferentes das breves. Sua arte consciente de construção se disfarça em naturalidade. A ficção de Rosa encaminha expectativa do leitor ao desfecho previsto; finaliza-o, entretanto, de outra forma, não menos patética e trágica.

O Diário
Belo Horizonte
Alma dos Livros
Recomeçando
Oscar Mendes
14 de julho de 1946

Há o regionalismo que registra linguagem do caipira e aquele que registra local e costumes em particularidade, fazendo viver o drama universal da condição humana. Há escritores regionalistas que se ocupam da descrição de meios exóticos. Outros localizam suas histórias nas cidades, províncias e regiões em que vivem. Há os regionalistas clássicos, especialistas na descrição de grupos fechados. A questão do regionalismo não é estabelecer limites, mas o mergulho em profundidade do escritor e a universalidade de sua expressão artística.

Diário Crítico
Leituras Avulsas
O Jornal
Sagarana
Antonio Candido
21 de julho de 1946

O êxito de *Sagarana* esta preso às relações do público com o problema do regionalismo e do nacionalismo. A literatura regional acontece em extremo federalismo. A reviravolta econômica nos grandes estados em 29 provoca a descentralização do federalismo, que dá lugar ao desenvolvimento da indústria. Do *bairrismo*, passa-se ao sentimento de todo. *Sagarana* significa a volta do regionalismo do centro. Não é livro regional. Não existe região nenhuma igual à sua. É universal pelo alcance e coesão de fatura. Nele, Minas não é região do Brasil; é região da arte.

Seu sistema fito-zoológico obedece ao critério da Arca de Noé. Rosa parte de elementos que geralmente encaminhariam-no ao fracasso: o tema regionalista, o léxico, as descrições e o capricho oratório do estilo, mas *construiu um regionalismo muito mais autêntico e duradouro, porque criou uma experiência total em que o pitoresco e o exótico são animados pela graça de um movimento interior em que se desfazem as relações de sujeito e objeto para ficar a obra de arte como integração total da experiência*. Sagarana é desdem à convenção. Rosa é contista-contador que quebra a espinha das histórias, enfatizando as histórias secundárias. Sagarana não é bloco unido. Rosa nem sempre escapou do *pendor verboso*. Sua obra prima é Augusto Matraga.

Sérgio Milliet
Diário de Notícias
Leituras Avulsas
21 de julho de 1946

A universalidade de uma obra consiste no fato de não perder sua força e sua significação na passagem de um idioma o outro, para comunicar o estranho e comovê-lo da essência da terra. Este não seria o caso de Sagarana. Sagarana não é capaz de interessar ao leitor estrangeiro. A criação de Guimarães Rosa ocorre em horizontalidade, não em profundidade. *O efeito estético sobrepuja no escritor o desejo de expressão profunda.*

O Estado
Fortaleza
Os Mineiros dão o Exemplo
Stenio Lopes
28 de julho de 1946

O que mais surpreende em Guimarães Rosa é o trabalho de frases, que completam o sentido de descrições. O estilo é que faz a literatura de Guimarães Rosa.

O Estado de S. Paulo

Sagarana
Wilson Martins
29 de julho de 1946

Guimarães Rosa com *Sagarana* inicia novo período na literatura brasileira. Guimarães Rosa tem escrita talhada para o conto; não tem fôlego largo e profundo para o romance. A monotonia é problema sério que põe em risco a sua carreira. É preciso imaginação e estilo para sustentar livro diferente de *Sagarana*. A descrição barroca e pirotécnica prejudica a sugestão, principal característica de Rosa e, também, criadora da rede de mal entendidos sobre sua obra.

A Tribuna
Dois Magníficos Livros
Albertino Monteiro
1 de setembro de 1946

Sagarana e *Processo Maurizius* são livros dessemelhantes. O primeiro eleva a natureza à expressão irracional; coloca homens e dramas num plano decorativo, raso e despido de humanidade. O segundo funda a natureza na criatura humana no contexto da civilização. Os dois livros não poderiam deixar de ser escritos em seus espaços. No Brasil, as obras de ficção de homens em estado de simplicidade não encontram profundidade. Na Alemanha, não é preciso efeito estético como elemento catártico para tocar o sentimento mais íntimo do homem.

O Jornal
Notas de Crítica Literária
Conversa Fiada
Antonio Candido
1º de setembro de 1946

Depois de ler *A Hora e Vez de Augusto Matraga* pela terceira vez, confirma a opinião da primeira: de que é *A Hora e Vez de Augusto Matraga* um dos dez melhores de língua portuguesa de mais gosta. Esta afirmação foi feita antes com leitura crítica do que, com entusiasmo, Álvaro Lins foi o primeiro a indicá-lo como obra prima.

O Estado de S. Paulo
Alcântara Silveira
Garimpos e Vaqueiros
14 de novembro de 1946

As diferenças entre Guimarães Rosa e José Mauro de Vasconcelos, um funcionário do Itamarati e outro apenas escritor, influenciaram na publicação de *Sagarana* e *Banana Brava*. Seus livros contém tecnicamente pouco de extraordinário, sobretudo Rosa que repete o que fez Afonso Arinos. A recepção fica restrita ao leitor dos centros urbanos que não conhece a vida do interior. A extensão das histórias é o que prejudica *Sagarana*. Não têm relação com a história central. Rosa não deve publicar livros de propaganda depois de ter tido prefácio de medalhão.

Diário de Notícias
Sagarana
Olívio Montenegro
17 de novembro de 1946

Surge a segunda edição de *Sagarana*. O livro frustra a poesia do título. Guimarães Rosa nem sempre é fiel à idéia, à paisagem mineira. Há desvios de ação dramática e de poesia em virtude do abuso de detalhes descritivos. São coqueteria os efeitos poéticos de *Sagarana*. Trechos longos afetam o conteúdo da história e tiram a atenção do leitor. É difícil ler *Sagarana* sem glossário. Não há como separar efeitos de detalhes dos de conjunto. A palavra salta para a frase, limitando-se à convenção de som e cor.

Fon Fon
Os Livros
Lasinha Luis Carlos de Caldas Brito
28 de dezembro de 1946

Enquanto Euclides da Cunha descreve o sertão, Guimarães Rosa é o próprio sertão. A vida literária brasileira está dividida em duas partes: antes e depois de *Sagarana*.

O Cruzeiro

O ano literário

Hélio Fernandez

11 de janeiro de 1947

Apesar da barra de fogo feita pelos críticos Globe Trotters para protegê-lo, *Sagarana* impôs-se por si mesmo como livro do ano. A crítica literária tem falta de profissionalismo. Age por interesse pessoal. Cria grupo em cada jornal e não publica escritores que não façam parte da "*Sociedade Amigos Álvaro Lins*".

Jornal de São Paulo

Manoel Cerqueira Leite

Sagarana

1 de fevereiro de 1947

Rosa cria língua brasileira nova. Narrador contador de histórias andam juntos em *Sagarana*. No livro há fusão de duas linhas: a espiritual e a lingüística.

O Estado de S. Paulo

Sagarana

Basílio de Guimarães Rosa

22 de março de 1947

O trabalho de Guimarães Rosa é a continuação do trabalho de Afonso Arinos.

A Manhã

A Língua da Esfinge

Candido A. Mendes de Almeida

4 de maio de 1947

O movimento modernista encerra cópia dos padrões europeus. Cria um homem brasileiro e desaparece com o universal. Escrever é superior a qualquer critério tranquilizador. Só haverá nova escola literária, quando se perturbar a relação entre matéria e prosa, criando forma de pensar e sentir. *Sagarana* tem essa originalidade.

Gazeta de Limeira

Livros e Autores

Sagarana

Luís Tenório de Brito

16 de julho de 1948

Sagarana é livro regional. Retrata com exatidão e requinte os detalhes da vida sertaneja, o preconceito, a moral rígida em todas as classes sociais, que só o trabalho educativo pode modificar. Quando superadas as questões de vida sertaneja, *Sagarana* será livro de lendas e folclores às gerações futuras. Rosa transmite personagens com bom humor. Monteiro Lobato com pessimismo. José Lins do Rego e Jorge Amado com palavras feias e linguagem incorreta. Guimarães Rosa vê os problemas sociais quando se refere em *Sagarana* à imigração dos trabalhadores rurais para São Paulo.

Livros de 30 dias

J. Guimarães Rosa

***Sagarana*. Liv. José Olympio Editora**

1951

Sagarana sai em terceira edição. Deveria estar em décima. Rosa é escritor nato como Monteiro Lobato. Superior a este em muitos pontos. Rosa escreve *Sagarana* como desabafo nostálgico do mato. A vida do interior foi fase de coleta do material. O autor se documenta, enquanto o médico vai sendo enterrado. Refugia-se na zoologia, na botânica. Classifica tudo o que encontra. Depois viaja e conhece o mundo. Da lembrança disso é que compõe sua obra.

Libros de Hoy

Buenos Aires
1951

Guimarães Rosa cria língua mítica com invenções artísticas, música verbal e elemento imaginativo. Esta técnica dá origem a uma espécie de pensamento novo, de lógica simbólica e de signos com desdobramento ilimitado de significados. O resultado é a força mágica e cósmica da obra.

Tribuna de Imprensa
Paulo de Castro
11 de novembro de 1951

Sagarana em terceira edição. Seus contos podem ser desenvolvidos em romances como acontece com *Eça de Queiroz*. Pode-se comparar Guimarães Rosa a Miguel Torga, melhor escritor da Europa.

Folha de Minas
Sagarana
Franklin Sales
14 de novembro de 1951

Sagarana sai em terceira edição com capa de Santa Rosa. É dos maiores dispautes comparar *Sagarana* a "Os Sertões" e "Macunaima". *Sagarana* é livro que ficou na literatura brasileira. Rosa estuda folclore, a linguagem do povo; e faz trabalho erudito. Macunaima reduz-se ao paciente arranjo de estranho dialeto ao leitor que o lê sem o fascínio que Mário de Andrade exercia sobre o grupo. A leitura de *Sagarana* é sinal de sua consagração.

Correio da Noite
Sem data
Correio Literário
Livros e Notícias
Welly Levin
21 de dezembro de 1951

Sagarana sai em terceira edição. Rosa teria composto o livro nos intervalos diplomáticos. Com a consagração de *Sagarana*, Rosa pode intitular o sucesso que de certa maneira fora conturbado por falta de atenção.

Correio da Manhã

Sagarana

Sérgio Milliet

22 de dezembro de 1951

Rosa é um dos melhores escritores da língua portuguesa pelo trabalho com o vocabulário regional e formas sintáticas. Um mero deslocamento sintático transforma português em legítimo brasileiro. A objetividade de Guimarães Rosa induzi-o ao convencionalismo psicológico de suas personagens, não de seu trabalho estético. Seu narrador é artista. O episódio e o enredo são pretextos para jogar com soluções literárias. Certas páginas de Rosa fazem o que melhor pôde ser escrito em *língua brasileira*, tanto pelo regionalismo como pelas nossa formas características. *Sagarana* é obra prima em estilo. Tem equilíbrio de composição, capacidade de concisão e expressão, quem lembram Machado de Assis e Kipling. *Alude ao convencionalismo do tema e da psicologia, por vezes*. Em relação estilo, há *acordes* do vocabulário, musicalidade, nada convencionais. Os cuidados de Rosa são, de certa forma, parnasianos: amor à palavra certa, marcação exata do ritmo, que nascem da necessidade, sem obedecer à regra nenhuma. Em épocas apressadas, ler três vezes *Sagarana* permite que pouco a pouco lhe alcance a importância.

A Tribuna

Santos

Alvaro Augusto Lopes

23 de dezembro de 1951

Sagarana é obra regionalista bem elaborada. Sua história é curiosa. Premiada no Concurso Humberto de Campos, apoiado por José Olympio, teve sua prova de identidade do autor extraviada e os originais permaneceram à espera da verificação

para serem publicados. Guimarães Rosa, ignorando este fato, entrega o livro a outros editores interessados. Apesar de já publicado, a terceira edição é quase uma estréia. *Sagarana* inicia tempo de bons escritores. Rosa é um deles.

O Jornal
Homens, Coisas e Letras
Sagarana
José Lins do Rego
23 de dezembro de 1951

Sagarana é livro regional que traz novas expressões à língua nacional, mistura de sintaxe elaborada e força popular. Possui páginas inúteis. O trabalho lingüístico trai as origens do escritor.

Correio da Manhã
A Saga de Rosa
Augusto Frederico Schmidt
18 de janeiro de 1952

O que está oculto em *Sagarana*, sua armação, é tão bom quanto o que pode ser mostrado. O que não se encontra em Lobato, encontra-se em *Sagarana*. Não registra imagens como aparecem na realidade, mas com olhar que a recolhe. Rosa é enganadoramente cordial e aberto. Esconde-se, e prefere observar e compreender a exibir-se ou representar. No tempo de desalento, tanta desconfiança no destino brasileiro é consolador o contato com a obra com a *matéria mais enraizada* que temos para apresentar na literatura mundial.

Anhembi
Paulo Duarte
Fevereiro de 1952

Sagarana surge do desabafo. Desabafo de recordação. Sem "O Burrinho Pedrês", *Sagarana* fica aleijado.

Jornal do Brasil
Joaquim Thomaz
Registro Literário
13 de fevereiro de 1952

A originalidade de *Sagarana* está na maneira de contar, sobretudo através da técnica do diálogo. A personagem tipo de melhor composição é Timpim Vinte-e-Um. *Sagarana* valoriza a ficção moderna sem perder o sentido clássico, repudiado pelos modernistas. Guimarães Rosa surge experiente de forma e técnica. A terceira edição do livro evidencia a curiosidade que o livro regionalista desperta.

Correio Paulistano
Vida Literária
***Sagarana*.**
Nelson Werneck Sodré
9 de março de 1952

Sagarana foi vítima de circunstâncias de equívoco que pareciam fatais, mas foi reconhecido seu sucesso. Na ocasião do Concurso Humberto de Campos, a identificação do autor o original foi extraviado, o que fez com que um membro da comissão deixasse-o de lado, não dando importância ao nome do autor do livro. O livro superou o julgamento apressado da crítica.

Boletim Cultural
Wilson Accioly
15 de março de 1952

Surge a quarta edição de *Sagarana*, livro universalista de cunho regionalista.

Correio Paulistano
Sem autor
1 de abril de 1952

Sagarana é obra regional, composta com absoluta riqueza de detalhes.

Diário de Notícias
Letras e Problemas Universais
A Descoberta do Eu
20 de abril de 1952

Guimarães Rosa e Gustavo Corção são os maiores e únicas revelações da fase final do Modernismo. O primeiro só ficou na estréia, embora esteja burilando outro volume de contos regionais. Os dois escritores rompem com a improvisação. O cuidado com as palavras não se confunde com o culto parnasiano.

Correio Paulistano
Vida Literária
Sagarana
Nelson Werneck Sodré
1 de junho de 1952

Guimarães Rosa movimenta suas criaturas com vida efetiva. Seu trabalho com a língua, entretanto, é motivo à parte dentro da obra. Os recursos utilizados constituem o perigo de afastar o público de *Sagarana*, como se o autor escrevesse para alguns, afastando-se dos elementos com que cria sua obra. *Sagarana* é campo de pesquisa ao estudioso de língua, regionalismo, folclore etc. Guimarães Rosa é superior a Afonso Arinos.

Comício
Resumo de Conferência
Gilberto Amado
12 de setembro de 1952

Rosa liberta-se do regionalismo pela profundidade do olhar que apanha sua gente mineira. Registra o bem e mal e realiza excelente trabalho de representação literária.

Ocidente

Revista Portuguesa Mensal vol 43, 175
João de Castro Osório
Novembro de 1952

O objetivo da revista é divulgar livros cujas publicação fica submergida pela propaganda e pelos maus livros. Guimarães Rosa é dos mais importantes novelistas da literatura de Língua Portuguesa. "*O Burrinho Pedrês*" é novela menos forte do livro. Apresenta falta de unidade e de elevação temática humana. "*A Hora e Vez de Augusto Matraga*" e "*A Volta do marido Pródigo*" são as melhores novelas do livro.

Revista Diálogo
Dora Ferreira da Silva
***Sagarana* e o sentimento de natureza**
Fevereiro de 1954

Sagarana fornece espacialidade livre que permite a transição vital que liga o homem a todas as coisas, tornando-o um elemento entre os outros elementos em continuidade. *Sagarana* é retábulo, em que duas experiências se completam: a do homem sertanejo, cuja psique não se irradicou; que continua no sentimento da natureza, e as experiências da religiosidade natural, que o faz participar de um mistério maior.

A Noite
Sem autor
22 de abril de 1955

Sagarana é um dos livros que levaria caso estivesse numa ilha deserta.

Diário de Notícias
Tristão de Athayde
26 de junho de 1955

Afrânio Coutinho e Temístocles Linhares fazem radiografia do romance brasileiro. De 78 cadernos resulta um primeiro lugar com menções honrosas. O produto analisado é

fraco; longe de ser comparável à segunda geração do modernismo Graciliano e nem ao menos à terceira com Guimarães Rosa e Gustavo Corção.

Correio da Manhã
Arca de Noé
28 de junho de 1955

Sagarana é livro de deveria sobreviver ao dilúvio da Arca de Noé.

O Cruzeiro
Rachel de Queiroz
Última Página
2 de julho de 1955

Em carta a Guimarães Rosa, autora admite não conseguir fazer literatura de sua região, porque lhe escapam o selo e o perfume da realidade no momento da composição, resultando num texto fraco e falsificado.

Ver Apêndice

Correio da Manhã
Arca de Noé
Thiago de Mello
12 de agosto de 1955

Sagarana é um dos livros que deveriam figurar na Arca de Noé.

O Jornal
Sagarana
Rosemar Pimentel
15 de janeiro de 1956

Sagarana é livro universal. O mongol, o londrino, o negro do Harlem entenderão e amarão o Burrinho Pedrês. Todos irão compreendê-lo.

Diário de Notícias
Geir de Campos
11 de fevereiro de 1956

O trabalho que resulta na versão definitiva de *Sagarana* não desfigura o livro; conserva sua fisionomia autêntica e profunda.

Jornal do Comércio
Livros Novos
18 de março de 1956

Sagarana é obra regionalista. O trabalho com o idioma é o principal elemento de Rosa. *Sagarana* tem intertextos com a literatura clássica.

Diário da Noite
São Paulo
24 de março de 1956

Os contos de *Sagarana* estão em forma definitiva na quarta edição. Guimarães Rosa lançará *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*.

O Diário
Belo Horizonte
4 de abril de 1956

A crítica de Álvaro Lins favorável a *Sagarana* faz crescer a popularidade do livro, que está na quarta edição. Guimarães Rosa anuncia a publicação de *Corpo de Baile*.

Jornal Literário
O Estado de S. Paulo
5 de abril de 1956

Guimarães Rosa converte-se em crítico de seu próprio trabalho, quando retorna a *Sagarana* para aperfeiçoar-lhe diversas passagens como por exemplo nos contos "*A Volta do Marido Pródigo*" e "*Minha Gente*", em que havia erros e discrepâncias.

Tribuna de Imprensa
O Primeiro Editor de *Sagarana*
10 de abril de 1956

Caio Pinheiro, dono da editora universal, foi o primeiro editor de *Sagarana*. *Sagarana* já havia sido oferecido a José Olympio Editora, que se negou a publicá-lo, porque era livro de contos, anti-comercial e grande.

Correio da Manhã
Nova Edição de *Sagarana* de Guimarães Rosa
28 de abril de 1956

Guimarães Rosa faz revisão do livro para apurar-lhe o estilo. Este trabalho lhe dá êxito porque introduz o elemento artístico no regionalismo brasileiro. Rosa não repete clichês românticos e nem apresenta visão desprezível e miserável do sertanejo.

Jornal do Brasil
Literatura Contemporânea
Antologia de Bolso
Reynaldo Jardim
20 de maio de 1956

Transcreve fragmentos do conto "*Burrinho Pedrês*" de *Sagarana*.

Estado de Minas
Jornal Literário
Sagarana
M.R.L.
2 de junho de 1956

Rosa tem sido o autor mais comentado da literatura em virtude da publicação da quarta edição de *Sagarana* e do lançamento de *Corpo de Baile*. Rosa tem o dom do universalismo dentro do profundo regionalismo. Seu objeto é o próprio homem em conflito, com suas paixões dominantes do meio. Registra estudo psicológico do tipo focalizado. A técnica de sua narrativa está aliada à técnica de cortes cinematográfica.

Vozes de Petrópolis

Bibliografia

Letras Nacionais

maio/junho de 1956

Rosa não é verbalista e populista, como considera Tristão de Athayde. Rosa é excepcional *conteur* regionalista. Seria curioso em saber como seria a recepção de *Sagarana* pelos portugueses.

Diário da Noite

Recife

Cezário de Mello

19 de julho de 1956

Rosa aperfeiçoa *Sagarana* que sai em versão definitiva. A obra não foi desfigurada. O leitor deve reler a obra para verificar quais os erros que escaparam na versão anterior. Rosa lembra Mário de Andrade no estilo, mas não herdou deste o exaltado nacionalismo.

Tristão de Athayde

Evolução do conto no Brasil

O Conto Neo-Modernista

19 de agosto de 1956

O conto é o gênero preferido da maioria dos prosadores modernos. Guimarães Rosa merece especial atenção porque liga pólos opostos: regionalismo, universalismo, formalistas e socializantes. Em *Sagarana*, o regionalismo, natureza particular, é

localismo apenas aparente; o que surge no fundo dos traços é preocupação filosófica, universal.

O Jornal
sem autor
25 de novembro de 1956

Sagarana sai em quarta edição definitiva. Rosa não deixou que o livro fosse ao prelo sem revisão. Encontra erros e discrepâncias em relação ao original. As alterações não desfiguram o livro. Revelam aspectos da criação de Rosa. As terceiras e quartas edições interessam ao estudioso de estilística.

Tribuna do Norte
Pindamonhangaba
Linguagem Telúrica
10 de março de 1957

Pode-se ver o Brasil nas páginas telúricas de *Sagarana*.

Jornal do Comércio
Sagarana
João Vasconcelos
31 de março de 1957

Sagarana, em quarta edição com capa de Poty, é uma das vitórias da José Olympio Editora. Guimarães Rosa e Fialho D'Almeida têm estilos diferentes, mas assemelham-se na paciência minuciosa e no trabalho com a palavra. *Sagarana* é pesado aos leitores que não têm sensibilidade e cultura literária. Citar *Sagarana* virou moda; o que não quer dizer que a leitura da obra ocorreu, devido às dificuldades. A finalidade de Rosa é a palavra; o enredo é pretexto.

Correio da Manhã
Guimarães Rosa não é escritor Regionalista
Adolfo Casais Monteiro

8 de março de 1958

Chamar Rosa de escritor regionalista é recusá-lo como universal. O autor regionalista insere-se na categoria de registrar com exatidão aquilo que é peculiar a uma região. O escritor sempre exprime uma região na obra, é errado supor, entretanto, que ele, escritor, seja expressão desse meio. Quando a localização é secundária, dá valor a autenticidade humana. Uma vez esquecido o pitoresco, não há regionalismo. Isso é o que acontece com Rosa. A crítica tem se preocupado com o regionalismo de duas maneiras: ora sobrevaloriza-o ora considera-o onde não está. *Não é o assunto que determina o regionalismo.* Em *Sagarana*, Rosa estava com um pé no regional e um pé no universal. Há contos em que não se percebe a preocupação humana. Neles o assunto é pretexto de trabalhar o estilo. Há na primeira edição de *Sagarana* desigualdades que impedem de ter o otimismo de certos críticos. Só em *Corpo de Baile* e *Grande Sertão* Rosa mostra que não se tornou um escritor que cultiva estilo pelo estilo, alheio à lógica, e de explosões poéticas. A prosa de Rosa é realidade.

O Diário

Belo Horizonte

A Quinta Edição de *Sagarana*

Jornal Lux

27 de maio de 1958

A quinta edição de *Sagarana* está duplamente valorizada: está retocada por Guimarães Rosa e tem ilustrações de Poty. Rosa teve sua obra discutida por críticos de renome. A Revista Diálogo consagra-lhe um número especial.

Revista da Semana

As Estórias Simples de Guimarães Rosa

31 de maio de 1958

Sagarana teve ampla aceitação em 1946. A sexta edição está em versão definitiva. Embora *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas* sejam as obras preferidas do noticiário, o autor prefere *Sagarana*, porque é obra sem complexidades e de fácil acesso ao leitor comum, que lê para passar o tempo. Há comunhão entre obra e leitor. O narrador de *Grande Sertão: Veredas* é faca de dois gumes, enquanto que o *Sagarana* narra histórias simples e belíssimas.

Correio da Manhã
Livros da Semana
Sagarana
31 de maio de 1958

Sagarana sai em quinta edição com capas de Poty. *Sagarana* não ganha concurso Humberto de Campos porque talvez alguns membros do júri refugassem seu estilo. Graciliano fala bem de *Sagarana* na crônica que será publicada em *Angústia*. *Sagarana* não é livro de fácil acesso, como julga a crítica, ainda que sua revolução lingüística não vá ao extremo com em *Grande Sertão: Veredas*. A receptividade do livro mostra que o medievalismo sertanejo de Rosa pode ter perfeita ressonância na alma popular, sem ficar circunscrito no culto. Rosa não é escritor regional.

Correio da Manhã
Escritores e Livros
***Sagarana*: Recorde**
1 de junho de 1958

Lançamento de *Sagarana* com ilustrações de Poty.

Folha da Manhã
Livros, Autores e Fatos
Guimarães Rosa, Nova Edição de *Sagarana*
sem autor
1 de junho de 1958

José Olympio lança *Sagarana* em versão definitiva. Edição valorizada pelas ilustrações de Poty, trabalho de beleza e profunda expressão relativo à temática de Minas Gerais. O êxito de *Sagarana* reside na capacidade artística de Rosa quanto à recriação da arte, posta nos elementos fundamentais da ficção: água, planta, aves, bichos, terras; todos, atributos do homem brasileiro.

Correio da Manhã
Carlos Drummond de Andrade
Imagens da Semana: Carta
8 de junho de 1958

Sagarana é livro que se lê com devoção e delícia de descobrir sutilezas. É livro de fonte inesgotável. Fui sempre nele a *linfa cantarina de histórias da alma e da terra*.
Ver apêndice

Correio da Manhã
Gilberto Amado - Genebra
Notas sobre *Sagarana*
8 de junho de 1958

O humor e o lirismo estão juntos em "Minha Gente" e "A Volta do Marido Pródigo".
Sagarana é livro que mergulha no Brasil.

Correio da Manhã
Gilberto Amado
Notas sobre *Sagarana* de Guimarães Rosa
5 de julho de 1958

A magistralidade de Rosa está na independência, na previsibilidade e no lirismo com que enfrenta o objeto que descreve, fixa e sugere idéia.

Correio da Manhã
Gilberto Amado
Notas sobre *Sagarana* de Guimarães Rosa

12 de julho de 1958

Rosa transfere com força a realidade para sua obra. Há mais Brasil em *Sagarana* do que o Brasil das cidades.

Diário de Notícias

Lux Jornal

Rosarana

J.L.Villeroy França

7 de setembro de 1958

Sagarana é livro que faz movimento contrário à pré-fabricação das coisas, da literatura "nescafé" e dos métodos subliminais de enfraquecimento da sensibilidade das massas. É livro que obriga o leitor a pensar. Rosa faz regionalismos do sertão mineiro, não da crueldade como fizeram os nordestinos. Está presente em *Sagarana* unidade musical wagneriana.

Correio da Manhã

Franklin de Oliveira

Livro de Mesa

As Epígrafes

25 de outubro de 1958

Usada por Walter Scott e intensificadas pelos românticos, as epígrafes não são artifício inócuo, antes, apresentam função, sentido e coerência interna na estrutura de composição de *Sagarana* e de *Corpo de Baile*, porque indicam o sentido que as intenções do autor no desenrolar da narrativa. São uma espécie de *formulação algébrica das histórias. Acusam o que vai vir, condensam a dimensão metafísica.* Funcionam como *fronteira superior, o teto transcendente das histórias.* Indicam o ideário do autor oculto na trama. É preciso considerar também as quadras internas e as historietas, sub-novelas autônomas, como, por exemplo, o pretinho de O Burrinho Pedrês e Tiãozinho de Conversa de Bois. Tais recursos modelam a história, resultando numa unidade superior de *Sagarana*. As epígrafes também têm a finalidade de ligar o

princípio ao fim das histórias, como dísticos morais e fábulas. *Cada novela deve ser lida como capítulo do romance. Em Sagarana tudo está magistralmente ordenado.* O burrinho incorpora do tema de *Upanishadas*, *conhecimento da identidade do eu como ser universal.* A escuridão possui função simbólica dentro do texto, símbolo das forças do inconsciente, do instinto, via através da qual o homem chega ao centro da vida, ao centro do universo.

Correio da Manhã
Raul Conrado
"Sarapalha"
29 de agosto de 1959

A mensagem do conto "Sarapalha" fica diluída no recortar da história.

Correio da Manhã
Raul Conrado
Burrinho Pedrês: esboço de uma interpretação
21 de novembro de 1959

A personagem Sete de Ouro simboliza o deus Mithra. A finalidade dessa personagem é a salvação. A salvação é união a Deus.

Correio da Manhã
Raul Conrado
"A Volta do Marido Pródigo"
21 de novembro de 1959

Resumo da novela *"A Volta do Marido Pródigo"*.

A Turbina n 97
Revista Mensal Editada pelo Depto de Rel. Públicas Rio Light S.A.
Livros e Cinemas
Setembro/ Outubro de 1962

Sagarana inicia período caracterizado pela pesquisa e ineditismo na linguagem. Suas novelas retratam o mundo do sertão, seu lirismo e sua filosofia especial. *Sagarana* é o livro que se recomenda ao leitor de bom gosto.

Diário de Notícias
Rosa dos Ventos
II Segunda Crônica
Odorico Tavares
28 de julho de 1963

O temor de Álvaro Lins não era arriscar-se ao lançar *Sagarana*. Estava certo da importância do livro. Temia que sua influência tirasse o brilho próprio da obra.

Diário de Notícias
Rio de Janeiro
Notícias do Livro
Eneida
7 de março de 1964

Sagarana, publicado em 46, é o livro através do qual a José Olympio Editora lança sua Coleção *Sagarana*.

Jornal do Brasil
Literatura
***Sagarana* em Sexta Edição**
Lago Burnett
11 de março de 1964

Sagarana em sexta edição é enriquecido pelas ilustrações de Poty. Guimarães Rosa se coloca pela estilística e pela temática entre os maiores da literatura brasileira. A paisagem do sertão está fixada na prosa ritmada, cantante e onomatopaica de Rosa. Ganhou o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra. Está sendo traduzido na França, Portugal, Estados Unidos etc. Rosa está profundamente ligado às raízes da terra, cujo registro transcende a bitola nacional para alcançar o universalismo.

Diário de Notícias
Encontro Nacional
O Livro da Semana: Sagarana
Eneida
14 de março de 1964

Sagarana aparece em 1961. É difícil escrever sobre obra de Guimarães Rosa. Há estudo sobre a obra de Guimarães Rosa.

Jornal do Comércio
Rio de Janeiro
Gazetilha Literária
18 de março de 1964

Sagarana inaugura a nova coleção da José Olympio. *Sagarana* dá contribuição técnica e lingüística à literatura brasileira.

Correio da Manhã
Coleção *Sagarana*
Homero Senna
21 de março de 1964

Sagarana é livro de histórias de pura ficção que se mistura com elementos folclóricos, valorizados pelo estilo originalíssimo de Guimarães Rosa. *Sagarana* não designa só o livro, mas a Coleção criada pelo editor José Olympio.

Diário de São Paulo
Guimarães. Nova Edição de *Sagarana*
D.C.S.
29 de março de 1964

A popularidade e o prestígio de Rosa sobem tanto que seus livros têm repetidas edições. A Editora José Olympio publica a sexta edição de *Sagarana* com ilustração de Poty.

O Jornal
Sem autor
29 de março de 1964

Sagarana está em sexta edição. É imprescindível na estante.

O Estado de S. Paulo
sem autor
29 de março de 1964

Sagarana livro composto de nove histórias.

Correio da Manhã
Livros da Semana
11 de abril de 1964

Sagarana é reeditado. Aos menos avisados, seu estilo parece língua de turco que, para ser assimilada, basta apurar o ouvido e sentir a música e a poesia de sua frase.

A Gazeta
Coleção *Sagarana*
11 de abril de 1964

Sagarana é lançado como livro da Coleção *Sagarana*. O livro dá nova versão ao ficcionalismo do Brasil.

O Globo
Porta da Livraria
8 de junho de 1964

Sagarana está no quarto lugar dos best-sellers. Primeiras Estórias está entre os livros que merecem a preferência do leitor.

Estado de Minas
Guimarães Rosa nos Estados Unidos I
Frederick Charles Hesse Garcia
22 de fevereiro de 1966

Franklin de Oliveira faz crítica apaixonada ao afirmar que os contos de *Sagarana* devem ser lidos como capítulos de um romance.

Jornal do Brasil
Hora de Matraga é o Grande Momento de Roberto
29 de março de 66

O filme demorou quatro anos para ser feito e marca a hora e vez de Roberto Santos. O filme tem linguagem acessível ao público. Um produtor paulista encomenda uma história de mineiros. Roberto, leitor de Rosa, sugere Matraga. Segue para Minas e realiza pesquisas. Quando volta a São Paulo: o produtor desistira por problemas na produção. Nélson Pereira dos Santos telefona a Roberto dizendo que havia gostado da idéia. Roberto pergunta a Guimarães Rosa qual seria o melhor lugar para filmar Matraga. Rosa diz que o filme poderia ser feito em qualquer lugar que tivesse poeira e estrelas, sem charretes. Roberto vai a Diamantina, mas filme nas cidades vizinhas com equipe de doze pessoas. O filme teve custo de setenta milhões cruzeiros. O filme foi apresentado no Festival de Brasília, em São Luís do Maranhão, São Caetano do Sul, Santo André. Rosa diz que o que ele escreve não é para ser digerido rapidamente, mas é para ser ruminado. Roberto acrescenta que no cinema a digestão é muito rápida e não se pode voltar.

Última Hora
A Hora e a Vez do Brasil em Cannes
2 de maio de 1966

Roberto Santos associado a Nélson Pereira e Carlos dirige a adaptação do conto "*A Hora e Vez de Augusto Matraga*" para a cinema. A modificação do texto escrito para o cinematográfico é que Matraga, ao contrário do livro, morre no anonimato. *A Hora e Vez de Augusto Matraga* não é só para intelectuais e leitores de Rosa, mas para o grande público.

Correio da Manhã
O Filme em Questão
A Hora e Vez de Augusto Matraga
03 de maio de 1966
Luis Carlos de Oliveira

Pela primeira vez Guimarães Rosa chega com dignidade ao cinema. Roberto Santos conduz os atores com segurança poucas vezes vistas no cinema nacional. O perfil de Matraga com a arma na mão na paisagem rude, com fundo musical de Geraldo Vandré, o filme vai tomando o espectador e o sertão, que existe independentemente de cangaço e beatos. Uma das seqüências mais bonitas do cinema é quando Matraga descobre seu corpo para a violência. Maurício do Vale aparece mal no filme.

Correio da Manhã
O filme em Questão
A Hora e Vez de Augusto Matraga
03 de maio de 1966
Ely Azeredo

É impressionante o poder de adaptação do texto literária para a linguagem cinematográfica.

Correio da Manhã
O filme em Questão
A Hora e Vez de Augusto Matraga
03 de maio de 1966

Geraldo Mayrink

Com o filme *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, desfaz-se o pudor do cinema de se aproximar das grandes obras literárias. Matraga é resolvido na e pela forma do filme. Só recusando o preconceito é que se pode descobrir o conteúdo rosiano do filme.

Correio da Manhã

O filme em Questão

A Hora e Vez de Augusto Matraga

03 de maio de 1966

Maurício Gomes Leite

O filme representa o equilíbrio entre a câmera poética e a história rude de Matraga. Matraga é exemplo de maturidade e reflexão.

Correio da Manhã

O filme em Questão

A Hora e Vez de Augusto Matraga

03 de maio de 1966

Miriam Alencar

Roberto Santos filme fiel ao vigoroso conto de Rosa, com excelente fotografia, acompanhamento musical de Geraldo Vandré. Matraga é filme maduro e coloca o cinema brasileiro na categoria do cinema internacional

Correio da Manhã

Cinema

A Hora e Vez de Augusto Matraga

Antonio Muniz Vianna

05 de maio de 1966

O filme surge na linha de *O Cangaceiro* em que a produção bifurca-se com o cinema comercial por causa das várias aventuras no cangaço, ao lado de outros problemas do sertão. *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, entretanto, é um sertão absoluto. Sertão é violência, beatos, corisco, mas também é aventura. Falta clareza nas primeiras

seqüências do filme, embora possa haver aproximação com a estilística obscura do autor do conto. Quando ergue a arma para impedir que amigo matasse outras pessoas, Matraga está próximo de Deus. A atuação de Leonardo Vilar é uma das melhores do cinema brasileiro. Jofre Soares é ator de primeira, a partir deste filme. A atuação ruim de Maurício do Valle como padre não compromete o filme.

Jornal do Comércio
Recife
Vida Literária
Oitava Edição de *Sagarana*
J. Gonçalves de Oliveira
12 de julho de 1966

O valor de *Sagarana* não se mede pelo número de publicações, mas também por todo o movimento de crítica que provoca: pelo estilo revolucionário e pela dimensão universal do seu regionalismo. A oitava edição de *Sagarana* é valorizada pelo prefácio de Oscar Lopes, que abre novas possibilidades de interpretação.

Minas Gerais
Belo Horizonte
Capas e Contra Capas
***Sagarana* 7ª edição**
Otávio Dias Leite
2 de setembro de 1966

Sagarana sai em sétima edição sem que haja vistas da crítica literária ao seu caráter revolucionário na história do conto brasileiro. Refere-se à vontade da crítica querer transformar Rosa em mito. Rosa é escritor consciente. Acrescenta que o dia em que se interpretar menos e ler mais, *Sagarana* será um grande livro.

O Estado de S. Paulo
"Engajamento" e o Intelectual
02 de abril de 1967

Guimarães Rosa renuncia à vice-presidência dos Congresso dos escritores latino-americano sob o argumento de que o congresso tinha objetivo de discutir o estatuto, mas acabou transformando-se num palco de luta e facções, tribuna de oportunismo político e ideológico. Para Rosa, a ameaça ao escritor latino americano é tornar-se político ao invés de escritor.

Jornal do Brasil
Caderno B
Política Cultural no Exterior
Léa Maria
16 de junho de 1967

Informa que Guimarães Rosa é um dos chefes da comissões formadas pelo Itamarati, para reformular a política cultural do Brasil.

A Gazeta
Vitória
L Duplo
Caderno Literário
Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade
Erico de Freitas Machado
17 de junho de 1967

Lançam-se de livros de escritores importantes, um deles é *Tutaméia* de Guimarães Rosa, cuja novidade se faz nos quatro prefácios, cada um correspondente a 10 contos e outro é *Versiprosa*, livro de poemas de Carlos Drummond de Andrade.

Realidade
Guimarães Rosa segundo Terceiros
Otoniel Santos Pereira
julho de 1967

O autor recolhe de entrevistas, de pesquisas, de amigos informações no sentido de aproximar-se de Guimarães Rosa. Diz que a personalidade de Rosa tem dois aspectos: o lado artista, criador e o lado de homem sensível à idéia de Deus.

Zero Hora
Caderno de Cultura
Sobre A Hora e Vez de Augusto Matraga
Rosaura Eichenberg
1 de julho de 1967

A Hora e Vez de Augusto Matraga é conto em que o sertão é tido como parte esquecida do mundo estratificado. O bem é o mal é uma questão de valores, não de interpretação. A interpretação cinematográfica foi fiel, falta-lhe, entretanto, a coerência interna do conto. Diz que Rosa não tem autor cinematográfico que tenha conseguido transmitir sua obra de envergadura.

Diário da Noite
São Paulo - Primeira Edição
Mundo dos Livros
A Oitava Sagarana
Herculano Piros
7 de julho de 1967

Apesar do que se faz contra o Brasil, o crescente analfabetismo, o aumento da miséria, a invasão das universidades pelos pelotões de polícias, a publicação de *Sagarana*, que aparece em oitava edição, é prova de resistência e de que o brasileiro não perdeu o gosto pela cultura e pela terra natal. A oitava edição traz prefácio de Oscar Lopes que ajudará o leitor a conhecer melhor Guimarães Rosa.

Jornal do Brasil
Eu declinava para nãoezas
Cristina Autran
7 de junho de 1967

Tentativa de entrevista com Guimarães Rosa

Correio da Manhã
As Últimas Horas de Guimarães Rosa

Geraldo França de Lima
25 de novembro de 1967

Guimarães Rosa não vai ao lançamento do livro de Vilma, sua filha. Pede a Geraldo França de Lima que o representasse. Pede ainda que o acompanhe na posse da Academia Brasileira de Letras. Revela a Geraldo que não viveria até o final do ano. Conclui que todo o estado em que se encontrava Rosa era aviso de sua morte.

Correio da Manhã
Revolução Roseana
Franklin de Oliveira
27 de novembro de 1967

Sagarana não foi definida, em 46, a não ser pelo seu caráter formal. A exceção é Paulo Rónai, que publica um artigo sobre a arte técnica de narrar. Guimarães Rosa produz obra em *sub specie perfectionis* não em *sub specie historiae*. Rosa repugnava a literatura que se despoja da transcendência. Rosa não pode ser desengajado, porque é formado sob as influências de Platão, Plotino e Porfírio; acredita na salvação do homem através do aperfeiçoamento da consciência individual. O nazismo era o demônio para Rosa. Ele sabia que o fascismo era impensável sem o dinheiro. Rosa explica que a palavra história na frase "A estória não quer ser história" significa fato em reles concatenação, sem referência ao avanço dialético da História. Rosa projeta no espírito humano que a vida pode ser vivida segundo as leis da alegria, da beleza sob o império da poesia incorporada à existência humana, não como realidade exterior ao homem, alienada de seus destinos.

Correio da Manhã
Guimarães Rosa foi Tema para Academia Militar
04 de janeiro de 1968

O texto escolhido para análise é *Sarapalha*. Foram perguntados qual o assunto do texto, a idéia geral do primeiro parágrafo, o sentido de expressões e os trechos descritivos predominantes.

O Estado de S. Paulo
Guimarães Rosa e o Cinema
David E. Neves
27 de janeiro de 1968

Rosa com cineastas brasileiros na Itália, tem afinidades com Glauber Rocha e com seus filmes. revela que está preparando livro baseado no evangelho segundo *São Marcos* dá o recado a Glauber, segundo o qual a riqueza está no detalhe.

Jornal do Brasil
Sagarana Emotiva
Paulo Dantas
29 de junho de 1968

É necessário estudo profundo que analise a correspondência de Rosa com seus amigos. Rosa gostava de escrever mudando de tinta e de fazer desenhos e versos nas cartas. Apesar de crises de melancolia e de muita complicação psicológica, era entusiasta da vida e simples de natureza maior. Não gostava de reuniões literárias, isolava-se e trabalhava muito. Gostava de ouvir Luiz Gonzaga e Raul Torres. Rosa era homem de grande identificação com o povo. Acreditava no eterno. Seu estilo é barreira que o leitor tem que romper.

O Estado de S. Paulo
O Ritmo em "O Burrinho Pedrês"
Angela Vaz Leão
30 de novembro de 1968

O ritmo é um dos elementos mais importantes da estruturação da obra literária. Em Rosa é constante em todos os elementos da criação, sobretudo em "O Burrinho Pedrês": uma narrativa não linear de ação curta. Sua narrativa central é intermitente, interrompida por longas descrições e episódios. Reconstituindo os contos e marcando os cortes, o ritmo é lento: quarenta por cento em relação ao burrinho e sessenta por

cento em descrições e episódios. Não há pressa de chegar. O ritmo interno, entretanto, aumenta pouco a pouco até aliar-se ao geral. A história central é interrompida por outras histórias. Raimundão é o melhor contador de casos. As narrativas secundárias fazem-nos *compreender o mundo do burrinho*. As descrições funcionam como *fundo musical*. Participam do ritmo geral, um dos estruturadores do conto. Rosa nos dá a descrição exata dos movimento circulares ou espiraladas da boiada. A sugestão das imagens podem ser vistas e ouvidas, tamanha justeza do ritmo reproduzido. O ritmo aumenta, composto em 12 versos trissilábicos, agrupados de 4 em 4. O ritmo interno do conto alia-se ao ritmo geral da narrativa. Tudo se encaminha para que o burrinho seja o elemento central no final do conto. O conto é uma obra prima.

Jornal do Brasil

A Hora e Vez de Augusto Matraga

Ely Azeredo

27 de novembro de 1971

Roberto Santos está próximo de Nelson Pereira dos Santos, porque busca uma identidade brasileira pela via do cinema. O filme é trabalhado com técnica cinematográfica que aproxima o público. Matraga teria maior impacto se fosse lançado antes de Deus e o Diabo na Terra do Sol, influenciado indiretamente por Rosa. Roberto Santos se desvia de Rosa na figura do padre, feito por Maurício do Vale, que, valentão, é insuficiente ao texto e que revela mal dosada vacina anti-religiosa, que se casa com a concepção geral do filme.

Editora Perspectiva

Fórmula e Fábula

Willi Bolle

maio de 1971

A recepção da crítica internacional, influenciada pela crítica brasileira, valoriza Rosa como autor regionalista, universalista e metafísico, desligado da tradição histórico-literária do Brasil. Pela análise funcional dos contos de Rosa, desde *O Burrinho*

Pedrês até Zingaresca, baseada nas técnicas da morfologia de Propp, que trabalha com os contos de fadas russos e na "sintaxe" de Todorov, que trabalha com o Decameron e com os conceitos de fábula de Barthes e Lämmert, *Sagarana* é considerado livro com quatro fórmulas básicas: Todo delito é seguido de uma sanção, fórmula que perpassa todos os contos de *Sagarana*; X comete delito, a vítima sofre sanção total mas é salva, fórmula presente nos contos "O Burrinho Pedrês, Duelo, Sarapalha e X comete delito, sofre sanção, mas, em seguida, faz proeza que o qualifica como herói, fórmula presente nos contos A Hora e Vez de Augusto Matraga e etc. Há sempre a presença da personagem X, cuja função é ajudar o protagonista. O delito é sempre tendência contra os valores sociais, o que mostra que Guimarães Rosa não é autor não-engajado. Rosa teria sim tendência moralista, na medida que valoriza o casamento nos contos de *Sagarana*. Não existe em *Sagarana* relação harmônica entre a experimentação lingüística e as partes do contos.

O Estado de S. Paulo
A Situação do Conto Atual
Paulo Hecker Filho
11 de fevereiro de 1973

A literatura brasileira encontra-se na fase Guimarães Rosa, fase de permanência da sensibilidade lírica, de preocupação metafísica e moral e de afloramento patético. O mundo realista substitui a linha de Kierkegaard e Nietzsche. A obra extraordinária de Rosa é mundo ficando para trás. A visão de Rosa é teocentrista católica. Persiste em Rosa um sentimento de culpa. Desconfia de sua própria visão básica, busca o que dela é possível, fazendo transcender como moral para vida comum. Em Rosa, a julgar por *Grande Sertão*, a culpa abominada é tendência homossexual. Riobaldo exorciza seu homossexualismo pela luta viril, pela valentia. A inclinação homossexual parece justa para evitar o suicídio, o pecado original. "*A Terceira Margem do Rio*" é retrato sem explicação dessa culpa, que é desejo espontâneo censurado. Tomar consciência dessa inclinação castiga. A eleição para a Academia o impolga. Mas é uma vitória que nada

significa diante de sua obra. O inaceitável iria ser aceito. O reconhecimento da Academia é, para ele, sinal de reconhecimento de Deus.

O Estado de S. Paulo
Interesse Geral de uma Correspondência Particular
Paulo Ronái
20 de maio de 1973

A obra de Rosa atrai estudiosos de dentro e fora do Brasil. A Correspondência de Rosa com Edoardo Bizzarri é material de extraordinária importância. Na tradução Rosa vê-se obrigado a dar explicações e vê que o leitor tinha razão de irritar-se.

Estado de Minas Gerais
Macunaíma e Sagarana: ruptura e tradição I e II
Vicente Ataíde
22 de dezembro de 1973 - I
29 de dezembro de 1973 - II

Macunaíma e *Sagarana* são obras que rompem com a tradição, ao mesmo tempo em que a mantêm. *Macunaíma* rompe com a linearidade e com o trabalho lingüístico, descobrindo de novos valores na relação entre homem e terra. Mantém a tradição com personagens estáticas, com técnica não moderna de ficção e narrador tradicional. A língua em *Macunaíma* é desgeografizada; é nacional ao máximo. a personagem *Macunaíma* não é composta pela pesquisa profunda do caráter. Vale pelo comportamento em cada situação em que se apresenta. Mário dá ênfase ao eu social.

II

Em *Sagarana* há grande variação do espaço e pouco profundida psicológica. Para Rosa importa a invenção da narrativa pela narrativa, não enquanto montagem. O núcleo da narrativa é breve; as interpolações é que prolongam a narrativa. A invenção vocabular e o aproveitamento das palavras em desuso somado ao emprego de instrumentos mágicos e maravilhosos fazem com que Rosa reelabore o mundo

concomitantemente à reelaboração da linguagem. Não há distinção entre narrador e personagem. Matraga assemelha-se a *Édipo em Colono*. O tempo em *Sagarana* existe em função do desenvolvimento do episódio, não das personagens. Rosa, aproveitando a lição do paulista Mário de Andrade, evolui sua tendência à vida normal.

Estado de Minas
Suplemento Literário
Guimarães Rosa nos Estados Unidos II
Frederick Charles Hesse Garcia
3 de fevereiro de 1975

Sagarana foi recebido por vários críticos nos Estados Unidos:

- . Charles Dollen discute o aspecto espiritual dos contos "*Burrinho Pedrês*" e "*A Volta do Marido Pródigo*".
- . Alexander Coleman, em "Talking Beasts" no "New York Times Book Review" afirma que a tradução que se faz de Rosa não consegue captar a experiência pessoal do autor.
- . Alan Cheuse, no artigo "Brazilian Diamonds", compara *Vidas Secas* e *Sagarana*, dizendo que Rosa "captura o mundo natural".
- . Para T. Francis Smith, no artigo publicado no Library Journal, *Sagarana* é literatura de alta qualidade e de realismo franco.
- . Oscar Handlin, no mesmo jornal, compara *Sagarana* a *Menino de Engenho*, afirmando que os livros representam gerações distintas.
- . Thomas Lask, no artigo intitulado "Man and Beasts", no "The New York Times", "Books of the Times", afirma que Rosa é cientista da natureza, natureza que se coloca maior que o homem. Não gosta do lado melodramático de Rosa. Considera que *Sarapalha* é o melhor conto do livro.

Duas Cidades
Caos e Cosmos
Suzi Frankl Sperber
Capítulo II
1976

Sagarana contém trechos que remetem ao "*Evangelho*" e ao "*Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento*", livro da biblioteca espólio com mais anotações de Rosa. "Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento" é doutrina cuja base, comunhão do Cristianismo, Hinduísmo, Espiritismo, é o poder absoluto do indivíduo de espírito livre, que evita, não só por pensamento, mas também por orações, os sentimentos negativos: ódio, culpa, medo. Estes elementos são obstáculos para o aprimoramento do indivíduo, objetivo fundamental da doutrina. Não há referências espirituais explícitas na obra. A possibilidade de referências se dá pela análise de performativos. O tema espiritual é transposto para o tema literário, núcleos da narrativa. O destino é o tema transposto. Em *Sagarana* o mal exorcizado é elemento contra o qual se luta constantemente. A razão é o próprio pensamento, portanto o logos é negado. As narrativas, parábola, fazem referências ao *Evangelho*. *Sagarana* é, em certa medida, a nova leitura do *Evangelho*, da crença de Rosa. *Sagarana* registra a passagem do realismo ingênuo ao realismo ontológico na obra de Rosa.

Editora Ática

Série Ensaio

Matraga: sua marca

In: Mitológica Rosiana

Walnice Nogueira Galvão

1978

O emblema de Matraga pode ser simplificado. Sem os emblemas muito da arte medieval se perderia. O que foi investigado a este respeito por Auerbach, Curtius, Panofsky, Mário Praz, Jung, Emily Male ajuda a compreender os emblemas de hoje. Procura-se entender aqui o significado do triângulo, da circunferência e a relação entre os dois. Triângulo é figura de perfeição. Santíssima Trindade em Matraga. Duas linhas de força, que produzem uma outra. O divino, o humano e o natural. Segundo a igreja, com o batismo, a Trindade passa a morar na alma do batizado. Seja nos mitos pagãos seja no cristão, uma vez batizado, o ser possui a marca, triádica, divina. A marca de Matraga tem a ver com seu destino. Deve se distinguir entre marca marcada

e a marca pintada, a ignominiosa da de pertença. A de Matraga é feita a ferro em brasa. Matraga imita Cristo. Matraga transformará, como Cristo, sua marca ignominiosa, de preconceito e estigmatização, em marca de pertença. Matraga é santo, mas guerreiro, não santo-asceta. Não aceita a predestinação com facilidade. Ler de modo correto o que lhe fora marcado a ferro e brasa, o sinal de Deus, é-lhe desafio. Quando cravado a ferro é que começará, então, a decifrar sua marca e destino: seu caminho de penitente. Sua marca lhe confere lugar de estigmatização, de privação e de sofrimento, busca deliberada, na luta do bem e do mal. É preciso, portanto, purgar os males. Tal processo, assim, é típico da constituição dos santos. São Francisco, por exemplo, é santo cuja maior lição foi, depois de passar esta etapa, a felicidade. A Alquimia busca explicar a figura do triângulo como mediação círculo e quadrado. Pode ser corpo, alma e espírito. Jung fornece explicação psicológica para isto. As figuras do desenho tratam da relação entre consciente e inconsciente, o eu e a sombra, o masculino e o feminino, animus e anima no processo de individuação, no qual os opostos buscam equilíbrio em harmonia durante um período ou a vida toda. Os desenhos significam as dores e o sofrimento no processo de individuação. O emblema marca a ida de Matraga como ternária e circular, circularidade simbólica: a de que chega ao ponto de partida. A alegria de Matraga é a mesma dos mártires, que, superando as provações e como sacrifício do corpo, integram o mundo de Deus. A narrativa de Rosa pode ser incluída em *La légende dorée*. Não seria por coincidência que Rosa faria, em tempo mítico, uma experiência em texto que pode ser falado.

Perspectiva

Lucrécia D'Aléssio Ferrara

A Estratégia dos Signos

1981

A leitura da paródia possui três características básicas: relação entre emissor e receptor através do texto, a diferença de performance entre leitor e emissor e seleção e relação do receptor quando lê a informação nova a partir de uma contida no seu repertório. Estas três características paródicas estão presentes na intertextualidade. O

conto *A Hora e Vez de Augusto Matraga* possui representação que sugere leitura intertextual com o *Novo Testamento da Escritura Sagrada*, com a paixão de Cristo narrada pelos evangelistas. A versão paródica transforma o profético e sagrado em azar, prosaico e simplório.

Universidade Federal de Minas Gerais
O Discurso Lúdico de Guimarães Rosa em *Sagarana*
Edson Santos de Oliveira
1981

Guimarães Rosa escreve *Sagarana* tendo o ludismo como seu programa estético. No ludismo o jogo tem caráter especial porque não possui unicidade, centro, essência. A origem é o não-lugar. O jogo não é atividade coerente, racional; tem imprevistos que surpreendem a lógica tradicional. É igual à linguagem. Assemelha-se à poesia pela sua gratuidade, pela possibilidade dos disfarces (de sentido), pelo ritmo, pelos paralelismos e pelas metáforas. Na relação entre *Sagarana* e infância, as histórias de *Sagarana* apresentam estrutura dos contos de fadas: *O Burrinho Pedrês* está aliado a *A Gata Borralheira*; narrativas que refletem a máxima evangélica da humildade. A miniatura tem presença simbólica nos contos. Os elementos pequenos e fracos é que se tornam heróis. A noção de causalidade é absorvida pela noção de destino ainda que Rosa manipule a narrativa, fazendo com que os acontecimentos narrativos apareçam insólitos ao leitor. Todos os contos de *Sagarana* possuem o jogo como elemento estrutural da narrativa. O conto que mais se destaca é *Duelo*. Nele racionalidade cai por terra, dando lugar à intuição. Nas narrativas, o jogo está aliado ora à infância pelo animismo e pela miniatura, ora à magia e ora à viagem. O jogo em *Sagarana* possui caráter especial, porque não possui centro. Seu lugar é o não-lugar. A ambigüidade é sua característica essencial. Como o projeto estético de Rosa é o jogo, o circo está presente em *Sagarana*. Rosa propõe a representação como processo lúdico e o humor como proposta de vida num mundo que se esqueceu de brincar.

Guimarães Rosa: Signo e Sentimento
Suzi Frankl Sperber
Capítulo II - Sagarana
1982

As obras do padre A. D. Sertillanges referem-se ao impulso criador. Rosa as leu antes de compor *Sagarana*. O impulso criador de Rosa é quase uma ascese. O ponto de contato entre as obras é a necessidade de oração, de purificação, crença na divindade. As leituras religiosas estimulam a renovação de estilo e de linguagem. A crença tem sentido absoluto. Crença na palavra e na linguagem. Há a ligação entre o ato criador e o impulso para o divino. O ritual, exercícios espirituais, converte-se em exercícios estilísticos e lingüísticos. *Sagarana* obedecem à estrutura provocação, conflito, reação. Exemplaridade e linearidade são características fundamentais deste tipo de estrutura. Em *Sagarana*, só *A Hora e Vez de Augusto Matraga* tem referências diretas a leituras de Rosa. Em *O burrinho pedrês*, a epígrafe indica o resumo da história. A repetição é meio de retardar a ação e cria o epos. A exemplaridade reside no aproveitamento bíblico das parábolas e encontra-se nos causos dos caipiras e sertanejos. *O espaço é unívoco*. As descrições seja dos animais seja da paisagem têm função poética. Não têm função de registro do pitoresco e da cor local. Tirar o burrinho da anonimato é a finalidade do desfocamento inicial. Rosa dá voz a quem não a tem. *Sagarana* não tem relação com *passadismo*, *paternalismo*, com a *representação do homem como títere ante o meio*. *Espera paciente, trabalho exato, ausência de luta contra forças imanentes, não há que ter medo*. Não se pode confundir obstinação com euforia, paciência com passividade. O subdesenvolvimento do país e do povo é superado pela pertinácia, pelo trabalho pessoal, por meios próprios, num caminho para dentro do país, não para fora. Ida e volta é tema dos contos de *Sagarana*. *Forma espiritual de antropofagia*. A individualidade brasileira, descoberta, que tem raízes portuguesas e de outras culturas. As influências estão dentro do país e do indivíduo. Não poderemos recorrer ao europeu, mas a nós mesmos, para resolver nosso caos, nossa barbárie, para vencermos as forças externas- o destino em *Sagarana*. *Este é o tipo de consciência de*

desenvolvimento de Guimarães Rosa. As narrativas de Rosa voltam-se para si, para dentro. Negam a metrópole, substituindo-a pela ex-colônia subdesenvolvida e bárbara, barbárie feita na crença na feitiçaria, em credices populares e nas forças do destino. Elas são atemporais e a-históricas e historicizam-se quando entram em ação. Em São Marcos, Avultamento na primeiro texto de Rosa, Sezão, há a escolha de formas ativas, de função poética e emotiva, menos intelectualizantes e metalingüísticas. Concisas. A profissão de fé de Rosa está transparente em Avultamento. Em *A hora e a Vez de Augusto Matraga* há iniciação mística: morte e ressurreição. O modo profano passa a modo espiritual de existência, embora os contrários não sejam abolidos por completo, pois implicam na renovação do mundo. A estrutura narrativa e a linguagem são míticas no conto. É evidente sua evolução em relação aos outros contos do livro. Deixa a estrutura provocação, conflito e reação. É unidade tripartida. Simboliza a divindade e o acesso a ela. A mimese é limitação no campo ficcional. Rosa torna o relato exemplar, o que lhe dá ampla liberdade. O espaço, por exemplo, é ampliado. Não é espaço natural. É cosmos.

Brown University
Sagarana: A Story System
Stephanie Merrim
Hispania 1983

Sagarana é um sistema de histórias, no qual se percebe pela análise formal, dois leitmotives, cujos temas estão presentes em todos seres humanos: o primeiro é a presença da natureza enquanto macrocosmo. *Sagarana* é épico, porque captura a totalidade do homem e natureza sem exceder a realidade empírica. Assim o primeiro tema deste sistema é a viagem e a volta no destino das personagens. O segundo é a música e o artifício, música que é sempre música da natureza. A natureza, na literatura de Rosa é Deus. Para Rosa destino não pode ser manipulado pelo homem. Há estrutura de epifania em *Sagarana*; em cada história detalha a realização do destino das personagens. Em *Sagarana*, todos os narradores são uma pessoa só, que

assume diferentes personas. *Sagarana* como um todo pode ser vista como um novela com várias unidades.

Alfa
Revista de Lingüística da Unesp
Padrão contextual e Efeito Estilística
Mercedes Sanfelice Risso
1985

No conto O Burrinho Pedrês, na parte em que os vaqueiros se preparam a marcha da boiada, é possível perceber que o trabalho de linguagem está associado à cada uma das três etapas da viagem. Cada etapa possui padrão textual preciso, que evoca o momento em foco. O trote duro e bem marcado do gado é construído, na primeira etapa, pela harmonia dos pares sonoros que ora foram a aliteração ora a rima, que, no conjunto, organizam sílabas poéticas. Na segunda, há o processo da antonímia: *alarga-se/recomprime-se* que constrói a agitação do gado, que nomeados e divididos em grupos, evoca uma procissão. Aqui há melodia mais rápida e compassada. A terceira etapa forma do gado na marcha e os vaqueiros um corpo único, definida *pela frase-fecho: a boiada vai como um navio*, sem distinção de humanos e não humanos.

Estado de Minas
A Balada para Matraga
Rosa e o Sertão no palco
5 de outubro de 1985

A Hora e Vez de Augusto Matraga ganha tratamento cênico-musical que poderia se chamado de ópera contemporânea. Foi formada pela Orquestra Sinfônica de Minas Gerais e o violeiro Renato Andrade, com berrantes, sons de enxadas etc. O espetáculo foi adaptado por Ruff Herrera e apresentado na Fundação Clóvis Salgado.

II Congresso de Literatura
Universidade Gama Filho
Augusto Matraga e a Hora da Renúncia

Roberto da Matta
1986

Cada um dos três nomes que recebe a personagem central do conto "*A Hora e Vez de Augusto Matraga*" corresponde a uma representação: Augusto Esteves, a jurídica, de filiação; Matraga, do marginal, do nada e Nhô Augusto, do poder, da autoridade e da liderança. Os três nomes compõem uma personagem poderosa que depois de perder tudo, renuncia à vingança: forma convencional de resposta em relação às injustiças. A saída que Rosa aponta com a personagem Matraga, ao invés de ser uma forma considerada inferior ou complementar de resposta à convenção do sistema, faz a personagem integrar-se novamente a ele de maneira individualizada e ameaçadora.

O Jornal da Tarde
No Palco, O Espírito de Rosa
Alberto Guzil
10 de maio de 1986

A equipe, dirigida por Antunes Filho põe "*A Hora e Vez de Augusto Matraga*" no teatro. O projeto de Antunes Filho era transpor para o palco *Grande Sertão: Veredas*, texto para o qual não achou tradução cênica devido à dificuldade da figura do narrador. Consciente de que a adaptação reside na transposição do espírito da obra, não na trama ou nos episódios, o autor põe em cena uma visão possível de Guimarães Rosa numa montagem perfeita.

O Globo
Pesquisa
31 de maio de 1987

Antunes Filho ganha o prêmio Molière pela adaptação do conto "*A Hora e Vez de Augusto Matraga*" de *Sagarana* de Guimarães Rosa.

Revista de Letras
Unesp- Assis
Sagarana, um livro de dois mundos

Livia Ferreira Santos
1988

Sagarana é livro de dois mundos: une a cultura universal ao mais *construído primitivismo*. Redescobre o Brasil em nova forma e conteúdo. Revela, com crítica e complacência, o homem brasileiro. O leitor verá a orquestração poderosa do narrador com fatos, natureza, linguagem e idéias em expressão *de empatia* com o mundo revisitado. Faz amálgama entre sua cultura e o meio. Envereda-se pelos caminhos de Mário de Andrade. Não seguiu Escola. Foi livre, lidando com a língua de maneira única. Os modos de falar, reinventados, são o que há de mais importante do livro, com desconstrução/reconstrução do léxico. O Brasil está em processo de evolução de seu primitivismo básico. Nesta escala evolutiva, o narrador mostra o vasto limite do potencial brasileiro. Possui cosmovisão; trabalha com *seres pequenos, inocentes, simplórios, sem maldade*, cumpridores de seus destinos, numa idéia de predestinação. Cada conto tem suas especificidades. O livro chega aos 41 anos de publicação. Possui frases facilmente inteligíveis, mas vocabulário que intimida o pesquisador. Um trabalho que preencheria uma lacuna no estudo de nossa literatura seria montar um Dicionário de Sagarana.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)
A Hora e a Vez de Augusto Matraga: Do Humano ao Mítico
Universidade de São Paulo
Marleine Paula M. F. de Toledo
1988

No conto o Mal e o Bem fundem-se inseparavelmente. Matraga mata o amigo depois de lutar contra o Mal. Representa a irreparabilidade do homem frente às forças antagônicas. O conto é a *união de opostos*. A trajetória de Matraga é feita aos moldes do mito. São postos em questão a fatalidade, o destino, a esperança de salvação. A mandala é um marcador do texto. Pequeno círculo ou quadrado com um ponto central, é definida por Jung como uma representação simbólica do inconsciente cujo

sentido é negado. Nhô Augusto tem uma mandala quando o marcam a ferro *um triângulo inscrito numa circunferência*. Tal marca predestinará o personagem, que se tornará, o herói e, portanto, um indivíduo. No centro da mandala moderna o que existe não é Deus ou uma divindade, mas *uma variedade de símbolos ou o ser humano. É lugar da divindade ocupado pela totalidade do homem*. O conto de Rosa, então, relata o drama de todo homem que, nas várias situações em que vive, tem que se definir.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Língua (Saga) e Imagem (Rana): Uma Leitura Retórica
José Darcy de Carvalho
Segundo Semestre de 1988

Do jogo ambíguo entre a matéria bruta da palavra regional e a forma literária é que Rosa faz seu processo lingüístico de criação. É pela concepção de metábole de Dubois, segundo o qual metábole é toda mundança de um aspecto qualquer da linguagem, que Rosa cria imagem da palavra, imagem também sonora. A imagem formada pela metábole é que serve à língua, não o contrário. A metábole é analisada por eixos de oposição: no plano da expressão, morfológico e sintático, e de conteúdo. Algumas formas analisadas para e pra, imaginar e maginar etc.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
As Sagas de Sagarana: O Motivo da Viagem em Sagarana
Aristides Teixeira de Almeida
Dissertação de Mestrado
Primeiro Semestre de 1989

Sagarana mimetiza o mundo construído pela sacralização do espaço e do tempo. Há diferenças entre regionalismo e sertanismo. Sertanista é obra literária de enredo que se desenvolve no sertão. *Sagarana* surge na briga do nordeste canavieiro com o sul industrializado. A paisagem não é pano de fundo. Participa do processo poético de Rosa. O livro não é regionalista. Regionalismo contém oposição entre a parte e o

todo. O realismo de *Sagarana* é metafísico. A viagem é motivo central em *Sagarana*. O motivo da viagem passa pela aprendizagem, o destino, o amor, a vingança. A vida, como fluir do rio, de Gotama Buda, está em *Minha Gente*. Rio não é só fonte de sabedoria, mas também caminho à eternidade. *Sagarana* obedece ao ciclo da água. O primeiro e o último conto de livro aproximam-se pela e tema vida e morte. A Editora Nova Fronteira parece não ter reconhecido a significação das ilustrações. Retirou-os. A lemniscata, símbolo do infinito, ligada às Ciências Sagradas da Tradição, resume ida-e-volta das personagens. A região passa a ser sagrada ao se tornar Cosmos. *Sagarana* possui estrutura temporal cinematográfica. *Corpo Fechado* é que traduz a linguagem do cinema. O iniciado, percorrido longo caminho, obedece à hierarquia, transposta com rituais, símbolos, meditação para atingir a perfeição. O karma do iniciático só termina quando atinge ao estágio de iluminação. Para o catolicismo, a morte coloca o espírito no estado imutável que viaja apenas quando está no mundo. Ao espiritismo e esoterismo a morte é uma etapa da viagem. O medo, sintoma de desequilíbrio, deve ser superado. Quanto ao poder, Guimarães Rosa faz vencer o mais fraco. Esse é o universalismo de Rosa: a verdade é só uma, os caminhos são diferentes.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O Narrador toma a vez – Sobre o narrador de *A Hora e Vez de Augusto Matraga*

Dissertação de Mestrado

Neuza Maria de Souza Machado

3 de março de 1990

O estudo do narrador apresena dois aspectos: o semiológico e o sociológico. O narrador de *A hora e a vez de Augusto Matraga* representa a burguesia, enquanto a matéria que apreende. É *um mundo primitivo, épico, em estado bruto, imaculado e em vias de extinção*. O narrador é alter-ego do escritor. O narrador quase abandona a oralidade e *toma a vez do herói*. O narrador reflete o homem moderno. O texto de Rosa se divide em 5 partes. *A Hora e a vez de Augusto Matraga* se encaixa na narrativa de semiotização do Acontecimento. A narrativa se apóia em dois planos: objetivo, sócio-substancial e subjetivo, mítico-substancial. Nhô Augusto é pretexto

para que o narrador recupere suas lembranças. Como representante da ideologia dominante, perde seu memorialismo e torna-se cidadão do mundo burguês. A linguagem possui musicalidade, que prejudica o leitor que não presta atenção no conteúdo. A busca do narrador pela personagem é *degradada e inautêntica*, pois o narrador está num contexto em que o capital é o valor maior. Busca valores humanos e não os pode encontrar e memoriza um espaço autêntico. O narrador está em dois mundos: mal ontológico x desejo de metafísico (Heidegger), Valores autênticos x inautênticos (Lukács) e valores de uso x valores de troca (Marx). O retorno ao passado é impossível, o narrador, por isso, degrada-se numa busca inútil, transferindo-o ao personagem na forma de morte. O narrador expressou os paradoxos sociais e ínfimos do Artista, querendo expressar em essência o mundo do sertão.

Folha de São Paulo

***Sagarana* traz sertão sem exotismo**

Reportagem local

31 de dezembro de 1990

Sagarana é livro de histórias onde o sertão é o tema. Não é livro regionalista. A linguagem e o sertão são uma coisa só para Rosa. Rosa transpôs a barreira do lírico e do narrativo, revitalizando processos poéticos com musicalidade sertaneja. As histórias são fábulas, têm sempre uma moral e desembocam em alegorias.

Universidade Federal de Minas Gerais

The Riddle of Matraga: Metaphor as a Decodification Process

Dissertação de Mestrado

Maria Lúcia Dressen de Barros

Janeiro de 1991

A metáfora não é entendida neste trabalho como figura de linguagem, mas como instrumento de entendimento e conhecimento. Está baseada segundo as teorias de Lakoff e Johnson. Procuramos metáfora para entendermos nossa relação com o outro, com nosso passado, com o presente. Entender nossas metáforas pessoais. O auto

entendimento é analógico a outras formas de entendimento. Envolve interação com o físico, com a cultura etc. A linguagem tem a metáfora como processo intrínseco e natural. Segundo Pierce, cria-se um signo para falar de outro num processo metafórico. Conhecer as metáforas pessoais pode levar ao conhecimento da história de vida mais consciente. Matraga é um homem que tem que negociar os sentidos de sua vida com ele mesmo. Matraga vive sob o domínio da metáfora. Vida é guerra, violência, ódio, assassinato, traição. Depois vive sob a metáfora da salvação da alma. Aqui, nota-se a revitalização da metáfora. O casal de negros são tratados como anjos, a prostituta Angelina metaforiza anjo no nome, índice de bondade da personagem. Rosa quebra com a constituição de sentidos metafóricos cristalizados e revitaliza-os. Sob o domínio dessa metáfora a vida deve ser voltada à oração e à transcendência. Cabe a ele resistir às tentações, sobretudo às mulheres. Ele está sob a metáfora da vida como penitência. Aqui a morte é luz. Revival. Rejeita o convite de Bem-Bem para fazer parte do bando e vence a tentação. Morre defendendo outros. Há metáforas como a da trindade e o nome das personagens, como Matraga. Matraga é comparado a Cristo. Matraga sofre revival, Cristo não.

Universidade de São Paulo
Bicho Mau: a gênese de um conto
Tese de Doutorado
Maria Neuma Barreto Cavalcante
1991

Rosa, guiado ora como escritor, dono de um trabalho com concisão, sonoridade, precisão e oralidade e ora como médico no sertão mineiro, marca, em *Bicho Mau* e em *Uma História de Amor*, sua *inexperiência*, e *impotência e frustração diante da morte que não podia impedir*. Utiliza neologismos, derivações regressivas, regionalismos, gírias, derivações, metáforas de origem popular, reduplicação e repetição lexical e adjetivos marcados pela aliteração. Relaciona, no conto de 48 páginas, 50 nomes de cobras em latim, grego e português, que, somados a todos os outros recursos, compõem um

trabalho de rara afinidade com a palavra. Os termos técnicos contrapõem duas formas de conhecimento o informal e o erudito. Rosa ironiza a postura professoral e paternalista do médico e, por extensão, do escritor em relação ao sertanejo. Graciliano Ramos não percebeu a *crítica autofágica nessa tirada herpetológica e repolhuda* de Rosa.

Revista Veja

Ensaio

O Grande Livro faz Cinquenta Anos

Roberto Pompeu de Toledo

20 de dezembro de 1995

Em 96 *Sagarana* completa cinquenta anos de publicação e Grande Sertão, o grande romance de Rosa, quarenta. *Sagarana* é uma "âncora" para o Brasil, que está voltado às modas, passageiras, que se substituem, devorando-se, com a mesma velocidade com a qual Globo faz suas novelas. *Sagarana* é porto onde se pode atracar, farol que situa o Brasil e as "pessoas chamadas brasileiras".

Universidade de São Paulo

Petrópolis

Utopia cristã no sertão mineiro – uma leitura de ‘A hora e vez de Augusto Matraga’ de João Guimarães Rosa

Dissertação de Mestrado

Paulo César Carneiro Lopes

1995/1997

Matraga é o todo. Passará pelos dois extremos da cantiga que inicia o conto A hora e a Vez de Augusto Matraga: será rico e será pobre. Matraga atinge o auge do amor, quando rompe com a violência institucionalizada. O amor é solidariedade. A marca de Augusto é especial: torna-o propriedade de Deus. O conto é tripartido em *afirmação, negação e suprassunção*. Aceitar a morte é superar o egoísmo. Não aceitá-la é iniciar o conservadorismo. O amor é proteger a vida e aceitar a morte. Eis o conto como representação do cristianismo, representação de duas etapas históricas, projeto de vida em plenitude de Jesus e *o de morte das forças dominantes*. Catolicismo de ricos e

catolicismo de pobres. Esta é complexa realidade mimetizada por Rosa. Há o paralelo entre a vida de Jesus e a de Matraga. Matraga vive a Via Crucis e deixa de ser o representante patriarcal e se vincula ao povo sofredor e morre e em defesa deste, destruindo a lei e a estrutura mantenedoras da injustiça. O corpo é egocentrado na primeira parte. Na segunda é negado. Na terceira é vida. É realização da utopia cristã.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)

Universidade de São Paulo

Amor, Medo e Salvação: aproximações entre Valdomiro Silveira e Guimarães Rosa.

Suzi Frankl Sperber

1996

Salvação é conto de *Os Caboclos*, publicado em 1897, de Valdomiro Silveira, enquanto *A hora e a Vez de Augusto Matraga* de Guimarães Rosa foi escrito em 1937. Ambos têm em comum o sentido da frase: “eu também já tive meu dia, meu grande dia”. Em Salvação a dupla gurundi-cobra representam a relação macho e fêmea. A variação do uso gurundi macho ou fêmea evidencia o uso obediente de Valdomiro Silveira à moral burguesa, que encobre o erotismo e a sensualidade. O ocultamento do desejo leva à pseudo ingenuidade, inocência e virgindade. Albino, vendo que a cobra hipnotiza o gurundi (metáfora de relação erótica), observa um casal de aves e termina por salvar todos. Salvá-los, como um deus, significa manter a ordem burguesa. O conto mantém o status quo. As formas simples servem para intervir no mundo, explicá-lo. Os contos de Valdomiro Silveira registram o mundo provisoriamente. São cenas do cotidiano, não representação de sentido de uma vida. *A hora e a vez de Augusto Matraga* aproveita aspectos da forma simples (saga), provavelmente como referência às sagas nordestinas. Em Matraga, ao contrário, a história conserta o mundo. Baseia-se nas hagiografias. Tem *forma da história da vida de santo*. O conto é uma parábola da história de Cristo, mas refere-se ao regionalismo, ao caipira brasileiro e às relações de poder na sociedade. O destino é guiado pela

vontade do indivíduo e pela sua *visão positiva da ação humana, a ponto de criar o Hei de Vencer*. A salvação de Matraga equivale ao desejo popular de salvação econômica, espiritual. Matraga vive desejo de superar as contradições. Rosa não dicotomiza. Matraga supera a culpa, propondo nova ordem, *a fraternidade dos opostos*, no mundo masculino. Em 1946, período de plena ditadura, não foi possível entender a dimensão de Rosa. Ao contrário de Valdomiro Silveira, Rosa representa o caipira brasileiro como homem de primeira categoria.

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB
Universidade de São Paulo
Sangue, Suor e Céu
José Carlos Garbúglio
1996

A hora e a vez de Augusto Matraga estrutura-se em três etapas, que são momentos de implantação da consciência de um homem, para afirmar sua grandeza e unidade. No primeira etapa Matraga inclina-se para o mal. Matraga e natureza são forças inconciliáveis. A segunda etapa inicia-se quando Matraga é recolhido pelo casal de pretos. Etapa de limbo. O espaço do conto se fecha e ganha significado religioso. Matraga afasta-se do primeiro mundo irreversivelmente. Há sofrimento físico e moral. Desejo de abandonar a vida. O aprendizado religioso surge do fundo da consciência. Matraga volta à vida. Regressa à mãe natureza. Está em harmonia completa, em plenitude. Depois, estabelece o vínculo entre o velho e o novo. Encontra Joãozinho Bem-Bem, *inimigo que dá grandeza épica à disputa*, e elimina-o, morrendo também com *alma liberta de conflitos* que indica *ingresso na região celeste e confirma o caráter eletivo do homem e sua salvação*. .

Universidade de São Paulo
Passagens Bíblicas em Sagarana de João Guimarães Rosa
Dissertação de Mestrado
Aguinaldo Aparecido Campos
2000

A parábola tem como função o caráter educativo e a exemplaridade ligada, muitas vezes, a um contexto religioso. É preciso, entretanto, compreendê-la também enquanto referência aos contextos em que se insere. A parábola é, então, uma forma literária. Tem particularidades e possibilidade amplas de análise. Pode ser classificada, segundo J.Hills Miller, como Religiosa e Secular. Reúnem em si a alegoria, de sentido amplo, e o símbolo, de sentido revelador; este apenas a iniciados. As narrativas de Rosa são parábolas seculares. Pode haver características comuns nas parábolas: oralidade, cenas corriqueiras, situações concretas. Sagarana parece ter na sua constituição a religiosidade cristã e o sincretismo religioso. N'O Burrinho Pedrês há personagens e relatos da Bíblia e jaculatórias. É narrativa de iniciação. Alude ao Êxodo, posto na relação com os animais, e ao Dilúvio, posto na eliminação da malícia e na salvação dos puros. N'A Volta do Marido Pródigo há relação direta com a Parábola do Bom Samaritano. Nela, a culpa estrutura a narrativa. Em Rosa, o desejo. Nela, o personagem volta fracassado. Em Rosa, volta por interesse pessoal. A parábola do texto de Rosa se forma, então, numa personagem egoísta e malandro que deseja recuperar seus pertences de acordo com as atitudes esperadas pela sociedade. Em Sarapalha, o espaço físico é bíblico. Paraíso que abriga o adultério. Paraíso no qual se descreve a mulher como cobra. A palavra céu grafada de maiúscula confirma a hipótese entre espaço físico e paraíso. A Hora e vez de Augusto Matraga registra referências religiosas mais acentuadas de Sagarana. Referências ao Novo Testamento, à Trindade Sagrada. Templo de Jerusalém e a Igreja do Murici são, como Matraga e Jesus, paralelos.

Universidade de São Paulo

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

A aragem do acasos: sobre alguns temas trágicos em Guimarães Rosa

Tese de Doutorado

III Capítulo - O canto das Fúrias

2000

Sagarana abre novas perspectivas. Exige, portanto, novos parâmetros de análise da crítica. A novidade do livro é a predestinação das personagens, reflexão sobre a linguagem (São Marcos), síntese entre as narrativas tradicionais (fábula) e a moderna, o narrador, a cultura popular e o primitivismo. É importante discutir o sentido de destino contrário às ações humanas, como na tragédia grega. A crítica insistiu em ler a temática do livro vinculada à prosa regionalista. Tal leitura *naufraga*. Compreende-se a prosa regionalista em Rosa de uma perspectiva dialética de afirmação e negação. A adesão às regras regionalistas é irônica. Fora do regionalismo, pode-se aproximar *Conversa de Bois* e *Duelo* à tragédia de Ésquilo: *Agamêmnon* e *Coéforas*. Nos dois, as ações transcendem à idéia destino, perpassada pela culpa e pela expiação. Sagarana alterna entre destino, enquanto *orientação trágica* e providência, enquanto *governo divino do mundo*. Supera, pois, o regionalismo, pela temática do destino.

Revista Imaginário

Matraga, seu, pai, seu filho

Renato da Silva Queiroz

Sem data

www.imaginario.com.br/artigos/a0060/a0048-01.html

Matraga vive um ritual duplo de passagem. Está no mundo do vivos para, depois, fazer a transição ao mundo dos mortos. É dado como morto, para, num ritual de passagem, renascer. Neste ritual não importa o corpo senão a identidade de Matraga e as relações que estabelece com os outros e com a sociedade.

Brasil Cultural

Sem editor

Sem data

A.R.A.

Guimarães Rosa é profundo conhecedor da língua e mestre no estilo. Resvala num regionalismo inconseqüente, entretanto; é bom na composição humana de suas

personagens. Guimarães Rosa não é como Miguel Torga, intérprete dos Bichos. Guimarães Rosa não vai além do regionalismo; seu talento não está a serviço de problemas humanos e sociais.

Folhetim do "Jornal do Comércio"

Ao Correr da Pena

Um livro de saltou por cima do futuro

sem autor

Guimarães Rosa escreve numa atmosfera ambígua: retrata visceralmente o homem brasileiro do interior em sotaque e estilo; é nitidamente português na forma de expressão e na composição de períodos.

Sem editor

Sem Autor

Sem Data

Sagarana é obra regionalista, concretiza o conto depois de Machado de Assis. *Sagarana* é livro humano sem intuito de propaganda.

Revista Flan

Sem Autor

Sem Data

Com *Sagarana*, Rosa restabelece o prestígio da palavra na literatura brasileira.

Moderna Literatura Brasilenã

José María García R.

Sem editor

Sem data

Raro mérito do público das grandes cidades, acostumado a novelas policiais e a amores românticos, ir à livraria para comprar exemplares de *Sagarana*, livro de pitoresco colorido e ingenuidade campestre, captados não por reflexão por mas instinto.

BIBLIOGRAFIA GERAL

SOBRE A OBRA DE

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Referências Bibliográficas

- Abreu**, Marília. *Grande Escritor: Menino*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 18/07/1965.
- Accioly**, Betty. *The Old Art of Telling Tales is no Extint*. Baltimore: The Baltimore Sun, 17/04/1966.
- Accioly**, Wilson. *Boletim Cultural da RPD*. s/loc: Rádio Roquete Pinto, 15/03/1956
- Adler**, Betty. *The Devil to Pay in the Backlands*. Baltimore: The Baltimore Sun, 16/04/1963.
- Adriano**, Carlos. A angústia das inaptações. In: Decifrações de Guimarães Rosa. São Paulo: Cult Revista Brasileira de Literatura – ano IV), 2001.
- Afonso**, Wilson. *Carta inédita de G. Rosa a Waldemar Reis*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 5/06/1976.
- Aguiar**, Flávio. *Mas allá Del inferno: contribucion Del analisis de Meu Tio, o Iauaretê, de Guimarães Rosa*. In: Zea, L., org. Historia y Cultura en la Consciência Brasileña. México: Instituto de Geografia e História e FFLCH da USP, 1993.
- Aguiar**, Flávio Wolf de. *As imagens femininas na visão de Riobaldo*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Aguiar**, Melania Sil. de. *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1982.
- Aguiar**, Joaquim. *No Curralinho*. São Paulo: Usp – Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, nº 35, p.117, 1996.
- Akerg**, Marianae. *O Fenômeno Lingüístico e Literário de João Guimarães Rosa*. Estocolmo: Iberoromansk, 1967.
- Albergaria**, Consuelo. *Bruxo da Linguagem no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, s/data.

- _____. *O Evangelho de Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 20/11/1987.
- _____. *O autor como Instância do Poder*. s/loc.: Center for Latin America Studies, 1991.
- _____. *O Sentido Trágico em A Terceita Margem do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Albistur, Jorge.** *João Guimarães Rosa: Analisis de cuatro cuentos breves (Uma Estória de Amor)*. Montevideo: Banda Oriental, 1978.
- Albuquerque, Anibal.** *O Grande Sertão de Rosa*. Varginha: Correio do Sul, 12/11/1992.
- _____. *Guimarães Rosa. O Poeta de Magma*. Varginha: Correio do Sul, 17/11/1992.
- _____. *Guimarães Rosa e seus Anagramas*. Varginha: Correio do Sul, 12/11/1992.
- _____. *O Buriti de Guimarães Rosa*. Varginha: Correio do Sul, 18/11/1992.
- _____. *A Travessia do Grande Sertão*. Varginha: Correio do Sul, 24/11/1992.
- Albuquerque, Lima de.** *Um Personagem de Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 20/05/1988.
- Almada, Ana Maria.** *Testamento Literário de Tutaméia*. Belo Horizonte: O Diário, 21/07/1968 e 21/09/1968.
- _____. *Nas Perdizes*. Belo Horizonte: Estado de Minas, Suplemento Literário do Minas Gerais, 21/05/1977.
- Almeida, Ana Maria.** *Pirlimpisquice: O Palco Psíquico. O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1983.
- _____. *As Bordaduras do Texto*. s/loc.: Qua. 1988.
- Alencar, Audísio de.** *Grande Sertão: Veredas*. Poços de Caldas: Diário de Poços de Caldas, 14/10/1956.

- Almeida**, Aristides Teixeira. *As Sagas de Sagarana: o Motivo da Viagem*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1989.
- Almeida**, Candido A. M. de. *A Língua da Esfinge*. s/loc: A Manhã, 04/05/1947.
- Almeida**, Guilherme. *Concursos literários de 1936*. Rio de Janeiro: Revista da Academia brasileira de Letras. vol. 52, 1936
- _____. *Parecer da Comissão sobre Magma*. Rio de Janeiro: Revista da Academia Brasileira de Letras do Livro. s/data.
- Alencar**, Miriam. *A Hora e a Vez de Augusto Matraga filme*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/05/1966.
- Almeida**, Moacir de. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: O Globo, 03/05/1963.
- Almeida**, Paulo Mendes. *Rosinhas Flores*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, Suplemento Literário, s/data.
- Almeida**, Renato. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 30/06/1946.
- Almeida**, Virgílio Fernandes. *A Internet e o Grande Sertão*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, s/data.
- Altamirano**, Donato. *João Guimarães Rosa e José Lezama Lima*. Belo Horizonte: s/ed. 06/1979.
- Alvarenga**, Otávio Melo. *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Jornal do Comércio, 10/11/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 10/11/1956.
- _____. *Grande Sertão: Cinema*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 13/06/1959.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. Porto Alegre: Correio do Povo, 10/06/1961.
- _____. *Opiniões sobre a Obra de Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário, 25/11/1967.

- Alves, Rosental Calmon.** *O Galego na Linguagem do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 7/03/1978.
- Alves, Rubem.** *Conto o Conto de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário, 23/11/1968.
- Alves, Luciene.** *Ele está encantado nos rincões de Minas Gerais*. Minas Gerais: Belo Horizonte: 27/06/1989.
- Alvim, Clara de Andrade.** *Representações da pobreza e da riqueza em Guimarães Rosa*. In: Schwarz, Roberto org. *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- Alvim, Gilda Cesário.** *Guimarães Rosa em Francês*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 22/08/1961.
- _____. *O Buriti e a Crítica*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28/09/1961.
- Amado, Genolino.** *Em Torno de um Livro Singular*. São Paulo: Correio Paulistano, 05/05/1946.
- Amado, Gilberto.** *Notas Sobre Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 5-12/07/1958.
- _____. *Notas sobre Sagarana*. s/loc: Jornal do Comércio, 05-12/07/1958.
- _____. *Notas sobre Sagarana de Guimarães Rosa*. Genebra: s/ed. 06/1958.
- _____. *Tradução Parcial do Prefácio de The Devil to pay in the backlands*. Knopp, s/ed. 1963.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Rosa*. Genebra: Minas Gerais: Suplemento Literário, 25/11/1967.
- Amado, Jorge.** *The Place of Guimarães Rosa in Brazilian Literature*. s/loc: s/ed. 1963.
- _____. *João Guimarães Rosa Stellung in der Brasilian. Litet.*. Koln: Verlag Kiepenhaeurer & Witch, 14,17,?.
- _____. *G.Rosa, um impacto na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 05/1963.

- Amâncio**, Moacir. *No Galope da Viola do Sertão Veredas*. São Paulo: Correio Paulistano, s/data.
- _____. *Tendências do romance francês e ligações entre Rosa e Machado*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 02/09/2001.
- Amarante**, Eliana. *Problemas na tradução de Grande Sertão Veredas*. Ouro Preto: Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 25/07/1994.
- Amorim**, Guedes de. *Sagarana*. Lisboa: Século Ilustrado, 03/02/1962.
- Andrade**, Alvares Martins. *O Espelho de Guimarães Rosa*. Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1972.
- _____. *Universo, Processo e Ética em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Unesp, 1973.
- _____. *Matéria e Matéria Vertente no Grande Sertão*. Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1974.
- Andrade**, Ana Lúcia. *The Carnavalization of the Holy Sinaer: An Intertextual Dialogue between Thomas Man And Guimarães Rosa*. A. H. E V. de A. Pittsburg: Latin America Literary Review, Estados Unidos, Jan-Jun 1986.
- Andrade**, Carlos Drummond. *Carta*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 08/06/1958.
- _____. *"Sagarana"*. In: Andrade, Carlos Drummond de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- _____. *Rosa Cordisburgo*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1/12/1967.
- _____. *Um chamado João*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1967.
- _____. *"Na Calçada"*. In: Andrade, Carlos Drummond de. *Obras completas*. Crônica dedicada a Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- _____. *Obrigado*. São Paulo: Unesp, 1973.
- _____. *Rosa Cordisburgo*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário, 23/04/1974.

- Andrade, Sônia M. Viegas.** *A palavra poética e a palavra filosófica no Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1977.
- _____ *O Universo Épico Trágico de Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1982.
- _____ *A Vereda Trágica do Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- Andrade, Euclides M.** *Como Rosa criou Mechêu*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 8/07/1978.
- Andrade, Jeferson R. de.** *Venha conosco. Vamos percorrer as veredas*. São Paulo: Diário Popular, 30/07/1975.
- Andrade, Jefferson Ribeiro de.** *Seu Marrinha é quem está falando*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 31/07/1975.
- Andrade, Vera Lúcia.** *Conceituação de Jagunço e Jagunçagem em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Angelo, Ivan.** *Deus e o Diabo no Grande Sertão*. s/loc.: O Diário, 26/06/1963.
- Araújo, Heloísa Vilhena de.** *G. Rosa: Diplomata*. Fundação Alexandre Gusmão, s/data.
- _____ *Encontrar G. Rosa. Corpo de Baile*. São Paulo: Convivium, 1973.
- _____ *The Metamorphoses of João Guimarães Rosa*. Londres: King's College, 1977.
- _____ *A Raiz da Alma (Corpo de Baile)*. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____ *O Roteiro de Deus*. São Paulo: Mandarin, 1996.
- _____ *Espelho (Primeiras Estórias)*. São Paulo: Mandarin, 1998.
- _____ *Amicus plato magis amica veritas*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- _____ *As Três Garças. Nova contribuição ao estudo de Guimarães Rosa. (sobre Tutaméia)*. São Paulo: Mandarin, 2001.

- Araújo, Laís Corrêa de.** *Conversa com o Escritor*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 11/02/1962.
- _____ *Tutaméia Só?* Belo Horizonte: Minas Gerais: 23/09/1967.
- _____ *O Grande Ausente*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Araújo, Paulo.** *João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Jornal da Cidade, 28/11/1967.
- Araújo, Wagner Corrêa.** *In Memorium*. São Paulo: Gazeta Comercial, 27/11/1967.
- Arregy, Clara.** *Católica cria uma Memorial para Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 20/06/1993.
- _____ *Grande Sertão tem Estatura de Obra Prima*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 1994.
- Arrigucci Jr, Davi.** *Guimarães Rosa e Gôngora: Metáforas*. s/loc.: Pólis, 1979.
- _____ *O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa*. São Paulo, Novos Estudos Cebrap, nº 40, nov. de 1994.
- Arrojo, Rosemary.** *Jorge L. Borge's Labyrinths and João Guimarães Rosa*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1984.
- Arroyo, Leonardo.** *De Quelemém a Riobaldo*. São Paulo: Folha da Tarde, 21/04/1963.
- _____ *Riobaldo e Fausto*. São Paulo: Folha da Tarde, 27/12/1964.
- _____ *A Cultura Popular em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio Fundação Nacional Pré-His, 1984.
- Asfora, Permínio.** *Escritores que não conseguem ler Guimarães Rosa*. s/loc: Leitura, 1958.
- Assis, Brasil.** *Guimarães Rosa e a Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 30/12/1956 e 6/1/1957 e 13/01/1957.
- _____ *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06/10/1957.

- _____. *O Novo Romance Brasileiro Grande Sertão:Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1965.
- _____. *Literatura Brasileira Hoje*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1967.
- Ataíde**, Austregésilo de. *Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 22/11/1967.
- _____. *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Ata da Sessão da Academia Brasileira de Letras, 23/11/1967.
- _____. *O Abismo*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 9/12/1967.
- _____. *Apreciação Sucinta de Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 16/12/1967.
- _____. *Guimarães Rosa, Escritor do ano*. Rio de Janeiro: Jornal, 31/12/1967.
- Ataíde**, Tristão de. *A Descoberta do Eu*. s/loc: Diário de Notícias 20/04/1952.
- _____. s/tit. s/loc.: s/ed. 26/06/1955.
- _____. *O conto neo-realista*. s/loc.: Diário de Notícias, 09/08/1956.
- _____. *Evolução do Conto*. s/loc: Diário de Notícias, 19/08/1956.
- _____. *Satã nas Letras*. s/loc: Diário de Notícias, 13-20/04/1958 e LBL, nº13, 1963.
- _____. *O Transrealismo Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo; Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 30/08/1963.
- _____. *O Fabulógico Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19/08/1967.
- _____. *Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 03/07/1981.
- Ataíde**, Vicente. *Macunaíma e Sagarana: ruptura e tradição*. Belo Horizonte: Estado de Minas, Minas Gerais: 22/12/1973.
- _____. *Macunaima e Sagarana; ruptura e tradição*. Belo Horizonte: s/ed, 22/12/1973.
- _____. *Macunaíma e Sagarana: ruptura e tradição II*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 29/12/73.

- Augusto**, Sérgio. *Riverão de Rosa vem correr no palco*. São Paulo: Folha de São Paulo: s/data.
- Autran**, Cristina. *Eu declinava para nãozas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 07/07/1967.
- Ávila**, Afonso. *A Autenticidade em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 27/1/1957.
- _____. *Biografia de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- _____. *Guimarães Rosa: sua hora, sua vez*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- _____. *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- Avelar**, Marcelo C. *Um filme a ser visto duas vezes no palco*. s/loc.: s/ed. s/d..
- Ayala**, Walmir. *Um livro de Crítica*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 08/06/1965
- _____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 2/10/1967.
- _____. *Guimarães Rosa: o senhor do encantamento*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 25/11/1967.
- _____. *Lembrando as Primeiras Estórias*. Porto Alegre: Correio do Povo, 20/07/1968.
- Azeredo**, Ely. *A hora e a vez de Augusto Matraga (Sobre o filme)*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/05/1966.
- _____. *O desafio de Matraga*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 12/05/1966.
- _____. *Cannes sem complexos*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 24/05/1966.
- Azevedo Filho**, Leodegário. *O discurso de Ficção em Guimarães Rosa*. Lisboa: Colóquio Letras, 09/1973.

- Baggio**, Marco Aurélio. *Dão-dalalão*. Belo Horizonte: Revista Reverso, Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, n ° 27, dez., 1987.
- _____ *Processo incessante da construção da identidade de Riobaldo*. Belo Horizonte: Cadernos de Extensão da Puc MG, 09/1993.
- _____ *Apego e Loucura em João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Cadernos de Extensão da Puc MG, 09/1993.
- _____ *Dos seres incompletos à edificação humana*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.
- Bairro**, Reynaldo. *Será Guimarães Rosa um escritor realmente difícil?*. Rio de Janeiro: O Globo, 29/05/1976.
- Balbuena**, Monique Rodrigues. *Poesia & Prosa: a cosmogonia na obra de E. A. Poe e João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 16/07/1993.
- Baldacci**, Luigi. *Corpo de Ballo*. Firenze: Giornale Del Matino, 25/02/1965.
- _____ *Un'invenzione continua il linguaggio de Guimarães Rosa*. Milão: Época, 21/02/1965.
- Baltar**, Alda. *Analyse des Lettres Échangées entre Guimarães Rosa et son traducteur sur la traduction française de Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Elos - Associação Brasileira dos Professores de Francês, 1979.
- Bandeira**, Manuel. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 13/03/1957.
- _____ *Truque e Retruque*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 30/07/1958.
- _____ *Cavu*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/06/1960.
- _____ *Plágio*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 18/06/1961.
- _____ *De novo Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 22/01/1961.
- _____ *Na Academia*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 27/07/1961.
- _____ *A Rua da Alegria e Outras Ruas*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 27/07/1963.
- _____ *Ria Rosa Ria*. s/loc, Diário de Notícias, 1/08/1963.

- _____. "A Guimarães Rosa". In: Bandeira, Manuel. Poesia e Completa e Prosa, Rio de Janeiro: Aguilar, 1986
- _____. *Retruque a Guimarães Rosa*. In: Bandeira, Manuel. Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986
- _____. *Rosa em três tempos*. In: Bandeira, Manuel. Andorinha, Andorinha. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª ed. 1986.
- Bárbara**, Danusia. *Grande Sertão: Veredas: De equívoco literário a clássico da literatura brasileira moderna em 25 anos*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06/06/1981.
- _____. *A Pedra de Roseta*. Rio de Janeiro: O Globo, 16/06/1981.
- Barbosa**, Alaor. *A roupa do sertão ou do Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 4-7 E 29/08/1959.
- _____. *Notas sobre Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: s/ed. 26/08/1978
- _____. *A epopéia brasileira, ou, para ler Guimarães Rosa*. Goiânia, Imery Publicações, 1981.
- Barbosa**, Rolmes. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. São Paulo: Estado de S. Paulo, 15/05/1965.
- _____. *Trilhas no Grande Sertão*. São Paulo: Estado de S. Paulo, 15/05/1965.
- _____. *Primeiras Estórias*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1/04/1967.
- _____. *Primeiras Estórias*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/03/1969.
- Barbosa**, D. Marcos. *Guimarães Rosa, um religioso*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28/11/1967.
- Barbosa**, Francisco de Assis. *Sagarana*. s/loc, Diretrizes, 29/03/1946.
- Barbosa**, Gustavo. *Almas de lama e de aço: Lampião e outros cangaceiros*. São Paulo: Melhoramentos, s/data.
- Barreto**, Plínio. *Sagarana*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/05/1946.
- _____. *Do sertão e dos sertanejos*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 26/08/1956.

- Barreto, Benito.** *Diálogo como escritor, 24 horas antes.* São Paulo: Estado de S. Paulo, 26/11/1967.
- Barros, Maria Heloísa Noronha.** *Miguelim e Manuelzão, viagem para o ser.* Belo Horizonte: s/ed. 1988.
- Barros, Ambar de.** *Globo quer Guimarães Rosa só para ela.* s/loc, s/ed. 21/01/1985.
- Barros, Diana Luz Pessoa de.** *O dizer-verdadeiro: análise narrativa de Desenredo, conto de Guimarães Rosa.* Florianópolis: Ilha do Desterro, 1987.
- _____. *O dizer-verdadeiro: análise narrativa de Desenredo, conto de Guimarães Rosa.* s/loc.: Revista de Teoria y Análisis. Jan-Jun, 1990.
- Barros, Maria Lúcia Dressen de.** *The Riddle of Matraga: Metaphor as a Decodification Process* (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: s/data.
- Barros, Ambar.** *Em Minas, a Globo revive o Grande Sertão.* s/loc, s/ed. 21/01/1985.
- Barros, Diana L. P. de.** *O Dizer-verdadeiro. Ilha do Desterro. Sobre Desenredo.* Florianópolis, s/ed. 1987.
- Barthes, Roland.** *De l'oeuvre au text.* Paris: Revue D'esthetique, nº3, 1971.
- Bassalo, Célia Coelho.** *Dois aspectos do discurso literário Plebiscito e Famigerado.* Belém, Universidade Federal da Paraíba, 1982.
- Basseto, Bruno Fregni.** *A parassíntese: teoria e prática.* São Paulo: Universidade de São Paulo: s/data.
- Bastide, Roger.** *Deux écrivains du sertão: João Cabral de Mello Neto e João Guimarães Rosa.* França: Mercuri de France, 03/1960.
- Bastos, Orlando.** *Guimarães Rosa no sem fim dos mortos.* São Paulo: A Gazeta, 9/12/1968.
- Becherucci, B.** *Lírica e dramma nell'opera d'uno dei candidati al nobel 65. El un mondo remoto e tragico il Brasile di Guimarães Rosa.* Genova: Secolo XIX, 02/04/1965.

- Bedate**, Pilar Gómez. *Notas sobre las versiones y traducciones de Grande Sertão*. Madrid: Revista de Cultura Brasileña, nº 21, 06/1967.
- Beleza**, Newton. *As Primeiras Estórias*. s/loc, Jornal do Comércio, 05/05/1963.
- Bello**, Aloysio. *A hora e a vez da balada para Matraga*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 5/11/1985.
- Bello**, José Maria. *Quatro Livros*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 09/08/1956.
- Benavides**, Washington. *Los 'Zaos' de Guimarães Rosa*. s/loc.: Trav. 1987.
- Berger**, Yves. *Buriti*. França: L'express, 27/04/1961.
- Bergin**, Thomas G. *The devil to pay in the backlands*, s/loc, Herald Tribune Books, 19/05/1963.
- Bessa**, Luís de. *Sagarana*. Minas Gerais: Folha de Minas, 05/05/1946.
- Bicalho**, Mansur, Geraldo C. Gilberto. *Era uma vez aquele menino, o Joãozito, sem Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Diário da Tarde, 22/11/1967.
- Bissiliat**, Maurren. *João Guimarães Rosa*. São Paulo: BrunaEer, 1969.
- Bizzarri**, Edoardo. *Guimarães Rosa e Vico*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 19/11/1972
- _____. *João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.
- Bó**, Efrain Tomás. *Parágrafos diversos sobre os clássicos da América*. São Paulo: Diálogo, nº 8, 11/1957.
- Bloch**, Pedro. *Histórias de Gente*. s/loc, Shopping News, 22/01/1961.
- _____. *Uma não entrevista de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Manchete, 1/06/1963.
- _____. *A Linguagem da Alma, Ensinaamentos do Velho Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 10/03/1985.
- Bogne**, Reginao, *Exerzierplatz der brasilianischen durre*, s/loc, Rheinische Post, 28/11/1964.

- Bogner, Karl.** *Brasiliens Saga. Grande Sertão.* Berlim: Die Bucherkommentare, Jornal Trimestral, 15/09/1964.
- Bolle, Stefan Wilhelm.** *Vermittlung von Stadt und Sertão-Kultur im Werk von Guimarães Rosa.* Berlin: Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt, v. 39, nº 5, 1990. (Artigo de Periódico)
- Bolli, Willi.** *Fórmula e Fábula.* São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Grande Sertão: cidades.* In: Congresso Abralic, 4, São Paulo: Universidade de São Paulo, p. 1.065-1080, 1995.
- _____. *Grande Sertão: cidades.* São Paulo, Revista-Usp, nº 24, dez., jan., fev., 1995/1996.
- _____. *O pacto no Grande Sertão – Esoterismo ou Lei Fundadora?* São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, vol. 36, 1997/98.
- _____. *O sertão como forma de pensamento.* Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- _____. *Guimarães Rosa: leitor de Euclides.* Porto Alegre: Brasil/Brazil, nº 20, 1998.
- Bolognesi, M. Fernando.** *Vida e Teatro em Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas e Pirlimpitqui.* S/loc.: Trans, 1985.
- Bondy, François.** *Grande Sertão.* s/loc, neue zurcher zeitu, 05/10/1964.
- Borba, Osório.** *O processo de Guimarães Rosa,* Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- _____. *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão.* s/loc.: Leitura, 10/1958.
- Borba, José César.** *Histórias de Itaguará e Cordisburgo.* Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 19/05/1946.
- BorbaFilho, Hermito.** *Corpo de Baile. Uma Revolução Estilística.* São Paulo: Visão, 30/03/1956.
- _____. *Uma obra imortal. Grande Sertão: Veredas.* Rio de Janeiro: Visão, 14/09/1956.

- Bory, Jean-Louis.** *Diadorim*. Paris. Le nouvel Observateur, 17/06/1965.
- Bosi, Alfredo.** *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- _____ *Céu, Inferno*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____ *Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras*. In: *Dialética da Colonização*, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____ *Como o 'Grande Sertão' enveredou pela tv*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 10 de dezembro de 2000.
www.estado.estadao.com.br/jornal/00/12/10/news129.html
- Bosquet, Alain.** *Le monde foisonnant de João Guimarães Rosa*. França: Le Monde, 10/04/1965.
- Botelho-Brown, L. S.** *As Garças: A Linguagem Objetiva de G. Rosa*. s/loc.: RMN, 1983.
- Bourrier, Ana.** *Rosa em Paris*. s/loc, s/ed. 02/04/1987.
- Braga, Rubem.** *Guimarães Rosa. Vaqueiro*. Rio de Janeiro: Manchete, 14/11/1953.
- _____ *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 03/03/1956.
- _____ *Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 12/08/1956.
- Braga, Kenay.** *Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Folha da Tarde, 21/11/1967.
- Braga, C. dos Reis Baeta.** *Formação das Palavras em G. Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 15/11/1980.
- Brait, Beth.** *Guimarães Rosa. O nosso ou o pai de Vilma?* São Paulo: Jornal da Tarde, 16/01/1984.
- _____ *João Guimarães Rosa. Seleção de Textos, notas Estudos Bibliográficos Histórico-Crítico e exercícios por si*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____ *Guimarães Rosa*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

- _____. *Guimarães Rosa na mira de Bakhtin: Riobaldo e Diadorim na televisão*. Curitiba: Hatier, 1988.
- _____. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- _____. *Guimarães Rosa. Seleção de Textos, Notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Beth Brait*. São Paulo: Nova Cultural, 1990.
- Bramma**, L. A. de. *João Guimarães Rosa*. Havana: El Mundo, 16/12/1958.
- Brandão**, Moacir Moura. *As Gerais de Guimarães Rosa*. Guanabara: Chuvisco, 06/1965.
- Brasil**, Assis. *Guimarães Rosa e a Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 30/12/1956.
- _____. *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06/10/1957.
- _____. *O novo romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/06/1967.
- _____. *Literatura Brasileira Hoje*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 1967.
- _____. *Situação da Obra*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.
- Brion**, Marcelo. *Littérature sud-américaine*. S/loc.: Les Nouvelles Littéraires. 11/01/1962.
- _____. *Invitation's au voyage*. s/loc, Les Nouvelles Littératures. 13/12/1962.
- Brito**, Luis Tenório de. *Sagarana*. São Paulo: Gazeta de Limeira, 16/07/1948.
- Broca**, Brito. *Vida Literária*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 22/06/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 09/1958.
- Brothers**, Sue C. *The danger in all men*. Houston: Houston Post, 30/11/1963.
- Brower**, Keith H. *Pedro Páramo and Grande Sertão: Veredas: The realization of the new novel in latin american literature (G. Rosa)*. Penasylvania: The Penasylvania State University, 1985.
- Bruno**, Haroldo. *Duas Notas*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 30/11/1963.

- Bryas**, Jean-Paul. *"Técnicas, Estruturas e Visão em Grande Sertão: Veredas"*. In: Coutinho, Eduardo. *Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Buenos**, Silveira. *O Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Gazeta, 7/07/1957.
- Bueno**, A. Sérgio. *A Narrativa Como Caosmos: O Medo e o Amor em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literatura do Minas Gerais: 14/02/1976.
- _____. *O Medo e Amor em Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário, 14/02/1976.
- Buono**, Oreste del. *Guimarães Rosa Futuro nobel? Il romanzo del sertão*. Milão: Corriere Della Sera, 07/03/1965.
- Bussoloti**, Maria Aparecida Faria Marcondes. *Proposta da edição da correspondência inédita entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (23 de janeiro de 1958 a 27 de agosto de 1967) (Dissertação de Mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.
- Burnett**, Lago. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 11/03/1964.
- C. J.** *Arca de noé* (17). Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 28/07/1955.
- C. J.** *Arca de noé*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 28/07/55.
- Cabral**, Regina Célia Pereira. *O tempo da narrativa em Dão Lalalão*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 16/07/1977.
- Caetano**, Maria do Rosário. *Balada para Rosa*. Brasília, Correio Braziliense, 17/11/1985.
- Calamo**. *Desnorte: leituras poéticas em torno da obra de João Guimarães Rosa*. São Paulo, Nankin, 1997.
- Callado**, Antonio. *O processo de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- _____. *Guimarães Rosa, o épico de Grande Sertão - 20 anos de Sagarana*. Rio de Janeiro: Visão, 2/12/1966.

- _____. *Guimarães Rosa e o livro de Kells*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25/11/1967.
- _____. *Versos de Guimarães Rosa aguardam resgate*. São Paulo: Folha de São Paulo: 25/07/1992.
- Calmon, Pedro.** *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Ata da Reunião da Academia Brasileira de Letras, 23/11/1967.
- Calobrezzi, Edna.** *Os modos de narrar a morte em Estas Estórias (Tese de doutorado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. *Morte e Alteridade em Estas Estórias*. São Paulo: Edusp/Fapesp, Coleção Ensaio de Cultura, 2001.
- Camacho, Fernando.** *Entrevista com João Guimarães Rosa*. Munique, Humboldt, 1978.
- _____. *Entrevista com Guimarães Rosa*, Munique: Humboldt, s/data.
- Cambará, Isa.** *Vilma Guimarães Rosa conta pequenas histórias do pai*. São Paulo: Folha de São Paulo: 10/12/1983.
- Campelo, Joaquim.** *Rosa e Cabral, cordialmente*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 14/02/1987.
- Campos, Aguinaldo Aparecido.** *Passagens Bíblicas em 'Sagarana' de João Guimarães Rosa (Dissertação de Mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- Campos, Augusto de.** *A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 25/11/1967.
- Campos, Paulo Mendes.** *A voz do morto*. Rio de Janeiro: Manchete, 9/12/1967.
- Campos, Milton de Godoy.** *Guimarães Rosa. Mestre Ocultista*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 06/01/1974.
- Campos, Norma Discini de.** *Intertextualidade e o conto maravilhoso (Tese de Mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- Campos, Paulo Mendes.** *O cego de Ipanema (na Sessão Bibliografia Nacional em Livros. s/loc, s/ed. s/data.*

- Campos, Jorge.** *Gran Sertón-Veredas*. Madrid: Insula, nº 252, 11/11/1967.
- Campos, Haroldo.** *A Linguagem do Iauaretê*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/12/62.
- Campos, Paulo Mendes.** *Grande Sertão: Veredas*. s/loc, Diário da Tarde, 17/04/1957.
- Campos, Vera Mascarenhas de Borge.** *Na esquina Rosada do Grande Sertão*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- Campos, Geir.** *Sagarana*. s/loc.: Diário de Notícias, 11/02/1956.
- Campos, Roberto Teixeira.** *Grandes Sertões: Veredas*. Minas Gerais: Diário de Minas, 14/08/1960.
- Campos, Paulo Mendes.** *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Manchete, 13/10/1956.
- _____ *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Manchete, 15/12/1956.
- _____ "*Grande Sertão: Veredas*". In: Campos, Paulo Mendes. *O cego de Ipanema*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1960.
- Campos, Maria do Carmo.** *A Festa Nomeação*. Grenoble: Taira, Université Stendhal, 1989.
- Campos, Leonardo.** *Desfazendo o Mistério de Diadorim*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 4/07/1983.
- Campos, Augusto de.** *Um lance de \dês\ do Grande Sertão*. s/loc, Revista do livro, nº 16, 16/1959.
- Cancado, Melo.** *Sagarana*. Belo Horizonte: O Diário, 15/06/1946.
- Candido, Antônio.** *Sagarana*. Rio de Janeiro: O Jornal, 21/07/1946.
- _____ *O Sertão e o Mundo*. São Paulo: Diálogo, nº 8, 11/1957.
- _____ *Guimarães Rosa e seu Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967
- _____ *Guimarães Rosa e seu Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967.

- _____ et Castello, José Aderaldo. "*Guimarães Rosa*". In: Candido, Antonio, Castello, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2ª edição, vol. III, 1967.
- _____ *Dialética da Malandragem e caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Revista do Instituto do Est. Brasil, n°8, 1970.
- _____ "*Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa*". In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____ "*A Nova Narrativa*". In: *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____ *Carta a Marcelo de Almeida Toledo*. In: Dantas, P. Euclides da Cunha e Guimarães Rosa: através dos sertões – os livros, os autores. São Paulo: Massao Ohno, 1996.
- Canabrava, Euryalo.** *Guimarães Rosa e a linguagem Literária*. Lisboa: Diário do Brasil, Livros do Brasil, n° 18, 08/04/1956.
- _____ *Compreensão de Guimarães Rosa*. s/loc.: Diário de Notícias, 27/05/1956.
- _____ *A obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha da Noite, 14/09/1956.
- _____ *Opinião sobre a obra de Rosa*. São Paulo: Folha da Noite, 25/11/1967.
- _____ *Técnica literária e técnica lingüística*. s/loc.: Diário de Notícias, 2/12/1956.
- Capovilla, Maurice.** *O Recado do Morro*. s/loc: Revista do Livro, n° 25, 03/1964.
- Cardim, Elmano.** *Guimarães Rosa*. s/loc.: Jornal do Comércio, 10/12/1967.
- Cardoso, Wilton Alves.** *A escritura da composição em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: s/data.
- Cardoso, Osório Alves.** *A região do São Francisco*. São Paulo: Diálogo, n° 8, 11/1957.

- Cardoso, Lúcio.** *Diário não íntimo*. Rio de Janeiro: s/ed. 21/12/1956.
- Carlos de Caldas Brito, Lasinha Luis.** *Sagarana*. s/loc: Fon-Fon, 28/12/1946.
- Carneiro, Glauco.** *A hora e a vez dos Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 25/11/1967.
- _____ *Guimarães Rosa virou encantado*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 02/12/1967.
- Carneiro, Levi.** *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Ata da Sessão da Academia Brasileira de Letras, 23/11/1967.
- Carneiro, Levico.** *Guimarães Rosa na primeira linha de nossa literatura* (parecer concedendo o prêmio Machado de Assis). s/loc: Jornal do Comércio, 16/07/1961.
- Carpeaux, Otto Maria.** *Dimensões Contemporâneas*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 12/07/1958.
- _____ *Brasil. Ausências e presenças*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 23/01/1965.
- _____ *Guimarães Rosa: um epitáfio*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 16/12/1967.
- Carvalho, José Augusto.** *Guimarães Rosa*. Espírito Santo: A Gazeta, 02/12/1967.
- _____ *Em torno de Sagarana*. Espírito Santo: A Gazeta, 09/12 1967.
- Carvalho, Davi.** *O fora e o dentro das coisas em Guimarães Rosa (ou o objetivo e o subjetivo em Sarapalha)*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 18/10/1975.
- Carvalho, José Darcy de.** *Língua (Saga) e imagem (Rana): uma Leitura retórica (tese de doutorado)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1988.
- Carvalho, Lúcia Helena,** *"A cena de desencantamento de Grande Sertão: Veredas"*. In: Momentos de Crítica Literária V e VI, Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, s/data.

- Carvalho, Ana.** *Vida, criação e humanismo: Guimarães de Corpo inteiro na Casa de Rui Barbosa.* s/loc: Tribuna de Imprensa, 9/11/1984.
- Carvalho, Maria Angélica.** *Os dez anos da morte de Guimarães Rosa. Do fundo de Minas a vaga lembrança de seu escritor maior.* s/loc: s/ed., 19/11/1977.
- Carvalho, Daniel de.** *Hamburgo com Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 11/1960.
- Carvalho, David de.** *Compadre meu Quelemém.* Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 14/09/1976.
- Carvalho, Cleusa Martins de.** *As fazedoras de velas: o outro lado da moeda (a gênese do romance em João Guimarães Rosa.)* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2 vol., 1996.
- _____. *O que revelam os manuscritos de Guimarães Rosa.* São Paulo: Usp– Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 191, 1996.
- Castelnau, Marie-Pierre.** *Buriti.* s/loc.: L'information, 27/05/1961.
- Castro, Antônio Carlos Drummond Monteiro de.** *O Trem do Sertão: as Primeiras Estórias e a Sabedoria Chinesa (Dissertação de Mestrado).* Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 1999.
- Castro, Ney Leandro de.** *Universo e Vocabulário de Grande Sertão.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- _____. *A epifania da linguagem ou Corpo Fechado.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- _____. *Dez anos sem Guimarães Rosa.* Fabulista. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19/11/1977.
- Castro, Rui.** *Rosa I, garimpando as primeiras histórias.* Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 10/11/1968.
- Castro, Silvio.** *Campo Geral: estrutura e estilo em Guimarães Rosa.* Mursia: Analii di Ca'focari, 1970.

- Castro**, Manuel Antonio de. *O homem provisório do Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1976.
- Castro**, Silvio. *Prosa de Ficção*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1962-1963.
- Castro**, José Ariel. *Prosa da Ficção*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1962-1963.
- Castro**, Rui de. *Tutaméia em torno de seu criador*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 16/12/1967.
- Castro**, Antonio de. *O homem provisório no Grande Sertão. Um estudo de Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- Castro**, Vander de. *Guimarães Rosa fala aos jovens*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 23/12/1967.
- Castro**, Paulo de. *Sagarana*. s/loc: Tribuna de Imprensa, 17/11/1951.
- Castro**, Simone Reis de. *O Fascínio do Grande Sertão, segundo Rubinger*. s/loc: Edição do Brasil, 18-24/11/1985.
- Cavalcanti**, Cláudia. *O Fabuloso Manuelzão*. São Paulo: Folha de São Paulo: 26/07/1992.
- Cavalcanti**, Gilberto. *A glória vista dos bastidores*. s/loc: Leitura, 06/1963.
- Cavalcanti**, Waldemar. *Opiniões sobre a obra de Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- Cavalcanti**, Gilberto. *Breve conversa sobre Guimarães Rosa*. s/loc: Jornal do Comércio, 20/06/1965.
- Cavalcanti**, Waldemar. *Jornal Literário: romance*. Rio de Janeiro: O Jornal, 23/12/1956.
- _____. *Posição de Guimarães Rosa por Gilberto Freire: excepcional*. Rio de Janeiro: O Jornal, 20/06/1964.
- Cavalcante**, Maria Neuma Barreto. *Bicho Mau: a gênese de um conto. (Tese de doutorado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

- _____. *Cadernetas de viagem: os caminhos da poesia*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 235, 1996.
- Cortez, Irleamar C.**. *Narración e Metalenguaje em Grande Sertão: Veredas*. Pittsburgh: Revista Ibero-Americana, s/ed. 1977.
- Centro de Estudos Mineiros**. *Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1966.
- Cezar, Guilhermino**. *No Mundo Moral de Riobaldo*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 21 e 28/06/1975.
- Chacon, Dulce**. *Guimarães Rosa*. s/loc.: Jornal do Comércio, 2/12/1967.
- Chamberlain, Bobbv. J.** Sobre o texto The process of revitalization of the language and narrative structure in the fiction of G. Rosa e J.C. California: University of Southern California, s/data.
- Chamie, Mário**. *Citrodia, Blau e Riobaldo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 17/10/1964.
- Chataignair, Gilda**. *Guimarães Rosa na alta costura*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 09/10/1962.
- Chaves, Flávio Loureiro**. *Prefil de Riobaldo*. In: Ficção Latino-americana. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1973.
- _____. *Guimarães Rosa e a chave do jogo*. In: O brinquedo absurdo. São Paulo: Pólis, 1978.
- Chiappini, Lígia**. *Grande sertão: veredas – a metanarrativa como necessidade diferenciada*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.
- Chiamp, Cortez Irleamar**. *narración y metalenguaje en Grande Sertão: Veredas*. Pittsburgh-Penn: Revista Iberoamericana, 06/1977.
- Chinalli, Míriam**. *Freud na Terceira Margem do Rio*. São Paulo: Revista Leitura, Ensaio, mar
- Chlesinger, Tom**. *Brazilian Bandit Reminiscences*. s/loc.: The Virginian Pilot, 19/03/1963.

Cirurgião, Antônio. *Simbolismo Religioso em Dão-Lalalão*. Lisboa: Ocidente, 1973.

_____ *Um texto sem decifração. (sobre Nada e nossa Condição)*. Lisboa: Paris: Fundação Gulbenkian, Arquivos do Centro Cultural Português, 1985.

_____ *Seqüência de Guimarães Rosa, ou O jogo do amor e do azar*. s/loc.: LBR, 1986.

Clason, Curt Meyer. *Übersetzungsprobleme bei João Guimarães Rosa Grande Sertão: Veredas*. Munique: Humboldt, n°10, 1964.

_____ *A tradução e o encontro procurado*. São Paulo: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n°1, Universidade de São Paulo: 1966.

_____ *João Guimarães Rosa e a língua alemã*. In: Adonias Filho et alii. Lisboa: Instituto Luso Brasileiro, 1969.

_____ *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06/06/1977.

_____ *João Guimarães Rosa e a língua alemã*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, n° 3, 1998.

_____ *Zur deutschen Übersetzung. Marginalien zu João Guimarães Rosa, Grande Sertão*. Kol: Verlag & Witsch, s/data.

Coaracy, Vivaldo. *Mesa-Redonda sobre Guimarães Rosa*, São Paulo: Jornal do Brasil, 02/09/1956.

_____ *Língua Brava*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 11/08/1956.

Coelho, Nelly Novaes. *Guimarães Rosa e o homo ludens*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 20/04/1974.

_____ *A arte narrativa e o espírito lúdico de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 14/04/1974.

_____ et alii. *Crítica a Guimarães Rosa. Dois Estudos*. São Paulo: Quiron, 1976.

_____ et alii. *Guimarães Rosa. Dois Estudos*. São Paulo: Quiron, 1988.

_____ *Guimarães Rosa, o demiurgo sertanista*. In: Coelho, Nelly novaes. O ensino da literatura. São Paulo: Ftd, 1966.

- Coleman**, Alexander. *Thinking Beasts*. New York: The New York Times, 17/04/1966.
- Condé**, José. *Escritores e Livros*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 19/06/1957.
- _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Recorde, Correio da Manhã, 01/07/1958.
- _____. *Flash*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 25/11/1967.
- Conrado**, Raul. *O Burrinho Pedrês (Esboço de Interpretação)*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 01/07/1958.
- _____. *A Volta do Marido Pródigo*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 29/08/1959.
- _____. *Sarapalha*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 21/11/1959.
- Coelho**, Saldanha. *Corpo de Baile, livro difícil*. Rio de Janeiro: s/ed. 03/04/1956.
- Contrera**, Waltera. *Grande Sertão: Acerto Total*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 29/11/1985.
- Cony**, Carlos Heitor. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 09/04/1963.
- Cordeiro**, Cruz. *Língua Brasileira*. Rio de Janeiro: O Jornal, 22/07/1956.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- Corrêa**, Nereu. *Guimarães Rosa. O homem e o artista*. s/loc: s/ed. 31/03/1974.
- _____. *A tapeçaria lingüística de Os Sertões e outros estudos*. São Paulo: Quiron, 1978.
- Corrêa**, Sabino, Assis, Waldemar. *Juca Bananeira. A memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 27/11/1971.
- Costa**, Ana Luiza Martins. *Rosa, leitor de Homero*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- _____. *Poty parceiro de Rosa*. Porto Alegre: Livros, out., nov., dez., 1998.

- Costa, Dante.** *"Corpo de Baile ou O sentido social em Corpo de Baile"*. In: Para Todo. Rio de Janeiro: s/ed. 1958.
- Costa, Dias da.** *No mundo da ficção-Leitura*. Rio de Janeiro: s/ed. 07/1957.
- Costa, Walter.** *Un roman brésilien en français. Question de traduction à propos de Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa*. Leuven: Kathelieke Universite de Leuven, 1980.
- Costa, Maria Ignez Corrêa da.** *De repente morreu: João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967.
- Costa, Dalila L. Pereira da.** *Duas epopéias das Americas, Moby Dick e Grande Sertão: Veredas (ou o problema do mal)*. s/loc: Porto Lello, 1974.
- Costa, Maria M. da.** *Claráguas ou a simbologia do elemento aquático em Grande Sertão: Veredas*. Curitiba: Estudos Brasileiros, 1977.
- CostaFilho, Odylo.** *Soneto de Seja feita a vossa vontade*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 14/05/1966.
- Costandrade, Joelia.** *A Balada de Rufo Herrera*. Brasília: Correio Braziliense, 22/01/?.
- Couto, José Geraldo.** *Falta de acordo atrasa publicação de poemas reunidos em Magma*. s/loc.: s/ed. s/data. Encontrado no jornal O Globo.
- Coutinho, Nogueira.** *A Correspondência Inédita de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 19/12/1972.
- _____ *Uma evocação de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 25/11/1976.
- Coutinho, Eduardo de Faria.** *The synthesis novel in Latin America: A study on Guimarães Rosa's Grande Sertão: Veredas*. Berkeley: University of California, 1983.
- _____ *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- _____ *Guimarães Rosa: Coletânea, 2ª ed.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

- _____. *The synthesis novel in Latin America: A study on Guimarães Rosa's Grande Sertão: Veredas*. North Carolina: University North Carolina, Depto of Romance Languages, 1991.
- _____. *The Process of Revitalization of The Language and narrative in the Fiction of J. G. Rosa e Julio Cortazár*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Em busca da terceira margem: ensaio sobre o Grande sertão: veredas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- _____. *O idioma rosiano e o desafio de traduzi-lo*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Coutinho, Afrânio.** *O processo Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- _____. *Duas Anotações*. s/loc.: Correio Paulistano, 12/09/1956.
- _____. *Ata da Sessão da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: s/ed. 23/11/1967.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- _____. *Adeus a Guimarães Rosa*. s/loc, s/ed. s/data.
- _____. *"Guimarães Rosa, a revolução rosiana"*. In: Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, Rio de Janeiro: Sul Americana, 1970.
- _____. *Guimarães Rosa: Seleção de Textos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- _____. *The committed character of Guimarães Rosa's Aesthetic Revolution Ideology and Literature*, Minneapolis: s/ed., 1988.
- _____. *Guimarães Rosa: Coletânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª Edição, 1991.
- Couto, Mia.** *Nas Pegadas de Rosa*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol.2, nº 3, 1998.
- Couto, José Geraldo.** *Riofilme da Verba para finalização de longas*. São Paulo: Folha de São Paulo: 11/06/1993.

- Covizzi**, Lenira Marques. *Prefácios travestidos*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 14/06/1969.
- _____. *O insólito em Guimarães Rosa e Borges: crise da mimese, mimese da crise*. Prefácio de João Alexandre Barbosa. São Paulo: Ática, 1974.
- _____. & Verlangieri, Valéria Rodrigues. *Pequena bibliografia de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Usp- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 213, 1996.
- Craveiro**, Paulo Fernando. *Rosa morre, mas não seu burrinho*. Recife: Diário da Noite, 23/11/1967
- Crespo**, Angel. *João Guimarães Rosa*. Madrid: Revista da Cultura Brasileira. nº 7, 12/1963.
- _____. *Introdução a uma breve antologia de Guimarães Rosa*. Madrid: Revista de Cultura Brasileira, nº 21, 06/1967.
- _____. *Un gran escritor de América*. Montevideo: Temas (revista), 11 e 12/1967.
- Cruz**, Maria de Santa. *Guimarães Rosa: desenredos e projeções nas literaturas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.
- Cruzo**, Luiz Santa. *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- Cunha**, Carlos. *Sagarana*. Lisboa: Diário Ilustrado, 16/11/1961.
- Cunha**, Fernando Whitaker. *Um tema e uma obra*. São Paulo: A Gazeta, 16/06/1958.
- _____. *Ficção e Ideologia*. s/loc.: Jornal do Comércio, 26/01/1964.
- Curi**, Norma. *Um pouco da cor de Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 03/11/1984.
- César**, Guilhermino *João Guimarães Rosa: reflexão e poesia*. Porto Alegre: Zero Hora, 25/11/1967.

- _____ et alii. *João Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.
- _____ *Com a vida*. Porto Alegre: Correio do Povo, 14/06/1979.
- Cézar**, Hélio. *Casa de Guimarães Rosa continua abandonada à espera de ser museu*. s/loc, s/ed. 3/11/1972 ou 73. (Encontrado no arquivo do jornal O Globo).
- Câmara**, Jayme Adour da. *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- _____ *O processo de Guimarães Rosa*, s/loc.: Jornal de Letras, 09/1965.
- Dacanal**, Hildebrando. *O subenredo em Campo Geral*. Porto Alegre: Correio do Povo, 25/01/1969.
- _____ *Guimarães Rosa ou a apologia do iminente*. Porto Alegre: Correio do Povo, 06/12/1969.
- _____ *A epopéia Riobaldiana: nova narrativa épica no Brasil*. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1973.
- _____ *Histórias! Estórias?* Minas Gerais: Estado de Minas, 21/04/1986.
- Dacosta**, Lucia. *Miguilim e Manuelzão*. Portugal: Comércio do Porto, 11/08/1964.
- Daddario**, Heloísa. *Grande Sertão: Veredas. A proeza de transformar o clássico de Rosa em série de televisão*. Rio de Janeiro: O Globo, 16/10/1984.
- Damasceno**, Darci. *A audaz bandeirante e o grande sertão*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 20/10/1968.
- Damonische** Landschaft. *West Falische Nchriften Munster*. s/loc.:18/03/1965.
- Daniel**, Mary. "Word formation and deformation in Grande Sertão: Veredas". In: Luso-Brazilian Review, Wisconsin, University of Wisconsin Press, Vol II nº 1, 1965.

- _____. *João Guimarães Rosa: Língua e Estilo*. Revista Ibero-americana nº 62, Julho/Dezembro de 1966.
- _____. *João Guimarães Rosa: travessia literária. Introdução de Wilson Martins*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.
- _____. *Through the looking glass: mirror play in two works of João Guimarães Rosa And Osman Lins*. s/loc.: LBR, 1976.
- _____. *Berdyayev and Guimarães Rosa. The Paradoxe of necessity and freedom*. s/loc.: LBR, 1981.
- _____. *Redemptive analogy in the fiction of João Guimarães Rosa*. s/loc.: RMN, 1986.
- _____. *The failed fortune tellers: Machado de Assis's Cartomante and Guimarães Rosa's Mm Syais*. s/loc.: LBR, 1986.
- Dantas, Motao.** *Guimarães Rosa e o diabo e o sertão*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 29/06/1968.
- Dantas, Paulo.** *Os Sertões como tema literário*. São Paulo: Revista Brasiliense, 05-06/1956.
- _____. *O Vaqueiro (civilizado) dos Espantos Sertanejos*. s/loc.: Tribuna Imprensa, 19/09/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: A Gazeta, 20/10/1956.
- _____. *Posição de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Para Todos nº 11, 10/1956.
- _____. *Veredas do Sertão: Dois Marcos Literários*. São Paulo: Gazeta, 13/09/1957.
- _____. *A forte ternura dos húngaros*. São Paulo: A Gazeta, 27/09/1957.
- _____. *Variações sobre o tema: Guimarães Rosa*. São Paulo: Diálogo, nº 8, 11/1957.
- _____. *A obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Revista Brasiliense, 03-04/1957.
- _____. *Entre Fabiano e Riobaldo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 04/04/1964.

- _____. *Viagem aos Campos Gerais*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 11/11/1967.
- _____. *Evocação de Guimarães Rosa: suas cartas*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 25/11/1967.
- _____. *Sagarana Emotiva*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.
- _____. *Guimarães Rosa. Poeta dos Sertões. Criador de língua. Gênio*. s/loc, s/ed. ?/12/1975.
- _____. *Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, através dos sertões – os livros, o autores*. São Paulo: Massao Ohno, 1996.
- Dantas**, Audélio. *Quase uma entrevista com o escritor João Guimarães Rosa*. s/loc, s/ed. s/data.
- Dante**, Costa. *"Corpo de Baile ou o caso Guimarães Rosa"*. In: Costa, Dante. *Os olhos das Mão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- Dauster**, Bluma Medeiros. *Guimarães Rosa: um esboço de entendimento*. Rio de Janeiro: Letras, 10/1965.
- David**, Carlos. *Unificação de ortografia ameaça virar batalha de Itararé (Com o parecer do Conselho Federal de Cultura)*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 08/09/1967.
- _____. *Rosa da faina de diplomata*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 13/03/1974.
- David**, William Myron. *Mistério e loucura em A Terceira Margem do Rio*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 1968.
- _____. *Japanese elements in Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: RP, 1976.
- _____. *Indo-Iranian Mythology in Grande Sertão: Veredas*. s/loc, LBR, 1980.
- Da Matta**, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- Defina**, Gilberto. *Teoria e prática da análise literária: síntese de princípios de análise literária (Aplicação ao romance Grande Sertão: Veredas)*. São Paulo: Pioneira, 1975.

- Delgado**, Luiz. *Notas Avulsas*. s/loc.: Jornal do Comércio, 14/06/1946.
- _____. *Idéias, livros e fatos. Corpo de Baile*. s/loc.:ife: Jornal do Comércio, 20/05/1956.
- Dias**, Magno Machado. *Rosa, Rosae; Leitura das Primeiras Estórias segundo João Guimarães Rosa* (Psicanálise e Literatura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1979.
- Dias**, Fernando Correia. *Falam os doutores João Alphonsus e Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 15/04/1967.
- _____. *Aspectos Sociológicos do Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: s/data.
- _____. *Geografia do Grande Sertão*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário, 25/11/1967.
- Dixon**, Paul Bergstrom. *The Forms and Functions of Ambiguity in Dom Casmurro, Pedro Páramo, Grande Sertão: Veredas and Cien Anos de Soled*. Carolina do Norte: University of North Caroline, 1981.
- Dollen**, Charles. *Sagarana. Best Seller*. s/loc.: s/ed. 01/05/1966.
- Doman**, Larry Wallace. *A study of personae in Grande Sertão: Veredas*. Saint Louis: Saint Louis University, 1972.
- Domingo**, Javier. *Das sertão im werks von João Guimarães Rosa, in Marginalien zu João Guimarães Rosa Grande Sertão*. (tradução parcial do prefácio de Buriti). Koln: Verlag & Witch, s/data.
- _____. *João Guimarães Rosa y la alegria*. s/loc.: Revista do Livro, nº 17, 03/1960.
- _____. *La obra de Guimarães Rosa*. Caracas: Zona Franca, 12/1967.
- Dourado**, W. "Guimarães Rosa, barroco e coloquial". In: Poética do Romance Matéria de Carpintaria. Florianópolis: São Paulo: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, Difel, 1976.
- Doyle**, Plínio. *Bibliografia de e sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

- Duarte**, Eunice Breves. *Corpo de Baíllor*.e. s/loc.: Revista Anhembi, nº 67, 1956.
- Duarte**, Lélia Maria Parreira. *Elementos da natureza em Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: s/ed. 24/04/1967.
- Duarte**, Paulo. *Sagarana*. São Paulo: Revista Anhembi, 02/1952.
- Duarte**, Eunice Breves. *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Revista Anhembi, 02/1957.
- Duarte**, Lélia Maria Parreira. *Riobaldo, Personagem Tensão*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 14/08/1976.
- Délia**, Antônio. *Miguilim, Riobaldo, Diadorim*. São Paulo: Diário de São Paulo: 26/11/1967.
- E, P.** *Gênese, amor e fim no Urubuquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 03/07/1965.
- _____. *Guimarães Rosa* (notícia sobre o seu falecimento).s/loc: Leitura, 12/1967.
- Eichenberg**, Rosaura. *Sobre A hora e a vez de Augusto Matraga*. s/loc.: Última Hora, 01/07/1967.
- Elias**, Maria Cristina. *Os não-lugares de Rosa*. In: Decifrações de Guimarães Rosa, Cult (Revista Brasileira de Literatura), ano IV. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.
- Emediato**, Luiz Fernando. *Um museu didático*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 23/04/1974.
- Eneida**. *Bilhete a Guimarães Rosa*. s/loc.: Diário da Noite, 1/11/1962.
- Eneida**. *Miguilim*. s/loc.: Diário da Noite, 11/10/1957.
- Eneida**. *Uma revolução na Literatura Brasileira*. s/loc.: Diário da Noite, 26/08/1956.
- Engler**, Winfried. *Grosser Romanb Brasiliens*. Stuttgart: Stuttgart Nachrichten, 05/12/1964.
- Escorel**, Lauro. *Nasce um escritor*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 28/04/1946.

- Esteves, Lauro.** *A cidade*. Minas Gerais: Folha de Minas, 30/04/1964.
- Etienne Filho, João.** *Literária*. s/loc.: O Diário, 21/11/1967.
- Evangelista, Darcy.** *Guimarães Rosa, o João*. s/loc.: Diário da Noite, 26/11/1967.
- Fabre, Eugène.** *Les nuits du sertão*. Genève: Journal de Genève, 01/10/1962.
- Faco, Aglaeda.** *Guimarães Rosa: do ícone ao símbolo: ensaio estilístico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- Facó, Rui.** *O romance do sr. Guimarães Rosa e o Problema da Terra no Brasil*. Rio de Janeiro: Estudos Sociais, 07-08/1958.
- Fareman, Marcos.** *Guimarães Rosa: A última estória*. Porto Alegre: Zero Hora, 21/11/1967.
- Fantinati, Carlos Erivany.** *Um Riobaldo: três amores*. Assis: Revista de Letras, nº 7, 1965.
- Faraco, J. Cláudio.** *Expedição Sagarana*. Monte Sião, Folha de Monte Sião, 02/1993.
- Faria, Octávio de.** *O cinema nacional em 1966*. s/loc.: Jornal do Comércio, 19/02/1967.
- Faria, Maria Lúcia Guimarães de.** *A estética concreta de Guimarães Rosa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1988.
- Faria, Octávio de.** *Homenagem ao Conselheiro Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Cultura, nº 5, 1967.
- Faus, Francesco.** *João Guimarães Rosa, o transparente contemplador*. Lisboa: revista Rumo, 12/1963.
- _____. *João Guimarães Rosa. Le contemplatif transparent*. s/loc.: La Table Ronde nº 195, 04/1964.
- Fernandes, Hélio.** *Sagarana e Crítica*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 08/06/1946.
- _____. *Em primeira mão*. s/loc.: Tribuna de Imprensa, 21/11/1967.
- Fernandes Filho, José Arrabal.** *Recado a Guimarães Rosa*. s/loc.: Jornal do Comércio, 03/12/1967.

- Ferraz, Helena** (Pseudônimo de Álvaro Arm.). *Corpo de Baile*. s/loc.: A Gazeta, 22/07/1956.
- Ferreira, Hygia T. Calmon**. *A sagrada escritura de João Guimarães Rosa*. São José do Rio Preto, Unesp, 1983.
- _____. *Guimarães Rosa. As sete sereias do longe*. São José do Rio Preto, Unesp, 1991.
- Ferreira, João**. *A obra literária de João Guimarães Rosa e a Metafísica*. Brasília: Correio Braziliense, 12/11/1971.
- Ferreira, Livia**. *Linha Teológica em Matraga*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 05/08/1963.
- _____. *Homênia e Hominização em Matraga*. s/loc.: Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1973.
- _____. *Darandina: Construção da surpresa por transformações do conhecimento*. s/loc.: Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1974.
- Ferreira, Silvia**. *A grande viagem inclusa de um personagem de romance*. Belo Horizonte: Diário de Minas, 22-28/12/1985.
- Ferreira, João**. *Algumas Congeminações sobre o mito de Diadorim do Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário, 03/1993.
- Fialhored, Sylvio Abreu**. *O mundo dos olhos (de Machado de Assis a Guimarães Rosa)*. Rio de Janeiro: São José, 1975.
- Figueiredo, Wanda**. *Guimarães Rosa, um adjetivo impossível*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/08/1963.
- Figueiredo, Guilherme de**. *Guimarães Rosa*. s/loc.: O Jornal, 25/11/1967.
- Figueiredo, Maria do Carmo Lano**. *Do amor e da Mulher em quatro contos de Tutaméia*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 05/08/1978.
- Figueiredo, M. do C. L.** *Os Pertences de Riobaldo, Símbolo da Ambigüidade em Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: LBR, 1983.

- Filho, Adonias.** *Corpo de Baile: um equívoco literário.* s/loc.: Jornal de Letras, 06/1956.
- _____ *A obra de Guimarães Rosa.* s/loc.: Folha da Noite, 14/09/1956.
- _____ *Escritores não conseguem ler Guimarães Rosa.* s/loc.: Leitura, 10/1958.
- _____ *Renovação no Regionalismo.* Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 07/06/1964.
- _____ *Homenagem ao Conselheiro Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Cultura, 1967.
- _____ *Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1/12/1968.
- _____ *A Ficção de Guimarães Rosa.* Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro, 1969.
- Filho, João Correia.** *Rememorações de seu Zito.* In: Decifrações de Guimarães Rosa, Cult (Revista Brasileira de Literatura), ano IV. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.
- Filho, Jorge de Aquino.** *Guimarães Rosa previu a própria morte.* Rio de Janeiro: Manchete, 27/02/1982.
- _____ *Também escritora, ela conta como o autor de Grande Sertão: Veredas era. Meu pai.* Rio de Janeiro: Manchete, 27/02/1982.
- Filho, Lasinha L. Carl. de Caldas.** *Sagarana.* Rio de Janeiro: Revista Fon-Fon, 28/12/1946.
- Filho, Ormino Pires.** "A Leitura teológica do texto literário: Grande Sertão: Veredas". In: Momentos de Crítica Literária V e VI. Campina Grande, Universidade Federal da Paraíba, s/data.
- Filho, Aires da Mata Machado.** *Um neo-regionalista.* s/loc.: Diário de Notícias, 30/06/1946.
- Finazzi-Agrò, Ettore.** *O tamanho da grandeza – Geografia e História.* Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Fite, Tereza Cristina.** *As articulações do lúdico em O Recado do Morro de João Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Puc-RJ, 1973.

- Floriano**, Raul. *Guimarães Rosa: um homem simples*. Rio de Janeiro: O Globo, 23/03/1974.
- Flussem**, Vilemar. *Guimarães Rosa e a geografia*. Rio de Janeiro: Comentário vol. 10, nº 3, Jul-Set/1969.
- Flusser**, Vilem. *O Lapa de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 14/12/1963.
- _____. *A Flauta de Pan*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/02/1964.
- _____. *Da navalha de Occam*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 08/02/1965.
- _____. *Suchenach der neuen Kultur*. Frankfurt: Frankfurter Allgemeine Zeitung, 29/09/1966.
- _____. "Do poder da língua portuguesa". In: Flusser, Vilem. *Da Religiosidade*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1967.
- _____. *A autor e a imoralidade*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/11/1967.
- Fonseca**, M. Angélica N. P. *Os Códigos Lingüísticos em Sinhá Secada*. Marília: Alfa, Revista da Universidade Estadual Paulista, 1984.
- Fonseca**, Rubião. *Sagarana*. s/loc.: Revista Vozes, 05-06/1956.
- _____. *Corpo de Baile*. s/loc.: Revista Vozes, 07-08/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Revista Vozes, 02/1958.
- Fontes**, Maria Helena Sansão. *A mulher na obra de Guimarães Rosa*. s/loc.: s/ed., 1990.
- Fontoura**, João Neves. *Borges de Medeiros, sua vida, sua hora, sua época*. s/loc.: O Jornal, 07/04/1957.
- _____. *Uma eleição no Itamarati*. Rio de Janeiro: Brasil em Marcha, 10/06/1961.
- Fornazaro**, Antonio F. *O Tempo em Dão Lalalão de João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 07/02/1976.
- Fortes**, L.R. Salinas. *E o sertão ficou ainda maior. João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. s/loc.: Veja, 22/04/1981.

- Fraga**, Christiano. *O Jagunço Diadorim*. Vitória.: A Gazeta, 06/01/1956.
- _____ *João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas*. Vitória: A Gazeta, 04/11/1956.
- _____ *Corpo de Baile*. Vitória: A Gazeta, 17/03/1957.
- _____ *Grande Sertão: Veredas*. Vitória: A Gazeta, 09/07/1957.
- _____ *Grande Sertão: Veredas* (Estudos diversos da Revista Diálogo). Vitória: A Gazeta, 10-13-16-19/04/1958.
- _____ *Primeiras Estórias*. Vitória: O Diário, 02/12/1962.
- Franca**, J. L. de Vileroy. *Rosarana*. s/loc.: Diário da Noite, 07/09/1950.
- Franca Júnior**, Oswaldo. *Estes não morrem*. Minas Gerais: Estado de Minas, 03/12/1967.
- Francisco**, Joaquim. *Sonoridad y sentido en Grande Sertão: Veredas*. Madrid: Revista de Cultura Brasileña, nº10, 11/1964.
- Franco**, Afonso Arinos de Melo. *A Travessia de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Tribuna Imprensa, 26/01/1957 ou 27/02/1957.
- _____ *Entrevista sobre a eleição da Academia*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 02/1958.
- _____ *Discurso na Academia*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 03/12/1967.
- _____ *Homenagem ao Conselheiro Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Cultura, nº 5, 1967.
- _____ *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Ata da Sessão, 23/11/1967.
- _____ *Opiniões Sobre a obra de Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- _____ *"O verbo e o logos"*. In: Em memória de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- Franklin**, Jeová. *João Guimarães Rosa: 72 horas imortal*. s/loc.: Jornal do Comércio, 26/11/1967.

- Freire, Carlos.** *Guimarães Rosa Imortal*. s/loc.: Tribuna Imprensa, 20/11/1967.
- Freire, Priscila.** *O museu*. s/loc.: Secretaria de Estado da Cultura, s/data.
- Freitas, Geraldo de.** *Guimarães Rosa, contador de histórias*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 07/04/1956.
- Freitas, José Freire de.** *Trilhas de Grande Sertão*. s/loc.: Leitura, 03/1959.
 _____ *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Leitura, nº 21, 03/1959.
- Freixeiro, Fábio.** *Guimarães Rosa em face de conceitos lingüísticos modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.
 _____ *Da razão à emoção II.: ensaios rosianos e outros ensaios e documentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.
 _____ *Da razão à emoção: ensaios rosianos e outros*. São Paulo: Companhia Nacional, 1968.
- Freyre, Gilberto.** *Um escritor experimental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 04/05/1957.
 _____ *Presença de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 18/06/1960.
- Frizzi, Adria.** *The Demoniac Texture: Deferral and Plurality in Grande Sertão: Veredas*. - Estados Unidos: Provo, Revista de Literatura latinoamericana, 05/1988.
- Frota, Lélia Coelho.** *A novíssima poesia brasileira ou o Brasil precisa de paciência*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 20/08/1966.
- Furter, Pierre.** *Brésil: une vision mystique Buriti*. Lausene: Gazette de Lausene, 12-13/08/1961.
- Fusco, Rosário.** *Entre a perfeição e a pândega*. Rio de Janeiro: A Vanguarda, 21/06/1946.
- G. H. Nantionale Literatur.** s/loc.; Die in Die Welt Werkt, 24/11/1964.
- Galariz e Hector, Olea, Raul.** *Intertexto de Rosa: reconstituição do processo de composição empregado por Guimarães Rosa pela*

- interpretação de um texto (Páramo)*. Campinas: Universidade de Campinas, s/data.
- Galery**, Ivana Versiana. *Os prefixos intensivos em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1969.
- _____. *Os prefixos intensivos em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Tese datilografada, 1969.
- _____. *Derivados regressivos em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 09/10/1971.
- _____. *Eu militão, Ele guerreiro*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento do Minas Gerais: 15/01/1972.
- _____. "Para a Sintaxe de Grande Sertão: Veredas Valores do Subjuntivo". In: Guimarães Rosa. Brasília: Quiron, 1975.
- _____. *Uma novela em devir. A Volta do Marido Pródigo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- _____. *A Elaboração estilística de Sagarana*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1981. Vol I, II, III, IV.
- Galvão**, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no Grande Sertão:Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *A Mitológica Rosiana*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Metáforas Náuticas*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p.123, 1996.
- _____. *Heteronímia em Guimarães Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp, 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- _____. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Publifolha/ série: FolhaExplica, 2000.
- Galvez**, Héctor Olea. *Intertexto de Rosa (Mestrado)*. Campinas: Unicamp – Instituto de Estudos da Linguagem, 1987.

- Garbúglio, José Carlos.** *Literatura e Realidade Brasileira (a tentação e a tentativa)*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1967.
- _____. *O fato épico e outros fatos*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 25/11/1967.
- _____. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- _____. *Guimarães Rosa: Gênese de um obra. (Sobre o Burrinho Pedrês, São Marcos, Matraga de Sagarana)* Pittsburgh: Revista IberoAmericana, PA, Estados Unidos, 1977.
- _____. *Regresso do Mito ou Mito do Regresso (Sobre O Recado do Morro)*. Rennes: Etudes Portugueses et Brésiliennes, Université de Haute-Bretagne, 1977.
- _____. *Um Salto no oco do Sertão*. São Paulo: Almanaque caderno de literatura, Brasiliense, 1978.
- _____. *Guimarães Rosa, O Pactário da Língua*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, nº 22, p.167, 1980.
- _____. *"A estrutura bipolar da narrativa"*. In: Coutinho, Eduardo F. *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Sangue, suor e céu*. São Paulo: Universidade de São Paulo - Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, IEB, nº 41, p. 69, 1996.
- Garcia, Frederick C. M.** *Guimarães Rosa nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 8-12-15-22/02/1975 e 3/2/75.
- _____. *Romaria As origens do Mistério MMM*. Belo Horizonte: Minas Gerais Suplemento Literário, 09/07/1975.
- Garcia, Wlad. A. de C.** *Quem é o narrador de Grande Sertão: Veredas?* Florianópolis:: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Gaspar, Paulo.** *Grande Sertão: Veredas como romance metafísico*. s/loc.: Folha da Manhã, 23/11/1958.

- Gazzana**, Henrique Grazziotin. *A preocupação de Riobaldo: estudos sobre a função do trabalho em Grande Sertão: Veredas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989.
- Gehmacher**, E. *Ein grosser roman aus Brasilein*. Viena: Arbeiter Zeitung, 16/05/1965.
- Geisel**, Orlando. *Discurso dos Heróis de 1935*. Gazeta, 28/11/1967.
- Genese**, F. P. *Amor e Fim (No Urubuquaquá no Pinhém)*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 31/07/1965.
- Gerson**, Bernardo. *Regionalismo e Universalismo em Guimarães Rosa*. s/loc, Diário da Noite, 06/06/1956.
- _____. *Veredas no Grande Sertão*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 24-31/03/1962.
- _____. *A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- Ghika**, Matila C. *Sortilège du verbe*. Paris: Gallimard, 8ª ed., 1949.
- Giardini**, Cesari. *Sette romanzi un Uno*. Piacenza: Libertá, 12/01/1965
- Gigli**, Lorenzo. *Il selvaggio sertão ha trovato un cantore*. Torino: Gazeta del Popolo, 17/02/1965.
- Ginzburg**, Jaime. *A violência em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Revista do Instituto Estudos Brasileiros, vol. 34, p.87, 1992.
- Giusti**, Cesar. *O Desenredo em João Guimarães Rosa*. Goiania: O Popular, 27/02/1977.
- Goldsmith**, Lane. *Devil plays role in the war?*, Estados Unidos: Houston: Houston Chronicle, , 05/05/1963.
- Gomes**, Leny da Silva. *A Hora e a Vez de Augusto Matraga na sala de aula: promessa e desafio*. s/loc.: s/ed. 1991.
- Gomes**, Duilio, *O Relatório Secreto de João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 15/10/1987.

- Gonçalves, Aguinaldo José.** *O legado de Guimarães Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp - 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Gontijo, Sebastião Rafael.** *O Xamanismo em Grande Sertão: Veredas*. Goiás: Universidade Federal de Goiás, março/2000. www.tese.hpg.com.br
- Goulart, Antônio.** *Guima, meu amigo Rosa*. Porto Alegre: Correio do Povo, 02/12/1967.
- Gouvêa, Carolina Maria.** *A linguagem gestual em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1974.
- Grecco, Sheila.** *Alemanha tem cartas inéditas de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, Cultura, 2/09/2001.
- _____. *Temos de escrever para os próximos 600 anos*. São Paulo: O Estado S. Paulo, Cultura, (Entrevista com Curt Meyer Clason sobre correspondência de Rosa), 02/09/2001.
- Grego, Adriano.** *La scorpeta di un capolavoro letterario che solo i Brasiliani potranno leggere*. Roma: Il Tempo, 27/11/1956.
- Grieco, Agrippino.** *Sagarana*. s/loc.: O Jornal (ver Poetas e Prosadores do Brasil), 26/04/1946.
- Groia, Paulino.** *Corpo de Baile*. Porto Alegre: Jornal do Dia, 22/07/1956.
- _____. *Grandes Sertões: Veredas*. Porto Alegre: Jornal do Dia, 6/09/1956.
- Grossman, William L.** *Outlaw with a problem*. New York: The New York Times, Books Review, 21/04/1963.
- Grunewald, José Lins.** *Rosa da Prosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 21/11/1967.
- _____. *Mais vale meio Diadorim que um Roque Santeiro*. s/loc.: s/ed. 01/12/1985. Encontrado no arquivo da Folha de São Paulo.
- Guerios, R. F. M.** *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1973.
- Guimarães, Vicente.** *Joãozinho, infância de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

- _____. *A hora e a vez de Guimarães Rosa*. s/loc.: Diário da Noite, 26/11/1967.
- Guimarães**, Carmen Scheneider. *Atenção: Guimarães Rosa agora vai dar uma aula de literatura*. s/loc.: s/ed. 2ª ed. 29/09/1976.
- Guimarães**, Carmen Scheneider. *Quem vê as cartas, vê o coração de João*. s/loc.: 2ª edição, 30/09/1976.
- Guimarães**, Ruth. *Nove paulistas julgam um mineiro*. Rio de Janeiro: Manchete, 13/10/1956.
- Guimarães**, Carmen Scheneider. *Atenção: Guimarães Rosa vai dar uma aula de literatura*. s/loc.: 2ª edição, 19/10/1977.
- Guimarães**, Ruth. *A invenção das palavras*. São Paulo: Diário São Paulo: 01/07/1956.
- _____. *A comédia humana do sertão*. São Paulo: Diário São Paulo: 24/06/1956.
- Guimarães**, Mário Mazzei. *A marcha do jagunço Riobaldo- O Urutu Branco*. São Paulo: Correio do Livro, 06/1967.
- Guimarães**, Carmen Schneider. *Lembrança de um certo João*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 25/10/1972.
- Gullar**, Ferreira. *Escritores que não conseguem ler Guimarães Rosa*. s/loc.: s/loc.: Leitura, 12/1958.
- _____. *Testemunho*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Gutierrez**, M. Antonio. *Pelas veredas do sertão do logos (Cara de Bronze, O Recado do Morro, Corpo de Baile)*. Belo Horizonte: Cadernos de Lingüística, 1985.
- Guzik**, Alberto. *Lima fez público respirar sertão*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 08/02/1993.
- _____. *No palco o espírito de Guimarães Rosa. A Hora e a Vez de Augusto Matraga, duas horas de espetáculo cheias de beleza*. São Paulo: Jornal da Tarde, 10/05/1986.

- Góes, Fernando.** *Pequena Palavra a João Guimarães Rosa (Ver O Espelho Infiel na Seção Bibliografia Nacional de Livros.)* s/loc.: Folha da Noite, 04/10/1957.
- Hansen, João Adolfo.** *Terceira Margem.* São Paulo: Folha de São Paulo: 20/11/1967.
- _____. *O O a ficção da literatura em Grande Sertão: Veredas.* São Paulo: Universidade de São Paulo: 1983.
- _____. *Terceira Margem.* São Paulo: Usp- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), nº 41, p.51, 1996.
- Haranaka, Paulo Jorge.** *Leituras de João Guimarães Rosa, poeta.* São Paulo: Universidade de São Paulo: 1981.
- Harland, Michel.** *Plotino e Jung na obra de Guimarães Rosa.* s/loc.: Col., 1978.
- Harss, Luis.** *João Guimarães Rosa, o la otra orilla.* Buenos Aires: Los Nuestros. Editorial Sudamericano, 1966.
- Haute, Sandra Marcia.** *El quehacer poético de Guimarães Rosa.* Madrid: Revista de Cultura Brasileña, nº 21, 06/1967.
- Hazin, Elizabeth Andrade Lima.** *No nada, o infinito: da gênese do Grande Sertão: Veredas (tese de doutorado).* São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.
- HechenFilho, Paulo.** *A situação do conto.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 11/02/1973.
- Heitor, Megali. Matsuoka, Marilena.** *Contos. João Guimarães Rosa.* Edição Didática, São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- Helena, Maria.** *Desenredo (sobre um conto de Tutaméia).* s/loc.: Jornal do Comércio, 03/12/1967.
- Hell, Henry.** *Io Liodoro de Buriti-bom.* França: L'express, 14/02/1963.
- Helwig, Werner.** *João Guimarães Rosa. Grande Sertão.* s/loc.: Kolnische Rundschau, 29/11/1964.

- Hemriques**, Eunice Ribeiro. *Elements of the short story converging on viewpoint: Katherine Mansfield, William Faulkner, Guimarães Rosa e Clarice L. Carolina do Norte*: University of North Caroline, 1982.
- Hilbert**, Telma M. Remor. *Grande Sertão: Veredas: A Defesa*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Hoisel**, Evelina C. de Sá. "Elementos dramáticos da estrutura de Grande Sertão: Veredas". In: Coutinho, Eduardo Faria. Guimarães Rosa. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- _____. *Escritura Biográfica (Tese de Doutorado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.
- Holanda**, Nestor de. *Guimarães Rosa*. s/loc.: Diário da Noite, 11/1967.
- Holanda**, Sílvio Augusto de Oliveira. *A aragem do acasos: sobre alguns temas trágicos em Guimarães Rosa (Tese de Doutorado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- Holmberg**, Ted. *Brazil's wild west*. Rhode Island: The Providence Sunday Journal, 05/05/1963.
- Homem**, Maria Lucia. *Reflexos de Espelhos. Machado de Assis e Guimarães Rosa: um estudo comparativo de dois contos*. [www.geocities.com/hotSprings/Villa3170/Maria Lúcia Homem.htm](http://www.geocities.com/hotSprings/Villa3170/Maria_Lúcia_Homem.htm)
- Horst**, Karl August. *Brasilianische Epos*. Frankfurt: Frankfurter Allgemeine Zeitung, 27/10/1964.
- Houaiss**, Antonio. *Entrevista de José*. Rio de Janeiro: s/ed. 11-12/1976.
- Houbauer**, Hans F. *Faust in Brasilien*. Munchen: Tven, 11/01/1964.
- Hoz**, Ramon de La. *João Guimarães Rosa*. Buenos Aires: Atlantida (Revista), 5/1962.
- Hulet**, Claude L. *The devil to pay in the backlands*. Loy Angeles: Los Angeles Times, 12/08/1963.
- Humboldt**. Corpo de Baile de Guimarães Rosa. s/loc.: Luso-Brasileiro, nº 14, 1966.

- Ivo, Ledo.** *O Nababo e o Mendigo*. s/loc.: Tribuna Imprensa, 08/03/1956.
- J. B.** *Le nuits du sertão*. Bélgica: Syndicats, 27/10/1962.
- J.F.F.** *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 04/11/1959.
- Jabor, Arnaldo.** *Rosa protege a História com suas Estórias*. São Paulo: Folha de São Paulo: Ilustrada, 24/11/1992.
- _____. *Cinema Brasileiro revive em Paracatu*. São Paulo: Folha de São Paulo: 02/03/1993.
- _____. *Sonho do Cinema renasce em Paracatu*. São Paulo: Folha de São Paulo: 03/03/1993.
- Jacques, Eunice.** *A fala do Grande Sertão vertida para o idioma de Goethe*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 06/06/1977.
- Jaguaribe de Matos, Beatriz.** *The Totalizing narrative: four latin american case studies (Euclides da Cunha, Mario Vargas Llosa, João Guimarães Rosa)*. Standford: Stanford University, 1986.
- Janagelo, Joseph Matthewriz.** *From suspicion to reanimation: the complexity of self-representation*. New York: New York University, 1986.
- Jardim, Luis.** *Autores e Fábulas*. s/loc.: Diário da Noite, 23/03/1957.
- Jardim, Reynaldo.** *Antologia de Bolso*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 20/05/1956.
- Jobim, Renato.** *O romance de João Guimarães Rosa*. s/loc.:Diário do Comércio, 29/07/1956.
- Jobim, Dantom.** *A Alemanha ante Nuremberg*. s/loc.: s/ed., 11/11/1946.
- Jobim, Renato.** *De um impossível diário*. s/loc.: Diário do Comércio, 11/11/1946.
- _____. *A volta de Guimarães Rosa*. s/loc.: Diário do Comércio, 08/04/1956.
- _____. *A obra de Guimarães Rosa*. s/loc.: Folha da Noite, 14/09/1956.
- Johnson, Harvey L.** *Fun from Brazil*. Houston: The Houston Post, 20/11/1966.

- Johnson**, Maria A. *Paixão de Diadorim segundo Riobaldo*. s/Lisboa: Colóquio Letras, Fundação Calouste Gulbenkian. 1983.
- Jorge**, J. G. de Araújo. *Sagarana, uma estréia definitiva-resistência*. Rio de Janeiro: s/ed. 11/05/1946.
- Josef**, Bella. *Guimarães Rosa e a Literatura Hispano-Americana*. s/loc.: Jornal do Comércio, 3 e 10/12/1967.
- _____. *Nos 15 anos de sua morte, o fenômeno Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 18/11/1982.
- José Olympio**. *Em Memória de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- Juin**, Herbert. *Tous ce bruis dont la nuit est tissée*. França: Les Lettres Française, 07-13/03/1963.
- Kelly**, Celso. *A controvérsia em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: A Noite, 20/09/1956.
- Knapp**, Edmée de Luna Freire. *Um escritor singular*. São Paulo: A Gazeta, 26/07/1957.
- Krahenbuhl**, Olívia. *A linguagem como tema*. São Paulo: Diálogo, nº 8, 11/1957.
- Kratochwil**, German. *Wortstroeme aus dem Innem Brasilien*. s/loc.: Die Zeit, 27/11/1964.
- Krolow**, Karl. *Brasilianisch Tropen-Saga*. Munique: Sudeutsche Zeitung, 17/09/1964.
- _____. *Brasilianisches Epos. João Guimarães Rosa: Corps de Ballet*. Munique: Sudeutsche Zeitung, 8/12/1966.
- Krueger**, Robert Royal. *Ideology and Esthetics in Grande Sertão: Veredas by João Guimarães Rosa*. Minaesota: University of Minaessota, 1978.
- Kujawski**, Gilberto de Mello. *Consciência e Perigo na Épica*. São Paulo: Cavalo Azul, nº 5, s/data.

- La Hoz**, Ramon de. *João Guimarães Rosa*. Buenos Aires: Revista Atlântida, 05/1962.
- Lacerda**, Virgínia Cortes de. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Leitores e Livros e Livros (Livraria Agir), Jan-març/1959.
- _____. *Guimarães Rosa e a Ficção Moderna*. Rio de Janeiro: Leitores e Livros (Livraria Agir), Jan-Març/1959.
- Lacerda**, Maurício Caminha de. *Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Diário de Notícias, 22/11/1967.
- Lacerda**, Fernando. *Manuelzão diz como vai voltar*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 24/05/1989.
- Lacerda**, Maurício Caminha de. *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- Lachgar**, Lima. *Diadorim, par Guimarães Rosa*. França: Livres de França, 06/07/1965.
- Laet**, Carlos Mafra de. *No mundo dos bichanos*. Rio de Janeiro: Flan (Tablóide), 1953.
- Lages**, Susana Kampff. *Descaminhos de Leitura: João Guimarães Rosa e o trabalho da saudade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1990.
- _____. *Diabolias da Dialética – Literatura e Sociedade no País do Espelho*. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, Revistausp, março-abril-maio/2001.
- Lara**, Cecília de. *Guimarães Rosa, esse desconhecido*. s/loc.: Última Hora, 28/09 e 5/10/1963.
- _____. *Arquivo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- _____. *Guimarães Rosa na França: Anotações do Diário de Paris*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988/1989.

- _____. *Grande Sertão: veredas – processos de criação*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- _____. *Edição genético-crítica de Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa*. In: Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e Edições e FFLCH-Usp, São Paulo: 1994.
- _____. *Edição genético-crítica de Grande Sertão: Veredas de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Annablume, 1995.
- _____. *Rosa por Rosa: memória e criação*. São Paulo: USP- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 17, 1996.
- Lasky, Thomas**. *Man and the beast in the backlands*. New York: The New York Times, 21/05/1960.
- Lauria, Márcio José**. *A respeito de Um Moço Muito Branco*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 12/02/1977.
- _____. *Em busca da terceira margem*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 22/07/1978.
- Lavine, Sigmunda A**. *A lush work from Brazil*. Worcester: Worcester Sunday Telegram, 14/04/1963.
- Laytano, Dante de**. *Veredas, no escuro, agora*. s/loc.: Jornal do Comércio, 29/11/1967.
- Lebowitz, Naomi**. *João Guimarães Rosa: The Devil to pay in the Backlands (Modern Fiction Studies)*. Indiana: Purdue University Lafayette, 1963/1964.
- Leite, Sueli Braga**. *O Burrinho Pedrês: a crítica textual e o conhecimento lingüístico-estilístico de Guimarães Rosa*. Niterói, s/ed., 1978.
- Leite, Ascendino**. *Arte e céu, países de primeira necessidade (Entrevista com Guimarães Rosa)*. Rio de Janeiro: O Jornal, 26/06/1946 ou 16/05/1946.
- _____. *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão*. s/loc.: Leitura, 10/1958.

- Leite**, Otávio Dias. *De Sagarana às Primeiras Estórias. De John dos Passos a Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Diário de Minas, 04/10/1962.
- Leite**, Dante Moreira. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 15-22/07/1961.
- Leite**, Sebastião Uchoa. *Substância de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 06/07/1963.
- Leite**, Maurício Gomes. *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. (sobre o filme). Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/05/1966.
- Leite**, Dante Moreira. *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- Leite**, Otávio Dias. *Capas e contra capas. Sagarana, 7ª edição*. Belo Horizonte: s/ed. s/data. (Encontrado no Instituto de Estudos Brasileiros).
- Leite**, Isabela Fernandez Soares. *A travessia do leitor no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: s/ed. 1989.
- Leite**, Manoel Cerqueira. *Sagarana*. São Paulo: Jornal de São Paulo: 23/01 e 01/02/1947.
- Leite**, Dante Moreira. *A ficção de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 24-31/08 e 7-14/09/1963.
- Leite**, Dante M. Aça. "Grande Sertão: Veredas". In: O Amor Romântico e Outros Temas. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964.
- Leite Filho**, Barreto. *Sertões e Veredas Internacionais*. s/loc.: O Jornal, 26/11/1967.
- Lenard**, Magda. *Deus é menino em mil sertões*. Belo Horizonte: Jornal de Minas, 02/04/1975.
- _____. *O Homem e sua Profissão*. Belo Horizonte: Jornal de Minas, 02/05/1975.
- Leonardos**, Stella. *Primeiras Estórias*. (Apreciações Literárias). s/loc.: Diário da Noite, 09/12/1962.

Leonel, Maria Célia. *Guimarães Rosa: Magma e Gênese da Obra*. São Paulo: Editora Unesp, 2001

Maria Cecília de Moraes e Vasconcelos, Sandra G. Teixeira. Arquivos Guimarães Rosa. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB), nº 24, p. 177-180, São Paulo, Universidade de São Paulo, IEB, 1982.

Guimarães Rosa Alquimista: processo de criação do texto. São Paulo: Universidade de São Paulo: 1985.

O nome do protagonista de Grande Sertão: Veredas na primeira versão da narrativa. Lorena: Estudos Lingüísticos XVIII anais seminário GEL, 1989.

O discurso citado na festa de Manuelzão. Marília: Alfa, Revista da Universidade Estadual Paulista, 1990.

Guimarães Rosa: do arquivo à obra. Belo Horizonte: Puc/Minas, vol 2, 1998.

A poesia em Magma. São Paulo: Usp- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 157, 1996.

Leonelli, Dante. *O fenômeno Guimarães Rosa*. Curitiba: Biblion, nº1, Jul-Agos/1957.

Leroy, Silvia Maria de Menezes. *Le Pacte de L'écriture (Antiperipléia)*. Rennes: Interferences, 1978.

Grande Sertão: Veredas. Un jeu de construction. Rennes: Etudes Portugaise et Brésilienne, Université de Haute-Bretagne, XV, 1980.

Le gue du fleuve recherches sur le passage du regionalism a l'universe et reciproquement dans Grande Sertão: Veredas. França: 1981.

Le Bestiaire dans L'oeuvre de João Guimarães Rosa. Poitiers: Colloque de Lit. Brasilianae, 02/1985.

Levin, Willy. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Noite, 21/11/1951.

- Leão, Múcio.** *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25/04 e 01/05/1957.
- Leão, Ângela Vaz.** *Introdução*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: s/data.
- _____. *O ritmo em O Burrinho Pedrês*. In: Coutinho, Eduardo de Faria. Guimarães Rosa. *Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *A Metalinguagem de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Lidmilova, Pavla.** *Introdução bibliográfica à tradução de três contos*. Praga: Svetová Literatura, nº 4, 1966.
- _____. *Thecoslovaquia - Um dos Primeiros Países a divulgar. A obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 02/02/1987.
- Lima, Deise Dantas.** *Encenações do Brasil Rural em Guimarães Rosa*. (Leitura de Corpo de Baile). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2002.
- Lima, Everaldo Dayrell de.** *Guimarães Rosa*. São Paulo: s/los/ed. 25/11/1967. Encontrado na Folha de São Paulo.
- Lima, Geraldo França de.** *As últimas horas de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 25/11/1967.
- Lima, Layrce de.** *Paracatu recebe Nelson Pereira dos Santos*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 7/03/1993.
- Lima, Luis Costa.** *Il sertão e il mondo in Guimarães Rosa*. s/loc.: Aut-Aut, nº99, 1967.
- Lima, Luis Costa et alii.** *A metamorfose do silêncio*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- Lima, Luis Costa.** *Rosa. O mal é matéria vertente*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 24/06/1993
- Lima, Mário de Almeida.** *Joãozinho de Cordisburgo*. Porto Alegre: Correio do Povo, 25/11/1967.

- Lima**, Raul. *Livros e Fatos*. s/loc.: Diário de Notícias, 30/06/1957.
- Lima**, Sonia Maria van Dijck. *João Guimarães Rosa: cronologia de vida e obra*. São Paulo: Usp- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos de edição de Sagarana, nº 41, p 249, 1996.
- Lima Filho**, Luis Costa et alii. *A expressão orgânica de um escritor moderno*. São Paulo: Diálogo. nº 8, 1957.
- _____. *O mundo em Perspectiva: Guimarães Rosa*. s/loc.: Tempo Brasileiro, nº 6, 12/1963.
- _____. "O sertão e o mundo". In: Por que Literatura? Petrópolis: Vozes, 1966.
- _____. "Mito e Provérbio em Guimarães Rosa". In: A Metamorfose do Silêncio. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- _____. "O buriti entre os homens e o exílio da utopia". In: A Metamorfose do Silêncio. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- Lima Sobrinho**, Barbosa. *Escritores que não conseguem ler Guimarães Rosa*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- _____. *A intimidade de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 26-27/11/1967.
- Linhares**, Temóstocles. *Acontecimento*. s/loc.: Diário de Notícias, 09/09/1956.
- _____. *Literatura Paranaense*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 28/06/1958.
- _____. *Significação do Conto*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 26/01/1963.
- _____. Opiniões sobre a obra de Rosa. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 25/11/1967.
- _____. *Alguma coisa sobre a obra de Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/11/1976.
- Lins**, Álvaro. *Uma Grande Estréia*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 12/04/1946.

- _____. *Sagas literárias e teatro moderno do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1967.
- Lins**, Ivan. *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 23/11/1967.
- Lisboa**, Henriqueta. A poesia do *Grande Sertão: Veredas*. Minas Gerais: Estado de Minas, 02/06/1963.
- _____. *Guimarães Rosa: Ciclo de conferências*. Belo Horizonte: Centro de Estudo Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais: 1966.
- _____. et alii. *Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais: 1966.
- _____. *O Grande ausente*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- _____. et alii. *Guimarães Rosa e o conto*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.
- _____. O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: s/data.
- Livramento**, Urbino do. *Guimarães Rosa alcança mundial renome*. s/loc.: s/ed. 1962.(Guimarães M.M.).
- Lopes**, Álvaro Augusto. *Corpo de Baile*. Santos: A Tribuna, 03/04/1956.
- _____. *Corpo de Baile*, 2º Vol. Santos: A Tribuna, 05/1956.
- _____. *Primeiras Estórias*. Santos: A Tribuna, 11/11/1962.
- _____. *Margem dos livros Manuelzão e Miguilim*. Santos: A Tribuna, 6/12/64.
- _____. *Sagarana*. Santos: A Tribuna, 23/12/1951.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. Santos: A Tribuna, 09/09/1956.
- Lopes**, Etênio. *Os mineiros dão o exemplo*. Fortaleza: O Estado de S. Paulo, 28/07/1946.
- Lopes**, Oscar. *Gabriela Cravo e Canela. Grande Sertão: Veredas*. (Proposta de Candidatura ao Prêmio Internacional de Literatura, 1964) Lisboa: Seara Nova, 07/1964.

- _____ *A crítica do livro. João Guimarães Rosa. Portugal: O Comércio do Porto, 10/05/1966.*
- _____ *Novos Mundos Prefácio de Sagarana. Porto: O Comércio do Porto, 10/05/1966.*
- _____ *João Guimarães Rosa. Sagarana. Corpo de Baile, Grande Sertão: Veredas, Primeiras Estórias. Portugal: O Comércio do Porto, 10/06/1966.*
- _____ *A Crítica do Livro. Tutaméia, Terceiras Estórias. Portugal: O Comércio do Porto, 05/12/1967.*
- _____ et alii. *Guimarães Rosa Invenções de um estilo. Lisboa: Instituto Luso-Brasil, Eiro, 1969.*
- _____ *Ler e Depois. Porto: Inova, 1969.*
- _____ *Diálogo com Guimarães Rosa. Buenos Aires: Mundo Nuevo, 03/1970.*
- _____ *"Guimarães Rosa". In: Lopes, Oscar. Ler e Depois; crítica e interpretação literária, Porto: Inova, 3º ed. 1970.*
- _____ *Guimarães Rosa visto da Europa. s/loc.: s/ed. 04/07/1976.*
- _____ *"Dois Escritores Brasileiros". In: Crítica e Interpretação Literária. Porto: Editorial Iniva Ltda.s/data.*
- Lopes, Paulo César Carneiro.** *Dialética da Iluminação: a revelação como capacidade de escuta do outro - leitura de " Campo Geral", de João Guimarães Rosa (Tese de Doutorado).* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- Lopes, Ruth S. B.** *Antiperipléia: um jogo de Enganos. O Eixo e a Roda.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1983.
- Lorenz, Günter.** *Die Welt. Berlim: Ausgabe B. 24/11/1964.*
- _____ *Epos von antiker Kraft Der Romanzyklus Corps de Ballet von João Guimarães Rosa. Eine Welt in ihrem Urzustand. Das grandiose epos. s/loc.: Die Welt der Literatur, 17/09/1964.*

- _____. *Um mundo em estado virgem*. Tradução. do alemão Helma Blohm. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 7/11/1964.
- _____. "Diálogo com Guimarães Rosa". In: Coutinho, Eduardo F. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Lopes, Paulo César Carneiro.** *Utopia cristã no sertão mineiro – uma leitura de “A Hora e a vez de Augusto Matraga (Tese de Mestrado)”*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- Lorenz, Günter W.** *Eine welt in ihrem urzustand - das grandiose epos der lander Brasilien*. s/loc.: Dier Welt der Literatur, 17/09/1964.
- Lorenz-Rosa.** *Literatura deve ser vida*. (Catálogo da Exposição do novo Livro Alemão no Brasil). Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 23/03/1974.
- Lourenço, Eduardo.** *Os Sertões de Portugal*. São Paulo: Folha de São Paulo: 30/06/96.
- Lourenço, João Carlos.** *Sobre o livro Diálogo no Grande Sertão: Veredas de Paulo de Tarso dos Santos*. São Paulo: Jornal da Tarde, 15/07/1978.
- Loures, Livia Helen Rebouças Sant.** *A produção do texto: da Leitura de Roland Barthes a aplicação em Guimarães Rosa*. s/ed. s/data.
- Loures, Guilhon.** *Guimarães Rosa. Mineiro dos Gerais*. São Paulo: G.C.S.P. 27/11/1967.
- Louzada Filho, O. C.** *A consciência no tempo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 23-30/04/1966.
- Lousada, Wilson.** *Opiniões sobre a obra de Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 08/05/1965
- Lowe, Elizabeth.** *Dialogues of Grande Sertão: Veredas. Diálogo de Grande Sertão: Veredas*. Curitiba: Luso-brasileira Review/Revista de Letras, 1976.
- Luc. Sagarana.** s/tit.,s/loc.: Gazeta, 05/06/1946.
- Lucas, Fábio.** *Guimarães Rosa e a Crítica Oficial*. s/loc: Boletim Bibliográfico, 09/1959.

- _____ *Personagens de Ficção*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 19/10/1957.
- _____ *Entrevista com José Loureiro*. s/loc.: Leitura, Jan-Fev/1965.
- _____ "*Guimarães Rosa, de passagem*". In: Lucas, Fábio. *Horizontes da Crítica*, Belo Horizonte: Movimento, 1965.
- _____ *O Grande ausente*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- _____ *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1967.
- _____ *A Transubstanciação de Guimarães Rosa*./loc.: Jornal de Letras, Jan. 1968.
- _____ *Guimarães Rosa e Clarice Lispector: Mito e Ideologia*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 26/08/1972.
- _____ *Rosa Imortal*. Rio de Janeiro: Veja, 23/11/1977.
- _____ *O inumerável coração das margens*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- _____ *Fábio Lucas, ensaísta de José Loureiro*. Rio de Janeiro: Leitura, s/data.
- M. H.** *Nobel preis 1965 fur brasilianer?* Viena: Weekend-Kurier Literatur, 06/02/1965.
- M. M.** *Guimarães Rosa não fala para publicar; mas cronista trai e publica*. s/loc: Diário do Comércio, 11/01/1959.
- M. K.P.** *Damonisch Landschaft*. Munster: Wesfalischer Nachrishten, 18/03/1965.
- M. P. L.** *Les nuits du Sertão*. s/loc: Bulletins des Lettres, 15/06/1964.
- Macedo, Tânia.** *Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, Antologia, 1988.
- Machado, Ana Maria.** *O recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Machado, Glaucio Vieira.** *Estudos da Literatura- Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Boletim do Centro de Estudos Portugueses. Universidade Federal de Minas Gerais: nº 1, Jun/1979.

- Machado**, Neuza Maria de Souza. *O narrador toma a vez: sobre o narrador de A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990. (dissertação de mestrado)
- Machado Filho**, Aires da Mata. *Um neo-regionalista*. s/loc: Diário da Noite, 30/06/1946.
- _____. *Síntese do Romantismo Brasileiro*. s/loc: O Diário, 17/05/1957.
- _____. *O Grande ausente*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Maciel**, Luiz C. Guimarães Rosa. *A realidade fugidia (Palhaço de Boca Verde e Retrato de Cavalo)*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 30/08/1975.
- Guimarães Rosa**, Cleusa Coutinho. *João Guimarães Rosa. Sagarana*. Goiânia, O Popular, 12/09/1976.
- Guimarães Rosa**, Luiz. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Revista Carioca, 01/06/1946.
- Guimarães Rosa**, Aderson. *A proposta de um livro*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 13/03/1956.
- Guimarães Rosa**, Basílio de. *Sagarana* (Filologia e folclore) São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/03/1947.
- Guimarães Rosa Junior**, Raymundo de. *A sucessão de José Lins do Rego*. s/loc.: Folha da Noite, 10/02/1958.
- _____. *Guimarães Rosa. A Segunda Imortalidade*. Rio de Janeiro: Manchete, 2/12/1967.
- Guimarães Rosa**, Evaldo. *Sete Anos Depois*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 9/02/1993.
- Maia**, Jorge. *Sagarana*. s/loc: Diário do Comércio, 02/06/1946.
- Malrieu**, Jean. *Les nuits du sertão*. s/loc: Cahiers du Sud. n° 371, 1963.
- _____. *Diadorim*. s/loc: Cahiers du Sud, n° 385, s/data.

- Mango**, M. D. Rosa, *Rosae Leitura das Primeiras Estórias de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: A outra Ed. 1985.
- Mansur**, Bicalho, Gilberto, Geraldo C. *Era uma vez aquele menino, o Joãozinho, sem Guimarães Rosa*. s/loc: Diário da Tarde, 22/11/1967.
- Marchezan**, Luiz Gonzaga. *Espaço no conto regionalista brasileiro (tese de doutorado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- Marcondes**, Marleine Paula & Toledo, Ferreira de. *A Hora e a Vez de Augusto Matraga: Do Humano ao Mítico*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), nº 29, 1988.
- Margarido**, Alfredo. *João Guimarães Rosa e o sentido de uma modernidade brasileira*. Lisboa: Jornal de Notícias, 09/10/1964.
- _____ et alii. *Marginalien zu João Guimarães Rosa Grande Sertão*. Koln: Verlag, s/data.
- Marques**, Oswaldino. "A revolução Guimarães Rosa". In: Marques, Oswaldino. *A seta e o alvo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- _____ *Canto e Plumagem das palavras. A seta e o alvo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, M.E.C. 1957.
- _____ *Três Depoimentos sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/08/1958.
- _____ *Guimarães Rosa, cineasta*. s/loc.: Diário da Noite, 10/08/1958.
- _____ *Guimarães Rosa e seu Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967.
- _____ *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Minas Gerias (Jornal), 25/11/1967.
- _____ *Apontamentos Rosianos*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.
- _____ *Guimarães Rosa e Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1969.

- _____. *"O repertório verbal"*. In: Coutinho, Eduardo Faria. Guimarães Rosa. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Martins, Luis.** *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Porto Alegre: O Estado de S. Paulo, Jornal do Dia, 01/09/1956.
- _____. *Mesa-redonda sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 02/09/1956.
- _____. *A obra de Guimarães Rosa*. s/loc.: Folha da Noite, 14/09/1956.
- _____. *A morte de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/11/1967.
- Martins, Heitor.** *No Urubuquaquá em Colônia*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 01/06/1968. (Sobre *Cara de Bronze*).
- _____. *As chaves de Guimarães Rosa*. São Paulo: Suplemento Literário, 30/12/1973.
- _____. *No Urubuquaquá, em Colônia*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 06/04/1974.
- _____. *Nonada*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/09/1976.
- _____. *Do Barroco a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983.
- Martins, Nilce Sant'Anna.** *João Guimarães Rosa*. In: Pinto, E. P. Org. Escritor enfrenta a Língua. São Paulo: FFLCH-Usp, 1994.
- _____. *Rosalina, a fada do Pinhém*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 da edição de Sagarana, nº 41, p.77, 1996.
- Martins, Ivan Pedro.** *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- Martins, José Maria.** *Guimarães Rosa O Alquimista do Coração*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- Martins, Wilson.** *Sagarana*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 29/07/1946.

- _____. *Um novo Valdomiro Silveira*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 23-30/08/1956.
- _____. *Caminhos da Ficção II*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 26/01/1963.
- _____. *João Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 08/05/1965.
- _____. *Um novo regionalismo: Guimarães Rosa*. Humboldt, Revista Para o Mundo Luso-Brasileiro, nº 12, 1965.
- _____. *Traduções*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/07/1966.
- _____. *Opiniões sobre a Obra de Rosa*. Minas Gerais: Suplemento do Minas Gerais: 25/11/1967.
- _____. *Literaturnost*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 13/01/1968.
- _____. *Tel qu'en lui-même*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 07/12/1968.
- _____. "Structural Perspectivism in Guimarães Rosa". In: Blooming, The Brazilian novel. Indiana: Indiana University Press, 1976.
- Matos, Mário.** *Um livro para você*. Belo Horizonte: Revista AlteRosa, 07/1946.
- Matta, Roberto da.** *Augusto Matraga e a Hora da Renúncia*. Rio de Janeiro: II Congresso da Universidade Gama Filho, 1986.
- Mauad, Isabel Cristina.** *O prêmio da eternidade*. Rio de Janeiro: O Globo, 11/08/1991.
- _____. *Um texto sobre a Festa do Divino*. Rio de Janeiro: O Globo, 11/08/1991.
- Mayrink, Geraldo.** *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (sobre o filme). Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 3/05/1966.
- Mc Laughlin, Richard.** *Notable Brazilian Novel*. Springfield. The Springfield Republican, s/data.
- Medeiroslin, Bluma Dauster.** *Guimarães Rosa, um esboço de entendimento*. Rio de Janeiro: Letras (Revista) U.F.G., nº1, 1965.
- Medina, Antonio et alii.** *Literatura para a Fuvest*. São Paulo: Atica, 1991.

- Megale**, Heitor. *Grande Sertão: Veredas, uma narrativa que retoma traços d'A Demanda do Santo Graal*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), nº 41, p.37, 1996.
- _____. & Matsuoka, Marilena. *João Guimarães Rosa*. Edição Didática Organizada, São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- Mello**, M. Moreira de. *A Hora e a Vez de Guimarães Rosa*. s/loc.: Gazeta, 18/12/1967.
- Mello**, Antônio da Silva. *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras Ata de Sessão, 23/11/1967.
- Mello**, Cesário de. *Flagrante Literário*. Recife: Diário da Noite, 02/06/1964.
- _____. *Corpo de Baile*. Recife: Diário da Noite, 17/05/1957.
- _____. *Sagarana*. Recife: Diário da Noite, 19/07/1956.
- Mello**, Linalda de Souza et alii. *O dinamismo da linguagem de Grande Sertão: Veredas*. João Pessoa, s/ed. 1976.
- Mello**, Thiago de. *Notícias do Fim do Século*. s/loc.: Gazeta, 02/03/1963.
- Mello**, Maria Tereza. *Guimarães Rosa - Embaixador do Sertão*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 2/11/1989.
- Melo**, Oswaldo A. de. *O Aspecto Fônico em Orientação de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 27/06/1974.
- Melo**, Melino Moreira de. *As pessoas não morrem: ficam encantadas*. Rio de Janeiro: Academia Carioca de Letras, 1977.
- Melo e Castro**, E. M. de. *A língua em estado gasoso*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- _____. *Poesia/Transpoesia/Repoesia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Mendes**, Eliana Amarante de Mendonça. *Tradução dos Neologismos de Grande Sertão: Veredas (tese de doutorado em 2 volumes)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.
- Mendes**, Oscar. *Recomeçando*. s/loc.: O Diário, 14/07/1946.
- Mendilow**, A. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: O Globo, 1972.

- Mendonça, Fernando.** *Guimarães Rosa e Aquilino*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 5/10/1963.
- Mendonça, Marcos Carneiro de.** *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- Menezes, Carlos.** *Nas Leituras de Guimarães Rosa as origens de suas criações e invenções*. Rio de Janeiro: O Globo, 27/05/1976.
- Menezes, Adélia Bezerra de.** *O Homem do Pinguelo: uma leitura aristotélica-psicanalítica*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol.2, nº 3, 1998.
- Menezes, José Antônio.** *Guimarães Rosa em catorze minutos*. s/loc.: s/ed. 06/10/1969.
- Menezes, Carlos de.** *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Gazeta, 26/05/1957.
- Menezes, Raymundo.** *Como vivem e trabalham os nossos escritores*. São Paulo: Folha da Manhã, 11/11/1956.
- Mengale, João Guimarães Rosa.** *Escritores que não conseguem ler Grande Sertão*. s/loc.: Leitura, 10/1958.
- Merrim, Stéphanie.** *Sagarana: In The Wake of the Word: translating Guimarães Rosa. In the art and science of translation*. Ana Arbor-Michigan: Dispositio. Revista Hispânica de Semiótica, 1982.
- _____. *A Story System*. Estados Unidos: Ohio: Cincinatti: Hispania, 1983.
- _____. *Desire and the art of deshumanization: Macedônio Fernandez, Julio Cotázar and João Guimarães Rosa*. Latin America Literary Review, Pittsburg: Estados Unidos, Jan- Jun.
- Mesquita, Cláudiaeresá.** *Nélson Pereira dos Santos filma Rosa*. Belo Horizonte: Hoje em Dia, 09/02/1993.
- Mesquita, Cláudia.** *Riobaldo revê Diadorim no Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Hoje em Dia, 07/04/1993.
- _____. *Puc prepara Memorial de Rosa*. Belo Horizonte: Hoje em Dia, 26/05/1993.

- Meyer, Marlyse.** *A la recherche de Saint-Clair das Ilhas*. Poitier: Centre de Recherches Latinoaméricanes, 06/1973.
- Meyer, Marlyse.** *O que é, ou quem foi Sinclair das Ilhas*. RIEB, 1973.
- Meyer, Curt Clason.** *A Tradução e o Encontro Procurado*. s/IRIEB, 1966.
- Meyer, Augusto.** *Homenagem ao Conselheiro Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Cultura, nº 5, 1967.
- Micheloud, Pierrette.** *Diadorim, par João Guimarães Rosa*. s/Les Nouvelles Littéraires, 23/07/1965.
- Miketen, Antonio Roberval.** *Travessia de Grande Sertão: Veredas*. Brasília, Thesaurus, 1982.
- Milliet, Sérgio Sagarana.** Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 19/05/1946.
- _____ *Leituras Avulsas*. S/loc.: Diário de Notícias, 21/07/1946.
- _____ *Conversa com Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Letras e Artes. Suplemento de A Manhã, 04/02/1951.
- _____ *Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 22/12/1951.
- _____ *Infância e obra*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 20/03/1956.
- _____ *Corpo de Baile*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 20/03/1956.
- _____ *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 31/07/1956.
- _____ *A obra de Guimarães Rosa*. s/ locloc.: : Folha da Noite, 14/09/1956.
- _____ *Ler e Reler*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 18/12/1956.
- _____ *Canto e Plumagem*. s/loc/loc.: Jornal do Comércio, 26/04/1958.
- _____ *Biografia de Guimarães Rosa*. s/loc. : s/loc, s/ed. 25/11/1967.
- _____ *Opiniões sobre a Obra de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- _____ *Mesa-Redonda sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 02/09/1956.
- _____ *Reler*. s/loc.: Jornal do Comércio, 26/04/1959.

- Minaes**, Ivone Pereira. *A Linguagem Malandra em Guimarães Rosa (A Volta do Marido Pródigo)* s/loc.: Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1985.
- _____. *A linguagem malandra em Guimarães Rosa*. São Paulo: Revista de Letras, Vol. 25, 1985.
- Mindlin**, José. *Depoimento*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Miné**, Elza. *Angel Crespo, tradutor de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Miranda**, Hélio Rosa de. *O sertão no universo poético de João Guimarães Rosa: o recado cifrado da canção (Dissertação de Mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. (sobre “O Recado do Morro”).
- Miranda**, Murilo. *O Prêmio Humberto de Campos*. s/loc.: Revista Acadêmica, 1943.
- Miranda**, Júnior E. *Modos, lenguaje y sentido en Gran Sertón: Veredas*. Madrid: Revista de Cultura Brasileña, nº 21, 07/1967.
- Miranda**, Wander Melo. *O espaço do sertão em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: s/ed. 19/08/1978.
- Miranda Netto**. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 26/11/1967.
- Miyazaki**, Tieko Yamaguchi. *Os Recados do Morros*. São Paulo: Mimesis, 1976.
- _____. *"A antecipação e a sua significação simbólica em São Marcos de Guimarães Rosa"*. In: D'Onofrio, Salvatori et alii. Contos. s/loc.: Vozes, 1979.
- _____. *Um tema em três tempos (G. Rosa, J. C. Carvalho, João Ubaldo Ribeiro)*. Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1988.
- Mohrtn**, Michel. *L'Amerique aux sortilèges*. França: Le Monde, 10/04/1965.

- Monegal**, Emir Rodrigues. *Guimarães Rosa en su frontera*. Montevideo: Temas (Revista). El Pais, 11/08/1963.
- _____. *The New Novelties*. Londres: Encouter, 09/1965.
- _____. *In praise of Guimarães Rosa*. New York: Commentary, 01/1966.
- _____. *La novela brasileña*. Paris: Mundo Nuevo/Revista da América Latina, nº 6, 1966.
- _____. e Colche, Thomas. "The twentieth century. From Borges and Paz to Guimarães Rosa e Donoso". In: Borzoi Anthology of Latin America, New York: 1977.
- Monteiro**, Adolfo Casais. *Romance em Ascensão*. Porto Alegre: Correio do Povo, 8/02/1958.
- _____. *Preciosismo no sertão*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 15/02/1958.
- _____. *O Erudito e o Popular em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 01/03/1958.
- _____. *Guimarães Rosa não é escritor regionalista*. Rio de Janeiro: São Paulo: Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo, 08/03/1958.
- _____. *Segredos do Alto Sertão*. São Paulo: Campinas: Estado de São Paulo/ Jornal de Campinas, 19/05/1962 e 09/06/1962.
- _____. "Guimarães Rosa: uma revolução no romance brasileiro". In: Monteiro, Adolfo Casais. *O romance: teoria e prática*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- _____. *Opiniões sobre a Obra de Rosa*. Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais. 25/11/1967.
- Monteiro**, Willian da Rosa. *A poeticidade de Buriti*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Do Rio de Janeiro: 1982.
- Montello**, Josué. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 14/04/1956.
- _____. *Tendências atuais da Prosa Brasileira*. s/loc.: Jornal do Comércio, 06/12/1962.
- _____. *Hoje, na Academia*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 08/08/1963.

- _____. *Rosa, hoje, na Academia*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 08/08/1963.
- _____. *Homenagem ao Conselheiro Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Cultura, nº5, 1967.
- _____. *Guimarães Rosa: Saudades*. Rio de Janeiro: Fortaleza, Jornal do Brasil, O Povo, 23/00/1967 e 03/12/1967.
- Montenegro, Braga.** *Um tema que renasce*. Fortaleza, Unitário, 21/07/1946.
- _____. *Guimarães Rosa, novelista*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 06/07/1968.
- Montenegro, Olívia.** *Fala e Linguagem*. s/loc.: O Jornal, 23/09/1956.
- Montenegro, Olívio.** *Sagarana*. s/loc.: Diário da Noite, 17/11/1946.
- _____. *Ainda Corpo de Baile*. Diário do Povo, 26/06/1956.
- _____. *Corpo de Baile*. s/loc.: Diário do Povo, 19/08/1956.
- _____. *Corpo de Baile*. s/loc.: O Jornal, 09/09/1956.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte. Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- Moodie, Silvia.** *Elementos Geográficos en Gran Sertón: Veredas*. Madrid: Revista de Cultura Brasileña, nº 21, 06/1967.
- Morais, J. J.** *A (anti) tese sobre Guimarães Rosa*. São Paulo: Jornal da Tarde, 25/09/1976.
- Morais, Denise.** *Um Guimarães Rosa inédito*. s/loc.: s/ed. 17/06/1992.
- Morais, Márcia Marques de.** *Encontros de Riobaldo: travessias do sujeito*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.
- Morais, Osvando J. de.** *Grande Sertão: Veredas – O Romance Transformado (Dissertação de Mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- Morais, Santos.** *Guimarães Rosa na Academia*. s/loc.: Jornal do Comércio, 09/08/1963.
- _____. *Sagarana*. s/loc.: Jornal do Comércio, 18/03/1964.

- _____ *Guimarães Rosa encantou-se*. s/loc.: Jornal do Comércio 22/11/1967.
- Moreira, Alberto.** *Dois Magníficos Livros*. Santos: A Tribuna, 01/12/1946.
- Moreira, Fernando.** *Os Sete Pecados Capitais*. s/loc.: Comentário, nº19, 3º Trimestre, 1964.
- Moreira, Maria.** *Les Expressions Figurées (Lélio e Lina)*. Toulouse: Caravelle, 1974.
- Moreira, Maria N.** *Algumas Considerações sobre a Associação Semântica na Narrativa de Guimarães Rosa. (Estória de Lélio e Lina)*. Rio de Janeiro: Littera, 1973.
- _____ *A Correspondência Inédita de Guimarães Rosa e a desconstrução de formas estereotipadas*. s/Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Mota, Sérgio.** *Cannes 66 IV (sobre o filme)*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 25/05/1966.
- Motta, Dantas.** *O Sertão e o Diabo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 20/06/1988.
- Motta Filho, Candido.** *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ata de Sessão, 23/11/1967.
- Moura, Altamir de.** *Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 05/05/1946.
- Mourão, Rui.** *João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Revista Tendência, 08/1957.
- _____ *Processo da linguagem, Processo do homem*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- _____ *A Nova Crítica Brasileira e a Ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais. 25/11/1967.
- _____ *Rosa Cordisburgo. Rosa Amor*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 23/03/1974.
- _____ *O Patriarca*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.

Moutinho, José Geraldo Nogueira. *Primeiras Estórias*. São Paulo: Folha de S. Paulo: 18/11/1962.

_____ *Em torno de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha da Tarde, 26/01/1964.

_____ *Tutaméia*. São Paulo: Folha de São Paulo: 21/11/1967.

_____ *Guimarães Rosa previu a própria morte*. São Paulo: Folha de São Paulo: 21/11/1967.

_____ *Última Página*. São Paulo: Folha de São Paulo: 26/11/1967.

_____ *Há dois anos morria Guimarães Rosa*. s/loc. : s/ed. 19/11/1969.

_____ *Ave Palavra*. São Paulo: Folha de São Paulo: 18/07/1971.

_____ *Imagens do Sertão, Imagens Urbanas*. São Paulo: Folha de São Paulo: 10/05/1975.

Nascimento, José Amado. *Veredas no Grande Sertão*. Sergipe: Revista de Aracaju, 1963.

Nascimento, Edna M. F. dos Santos. *Estudo da Metalinguagem Natural na Obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo: 1986.

_____ *Contribuição para o estudo do léxico de Guimarães Rosa (Tese de Doutorado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2º vol. 1979/1987.

_____ & M. Lenira. *João Guimarães Rosa: Homem plural, escritor singular*. São Paulo: Atual, 1988.

_____ *Mots-valises: poeticidade da forma na obra de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Usp- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 147, 1996.

_____ *O texto rosiano – documentação e criação*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.

Nazareth, Luiz Fernando. *O Barroco no Grande Sertão*. s/loc.: Diário do Comércio, 08/03/1959.

- _____. O Barroquismo ideológico no *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Jornal de Letras, 02-03/1959.
- Néspoli, Beth.** *Universo de Rosa é traduzido com magia no palco*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 20 de outubro de 2000.
www.estado.estadao.com.br/jornal/00/10/20/news/html
- Neitzel, Adair de Aguiar.** *Glauber Rocha e Guimarães Rosa: entre Deus e o diabo*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, s/data. www.cce.ufsc.br/~neitzel/literatura/glauber.html
- _____. *Hipertexto literário (Leitura e Produção na rede pública de Santa Catarina)*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, s/data. www.cce.ufsc.br/~neitzel/literatura
- _____. *Mulheres Rosianas (Dissertação de Mestrado)*. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
www.cce.ufsc.br/~neitzel/disserta
- Nepomuceno, Rosa.** Na Laura Alvim, a mais viva programação. Rio de Janeiro: O Globo, 26/06/1988.
- Neto, Renato Nogueira.** O inventor de palavras. s/loc.: Tribuna Imprensa, s/data.
- Netto, Miranda.** Guimarães Rosa. s/loc.: Jornal do Comércio, 26/11/1967.
- Neumana, Michel.** *Westermanns Monatcheft, ritt uber den sertão*. s/loc. s/ed. 06/1965.
- Neves, Berilo.** *Sagarana*. s/loc.: Jornal do Comércio, 18/03/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: Jornal do Comércio, 11/11/1956.
- Neves, David E.** *Guimarães Rosa e o cinema*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 27/01/1968.
- Newton Filho, Mário.** *Grande Homenagem*. Campos: Folha do Povo, 29/06/1957.
- Novis, Vera.** *Iniciação a Tutaméia*. São Paulo: Folha de São Paulo: 20/11/1987.
- _____. *Tutaméia: Engenho e Arte*. São Paulo: Perspectiva, s/data.

- _____. *De Jó a Jó: Popa e Proa (Desenredo)*. São Paulo: Polímica, 1982.
- Nunes**, Benedito. *Primeira notícia sobre Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 10/02/1957.
- _____. *O Menino*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 02/02/1963.
- _____. *O amor na Obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo. Revista do Livro, nº 26, 27/03/1965 e 09/1964.
- _____. *Guimarães Rosa e a Tradução*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, Leitura, 14/09/1963 e Maio/Jun/1965.
- _____. *A Viagem*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 02/09/1967.
- _____. *Guimarães Rosa em Novembro*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 23/11/1968.
- _____. *A Rosa é que é de Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 22/03/1969.
- _____. *A Viagem do Grivo (Cara-de-Bronze)*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais. 06/04/1974.
- _____. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. *Grande Sertão: Veredas: uma abordagem filosófica*. Paris: (ADPF), Bulletins des Étude Portugaise et Bras., 1985.
- _____. & Aguda, Jorge. *La fugura de la narración o las celadas del tiempo en la novela de Guimarães Rosa*. s/loc.: Escritura, July/Dec, 1989.
- _____. *O Mito em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- O'leary**, Theodore. *Ruffins may have a certain majesty*. Kansas: The Kansas City Star, 5/12/1963.
- Octávio Filho**, Rodrigo. *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ata da Sessão, 23/11/1967.
- Olinto**, Antônio. *São os de Minas que Vêm*. s/loc.: A Gazeta, 5/12/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: s/ed. 08/12/1956.
- _____. *João Guimarães Rosa: a morte e a imortalidade*. s/loc.: A Gazeta, 21/11/1967.

- Oliveira, Anderson Graciano de.** *O Modernismo do Autor de Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 23/11/1968.
- Oliveira, Edson Santos de.** *O discurso lúdico de Guimarães Rosa em Sagarana*. (dissertação). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: 1981.
- Oliveira, Franklin de.** *Carta do Brasil*. Buenos Aires: Letras e Artes e Libros de Hoy, 08/07/1951.
- _____. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 14/03/1956.
- _____. *Os Húngaros*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, ver Viola D'amore, 24/08/1957.
- _____. *As Epígrafes*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 23/10/1958.
- _____. *As Epígrafes*. Rio de Janeiro: Portugal: Correio da Manhã, O Comércio do Porto, 25/10/1958 e 13/02/1962.
- _____. *Estudos sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 15/02/1958.
- _____. *O Vermelho e o Verde*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 21/05/1960.
- _____. *A Propósito de Corpo de Baile*. Lisboa: Livros do Brasil, nº 14, 1964.
- _____. *Guimarães Rosa*. In: Oliveira, Franklin de. Viola d'amore. Rio de Janeiro: Edição do Val, 1965.
- _____. *A Nova Crítica Brasileira e a Ficção de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 25/11/1967.
- _____. *Revolução Roseana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 26/11/1967
- _____. *Pássaro que reinventa vãos*. s/loc.: Gazeta, 04/12/1967.
- _____. *Coelho Neto, Guimarães Rosa e o Balé dos Disparates*. s/loc.: A Gazeta, 11/12/1967.
- _____. *A degradação em Riobaldo*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 04/04/1968.

- _____ *O sertão, o menino e as canções*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 17/11/1968.
- _____ *Realização Heróica*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.
- _____ *A egrégia fidelidade*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 08/12/1968.
- _____ *A Esteticidade em Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 08/12/1968.
- _____ *"Guimarães Rosa"*. In: Coutinho, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Sulamericana, 1970.
- _____ *Na literatura do sofrimento mudo, a violência das paixões indomáveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 19/11/1977.
- _____ *The Epigraphs. Prefácio à edição americana de Sagarana*. Estados Unidos, s/ed. s/data.
- Oliveira, Luiz Carlos de.** *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* (sobre o filme). Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/05/1966.
- Oliveira, Marly Amarilha de A. de.** *"A Crítica da verossimilhança: o fantástico em Machado de Assis, Guimarães Rosa e Murilo Rubião"*. In: *Movimentos de Crític*. Campina Grande: s/ed. s/data.
- Oliveira, Laércio José de.** *Uma Grande Perda*. Belo Horizonte: Diário do Comércio, 01/12/1967.
- Oliveira, Luiz Cláudio Vieira de.** *O Sentido e a Máscara em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1979.
- Oliveira, J. Gonçalves de.** *Oitava Edição de Sagarana*. Recife: Jornal do Comércio, 1964.
- _____ *Guimarães Rosa ou da Palavra Povoada*. Recife: Jornal do Comércio, 10/12/1967.
- _____ *Deus manda buscar Rosa*. Recife: Jornal do Comércio, 22/11/1967.
- _____ *Importante é o Rosa*. Recife: Jornal do Comércio, 24/11/1967.

- Oliveira, Heloísa Aline.** *Nasce Hoje, em Cordisburgo, o Museu Casa Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 29/12/1984.
- Oliveira, Luiz Cláudio Vieira de.** *O percurso dos sentidos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1991.
- Oliver, Elide V.** *Fluxo do tempo e paternidade em Guimarães Rosa*. São Paulo, Universidade de São Paulo, USP – Revistasusp, março-abril-maio/2001.
- Onís, Harriet de.** *Diálogo (entrevista a Leo Gilson Ribeiro)*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 19/01/1963.
- _____. *Traductora de un escritor sin pasaporte (Michel Haiat)*. s/loc.: O Cruzeiro Internacional, 16/03/1963.
- Onório, Salvatore D'. (et alii).** *Conto Brasileiro. Quatro Leituras: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Osman Lins*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- Oricchio, Luiz Zanin.** *Nelson tenta competência com improviso*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 03/03/1993.
- Oseki-Pepre, Ines.** *A tradução francesa das Primeiras Estórias de João Guimarães Rosa*. Lisboa: Colóquio de Letras, nº87, 1985.
- Oswaldo, Angelo.** *João Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Diário de Minas, 26/11/1967.
- Oviedo, Olii Olympio.** *The reception of the Faust motif in Latin American Literature: archetypal transformation in Works by Guimarães Rosa etc.* New York: The New York University, 1987
- P. P.V.D.** *Grande Sertão. Epos van de brasilianse wildernis*. Bélgica: Bélgica Voormit, 25/03/1965.
- P. M.** *Le sette meraviglie di un narratore brasiliano*. Milão: La Notte, 17/12/1964.
- Pacheco, Maria Helena Rossetti.** *RosaForma*. Fortaleza: Seele – Revista de Psicanálise, nº 9, ano III, jan., fev., mar., 1999.
<http://seele.matrix.com.br>

- _____. *RosaForma II*. Fortaleza: Seele – Revista de Psicanálise, nº 11, ano III, jan., fev., mar., 1999. <http://seele.matrix.com.Br>
- Paiva**, Mário Garcia de. *O Grande Ausente*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Palha**, América. *Sagarana*. s/loc.: Diário do Comércio, 16/05/1946.
- Pallotini**, Renata. *Sagarana*. São Paulo: Diálogo, (Revista) nº8, 11/1957.
- Palmério**, Mário. *Evocação a Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.
- _____. *Discurso de Posse na Academia*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1968.
- Passos**, Cleusa Rios P. *Confluências – Crítica Literária e Psicanálise (análise de “O palhaço da boca verde”)*. São Paulo: Edusp, 1995.
- _____. *A Função Materna em Guimarães Rosa: renúncia e dom*. Belo Horizonte: Minas/Puc, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- _____. *O arrenego e a letra: notas sobre “Esses Lopes” de Guimarães Rosa*. In: *Literatura e Sociedade*, São Paulo: nº 4, 1999.
- _____. *Do feminino e suas histórias*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- _____. *Desenredo em Guimarães*. In: *Decifrações de Guimarães de Rosa*, Cult (Revista Brasileira de Literatura, ano IV). São Paulo: Lemos Editorial, 2001.
- Pasta Júnior**, José Antônio. *O romance de Rosa: -temas do Grande Sertão e do Brasil (La ville – exaltation et distanciation; études de littérature portugaise et brésilienne)*. Paris: Sorbonne Nouvelle, p.159-170, 1977.
- Passoni**, Célia A. N. *Ateneu/Raul Pompéia, Laços de Família/Clarice Lispector, Sagarana/Guimarães Rosa. Antologia*. São Paulo: Editora Núcleo, 1990.
- Patrícia**, Sílvia. *Vivos e Mortos*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 25/11/1956.

- Payne, Judith A.** *Until we meet a third brother (or sister): binary (disjunity in the spanish american and the brasilian new novel women.* Penasylvania: The Penasylvania State University, 1991.
- Paz, Maria da.** *O eterno fascínio dos cabelos curtos.* São Paulo: Folha de S. Paulo: 21/04/1985.
- Paz-Andrade, Valentin.** *A Galecidade na obra de Guimarães Rosa.* Sada: Edícios de Castro, 1978.
- _____ e Rónai, Paulo. *Galeguidade na Obra de Guimarães Rosa.* São Paulo: Difel, 1983.
- Pécora, Alcir & Hansen, João Adolfo.** *Tu, minha anta, hh.* São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Pellegrino, Carlos Roberto.** *O Grande Ausente.* Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Pellegrino, Hélio.** *Guimarães Rosa - Poeta Maior.* Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 10/10/1967.
- Penido, José Márcio.** *Perderam sua Rosa as Veredas do Sertão.* Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Peregrino Júnior, João.** *Estilo Literário.* Guanabara: Revista Brasileira de Medicina, 01/1963.
- _____ *Adeus a Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ata da Sessão, 23/11/1967.
- Pereira, Otoniel Santos.** *Guimarães Rosa segundo terceiros.* s/loc.: Realidade (Revista), ano II, nº 16, Editora Abril, 07/1967.
- Pereira, Lúcia Miguel.** *Encontros Fortuitos.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 08/12/1956.
- Perez, Renard.** *Escritores Contemporâneos Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Madrid: Correio da Manhã, Revista de Cultura Brasileira nº 21, 07/04/1956, s/data.

- _____. *Guimarães Rosa*. In: Perez, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- _____. *O mistério de M.M.M.* São Paulo: Última Hora, 18/04/1962.
- _____. *O Homem João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967.
- _____. *Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 23/04/1974.
- _____. *Guimarães Rosa*. In: Coutinho Eduardo F. *Guimarães Rosa*. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Guimarães Rosa. Tradução Espanhola de Escritores Brasileiros*. Madrid: Revista de Cultura Brasileña VI, s/data.
- Perrone**, Charles. *Lyrical Passage(s): Verse, Song and Sense in Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: LBR, 1990.
- Perrone-Moisés**, Leyla. *Nenhures: Considerações Psicanalíticas à margem de um conto Guimarães Rosa. (Nenhum, Nenhuma)*. Lisboa: Colóquio Letras, Fundação Calouste Gulbenkian. 1978.
- _____. *Nenhures 2: "lá, nas campinas"*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.
- Pessanha**, Olival Mattos. *Vidadoria de Guimarães Rosa*. Vitória: A Gazeta, 09/12/1967.
- Picchio**, Luciana S. *Guimarães Rosa: Les Sponde dell'alegria*. Torino: Strumenti Critici. 1970.
- Pietro**, Antonio Vicente Seraphim. *Discurso da tradição esotérica religiosa: uma abordagem semiótica (Tese de Mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.(sobre o conto " O Recado do Morro").
- Pignatari**, Décio. *Metáfora: barroco, surrealismo, Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Pimentel**, Osmar. *Selvagem palmeira do mundo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 12/06/1956.

- _____. *O sertanejo no mundo*. Minas Gerais: Folha de Minas, 18-25/11/1956.
- Pimentel, Rosemar.** *Sagarana*. s/loc.: Anhembi,(Revista), 02/1952.
- _____. *Sagarana*. s/loc.: O Jornal, 15/06/1956.
- _____. *Corpo de Baile*. s/loc.: O Jornal, 12/08/1956.
- _____. *Primeiras Estórias*. Barra do Piraí: RJ, Projeto, 01/10/1965.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Rosa*. Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- Pires, Herculano.** *Guimarães Rosa, o Demiurgo*. São Paulo: Diário da Noite, 07/04/1956.
- _____. *Um livro que derruba a barreira entre a linguagem literária e a falada*. São Paulo: Diário da Noite, 30/03/1957.
- _____. *Introdução a Guimarães Rosa*. São Paulo: Diário da Noite, 21/12/1957.
- _____. *Um Uruciuano enfrenta o mundo*. São Paulo: Diário da Noite, 28/09/1957.
- Pires, J. H.** *Estórias*. São Paulo: Diário da Noite, 14/11/1966.
- Pires, Alves.** *Aproximação a Guimarães Rosa*. Lisboa: Companhia de Jesus, Brotéria, 04/1988.
- Piza, Daniel.** *Lima Duarte lê Rosa com Canções Mineiras*. São Paulo: Folha de S. Paulo: 09/02/1993.
- Pongetti, Henrique.** *Corpo de Baile*. s/loc.: A Gazeta, 04/04/1956.
- Pontes, Eloy.** *Sagarana*. s/loc.: A Gazeta, 10/06/1946.
- Pontes, Joel.** "O geralista Riobaldo". In: O aprendiz de crítico. Rio de Janeiro: O Jornal, Diário do Povo. MEC-Inl, 24/02/1957, 10-17/02.
- Pontes, Hugo.** *A Simbologia da Iniciação Maçônica em O Recado do Morro*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 2/05/1987.
- Portela, Eduardo.** *Um romance síntese*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 01/12/1956.
- _____. *Um romance e sua dialética*. s/loc.: Jornal do Comércio, 04/08/1957.

- _____ *A Estilística e a Expressão Literária*. s/loc.: Jornal do Comércio, 10/11/1957.
- _____ *Dimensões I*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.
- _____ *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- _____ *A estória cont(r)a a história*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 30/12/1967.
- Porto, Sérgio Dayrell.** *Communication seen as a model of dramatic production of meaning among the social outlaws of the brazilian sertão*. Canadá: McGill University, 1984.
- Prada, Cecília.** *Três Depoimentos sobre Guimarães Rosa: Cavalcanti Proença, Oswaldino Marques e Alberto Costa e Silva*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/08/1958.
- Prado Júnior, Bento.** *O destino decifrado; linguagem e existência em Guimarães Rosa: alguns ensaios*. São Paulo: Max Limonade, 1985.
- _____ *O Destino Decifrado*. São Paulo: Cavalo Azul, s/data.
- Prescott, Orville.** *Book of the Times*. New York: The York Times International Editions. 23/04/1963.
- _____ *Books of the Times* (Há uma tradução desse artigo, distribuída pela Divisão de informações do M.R.E. New York: The New York Times, 02/05/1963.
- Procópio, Marcelo.** *Mire e Veja: o Grande Sertão no Teatro*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 26/06/1985.
- Proença, Manoel Cavalcanti.** *Alguns Aspectos Formais de Grande Sertão: Veredas*. s/loc: Revista de Letras, nº5, 03/1957.
- _____ *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Mec Servivo de Documentação, 1958.
- _____ *Três Depoimentos sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/08/1958.

- _____. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Comentário nº 2, I Trimestre, 1965.
- _____. *Augustos dos Anjos e Outros Ensaio*. Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: GRIF/Brasília/InL, 1973.
- Puc-MG**. Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão vol. 3, 09/1993.
- _____. *Scripta (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros)*. Número Especial do Seminário Internacional Guimarães Rosa. Belo Horizonte: 2º semestre, 1998.
- Puff**, Wilhelm. *Mythos der ursprüngliche Landschaft*. s/loc.: Nürnberger: Nürnberger Nachrichten, 14/10/1964.
- Py**, Fernando. *Sob o domínio dos instintos*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 24/07/1965.
- Py**, Fernando. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Leitura, 12/1967.
- Py**, Fernando. *Estas Estórias*. Rio de Janeiro: Cadernos Brasilienses, 09-10/1970.
- Py**, Fernando. *Três Veredas Importantes ou (Gênese, Amor e Fim)*. Rio de Janeiro: Leitura, Correio da Manhã, Maio/Junho/1965 e 03/07/1965.
- Pécora**, Antônio A. B. *Aspectos da Revelação em Grande Sertão: Veredas*. Campinas, Remate de Males, Universidade de Campinas, 1987.
- Queiroz**, Rachel de. *Carta a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 02/07/1955.
- _____. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 30/06/1956.
- _____. *Medo da Morte*. S/loc.: O Jornal, 26/11/1967.
- Queiroz**, Renato da Silva. *Matraga, seu pai, seu filho*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista Imaginário, Laboratório de Estudos do Imaginário- LABI, Núcleo Interdisciplinar do do Imaginário e Memória, Nime, nº 3, 1996.
- www.imaginario.com.br/artigos/a0031_a0060/a0048-01.html

- Queiroz, Teresa Aline Pereira.** *A iconografia medieval da Natividade transform em poesia por João Guimarães Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista Imaginário, Laboratório de Estudos do Imaginário- LABI, Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória, Nime, nº 5, 1999.
www.imaginario.com.br/artigos/revista/rev5.shtml
- Queiroz, Dinah Silveira de.** *Pressentimento de Rosa*. s/loc.: Jornal do Comércio, 03/12/1967.
- R. M. L. Sagarana.** Minas Gerais: Estado de Minas, 02/06/1956.
- Ramos, J. B. Martins.** *Algumas tutameices*. São Paulo: Correio do Livro, 09/1967. (Pseuso. J. Benedictus).
- Ramos, Graciliano.** *Conversa de Bastidores*. Rio de Janeiro: A Casa, nº 265, 06/1946.
- Ramos, Maria Luiza.** *O mundo mítico do sertão de Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 09/10/1971.
- Ramos, J. B. Martins.** *Diálogo no Sertão das Letras*. São Paulo: Diálogo, (Rrevista) nº 8, 11/1957.
- Ramos, Maria Luiza.** *Sagarana*. Minas Gerais: Estado de Minas, 02/06/1956.
- Ramos, J. B. Martins.** *Guimarães Rosa na base do faro*. S/loc.: Leitura, 09/1970.
- Ramos, Maria Luiza.** *Grande Sertão: Veredas*. Minas Gerais: Estado de Minas, 01/11/1956.
- _____. *A análise Estrutural de Primeira Estórias*. In: Coutinho, Eduardo F. *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *O elemento poético em Grande Sertão: Veredas*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: s/data.
- Ramos, Ricardo.** *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Para Todos, nº3, 07/1956.
- Ramos, Maria Luiza.** *Primeiras Estórias*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.

- Rangel**, Carlos. *Os Sete Pecados Capitais*. s/loc.: O Jornal, 26/05/1963.
- Reading**, Josef. *Sprache Wie ein Vulkanausbruch*. s/loc.: Echo der Zeit, 18/10/1964.
- Reiroz**, José Maria Garcia. *Moderna Literatura Brasileira*, Cidade Trujillo: La Opinion, 03/12/1946.
- Rebello**, Marques. *O Prêmio Humberto de Campos*, s/loc.: s/ed. 04/03/1939.
- _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: A Manhã, 28/04/1946.
- _____. *O processo Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- _____. *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ata da Sessão, 23/11/1967.
- Rego**, José Lins do. *Sagarana*. São Paulo: Correio Paulistano, 26/03/1946.
- _____. *Sagarana*. Porto Alegre: Correio do Povo, 26/04/1946.
- _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: O Globo, 10/05/1946.
- _____. *Sagarana*, s/loc.: A Gazeta, 10/05/1946.
- _____. *Homens, Coisas e Letras*. *Sagarana*. s/loc.: O Jornal, 23/12/1951.
- _____. *Corpo de Baile*. s/loc.: A Gazeta, 13/03/1956.
- _____. *O Processo de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- _____. *Guimarães Rosa e os Críticos*. s/loc.: A Gazeta, 31/10/1956.
- _____. *A Novidade do ano*. s/loc.: O Jornal, 23/12/1956.
- _____. *Opiniões sobre a obra de Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- Reipert**, Paulo. *O Escritor Na Força de sua Linguagem*. s/loc.: s/ed., s/data. (Encontrado no arquivo da Folha de São Paulo).
- Reipert**, Hermana José. *O escritor na força de sua linguagem*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, s/data.
- Reis**, Roberto. *A Terceira Margem do Rio*. Porto Alegre: Correio do Povo, 19/05/1979.
- _____. *A viagem para o pleno*. Porto Alegre: Letras de Hoje, 03/1979.

- _____. *O sertão humano*. Berlim: Iberoamerikanische, 12/1981.
- Reis**, Waldemar. *Corpo de Baile*. Bagé: Correio do Sul, 08/1956.
- _____. *João Guimarães Rosa (com uma carta de Guimarães Rosa ao autor)*. Bagé: Correio do Sul, 23/11/1967.
- Rios**, André Rangel. *Grande Sertão de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), s/data. www2.uerj.br/~pgletras/revista/andré.html
- Resende**, Angela Canado Lara. *Para ler Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 23/06/1979.
- Resende**, Otto Lara. *A vigo Rosa fonte sertaneja*. Rio de Janeiro: O Globo, 26/06/1988.
- _____. *Levava pela mão um balão de Criança*. São Paulo: Folha de São Paulo: 24/11/1991.
- Rezende**, Maria Leopoldina. *Duelo a dois metros de profundidade*. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 1993.
- Aparecida**, Maria. *O redimensionamento do espaço como função metalingüística*. Pittsburgh: Curitiba: PA Revista Ibero-Americana: O Estado do Paraná, 14/11/1979.
- Ribeiro**, Leo Gilson. *Um velho castelo maciço, uma nova flor poética*. São Paulo: Jornal da Tarde, 21/11/1967.
- Ribeiro**, Débora. *Grande Sertão: Veredas terá edição crítica*. São Paulo: Folha de S. Paulo: 12/07/1990.
- Ribeiro**, Francisco. *História do Sertão vai para o cinema*. Rio de Janeiro: O Mundo Ilustrado, 06/06/1959.
- Ribeiro**, Gilvan P. "O alegórico G. Rosa". In: Realismo e Anti-Realismo na Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- Ribeiro**, Leo Gilson. *Tese e Antítese*. s/loc.: Cadernos Brasileiros, nº23, Maio/Jun/1964.
- _____. *Guimarães Rosa visto por Antônio Cândido*. s/loc.: Diário da Noite, 09/08/1964.

- _____. *Em torno de 7 pecados capitais*. s/loc.: Diário do Comércio, 23/08/1964.
- _____. *O sertão rude de Guimarães Rosa*. São Paulo: Jornal da Tarde, 15/10/1966.
- _____. *Aqui está um breve roteiro da obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 15/10/1966.
- _____. *Goethe também foi sertanejo*. São Paulo: Veja, 29/12/1970.
- _____. *Guimarães Rosa. 25 anos de Veredas. Os 25 anos do romance mais revolucionário da nossa literatura*. s/loc.: s/ed. 13/06/1981.
- _____. *Guimarães Rosa 25 anos de veredas*. São Paulo: Jornal da Tarde, 13/06/1981.
- Ribeiro, Mário.** *Cordisburgo chorou o menino Joãozinho quando soube que Guimarães Rosa morreu*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28/11/1967.
- Ricardo, Cassiano.** *Adeus a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Ata de Sessão, 23/11/1967.
- Ricaumont, Jacques de.** *Diadorim de João Guimarães Rosa*. ss/loc.: Combat, 19/03/1966.
- Ricca, Regina.** *Guimarães Rosa, redescoberto em cartas e emoções*. São Paulo: Folha da Tarde, 27/09/1985.
- Riedel, Dirce Cortes.** *Aspectos da imagística de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: UEG, 1962.
- _____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, Maio/Junho, 1963.
- _____. *O mundo sonoro de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 11/1963.
- _____. *O conflito da experiência humana na linguagem metafórica*. s/loc.: Jornal do Comércio, 31/05/1964.
- _____. *O nome próprio como artifício literário*. s/loc. Jornal do Comércio, 26/01/1965.

- _____. *O Espelho*. s/loc.: Jornal do Comércio, 13/03/1966.
- _____. *A Vitalidade completa de Guimarães Rosa (ou A vitalidade concreta)*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 25/11/1967.
- _____. *A busca da palavra poética*. s/loc.: Revista Vozes, 04/1971.
- _____. *As meias verdades de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 14/09/1974.
- _____. *De chapéu e de bengala*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 21/12/1974.
- _____. *Grande Sertão: Veredas. choques e Interação de Culturas*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Risso, Mercedes S.** *Padrão Contextual e Efeito Estilístico. (O Burrinho Pedrês)*. s/loc.: São Paulo: Alfa, Revista da Universidade Estadual Paulista, Marília, 1985.
- Rocha, Cláudio.** *As 5 faces de Matraga (sobre o filme)*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 20/05/1966.
- Rocha, Luiz Otávio Savassi.** *João Guimarães Rosa: sua hora e sua vez*. s/loc.: s/ed. 07/1986.
- _____. *João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1981.
- _____. *As veredas do sertão rosiano*. Belo Horizonte: Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais: nº16, 11/1981.
- _____. *João Guimarães Rosa: sua hora e sua vez*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, s/data.
www.medicina.ufmg.br/cememor/rosa.htm
- Roche, J.** *João Guimarães Rosa. Diadorim*. Toulouse: Bulletin de L'université de Toulouse, 04/01/1966.
- Rodhman, Álvaro.** *Corpo de Baile*. São Paulo: Diário de São Paulo: 20/05/1956.

- _____. *Estórias de Gerais*. São Paulo: Diário de São Paulo: 27/05/1956.
- _____. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Diário de São Paulo: 16/08/1956.
- Rodrigues, Antonio Medina.** *Reflexões sobre a escrita no Brasil*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Rodrigues, Nelson.** *As confissões de Néelson Rodrigues*. s/loc.: Gazeta, 5-6-7-9-11-18/12/1967.
- Rodrigues, Ricardo.** *Viagens Imaginárias. O sertão e as veredas de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Manchete, 20/07/1991.
- Rodrigues Filho, Luiz M.** *O Mago Guimarães Rosa*. Franca: Comércio de Franca, 20/11/1962.
- Rodrigues Monegal, Emir.** *Em busca de Guimarães Rosa*. In: Coutinho, Eduardo F. *Guimarães Rosa. Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Romano, Olavo.** *Todo Valente que eu já vi morreu por mão de um perengue*. Belo Horizonte: Estado Minas, 07/12/1985.
- Romano, James V.** *Structure and Mysticism in The Third Bank of the River*. s/loc.: LBR, 1983.
- Romano, Olavo.** *Manuelzão: Eu não tenho medo da morte. Tenho medo do amor falso, que mata sem Deus querer*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 15/06/1986.
- Romanelli, Katia Bueno.** *Álgebra Mágica na construção dos textos de Tutaméia de Guimarães Rosa*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- _____. *Faraó e a água do rio*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 203, 1996.
- Roncari, Luiz.** *Lugar do sertão. Por que Guimarães Rosa localiza quase todas as suas narrativas no sertão, fora e distante dos centros*.

s/loc.: s/ed. 16/12/1986. Encontrado no arquivo do Jornal Folha de S. Paulo.

Rosa, Wenceslau. *O Caboclo na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 19/04/1958.

Rosa, Vilma Guimarães. *O Lugar do Coração*. s/loc: s/ed. 23/03/1974. Encontrado no arquivo do Jornal O Globo.

Rosa, Ubiratan. *A fala em Guimarães Rosa*. São Paulo: A Gazeta, 08/03/1957.

Rosa, Vilma Guimarães. *A permanência eterna*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19/11/1974.

_____. *Relembraimentos: João Guimarães Rosa, Meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Rosa, João Guimarães. "Carta de Rosa a Harriet Onís, tradutor para o inglês". São Paulo: Folha de S. Paulo: Mais, 30/06/1996.

Rosa, João Guimarães. *Carta de Guimarães Rosa a João Condé*. In: *Relembraimentos*, Vilma G. Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. "Carta de Rosa a Jean Jacques Villard, tradutor para o francês". São Paulo: Folha de S. Paulo: Mais, 30/06/1996.

Rosenfield, Kathrin Holzermayr. *Grande Sertão: Veredas: roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *A modernidade barroca do Grande Sertão: Veredas*. Porto Alegre: Letras de Hoje, vol. 28, nº 1, 03/1993.

_____. *A 'alegria': tema rosiano ou princípio estético e filosófico?* Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.

Rossi, Alcina de Melo. *A morfologia dos contos Sarapalha, Conversa de Bois e A Hora e a Vez de Augusto Matraga de Guimarães Rosa*. Goiânia, O Popular, 05/09/1976.

- Rossi Filho, Alécio.** *Ver, re(vi)ver A Benfazeja de Guimarães Rosa. (A Benfazeja)* Assis: Revista de Letras, , Universidade Estadual Paulista, 1988.
- Régis, Sônia.** *Guimarães Rosa. Correspondência.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 09/08/1981.
- Rónai, Paulo.** *A Arte de contar em Sagarana. (ver Encontros com o Brasil).* s/loc.: Lisboa: Diário da Noite, s/data e Livraria Brasil, nº 2, 14/07/1946.
- _____ *O conto da Semana.* s/loc.: Diário da Noite, 30/10/1955.
- _____ *Segredos de Guimarães Rosa.* São Paulo: Diário da Noite, 10/06/1956 e O Estado de S. Paulo, 10/06/1956.
- _____ *A obra de Guimarães Rosa .*s/loc.: Folha da Noite, 14/09/1956.
- _____ *Três Motivos em Grande Sertão: Veredas.* s/loc.: Diário da Noite, 16/12/1956.
- _____ *O processo de Guimarães Rosa.* Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- _____ *Posfácio a um prefácio.* Jornal do Comércio, 22/09/1957.
- _____ *Grande Sertão: Veredas.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 13/01/1957.
- _____ *"Rondando os segredos de Guimarães Rosa".* In: Rónai, Paulo. *Encontros com o Brasil.* Rio de Janeiro: Inl/MEC, 1958.
- _____ *Três motivos em Grande Sertão: Veredas.* Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 16/12/1959.
- _____ *Duas Traduções de Grande Sertão: Veredas.* s/loc.: Diário da Noite, 19-26-/09/1965.
- _____ *Traduções do Grande Sertão.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/10 E 6/11/1965.
- _____ *L'oeuvre de João Guimarães Rosa.* s/loc.: Caravelle (Revista), 1965.
- _____ *Opiniões sobre a obra de Rosa.* Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.

- _____*Prefácios de Tutaméia*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 16/03/1968.
- _____*Os prefácios de Tutaméia*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 16/03/1968.
- _____*As estórias de Tutaméia*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 23/03/1968.
- _____*As estórias de Tutaméia*. s/loc.: s/ed. 23/03/1968. Encontrado na Folha de S. Paulo.
- _____*Revelações de Tradutor*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 17/08/1968.
- _____*A fecunda babel de Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.
- _____*Guimarães Rosa não parou*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 03/01/1970.
- _____*Uma mensagem para cada leitor*. s/loc.: SLPS, 27/06/1971.
- _____*Guimarães Rosa e seus tradutores*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 10/10/1971.
- _____*O conto de Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Correio do Povo, 17/03/1973.
- _____*Guimarães Rosa em italiano nas cartas ao seu tradutor*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 31/03/1973.
- _____*Interesse geral de uma correspondência particular*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 20/05/1973.
- _____*Na intimidade de suas cartas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/02/1976.
- _____*Guimarães Rosa Contista*. Vigo: Revista Galega, 1978.
- _____*Rosiana*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2º vol. 1983.
- Runho, Rosiene Cristina.** *O processo narratológico em contos de Primeiras Estórias (Tese de Mestrado)*. Araraquara: Unesp, 1996.

- Sabino**, Fernando. *O maior romance brasileiro é o de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 31/03/1957.
- Sad**, Márcia Freire. *Em Cordisburgo, cidade onde nasceu Guimarães Rosa, vai ser criado um museu em homenagem ao célebre escritor*. S/loc.: Jornal do Comércio, 14/10/1973.
- Sadder**, Maria Regina; Paulino, Ana Maria. *A ordem e a desordem no sertão*. São Paulo: Usp - Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p.167, 1996.
- Sale**, Roger. *The Devil to pay in the Backlands*. Seattle: Washington: Argus, 10/11/1963.
- Sale**, Fritz Teixeira de. *O caso Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 28/04/1976.
- Salema**, Álvaro. *Encontros Brasileiros. Na Livraria José Olympio com Drummond de Andrade e Guimarães Rosa*. Lisboa: Diário de Lisboa: 29/07/1965.
- Salles**, Heráclito. *Guimarães Rosa, um dos 13 de acesso mais difícil na França*. Rio de Janeiro: Bahia, Jornal do Brasil, Diário de Notícias, 23/07/1961.
- _____. *Universalização de um estilo*. s/loc.: Diário da Noite, 11/08/1957
- Salles**, Franklin de. *Em louvor de um escritor*. Belo Horizonte: Folha de Minas, 23/03/1956.
- _____. *Sagarana*. Minas Gerais: Folha de Minas, 14/11/1956.
- _____. *O caso João Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Folha de Minas, 07/06/1958.
- _____. *A obra de João Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Folha de Minas, 07/06/1958.
- Sampaio**, Márcio. *O Grande ausente*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.

- Samuel**, Rogel de Sousa. *A reconstrução da subjetividade no Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1973.
- _____. *Crítica da Escrita*. Rio de Janeiro: Graf/Olímpica, 1981.
- _____. *A Terceira Margem do Rio*. s/loc.: s/data.
- San Martin**, Maria Resende. *A tentativa de linguagem da linguagem de Meu Tio o Iauaretê*. Taubaté, Universidade de Taubaté, 1983.
- Sant'Ana**, Affonso Romano de. *Guimarães Rosa e um preconceito*. Minas Gerais: Diário de Minas, 10/08/1958.
- Santilli**, Maria Aparecida. *João Guimarães Rosa e José Luandino Vieira, criadores de linguagens*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol 2, 1998.
- Santos**, Alckmar dos. *Duas Questões acerca do Realismo Literário*. s/loc: Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 04/1989.
- _____. *Uma leitura alquímica de Grande Sertão: Veredas. (Mestrado)*. Campinas: Unicamp – Instituto de Estudos da Linguagem, 1989.
- Santos**, Livia Ferreira. *A Recriação da Infância em Miguelim*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 29/06/1968.
- _____. *De Mário a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Suplemento Literário do Minas Gerais: 19/05/1979.
- _____. *Ressonâncias da Ficção Anterior no Texto de Guimarães Rosa*. Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1979.
- _____. *De Mário de Andrade a Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 19/05/1979.
- _____. *A Unidade Romanesca de Grande Sertão: Veredas (I): Notícia de Mensagem*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 04/04/1981.
- _____. *A Unidade Romanesca de Grande Sertão: Veredas (II): A crise da fábula*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 11/04/1981.

- _____. *A Unidade Romanesca no Grande Sertão: Veredas (III): A crise do discurso narrativo*. Belo Horizonte: Minas Gerais Suplemento Literário do Minas Gerais. 18-25/04/1981.
- _____. *A Unidade Romanesca de Grande Sertão: Veredas (IV): A crise da palavra*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 02/05/1981.
- _____. *Esses Lópes, uma percepção Durável*. SAssis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1985.
- _____. *A unidade romancista de Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Revista de Letras v.26, 1986/87.
- _____. *Sagarana, um livro de dois mundos*. Assis: Revista de Letras, Universidade Estadual Paulista, 1988.
- _____. *"A desconstrução em Tutaméia"*. In: Coutinho, Eduardo de Faria. Guimarães Rosa. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *A Desconstrução em Tutaméia*. s/loc.: Fac, s/data.
- Santos**, Joaquim Ferreira dos. *Guimarães Rosa segundo os Relembraimentos da filha Vilma*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 05/12/1983.
- Santos**, José Carlos Madeira. *Rosas para Rosa*. Vitória: A Gazeta, 09/12/1967.
- Santos**, Vito. *Rosa, Drummond e Sophia*. s/loc.: Jornal do Comércio, 03/07/1962.
- Santos**, Paulo. *O Diálogo no Grande Sertão: Veredas Rosa e Riobaldo*. São Paulo: Huicitec, 1978.
- Santos**, Paulo de Tarso. *O Diálogo no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Huicitec, 1978.
- Santos**, Wendel. *A construção do romance em Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *Buriti*. s/loc.: s/ed. s/data.
- Santos**, Jorge Fernando dos. *Dois dedos de Rosa com um velho vaqueiro*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 02/08/1992.

- Santos**, Manoel Machado. *Primeiras Estórias*. s/loc: Revista Vozes, nº 57, maio, 1963.
- Santos**, Tatiana Longo dos. *O sertão cor de Rosa. De João Guimarães Rosa (sobre Do feminino e suas Histórias de Cleusa Rios Passos)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 25 de dezembro de 2000. www.it.estadao.com.br/suplemento/saba/2000/11/25saba008.html
- Santos**, Júlia Conceição Fonseca. *Nomes de Personagens em Guimarães Rosa*. Prefácio de N. Rossi. Rio de Janeiro: Inl, 1971.
- Saraiva**, Arnaldo. *Guimarães Rosa: escrever, para mim, é como um ato religioso*. Lisboa: Diário de Notícias, 24/11/1966.
- Saraiva**, Paulo. *Ulisses e Grande Sertão*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 18/09/1967.
- Savaget**, Edna. *Pirlimpsiquice em Sagarana*. s/loc.: Diário da Noite, 07/06/1964.
- Scalzo**, Fernanda. *Viúva salvou judeus do nazismo*. São Paulo: Folha de S. Paulo: 15/11/1992.
- Scalzo**, Nilo. *O autor não se contentou com os moldes convencionais*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/11/1967.
- Scalzo**, Nilo. *Renovação Estética*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 25/11/1967.
- Schinelo**, R. F. e Villarta-Neder, M. A. *Fita Verde no Cabelo: vozes da autoria*. In: Filigranas do discurso: as vozes da história. Araraquara: Unesp, Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- Schlesinger**, Tom. *Brazilian bandit reminisces*. Estados Unidos: The Virginian Pilot, 19/03/1963.
- Schmidt**, Augusto Frederico. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 04/05/1946.
- _____. *A saga de Rosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 18/01/1952.
- Schuller**, Donald. *Significante e significado em Grande Sertão: Veredas*. Porto Alegre: Correio do Povo, 23-30/05/1965.

- _____ *O homem entre o ser e o não ser*. Porto Alegre: Zero Hora, 25/11/1967.
- _____ *O racional e o irracional no monólogo de Riobaldo*. Rio de Janeiro: Correio do Povo, 30/12/1967.
- _____ *O épico em Grande Sertão: Veredas*. João Guimarães Rosa. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.
- _____ *O texto liberto*. Florianópolis: Travessia Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- _____ "*Grande Sertão: Veredas: Estudos*". In: Coutinho, Eduardo F. Guimarães Rosa. *Fortuna Crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Scliar, Moacyr.** *Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Schwartz, Adriano.** *Os Mistérios da Ilustração*. São Paulo: Folha de S. Paulo: Mais, 30/06/1996.
- _____ *O Fracasso Terrestre e a Vitória Espiritual*. (Entrevista com Francis Úteza), São Paulo: Folha de S. Paulo: Mais, 30/06/1996.
- _____ *Um Mestre da Modernidade*. (Entrevista com David Jackson). São Paulo: Folha de S. Paulo: 30/06/1996.
- _____ *Cartas Ressaltam Aspecto Metafísico*. São Paulo: Folha de São Paulo: Mais, 30/06/1996.
- _____ *Uma Leitora Exclusiva*. (Entrevista com Heloísa Vilhena de Araújo). São Paulo: Folha de São Paulo: Mais, 30/06/1996.
- _____ *A Biblioteca Mágica*. São Paulo: Folha de São Paulo: Mais, 30/06/1996.
- _____ *Autor terá Edição Crítica*. São Paulo: Folha de São Paulo: Mais, 30/06/1996.
- _____ *Tese vê relação com viajantes do século XIX*. São Paulo: Folha de S. Paulo: Mais, 30/06/1996.

- _____. *O Olhar Insondável. Tradução Simonetta Persichetta.* (Extrato da tradução de Manuelzão e Miguilim de Corpo de Baile. São Paulo: Folha de São Paulo: 30/06/1996.
- _____. *Rosa Esotérico.* São Paulo: Folha de S. Paulo: Mais, 30/06/1996.
- Schwartz, Roberto.** *Guimarães Rosa e o Dr. Faustus.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 23/04/1960.
- _____. *Grande Sertão em curso.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/04/1960.
- _____. *"Grande Sertão: a fala".* In: A sereia e o desconfiado: ensaios críticos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. *A Via-Crucis de Riobaldo.* São Paulo: Folha de São Paulo: Mais, 30/06/1966.
- _____. *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa.* Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- _____. *"Grande Sertão: Estudos".* In: Coutinho, Eduardo F. Guimarães Rosa. *Fortuna Crítica.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- Seay Dean, J.** *Upon These Banks and Shoab of Time: Heemana's Melville Whale, J. G. Rosa's Crocodile.* s/loc.: LBR, 1983.
- Seco, Carmen Lúcia Rondó.** *Nietzsche e o processo de conhecimento em Grande Sertão: Veredas.* Porto Alegre: Correio da Manhã, 15/12/1979.
- Seigner, Jay Beau.** *An erudite outlaw's saga of Brazil's savage backlands.* California: California Bocks, 28/04/1963.
- Sena, Jorge.** *Aquilino Ribeiro.* São Paulo: O Estado de S. Paulo, 15/06/1963.
- Sena, José Maria.** *O romancista Guimarães Rosa.* Minas Gerais: Diário de Minas, 04/01/1959.
- Sena, Homero.** *Primeiras Estórias.* Rio de Janeiro: Correio da Manhã, Jornal de Letras, 22/09/1962.
- _____. *Coleção Sagarana.* Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 21/03/1964.

- _____. *Um trailer de Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 11/04/1964.
- Serra**, Tânia Rebelo Costa. *Riobaldo Rosa, a vereda junguiana do Grande Sertão*. Brasília: Thesaurus, 1990.
- _____. *O sertanejo moderno à procura de uma alma*. Brasília: Revista Universa, Faculdades Católicas de Brasília, ano II, nº 2, 1994.
www.unicamp.br/iel/histlist/tserra4.html
- _____. *Sobre Riobaldo Tatarana*. Frankfurt: Revista Lusorama, nº 20, março de 1996.
- _____. *A donzela guerreira de Homero a Guimarães Rosa*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), nº 41, p. 181, 1996.
- Serva**, Leão. *Intelectuais julgam sertão*. São Paulo: Folha de S. Paulo: 20/11/1985.
- Sheppard**, R. *Concrete Universals Sagarana, a cycle of short stories*. s/loc.: s/ed. s/data.
- Silva**, Ana Cláudia. *A Infância da Palavra: um estudo comparado das personagens infantis em Mia Couto e Guimarães Rosa (Dissertação de Mestrado)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2000.
- Silva**, Nydia Paiva da. *O logos e as funções da palavra em Grande Sertão: Veredas*. Los Angeles: University of Califórnia, 1985.
- Silva**, Teresa Cristina Ladeira da. *Primeiras Estórias, uma viagem em busca da linguagem*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1979.
- Silva**, Gutemberg da Mota. *Raul Floriano, testamenteiro e amigo de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 07/03/1968.
- Silva**, Eugenio. *Guimarães Rosa nas veredas do Grande Sertão*. Belo Horizonte: Isto É (Revista), 05/05/1993.
- Silva**, José Fernandez. *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*. Goiânia, Diário da Manhã, 20/08/1980.

- Silva**, Samuel Antônio de. *Um Grande Livro*. São Paulo: Gazeta de Paraopeba, 07/07/1946.
- Silva**, Mário Caminha da. *Rosa em sua hora e vez*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 16/06/1966.
- Silva**, Agnaldo. *Guimarães Rosa segundo Le Monde*. São Paulo: Última Hora, 4/12/1967.
- Silva**, Gutemberg da Mota E. *Grande Sertão: Veredas, uma epopéia faz 25 anos*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 28/05/1981.
- Silva**, Fernando Guilherme da. *Aspectos Cinematográficos do Grande Sertão: Veredas*. Brasília: Correio Brasiliense, 28/01/1972.
- Silva**, Alberto. *Guimarães Rosa e a Gênese da Linguagem*. Bahia: Jornal do Comércio, 27/06/1964, A Tarde, 26/11/1967.
- Silva**, Alberto da Costa E. *1956 - Ano Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: A Cigarra, 01/1957.
- Silva**, Gutemberg da Mota E. *A oficina literária de Cordisburgo. O pai de Guimarães Rosa contava e ele escrevia a vida do sertão*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 10/03/1984.
- Silva**, Alberto da Costa E. *Depoimento sobre Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 03/08/1958.
- Silva**, Vitor Manoel de Aguiar E. *"Visão do mundo estilo em Grande Sertão: Veredas"*. In: Adonias Filho et Alii. *Guimarães Rosa*. Lisboa: Instituto Luso-Brasileiro, 1969.
- Silva**, Vicente Ferreira da. *Bibliografia. (Guimarães Rosa)*. São Paulo: Diálogo, (Revista), 11/1957.
- Silva**, Alberto da Costa E. *Introdução a Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, Set/Out/1962.
- Silva**, Álvares da Costa. *Um escritor entre os seus personagens. Com o Vaqueiro Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 21/06/1952.
- _____. *Acompanhando a boiada*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 21/06/1952.

- _____. *O Vaqueiro Guimarães Rosa: 10 dias tocando uma boiada*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Silva**, Branca Maria Rodrigues de. *Vias de acesso a um universo verbal(o vocabulário de Guimarães Rosa por amostragens sistematizáveis)*. Rio de Janeiro: s/ed. 1976.
- Silva**, Carmen Lúcia Sales da. *A linguagem poética de Guimarães Rosa*. Brasília: Diário de Brasília, 5/09/1976.
- Silva**, Dora Ferreira da. *Sagarana e o sentimento da natureza*. São Paulo: Diálogo, (Revista) nº6, 02/1957.
- _____. *O demoníaco em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Diálogo, (Revista) nº8, 11/1957.
- Silva**, Eugênio. *E foi assim que nasceu Grande Sertão: Veredas*. Minas Gerais: Estado de Minas 26/11/1967, São Paulo: Diálogo, 1957.
- Silva**, Fernando de Barros. *Romance recria a tradição oral do sertão*. São Paulo: Folha de S. Paulo: s/data.
- Silva**, Francisco Borba da. *Matrizes Morfológicas em Grande Sertão: Veredas*. Marília: Alfa, Revista da Universidade Estadual Paulista, 1974-75.
- Silva**, Gutemberg da Mota. *Do Diário de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 06/03/1968.
- _____. *Guimarães Rosa: meu alcorão é o dinheiro*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28/12/1977.
- _____. *Sertão largo, veredas estreitas. não é caminho e oásis*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 22/07/1978.
- _____. *Mechêu como Guimarães Rosa construiu uma personagem à base de perguntas e de respostas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 18/02/1978.
- _____. *Guimarães Rosa. Em guarda contra as emoções e a expansividade*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 22/09/1979.

- _____. *Grande Sertão: Veredas, 25 anos depois*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 24/04/1981.
- _____. *Como Guimarães Rosa, o grande sertão já não existe mais*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, s/data.
- Silva**, M. Cristina C. da. *Traversée Poétique de Guimarães Rosa: Une Poétique de La Folie dans Primeiras Estórias*. Europe: s/ed. Agos., Set., 1982.
- Silveira**, Alcântara. *Garimpos e Vaqueiros*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 14/11/1946.
- _____. *Corpo de Baile*. São Paulo: Diário de São Paulo: 22/04/1956.
- _____. *A obra de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha da Noite, 14/09/1956.
- _____. *Uma reedição oportuna (Corpo de Baile)*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 16/09/1961.
- Silveira**, Homero. *Guimarães Rosa na Itália*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 17/07/1965.
- Silveira**, Joel. *Escritores que não conseguem ler Guimarães Rosa*. s/loc.: Leitura, out., 1958.
- Silveira**, Paulo. *Um livro que saltou por cima do futuro*. São Paulo: Jornal do Comércio, 22/01/1953.
- Simões**, Irene Jeanete Gilberto. *Meu tio o Iauaretê. Um enfoque polifônico*. São Paulo: Língua e Literatura, nº 5, (Universidade de São Paulo), s/data.
- _____. *Guimarães Rosa: As Parágens Mágicas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- Simões**, Roberto. *Veredas do Grande Sertão*. Minas Gerais: Estado de Minas, 25/11/1956.
- _____. *Notícia da visita nas veredas do Grande Sertão*. São Paulo: Diálogo (Revista) nº8, 1957.

- Smith, Harry L.** *Fine tales by Rosa on Brazil*. Richmond: Richmond Times Dispatch, 05/06/1966.
- Soares, Cláudia Campos.** *Crise de Representação em Grande Sertão: Veredas*. Mariana: Revista do Departamento de Letras da Universidade de Federal de Ouro Preto, 1993/1994.
- _____. *Do Mutum ao Buriti bom: a travessia de Miguel*. Mariana: Anais da Universidade Federal de Ouro Preto, maio de 1996.
- Soares, José Armando de Macedo.** *Guimarães Rosa, O homem e o infinito*. s/loc.: Diário da Noite, 24/12/1967.
- Soares, Arris.** *O Processo Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, 09/1956.
- Sodré, Nelson Werneck.** *Sagarana II*. São Paulo: Correio Paulistano, 01/03/1952.
- _____. *Sagarana*. São Paulo: Correio Paulistano, 1/04/1952.
- _____. *Um caso particular*. São Paulo: Última Hora, 16/11/1956.
- Soethe, Paulo Astor.** *Ethos, corpo e entorno: sentido ético da conformação do espaço em Der Zauberberg e Grande Sertão: Veredas (Tese de Doutorado)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, FFLCH, 1999.
- Sousa, Augusto de.** *De leve...* Vitória: Gazeta, 05/1956.
- Souza, Eneida Maria de.** *Ficção, realidade e humor em Tutaméia*. Belo Horizonte: s/ed. 24/08/1974.
- Souza, Petrônio de Castro.** *Migulim ou da solidão*. s/loc.: Diário da Noite, 23/04/1961.
- Souza, Ronalds de Mello E.** *Travessia e epifania em Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Cultura, 1974.
- _____. *Ficção e Verdade, diálogo e catarse em Grande Sertão: Veredas*. Brasília: Clube de Poesia de Brasília, 1978.
- _____. *O valor político metafísico da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 10/05/1978.

- Souza, V. K. B.** *Edoardo Bizzarri: o tradutor italiano de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Cecília Meireles*. San Paolo: Quaderni, Nuova Serie, nº 1 e FFLCH da Usp, junho, 1991.
- Sparemberg, Alfeu.** *Uma Inovação misturada - O Processo Compositivo de Grande Sertão: Veredas*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Spera, Jean Marie.** *O mundo encantado de Tutaméia: uma Leitura de João Guimarães Rosa*. Assis, Unesp, 1984.
- Sperber, Suzi Frankl.** *Guimarães Rosa que não conheci*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 28/06/1969.
- _____. *Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- _____. *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*. São Paulo: Atica, 1982.
- _____. *A resistência possível (Fita Verde no Cabelo)*. Campinas: Remate de Males (Revista), Unicamp, 1987.
- _____. *O lírico na narrativa de João Guimarães Rosa*. São Paulo: Suplemento Literário do da Folha de S. Paulo: 31/12/1988.
- _____. *A Virtude do Jaguar: Mitologia Grega e Indígena no Sertão Roseano*. Campinas: Remate de Males, (Revista), Unicamp, 1992.
- _____. *Amor, medo e salvação: aproximações entre Valdomiro Silveira e Guimarães Rosa*. São Paulo: Usp- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 97, 1996.
- Spiess, Thomas.** *Ohne der Hande Arbeit*, s/loc.: Spandauer Volksblatt, 01/05/1965.
- Starling, Heloisa Maria Murgel.** *O sentido do moderno no Brasil de João Guimarães Rosa – veredas de política e ficção*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Stein, Emildo.** *Uma teodicéia Épica*. São Paulo: Cavalo Azul, s/data.
- Strauch, Eliezer.** *Israel homanageia hoje com nome de bosque casal Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 29/04/1985.

- Suassuna**, Ariano. *Carta a Drummond*. s/loc.: s/ed. 07/01/1957.
- _____. *Encantação de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 11 de dezembro de 2000.
- Szklo**, Gilda Salem. *Dom Quichote e o universo mágico de Tutaméia*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 07/10/1978.
- _____. *Grande Sertão: Veredas: o livro da saudade*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 6/06/1979.
- Sáfady**, Naif. *Sertão e Expressão*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 26/09/1964.
- Sílvia**, Bêlchior Cornélio da. *O pio da Coruja* (Ensaio Literário). Belo Horizonte: s/ed. 1967.
- Tassini**, Raul. *O imortal Guimarães*. Minas Gerais: Estado de Minas, 03/12/1967.
- Tavares**, Odorico. *Rosa dos Ventos*. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 28/07/1963
- Tavares**, Maria Helena Silva. *Guimarães Rosa e a linguagem infantil: travessia do simbólico*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 1984.
- Teghme**, Lídia. *Teoria narrativa y metafísica em Grande Sertão: Veredas*. Santiago do Chile: Revista Chilena de Literatura, 04/1983.
- Teixeira**, Ivan. *Guimarães Rosa. Análise pioneira da primeiríssimas histórias de cem mil réis*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 26/06/1992.
- _____. *Astros e índices em João Guimarães Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, (Cultura), 23/12/1995.
- _____. *Rosa e depois: o curso da agudeza na literatura contemporânea (Esboço de Roteiro)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- _____. *Grande Sertão impõe teorias do mundo pela ficção*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 4/ 06/ 2000.

- Teixeira**, Maria de Lourdes. *O Caso Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha da Manhã, 01/04/1956.
- _____. *O já famoso romance de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha da Manhã, 12/08/1956.
- _____. *Guimarães Rosa. Prêmio Machado de Assis*. São Paulo: Folha da Manhã, 25/07/1957.
- _____. *Guimarães Rosa*. s/loc.: Folha da Manhã, 27/09/1957.
- Teyssier**, Paul. *Le Brésil primitif et magique de Guimarães Rosa*. s/loc.: Américane Latine, 1985.
- Theodor**, Erwin. *Deformação como elemento constituinte em Guimarães Rosa e Martin Walser*. s/loc.: s/ed., 27/04/1968. Encontrado na Folha de São Paulo.
- _____. *"Deformação Lingüística como elemento de representação da realidade flutuante"*. In: O universo fragmentário. São Paulo: Universidade de São Paulo: 1975.
- Thiago**, Arnaldo S. *Guimarães Rosa na Imortalidade*. s/loc.: Jornal do Comércio, 22/11/1967.
- Thomasi**, Arthur. *Grande Sertão*. (O Filme), s/loc.: Gazeta, 23/06/1965.
- Thomaz**, Joaquim. *Registro Literário*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 13/02/1952.
- Thorpe**, Jay. *The Devil to pay in the Backlands*. s/loc.: The Sunday Star, 14/04/1963.
- Tobuas**, ...mitten im wibelwind.... Dortmund, der Ruff, 29-30/12/1964.
- Todeschinischini**, M. Thereza. *Aragem do Sagrado*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Toledo**, Marcelo A. de. *Grande Sertão: Veredas. As Trilhas de Amor e Guerra de Riobaldo Tatarana*. São Paulo: Massao Ohno Ed., 1982.
- Toledo**, Roberto Pompeu de. *O grande livro faz 50 anos*. São Paulo: Veja, 20 de dezembro de 1995.

- Torres, Alexandre Pinheiro.** *A aventura nos campos gerais de Guimarães Rosa*. Lisboa: Diário de Lisboa: 6/05/1965.
- Tostes, Theodomiro.** *Lembrança de Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Correio do Povo, 02/12/1967.
- Trevisan, Armindo.** Elegia para Guimarães Rosa. Porto Alegre: Correio do Povo, 25/11/1967.
- Trogo, Sebastião.** *A Travessia da dor no Grande Sertão: Veredas*. Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- Tôrres, João Camilo de Oliveira.** *Sagarana*. s/loc.: O Diário, 07/06/1946.
- _____ *A teoria do frustracionismo*. s/loc.: Diário Popular, 12/09/1952.
- _____ *Corpo de Baile*. São Paulo: Correio Popular, 27/05/1956.
- _____ *Viver é muito perigoso*. s/loc.: O Diário, 19/08/1956.
- _____ *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: A Ordem, 02/1963.
- Ungaretti, Giuseppe.** *Opiniões sobre a obra de Rosa*. Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 25/11/1967.
- Unger, Wilhelm.** *Wurzein eines ewigen Kriegs*. Colônia: Kolner Stadt-Anzeiger, 10/12/1964.
- Utéza, Francis.** *Grande Sertão: Veredas: de L'irrationnel au sacré*. Montpellier: Quadrant, Université Paul Valéry, 1985.
- _____ *Le voie du Tao*. Montpellier: Quadrant, Université Paul Valéry, 1986.
- _____ *Grande Sertão: Veredas: L'apocalypse de João*. Montpellier: Quadrant, Université Paul Valéry, 1987.
- _____ *João Guimarães Rosa. Paladin Oriental-Occidental*. Montpellier: Quadrant, Université Paul Valéry, 1989.
- _____ *A Metafísica do Grande Sertão*. Tradução de José Carlos Garbúglio. São Paulo: Edusp, 1994.
- _____ *Realismo e Transcendência: o mapa das minas do grande sertão*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.

- Val, M. da Graça.** *Antiperipléia, uma estória habitual no diferente.* Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 09/08/1975.
- Valadares, Napoleão.** *Os personagens de Grande Sertão.* Brasília, A.Quice, 1982.
- Valente, Luis Fernando.** *The reader in the work: fabulation and effective response in João Guimarães Rosa and William Faulkner.* Mississipi: Brown University, 1983.
- _____. *Mediação e Afetividade: O Leitor em Grande Sertão: Veredas.* Florianópolis: Travessia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.
- _____. *Fiction and the reader: the prefaces of Tutaméia.* Philadelphia: Hispanic Review, 1988.
- Valeriano, Jane Alves.** *O Recado do Morro: uma perspectiva mítica.* Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento do Minas Gerais: 16/04/1988.
- Vandercammen, Edmund.** *Buriti.* Bruxelas: Le Soir, 21/09/1961.
- Vargas, Lloso Mário.** *Epopéia do sertão, torre de babel ou manual de satanismo?* Belo Horizonte: Minas Gerais: 29/11/1969.
- Vargas, Milton.** *Visão e Descrição.* São Paulo: Diálogo, nº8, 11/1957.
- Vasconcelos, João.** *Sagarana.* s/loc.: Jornal do Comércio, 31/03/1957.
- _____. *João Guimarães Rosa, grande escritor.* s/loc.: Jornal do Comércio, 31/08/1958.
- Vasconcelos, Sandra Guardini Teixeira.** *A Festa de Manuelzão.* São Paulo, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB), 50 anos da edição de Sagarana, n° 41, 1996.
- _____. *Puras Misturas: o imaginário das histórias em uma estória de amor de Guimarães Rosa.* São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. *Os Mundos de Rosa.* São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.

- Vedel, Valdemar.** *"Ideales de la Edad Media"*. In: Vedel, Valdemar. *La vida de los heroes*. Barcelona: Barcelona: Labor 2ª ed., 1952.
- Ventura, Aglaeda Faco.** *Linguística e Literatura. Grande Sertão: Veredas*. Brasília: Correio Braziliense, 15/06/1975.
- Veríssimo, Luis Fernando.** *Isolado*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Revista-Usp – 30 anos sem Guimarães Rosa, nº 36, 1997/98.
- Vianna, Hélio.** *Sagarana*. s/loc, Jornal do Comércio, 27/07/1958.
- Vianna, Antônio Moniz.** *A Hora e Vez de Augusto Matraga* (sobre o filme). Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 05/05/1966.
- Vianna, Djalma.** *Através dos Suplementos*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, Suplemento de A Manhã, 06/04/1947.
- Vicent, Jon.** *Corpo de Baile*. s/loc.: Lbr XIV, 1977.
- Vincent, Jon.** *João Guimarães Rosa*. Boston: Twaine, 1978.
- Viegas, Ana Cristina Coutinho.** *Primeiras Veredas no Grande Sertão. A Crítica dos Anos 50*. Rio de Janeiro: s/ed., 1992.
- Vieira, José Geraldo.** *Os Guimarães Rosas Estrangeiros*. São Paulo: Folha da Manhã, 07/04/1957.
- Vieira, Eduardo Prado.** *João Guimarães Rosa e as Primeiras Estórias*. s/loc.: Leitura, 12/12/?
- Viggiano, Alan.** *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1974.
- _____. *Diadorim Deodorina. Hermes versus Afrodite em Grande Sertão: Veredas*. s/loc.: s/ed., 1983.
- _____. *Paredão de Minas, onde o sertão acaba*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 09/06/1985.
- Vigorelli, Giancarlo.** *Corpo di Ballo*. Milão: Tempo, 10/02/1965.
- Vilacca, Antonio Carlos.** *Discursos de Guimarães Rosa*. São Paulo: Jornal da Tarde, 12/12/1987.

- Vilar**, Socorro de Fátima Pacífico. *Primeiras Leituras e outras histórias: a representação do oprimido em Primeiras Estórias*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1990.
- Villarta-Neder**, Marco Antonio & Schinelo, Rosimar de Fátima. *Fita Verde no cabelo: vozes da autoria*. In: Gregolin, M.R.V. (org.) *Filigranas do Discurso: as vozes da história*. São Paulo, Araraquara: Unesp, 2000.
- Vilaça**, Antônio Carlos. *João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 05/01/1961.
- Vilela**, Lúcia Helena de Azevedo. *Rosa e Yeats: um olhar à luz dos pós-colonialismo*. Uberlândia: II Congresso de Ciências, Letras e Artes, 23 A 27 de maio de 1995.
- _____. *Tesouros Alquímicos: transtextualidade em Guimarães Rosa e W. B. Yeats*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais: 1996.
- _____. *Cuchulun e Riobaldo: percursos transculturais em Yeats e Rosa*. Congresso da Arapul, 28 a 31 de Janeiro de 1996.
- Ville**, André. *Italianos vêem Guimarães Rosa: é neoplatônico*. s/loc.: Tribuna Imprensa, 27/03/1965.
- Vita**, Luís Washington. *Contador de histórias*. São Paulo: Diário de São Paulo: 07/08/1956.
- Vizioli**, Paulo. *Guimarães Rosa e William Faulkner*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 11/04/1970.
- Vogelsgang**, Fritz. *Belimbeleza und die baditen von Minas Gerais*. Stuttgart: Stuttgarter Zeitung, 17/10/1964.
- Vormveg**, Heinrich. *Form ist Aufrichtigkeit*. Hamburgo: Die Welt, 12/10/1964.
- Walty**, Ivete Lara Campos. *O pensamento lógico mágico em A menina de lá*. Belo Horizonte: Minas Gerais: 02/06/1979.
- _____. *O estudo da ambigüidade em quatro contos de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Estado de Minas, 11/08/1979.

- _____. *Orality in Grande Sertão: Veredas*. Stanford: Stanford University, 1982.
- Ward**, Teresinha Souto. *O discurso oral em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Duas Cidades, 1984.
- Washington**, Luis. *Sagarana*. São Paulo: Jornal de São Paulo: 26/05/1946.
- Welrich**, Harold. *Structures and narratives du myth*. s/loc.: soc.: s/ed., s/data. Encontrado na Universidade Federal de Minas Gerais.
- Werneck**, Humberto. *O Grande Ausente*. Minas Gerais: Estado de Minas, 26/11/1967.
- Wheildon**, Leopold. *A sweeping \new wave\ from Brazil*. Boston: Boston Sunday Herald, 05/05/1963.
- Wien**, Wrener. *Ein brasiliannischer Don Quichotte shlesving holtun volkszeitung*. Kill: s/ed., 12/12/1964.
- _____. *Schlagen sie lieber das kreug, senhor zu einem grossen romanwerk de brasilianery João Guimarães Rosa*. Bona: General Anzeiger, 11/12/1964.
- _____. *Zwischen Raubern und Draufgängen*. Dusseldorf: Dusseldorf Nachrichten, 06/02/1965.
- Wisnick**, José Miguel. *Recado da viagem*. Belo Horizonte: Puc/Minas, Scripta, vol. 2, nº 3, 1998.
- Witch**, Joseph C. "João Guimarães Rosa". In *Marginalien zu João Guimarães Rosa Grande Sertão*. Koln: Verlag Kiepenheuer & Witsch, s/data.
- Wolffenbittel**, Ervin. *Estilo Literário*. Guanabara: Revista Brasileira de Medicina, 12/1967.
- Wolff**, Maria Tai. *The telling situation*. (France, Spain, England, Aleman, Lesag E. Conrad, Celine, Brazil, Guimarães Rosa. Yale: Yale University, 1985.
- Wyl**, Vivian. *Um reencontro com Guimarães Rosa nas trilhas de vida e de criação*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 05/11/1984.

- Xavier**, Raul S. *Primeiras Estórias*. s/loc.: Jornal de Letras, maio, 1963.
- _____. *Guimarães Rosa*. s/loc.: Jornal do Comércio, 28/04/1963.
- Xisto**, Pedro. *Em busca da poesia*. São Paulo: Folha da Manhã, 29/09 13-27/, 10 10-24/11/1957, Revista do Livro, nº21, 03 a 06/1961.
- _____. *A busca da poesia III*. São Paulo: Folha da Manhã, 27/10/1957.
- _____. *A busca da poesia II*. São Paulo: Folha da Manhã, 13/10/1957.
- _____. *A nova crítica e a ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: SCMG, 25/11/1967.
- _____. *Guimarães Rosa em três dimensões*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970 (Coleção Ensaio).
- _____. & Campos, Haroldo. *Guimarães Rosa em três dimensões*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- Zagury**, Eliane. *Guimarães Rosa ontem, hoje, e sempre?* Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/02/1976.
- _____. *Estética polivalente de Guimarães Rosa*. Brasília: Cultura, 10-12/10/1978.
- Ziani**, Elizabeth Maria. *Remimento: Raízes de uma narrativa Inacabada*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 20/06/1996.
- _____. *A dança dos títulos*. São Paulo: Usp – Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), 50 anos da edição de Sagarana, nº 41, p. 197, 1996.
- Zilio**, Vera. *João Guimarães Rosa, a imortalidade definitiva*. Porto Alegre: Jornal da Noite, 21/11/1967.
- Zmokhol**, Renó. *Domingo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Diário de São Paulo: 26/11/1967.

Apêndice

Quadro de Publicações de Sagarana

Edição	Editora	Ano	No. de páginas	Observações
1 ^a	Universal	1946	333	
2 ^a	Universal	1946	333	
3 ^a	José Olympio	1951	344	
4 ^a	José Olympio	1956	376	
5 ^a (reto- cada)	José Olympio	1958	387	(forma definitiva)
6 ^a	José Olympio	1964	365	Texto fixado. As matrizes são usadas para as edições seguintes.
7 ^a	José Olympio		368	Idem à anterior
8 ^a	José Olympio			Idem à anterior
9 ^a	José Olympio	1967	365	Póstuma. Incluem-se o Prefácio de Oscar Lopes e o poema de Drummond dedicado a Rosa.
10 ^a	José Olympio	1968		Com formato da edição anterior.
11 ^a	José Olympio	1969		Com formato da edição anterior.
12 ^a	José Olympio	1970		Idem às anteriores.
13 ^a	José Olympio		369	Idem às anteriores.
14 ^a	José Olympio	1971	396	Edição comemorativa do Jubileu de Prata de <i>Sagarana</i> .
15 ^a	José Olympio	1972	369	Com formato da 13 ^a edição
16 ^a	José Olympio	1973	369	Acrescentou-se, agora, ao prefácio de Oscar Lopes e ao poema de Drummond a crônica de Graciliano Ramos.
17 ^a	José Olympio	1974	369	Idem à anterior

18 ^a	José Olympio	1976		Idem à anterior
19 ^a	José Olympio	1976		Com ilustração de Poty, prefácio de Oscar Lopes e poema de Drummond.
20 ^a	José Olympio	1977		Idem à anterior.
21 ^a	José Olympio	1978	370	Idem à anterior.
22 ^a	José Olympio	1979	369	Idem à anterior
23 ^a	José Olympio	1980	369	Idem à anterior
24 ^a	José Olympio	1981(?)	367	Ilustração de Poty, poema de Drummond, estudo de Oscar Lopes e acrescenta-se o estudo de Álvaro Lins com introdução de Renard Perez.
25 ^a	José Olympio	1982	367	Idem à anterior.
26 ^a	José Olympio	1982		Idem à anterior.
27 ^a	Nova Fronteira	1983		Carta a João Conde
28 ^a	Nova Fronteira	1984	386	Carta a João Conde
29 ^a	Nova Fronteira		386	Carta a João Conde
30 ^a	Nova Fronteira	1986		Carta a João Conde
31 ^a	Círculo do Livro (São Paulo)		337	Série “Grandes da Literatura Brasileira”
32 ^a	Nova Fronteira	1987	386	Idem à anterior
33 ^a	Nova Fronteira	1988		Idem à anterior
34 ^a	Nova Fronteira			Idem à anterior
35 ^a	Nova Fronteira	1989		Idem à anterior
36 ^a	Nova Fronteira	1990	386	Idem à anterior
37 ^a	Círculo do Livro (São Paulo)		337	

Referências Bibliográficas Incompletas

- s/autor. *Originais do livro da filha no túmulo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 19/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa: uma nova edição de Sagarana*. s/loc.: Folha da Manhã, 01/07/1958.
- s/autor. *Sagarana*. Minas Gerais: Folha de Minas, 05/05/1946.
- s/autor. *Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: s/data.
- s/autor. *Guimarães Rosa morreu escrevendo novo livro*. São Paulo: Folha de São Paulo: 21/11/1967.
- s/autor. *Furto de espada*. São Paulo: Folha de São Paulo: 31/01/1985.
- s/autor. São Paulo: Folha de São Paulo: 28/01/1988.
- s/autor. *Guimarães Rosa assume na Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Folha de São Paulo: 17/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa rejeita a unificação da Ortografia*. São Paulo: Folha de São Paulo: 24/08/1967.
- s/autor. *Aniversário da morte de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 27/06/1975.
- s/autor. *Herança de Guimarães Rosa no STF*. São Paulo: Folha de São Paulo: 12/04/1972.
- s/autor. *Casa em que nasceu Guimarães Rosa será museu*. São Paulo: Folha de São Paulo: 22/12/1971.
- s/autor. *Veredas de Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 15/11/1992.
- s/autor. *El otoño del último patriarca*. s/loc.: Primeira Plana, 28/11/1967.
- s/autor. *Um livro para você*. s/loc.: Revista Alterosas n °75, 07/1946.
- s/autor. *As histórias simples de João Guimarães Rosa*. s/loc.: Revista da Semana, 31/05/1958.

- s/autor. *Grande Sertão - epos van de brazilianse diedernis*. Bélgica: Voormit, Grand Belgica, 25/03/1965.
- s/autor. *Lettre de Rio*. s/loc.: Revista Empídocle, nº5, 11/1969.
- s/autor. *João Guimarães Rosa*. s/loc.: Revista Flan, s/data.
- s/autor. *Sagarana*. Ocidente. s/loc.: Revista Portuguesa Mensal Vol. X, 11/1952.s/tit., s/loc.: Revista Realidade 1966/1973 Julho de 1966. Abril Cultural
- s/autor. *Guimarães Rosa em foto e verso*. S/loc.: Shopping News, 29/09/1985
- s/autor. *Linguagem Telúrica*. Pindamonhangaba: Tribuna da Noite, 10/03/1957.
- s/autor. *João Guimarães Rosa. Confluências Trilhas de Vida e de Criação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- s/autor. *Sagarana*. s/loc, Brasil Cultural, s/data.
- s/autor. *Um grande livro. Sagarana*. s/loc.: Gazeta de Paraopeba, 07/07/1946.
- s/autor. *Sagarana*. s/loc, Gazetilha Literária, 18/03/1964.
- s/autor. *O primeiro editor de Sagarana*. s/loc.: Tribuna Imprensa, 10/04/1956.
- s/autor. *Manuelzão conta sua convivência com Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, s/data.
- s/autor. *CFE relembra Rosa. Hipertensão impedia escritor de ver seu pai*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, s/data.
- s/autor. *Engajamento e o intelectual*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 02/04/1967.
- s/autor. *Sagarana*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, s/data.
- s/autor. *Último Enigma*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 09/02/1968.
- s/autor. *Repercussão*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa faleceu domingo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/11/1967.
- s/autor. *O Primeiro Livro era de Poemas*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/11/1967.

- s/autor. *O Espectro de Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 21/11/1967.
- s/autor. *Duas Palavras de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: O Globo, 20/09/1967.
- s/autor. *João Guimarães Rosa: Sagarana*. São Paulo: Anhembi, s/ed. 02/1952.
- s/autor. *João Guimarães Rosa: Sagarana*. São Paulo: Anhembi nº15, 15/02/1952.
- s/autor. *Minas compra casa de Rosa por 25 mil em Cordisburgo*. Rio de Janeiro: O Globo, 21/12/1971.
- s/autor. *Um iluminado que gosta de tutu e causos mineiros*. Brasília, Correio Braziliense, 31/03/1985.
- s/autor. *Rosa e Machado*. Brasília: Correio Braziliense, 23/11/1967.
- s/autor. *Academia destaca importância de Rosa nas letras*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 24/09/1967.
- s/autor. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 31/05/1958.
- s/autor. *Guimarães Rosa foi tema para Academia Militar*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 04/01/1968.
- s/autor. *Rosa da prosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 21/11/1967.
- s/autor. *A nova edição de Sagarana de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 28/04/1955.
- s/autor. *Um trailer de Sagarana*. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 11/04/1964.
- s/autor. *O Homem João Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Correio do Povo, 02/12/1967.
- s/autor. *O Homem Guimarães Rosa*. Porto Alegre: Correio do Povo, 03/12/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa dá aos leitores a entrevista que sonegou à imprensa*. São Paulo: Correio Paulistano, 16/09/1956.
- s/autor. *Nova edição de Sagarana*. São Paulo: Diário de São Paulo: 29/03/1964.

- s/autor. *João Guimarães Rosa: deus e o diabo nas veredas do sertão*. São Paulo: Diário de São Paulo: 26/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa: a estória de uma revolução literária*. Minas Gerais: Estado de Minas, 21/11/1967.
- s/autor. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Diário Carioca, 10/05/1946.
- s/autor. *Sagarana*. São Paulo: Diário da Noite, 22/03/1956.
- s/autor. *Sagarana*. s/loc.: Diário de Notícias, 14/03/1964.
- s/autor. *Um poeta e um homem*. s/loc.: Diário de Notícias, 07/03/64.
- s/autor. *A quarta edição de Sagarana*. São Paulo: Diário Popular, 07/04/1956. s/autor. *O meticoloso autor*. Rio de Janeiro: O Globo, 21/11/1967.
- s/autor. *Amanhã faz sete anos que ele caiu em encantamento*. Rio de Janeiro: O Globo, 19/11/1974.
- s/autor. *Sagarana*. Rio de Janeiro: O Globo, 10/06/1946.
- s/autor. *As Estórias de Rosa vão a lagoa do nado*. Belo Horizonte: Hoje em Dia, 06/06/1992
- s/autor. *João Guimarães Rosa Rosa: correspondência com o tradutor italiano*. São Paulo: Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1972.
- s/autor. *Le romancier bresilien Guimarães Rosa vient de mourir*. Paris: Le Monde, 23/11/1967.
- s/autor. *Pensamentos de Riobaldo (II)*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 26/03/1977.
- s/autor. *A Descoberta de Rosa*. Belo Horizonte: Minas Gerais: Suplemento Literário do Minas Gerais: 23/11/1968.
- s/autor. *Die in die Welt werkt*. s/loc.: Nationale Literatur Stades Tageblot, 24/11/1964.
- s/autor. *Guimarães Rosa. Antologia*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- s/autor. *Duas palavras de João Guimarães Rosa. (sobre direitos autorais)*. s/loc.:, Gazeta 20/09/67.

- s/autor. *Originais do livro da filha no túmulo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Folha de São Paulo: 19/11/1967.
- s/autor. *Rosa, autor mundial, hoje na Academia de Letras*. Gazeta, 16/11/1967. Encontrado no Jornal O Globo.
- s/autor. *Ficha de Sagarana*. Rio de Janeiro: O Jornal, 29/03/1964.
- s/autor. *Sagarana*. s/loc.: O Jornal, 25/03/1956.
- s/autor. *O Homem Guimarães Rosa*. Fortaleza: O Povo, Alemão, 03/12/1967.
- s/autor. *A nova Crítica e a Ficção de Guimarães Rosa*. Minas Gerais: Suplemento do Minas Gerais: 25/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa explica porque deixou Congresso*. São Paulo: Jornal da Tarde, 25/03/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa. Novas luzes sobre um fascinante enigma*. s/loc.: Jornal da Tarde, 25/03/1967.
- s/autor. *Nas veredas do Grande Sertão*. Campinas: Jornal da Unicamp, nº34, 12/08/1989.
- s/autor. *Guimarães Rosa: Presença Viva*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras, nº/dez. 1967.
- s/autor. *Guimarães encantado em Cordisburgo*. Belo Horizonte: Jornal de Minas, 21/03/1975.
- s/autor. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil. Suplemento Literário, 07/01/1961.
- s/autor. *João Guimarães: Proezas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/12/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa. O encantado de Cordisburgo*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 23/03/1974.
- s/autor. *Missa de sétimo dia de Guimarães Rosa será hoje na Candelaria*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 24/11/1967.
- s/autor. *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil Suplemento do M., 04/01/59.

- s/autor. *O Homem João Guimarães Rosa segundo Renard Perez*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967.
- s/autor. *Hora de Matraga é o grande momento de Roberto*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25/03/1966.
- s/autor. *Respeito do Mapa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 29/11/1967.
- s/autor. *Respeito ao mapa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 29/11/?.
- s/autor. *Le Monde fala de Rosa, comparando-o aos maiores escritores da América Latina*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 23/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 21/11/1967.
- s/autor. *Franklin de Oliveira acha que questão judiciária ameaça a obra de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 07/02/1968.
- s/autor. *Alguns aspectos formais de Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 02/06/1957.
- s/autor. *Rosa toma posse na Academia falando a linguagem dos livros*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 19/11/1967.
- s/autor. *Guimarães Rosa e o livro de Kells*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25/11/1967.
- s/autor. *O Grande Mundo de Riobaldo Tatarana*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 28/11/1970.
- s/autor. *Nota*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 09/09/1967.
- s/autor. *Hora de Matraga é o grande momento de Roberto* (sobre o filme). Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25/03/1966.
- s/autor. *Guimarães Rosa relata hoje parecer contra a reforma de Língua Portuguesa em Lisboa*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 25/03/1967.
- s/autor. *Sagarana*. s/loc.: Jornal do Comércio, 18/03/1964.
- s/autor. *Sagarana*. s/loc.: Jornal do Comércio, 18/03/1956.
- s/autor. *Desenredo: sobre um conto de Tutaméia*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 3/12/1967.
- s/autor. *O terceiro momento de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Jornal Dos Sports, 22/11/1967.

- s/autor. *Guimarães Rosa nas alturas de urubuir*. Rio de Janeiro: Jornal Dos Sports, 17/11/1967.
- s/autor. *La sette meraviglie di un narratore brasiliano*. Milan: La Notte, 17/12/1964.
- s/autor. *A Hora e a Vez do Brasil em Cannes*. s/loc.: Última Hora, 02/01/1966.
- s/autor. *Guimarães Rosa, a vida e a morte*. São Paulo: s/ed., 21/11/1967.
- s/autor. *O mundo, seu campo geral*. São Paulo: Veja, 5/03/1969
- s/autor. *Sagarana*. s/loc.: s/ed., Vozes de maio, Junho, 1956.
- s/autor. *Recriação da Infância em Miguilim*. s/loc.:
s/ed. Encontrado no jornal O Globo, s/data.
- s/autor. *Reverência à memória de Guimarães Rosa*, s/loc.: s/ed. Encontrado no Jornal do Brasil, s/data.
- s/autor. *Inventário de Rosa só na Quinta*. s/loc.: s/ed. Encontrado no jornal O Globo, 02/08/1968.
- s/autor. Guimarães Rosa. *Antologia*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- s/autor. *Repercussão*. Das sucursais, agências internacionais e de serviço local. s/loc.: s/ed., s/data. Encontrado no jornal O Globo,.
- s/autor. *A Itália chegou ao Grande Sertão*. s/loc.: s/ed. 15/11/1971.
- s/autor. *Alguns Aspectos Formais do Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 02/06/1957.
- s/autor. *Exposição Biobibliográfica de Guimarães Rosa*. Lisboa: s/ed. 1968.
- s/autor. *Grande Sertão: Veredas, 25 anos depois*. s/loc.: s/ed., s/data. Encontrado no jornal O Globo
- s/autor. *Escritores do Brasil famosos na Alemanha*. s/loc.: s/ed. Encontrado no jornal O Globo, 12/10/85.
- s/autor. *Bruna já vive Diadorim*. s/loc.: s/ed., 31/03/1985. Encontrado no jornal O Globo.
- s/autor. *Israelitas prestam homenagem à viúva de Guimarães Rosa*. s/loc.: s/ed. s/data. Encontrado no arquivo do jornal O Globo.

- s/autor. *Rosa criava desde o real*. S/loc.: s/ed., s/data. Encontrado no arquivo do jornal O Globo.
- s/autor. *Os originais da filha no túmulo de Guimarães Rosa*. s/ed., s/data. Encontrado no arquivo do jornal O Globo.
- s/autor. *Guimarães Rosa volta a atacar a unificação*. s/loc.: s/ed., 26/08/1967. Encontrado no arquivo do jornal O Globo.
- s/autor. *Rosa leva para a eternidade livro e poema de sua filha*. s/loc.: s/ed., s/data. Encontrado no arquivo do jornal O Globo.
- s/autor. *Um livro para você*. s/loc.: Revista Alterosas n °75, 07/1946.
- s/autor. *As histórias simples de João Guimarães Rosa*. s/loc.: Revista da Semana, 31/05/1958.
- s/autor. *Lettre de Rio*. s/loc.: Revista Empídocle, n°5, 11/1969.
- s/autor. *João Guimarães Rosa*. s/loc.: Revista Flan, s/data.
- s/autor. *Sagarana*. Ocidente. s/loc.: Revista Portuguesa Mensal Vol. X, 11/1952.
- s/autor. *O inventor da Terra dos Mitos*. Porto Alegre: Zero Hora, 25/11/1967
- s/autor. *Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade*. Vitória: A Gazeta, s/data.
- s/autor. *Coleção Sagarana*. São Paulo: A Gazeta, 11/04/1964.
- s/autor. *Sagarana*. *Guimarães Rosa*. s/loc.: A Turbina, s/data.
- s/autor. *Toda a vida de Rosa foi construída na casa onde o escritor passou sua infância*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 08/05/1974.
- s/autor. *Sagarana*. Belo Horizonte: O Diário, 27/05/1958.
- s/autor. *Primeiramente tentou o caminho da poesia*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 21/11/1967.
- s/autor. *A Academia recebeu Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, s/data.
- s/autor. *Um mundo recriado*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 19/11/1972.
- s/autor. *Rosa na Academia*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 16/11/1967.
- s/autor. *Sagarana*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 29/03/1964.

s/autor. *Guimarães Rosa e o Conto*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 30/11/1968.

s/autor. *Manuelzão conta sua convivência com Rosa*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, s/data.

s/autor. *O Homem Guimarães Rosa*. Fortaleza: O Povo, Alemão, 03/12/1967.

s/autor. *Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade*. Vitória: A Gazeta, s/data.

s/autor. *Coleção Sagarana*. São Paulo: A Gazeta, 11/04/1964.

s/autor. *Sagarana. Guimarães Rosa*. s/loc.: A Turbina, s/data.

s/autor. *Toda a vida de Rosa foi construída na casa onde o escritor passou infância*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 08/05/1974.

Correio da Manhã, Domingo, 8 de junho de 1958.

Compadre:

Se esta carta lhe chegar com atraso, não o atribua à greve dos coletivos, que me teria retido em casa. Pelo contrário, nunca o Rio esteve tão transitável como nesses dias de falta de transporte. O que tornava impossível ir de um lugar ao outro não era a escassez, mas o excesso de veículos. Com a greve, passamos a circular folgados, e o prazer de andar a pé, tão conhecido de nossos avós, se ofereceu à cidade surpreendida. (O pessoal que mora longe não sentiu diferença, porque nunca teve condução normal.) De coração, desejei que os grevistas conquistassem o aumento de salário; e de pé, desejei que eles, vitoriosos, continuassem em greve.

Falei em avós, e pude senti-los uma noite dessas, quando fui ao Teatro da Praça, ali na Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana, assistir “O Chapéu de Palha da Itália”, de Labiche e Michel (o segundo nome não consta, abafado pelo primeiro na história do teatro). A peça marca o apogeu do “vandeville” no século XIX, e mostra como esse século, que um panfletário chamou de estúpido, sabia rir de seus próprios ridículos, e aprofundar a essência cômica do absurdo, enquanto nós, do século XX, com as especulações essencialistas, apenas lhe aprofundamos o trágico. Outra coisa: escrevemos e aplaudimos peças paradas, enquanto os velhos faziam peças em movimento. Você ficaria maravilhado ao ver desenvolver-se no palco a sarabanda contínua que é a comédia de Labiche, com o cortejo do casamento burguês a correr pelas ruas de Paris e a contagiar os próprios convidados do salão da baroneza. , e a baronesa em pessoa; dinamismo que acende uma fagulha o espectador, de certo modo arrastado mentalmente no torvelinho, ou pelo menos tentando a participar dele, pela força motora das imagens.

A peça lhe faria bem, compadre, dissipando-lhe as macacoas da alma. Está excelentemente apresentada, cenários leves e graciosos, figurinos que já convidam a sorrir, uns e outros de Belá Pais Leme; nela figura Maria Sampaio, no meio de trinta e um rapazes e moças que fazem teatro com amor e consciência de equipe, sendo que Emílio de Matos sustenta com bravura o grande papel de do noivo preocupado; e a direção de Geraldo Queiroz, jovem mestre que já nos dera “O Tempo e os Conways” no tablado. E mais não digo porque não sou crítico de teatro, sou apenas dois olhos e dois ouvidos contentes quando há um bom espetáculo. Se você não vier correndo, aí de sua roça, para ver o “Chapéu”, retire-lhe o compadrio.

No mais, compadre, há livro de Guimarães Rosa para reler com devoção e delícia de descobrir sutilezas e manhas novas no texto antigo (“Sagarana” é fonte que não se esgota: flui sempre a linfa cantarina e contadeira de histórias da alma e da terra); há livros de Gastão Cruls, “Os Quatro Romances”, todos consagrados pela estima do leitor, que nunca faltou a essa obra séria de ficcionista, com raízes fundas na vida. O autor cita com propriedade a frase de Camilo: “Todas as história de meus

romances são verdadeiras... Uns casos aconteceram; porque as dores não se inventam; ou se experimentam ou se alinhavam.”

Como você gostará de receber notícias do poeta João Cabral de Melo Neto, aí vão elas, e suponho que de interesse público: o autor de “o cão sem plumas” passou meses no Arquivo das Índias, em Sevilha, onde trabalha de cônsul, e fez o levantamento dos papéis referentes ao Brasil, filão rico e inexplorado. Daí resultou um catálogo de 220 páginas, que muito servirá à nossa história. Como vê, o poeta não é bom apenas no verso, mas no que lhe dá na telha. Até a semana.

Carlos Drummond de Andrade

Carta a Guimarães Rosa

Raquel de Queirós

Meu mestre,

Penso comigo que nós dois temos vocação para ser amigos um do outro, com tanata coisa incomum, se me permite a falta de modéstia. Inclusive amigos comuns também. Mas o engraçado é que ainda não nos chegamos sequer a nos conhecer de pessoa para pessoa, fica tudo no papel escrito e alguns gestos de espontânea gentileza de sua parte, como aquele telegrama de outro dia, que não pude agradecer direito. Já houve na minha vida o caso de Monteiro Lobato, que era meu amigo, que me queria bem, e eu a ele, e nós nunca nos vimos – pois ele não vinha ao Rio e eu quando fui a S. Paulo tive cerimônia de incomodar o homem, que me disseram estava doente. Logo ele morreu e nunca mais me consolei de não guardar desse amigo precioso senão algumas cartas e algumas dedicatórias de livros. Você e eu também – qualquer dia eu morro, e você há de pensar: “ora, a finada Raquel podíamos ter sustentado tão boa camaradagem – agora ela está no céu e nós nunca nos falamos!”

Não é assim?

Venho com essa conversa toda orque nessa temporada de sertão no Ceará, tenho pensado muitas vezes em você. Diante desta pureza, desta autenticidade da terra, dos bichos, das criaturas, -- meu deus, as criaturas, o nosso material de trabalho tão em carne e osso, que até me recordo o que contava o Jean de Léry (Não era mesmo o Jean de Léry?) que os índios de Cabo Frio quando viam os brancos chegando para as abandas deles começavam a cantar, muito satisfeitos: “Lá vem a nossa comida bulindo!” Porque é a nossa comida, a nossa matéria prima, mostrando-se ao nosso lado no seu estado natural , bulindo, vivendo, sofrendo, amando, falando, principalmente, falando, falando como só eles falam, como nós jamais conseguiremos botar no papel (nós, digo mal, você talvez possa, que Deus que lhe deu forças muito maiores) mas como eu jamais poderei, oh jamais, para sempre jamais!

Parece que a figura que inspira a fala deles é outra, mais rica e ao mesmo tempo mais fechada, mais pessoal, mais antiga e espontânea do que essa outra que nós falamos. A língua que eles falam é assim como uma obra de artesanato, em comparação com o produto em série, que é a nossa. Sem a padronização do nosso idioma urbano estandartizado pelo rádio, pelos jornais e pela gramática. Para nós até a gíria é feita em fábrica e distribuída pelos discos, pelo cinema, pelo amigo da onça, pelos piadistas profissionais. Eles, começam que não têm gíria; a língua para eles é um depósito inalterável, que usufruem e respeitam como respeitam uma reza. Eles se lembrariam, tanto de alterar o modo de falar, como se lembrariam de alterar o padre nosso. Língua, aqui, não sofre de modo nenhum as influências do progresso. Ou sofre. – mas tão sutilmente que uma geração sozinha não tem tempo para registrar uma mudança significativa.

Não sei se você conhece o caboclo destas minhas bandas. Sei que lhe são mais familiares os de Minas; natural, são seus patrícios. Mas sem querer desfazer nos mineiros, me parece que aqui o manancial é mais colorido e mais rico. As gentes são mais eufóricas, mais extrovertidas. Gostam de contar histórias, de falar da vida alheia, são irônicos, muitas vezes cáusticos, adoram botar apelidos. Têm uma grande curiosidade pelas coisas das cidades e dos cidadãos, mas é uma curiosidade entre condescendente e zombeteira. No entanto, adoram certos aspectos do progresso mecânico, principalmente caminhão e jipe, sendo que caminhão é para eles o representante mais cobiçável da civilização ocidental. Por causa disso, ou ao contrário, isso decorre do fato de serem todos uns mecânicos natos. Aqui qualquer menino desmancha um caminhão e o arruma de novo, e é muito engraçado ouvi-los falar em semi-eixo, diferencial, coroa e carburador no meio do seu fraseado arcaico e pastoril, usando em relação aos motores de explosão frases e termos que se inventaram para o gado; e assim explicam que o carro lá desembestado, ou que encabritou, ou que deu um upa; ou que o Dodge se atolou nos quatro pés, com água até nos vazios; ou um outro me contando que na feira do Baturité tinha tanto carro encostado, que chega batiam nos chifres uns dos outros.

Mas já recaio no vício de sempre --- tentar reproduzir o que eles dizem, como eles dizem, e não o consigo nem de longe, pois me fica faltando o perfume, o seio da realidade, que não se pode captar de segunda mão. Na hora em que eles conversam eu participo da linguagem, falo como eles, sou uma deles. Mas assim que eles saem e eu tento pôr no papel aquilo que conversamos, fica tudo fanado, sem graça, falsificado. Nessas horas é que me lembro de você, meu mestre Guimarães Rosa; me lembro de como seria aproveitada na sua mão essa riqueza toda que na minha se perde e fico danada da vida, naturalmente com muita inveja de você, mas principalmente com respeito, e o respeito também é amizade, aquela amizade invejosa do medíocre oficial de um ofício que tinha vontade de ser aquela obra que ele tenta mas não consegue levar a cabo, entregue às mãos capazes do mestre, cujo trabalho, sem sombra de dúvida, faria honra tanto ao material, quanto à arte de nós ambos.